

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PROGRAMA DE ESTUDOS PÓS-GRADUADOS EM EDUCAÇÃO:
PSICOLOGIA DA EDUCAÇÃO

**OS SENTIDOS ATRIBUÍDOS À PROMOÇÃO DA ALIMENTAÇÃO SAUDÁVEL NA
ESCOLA POR UMA PROFESSORA DO ENSINO FUNDAMENTAL DE
DIAMANTINA/MG**

Virgínia Campos Machado

MESTRADO EM EDUCAÇÃO: PSICOLOGIA DA EDUCAÇÃO

Dezembro de 2009

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PROGRAMA DE ESTUDOS PÓS-GRADUADOS EM EDUCAÇÃO:
PSICOLOGIA DA EDUCAÇÃO

**OS SENTIDOS ATRIBUÍDOS
À PROMOÇÃO DA ALIMENTAÇÃO SAUDÁVEL NA ESCOLA POR UMA
PROFESSORA DO ENSINO FUNDAMENTAL DE DIAMANTINA/MG**

Virgínia Campos Machado

Dissertação apresentada à Banca Examinadora como exigência parcial para obtenção do título de MESTRE em Educação: Psicologia da Educação para obtenção do título de Mestre em Educação: Psicologia da Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, sob orientação da Profa. Dra. Wanda Maria Junqueira de Aguiar.

MESTRADO EM EDUCAÇÃO: PSICOLOGIA DA EDUCAÇÃO

Dezembro de 2009

Banca Examinadora

Dedico esse trabalho ao meu pai, José Ércio, por valorizar e incentivar a continuidade dos meus estudos e por acreditar até mesmo quando eu duvidei.

AGRADECIMENTOS

A Ia, por combinar de forma magistral carinho, atenção, rigor e delicadeza, caminhando ao meu lado na construção dessa pesquisa; mais do que uma relação de orientadora-orientanda, tenho certeza, iniciamos uma amizade.

A Sérgio Luna, pelas aulas, pela disponibilidade para a interlocução, pelas contribuições valorosas na qualificação e por ajudar a garantir a qualidade da pesquisa;

A Agnes, por ser a Profa. Agnes Murta, competente e criteriosa, lendo com olhos atentos o meu texto, questionando e contribuindo para que ele pudesse ser melhorado quando participou da qualificação e no diálogo constante que mantivemos. E também por ser a “Chefa”, acolhendo meus medos, aflições e inseguranças, me ajudando a superá-los.

Aos professores do Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: Psicologia da Educação, pela generosidade que demonstraram em aceitar uma “estrangeira” da Psicologia e da Educação, como bem definiu Sérgio Luna, e por compartilharem do conhecimento que têm, para que eu pudesse começar a construir o meu.

A Irene, secretária do PED quando iniciei o mestrado, e ao Edson, atual secretário do Programa, pela atenção dispensada.

A Angelina, Nadja e Agnes, professoras admiráveis, hoje amigas especiais, sob orientação das quais iniciei minhas experiências com a pesquisa científica. Sendo verdade que mesmo uma longa caminhada começa nos primeiros passos, nessa e em outras pesquisas que eu venha a realizar no futuro, a contribuição de vocês se fará, sempre, presente.

A meu pai, José Ércio; minha mãe, Geralda; e meus irmãos, William e Vanessa, por me apoiarem sempre!

A Tia Vanda e ao Sebastián, à Crisntina, Karine, Duda, Mi, Kelly e Anna pela acolhida carinhosa quando me mudei para São Paulo.

Aos amigos mineiros, aos amigos que fiz em São Paulo e às meninas da Rep, pelas conversas informais, pelas risadas, pela torcida para tudo desse certo e que o mestrado se tornasse uma realidade!

A Maria, professora sujeito da pesquisa, por se disponibilizar a participar das entrevistas, tornando a realização da pesquisa possível.

A CAPES, pelo apoio financeiro.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	01
1.1 - A construção do tema de pesquisa	01
1.2 - A alimentação saudável: uma importante estratégia de promoção da saúde	04
1.3 – A promoção da saúde e da alimentação saudável na escola	12
2 PSICOLOGIA SÓCIO-HISTÓRICA: algumas considerações teóricas	23
2.1 – Consciência e Atividade	28
2.2 – Pensamento e Linguagem	30
2.3 – Sentido e Significado	31
3 OBJETIVO	33
4 MÉTODO	34
4.1 – Local e Sujeito	34
4.2 – A Coleta de Dados	36
<i>4.2.1 – A realização das entrevistas</i>	36
<i>4.2.2 – Análise documental</i>	39
4.3 – Procedimentos de análise das entrevistas: os Núcleos de Significação	40
5 ANÁLISE	42
5.1 – Apresentação da professora	42
5.2 – Apresentação dos Núcleos de Significação	43
<i>5.2.1 – 1º Núcleo de Significação: A alimentação na visão da professora – entre a experiência vivida e a construção do</i>	

<i>conhecimento científico</i>	43
<i>5.2.2 – 2º Núcleo de Significação: O espaço dos conteúdos de nutrição no processo de formação de Maria</i>	50
<i>5.2.3 – 3º Núcleo de Significação: As práticas docentes sobre saúde e nutrição – a característica prescritiva da atividade denuncia a distância entre ser e parecer promoção da alimentação saudável</i>	61
<i>5.2.4 – 4º Núcleo de Significação: A merenda é dez, mas o barzinho é a treva!</i>	71
<i>5.2.5 – 5º Núcleo de Significação: A atividade realizada incorpora funções da família – a promoção da alimentação saudável na escola como maternagem</i>	78
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	85
REFERÊNCIAS	91
APÊNDICES (material no CD)	95
APÊNDICE A – Roteiro de entrevista	95
APÊNDICE B – 1ª Entrevista realizada com a Prof. Maria	97
APÊNDICE C – 2ª Entrevista realizada com a Prof. Maria	146
APÊNDICE D – Quadro de Pré-Indicadores/Indicadores/Núcleos de Significação	176

RESUMO

MACHADO, Virgínia Campos. **Os sentidos atribuídos à promoção da alimentação saudável na escola por uma professora do Ensino Fundamental de Diamantina/MG.** 94 p. Dissertação (Mestrado em Educação: Psicologia da Educação) – PUCSP, São Paulo, 2009.

Considerando a saúde como finalidade e meio para a educação, a infância como a fase em que a formação dos hábitos alimentares acontece e o professor como tendo papel privilegiado na elaboração de ações que promovam o ensino-aprendizagem na escola, o presente trabalho teve como objetivo analisar os sentidos que uma professora constitui acerca da promoção da alimentação saudável na escola. Para tanto, procedemos com uma pesquisa qualitativa, firmada nos pressupostos teórico-metodológicos da Psicologia Sócio-Histórica. Dentre as categorias propostas por esse referencial, destacamos a categoria sentido. Trata-se de um trabalho realizado com um sujeito: Maria é professora dos anos iniciais de uma escola de Diamantina/MG, tem 49 anos de idade e 25 de experiência na docência. O processo de obtenção das informações consistiu na realização de entrevistas, assim como material didático utilizado pela professora. O procedimento de análise empregado foi a proposta da Aguiar e Ozella (2006) de construção de Núcleos de Significação. Do esforço analítico empreendido, sistematizamos cinco Núcleos de Significação, quais sejam, “A alimentação na visão da professora – entre a experiência vivida e a construção do conhecimento científico”; “O espaço dos conteúdos de nutrição no processo de formação de Maria”; “As práticas docentes sobre saúde e nutrição – a característica prescritiva da atividade denuncia a distância entre ser e parecer promoção da alimentação saudável”; “A merenda é dez, mas o barzinho é a treva!”; “A atividade realizada incorpora funções da família – a promoção da alimentação saudável na escola como maternagem”. Consideramos que os conflitos, incoerências, dificuldades e limites, assim como as possibilidades de superação e avanço desveladas nessa pesquisa, ajudam a compreender como a promoção da alimentação é vivenciada na escola. Esse primeiro passo nos permitiu nos aproximarmos de zonas de sentido constituídos por essa professora e, assim criar um novo conhecimento sobre uma pequena zona da realidade. Sendo assim, consideramos que o mesmo constitui-se relevante para a busca da construção de uma escola promotora da saúde, pois, concordamos com Clot (2006) quando afirma a necessidade de “conhecer para transformar, e transformar para conhecer”.

Palavras-chave: Psicologia Sócio-histórica, sentidos, Nutrição, alimentação saudável na escola, promoção da saúde.

APRESENTAÇÃO

Na atual pesquisa buscamos compreender a promoção da alimentação saudável como estratégia de promoção da saúde nas escolas. A concepção de homem e mundo que guiará o nosso olhar durante toda a pesquisa se baseia na perspectiva sócio-histórica. A escola será não só o espaço em que a pesquisa se desenvolverá, mas a instituição social em que as relações estudadas acontecem.

A respeito de porque o desejo de unir nutrição, educação e psicologia, resta-nos a explicação de que esta articulação não é criada por nós, na verdade, ela está dada na realidade em que vivemos. O sujeito que tem em si uma dimensão que é psicológica, que se constitui em relações que são históricas e sociais, que vai à escola para apropriar-se do conhecimento produzido pela humanidade e, portanto educar-se, precisa alimentar-se para prover o organismo dos nutrientes que lhe são necessários para a manutenção da vida. Porém, os homens não fazem isso à moda dos animais. Os alimentos escolhidos, a forma e os instrumentos utilizados para o preparo, o modo como se portam durante a realização das refeições são constituídos por hábitos que se formam segundo a organização social e o momento histórico analisado.

Para nós, a relação entre essas três áreas do saber se faz clara uma vez que o indivíduo, que é constituído *sócio-historicamente*, precisa ser *educado*, para que possa ser capaz de fazer escolhas que *promovam saúde*, e isso inclui as escolhas relativas à *alimentação*, para si e para o grupo social do qual faz parte.

Este volume está organizado da seguinte maneira:

Para **Introdução e Justificativa** da pesquisa, apresentaremos um capítulo dividido em três tópicos. No primeiro, “A construção do tema de pesquisa”, buscamos evidenciar como, a partir das vivências da pesquisadora, o tema da pesquisa foi sendo, aos poucos delineado. No segundo tópico, A “**A alimentação saudável – uma importante estratégia de promoção da saúde**” buscamos demonstrar a pertinência de elegermos a promoção da alimentação saudável como elemento fundamental na promoção de saúde, esclarecendo

pontos sobre o estado nutricional da população brasileira e a importância de políticas públicas que incentivem a melhoria das condições de saúde, iniciando a discussão sobre a importância da abordagem de temas relativos à Nutrição nas práticas escolares.

No terceiro tópico, “A promoção da saúde e da alimentação saudável na escola”, buscaremos fazer algumas considerações, baseados na revisão de literatura sobre o assunto, a respeito das possibilidades e responsabilidade da escola frente à promoção da saúde dos indivíduos.

No segundo capítulo, **A Psicologia Sócio-histórica: algumas considerações teóricas**, faremos referência à teoria que embasa o nosso olhar na pesquisa, sua concepção de homem e relação homem-mundo, assim como das categorias que utilizadas para a análise dos dados.

Após isso, no terceiro capítulo, apresentamos o **objetivo** da pesquisa, ou seja, uma definição explícita sobre qual aspecto da temática da promoção da alimentação saudável na escola incidiu nossos esforços nessa pesquisa.

No quarto capítulo, nos ateremos ao **Método** da pesquisa, seus pressupostos e procedimentos metodológicos adotados para coleta e análise de todo o material coletado no desenvolvimento da pesquisa.

A **Apresentação dos Núcleos de Significação** compõe o quinto capítulo dessa Dissertação e se presta a apresentação da análise propriamente dita das entrevistas realizadas com a professora que, a partir do esforço construtivo-interpretativo despendido, nos possibilitou uma aproximação em relação às zonas de sentido que são constituídos pela professora em relação à promoção da alimentação saudável na escola.

Nas **Considerações finais** buscamos fazer uma retomada dos nossos objetivos e da análise dos Núcleos de Significação feita, evidenciando aspectos relevantes para o entendimento do fenômeno estudado, além de nos esforçarmos em demonstrar em que medida consideramos que essa pesquisa avança no estudo sobre a promoção da alimentação saudável na escola.

Destacamos que essa pesquisa faz parte do Projeto de Cooperação Acadêmica (PROCAD) desenvolvido desde o ano de 2007 sob coordenação da Profa. Dra. Wanda Maria Junqueira de Aguiar. O projeto envolve três universidades do Brasil: Pontifícia Universidade de São Paulo - PUCSP, Faculdades Estácio de Sá – RJ e Universidade Federal de Alagoas – UFAL e tem, como eixo temático, o trabalho docente.

1 INTRODUÇÃO/ JUSTIFICATIVA

1.1 - A construção do tema da pesquisa

A presente pesquisa tem como objetivo desvelar quais são os sentidos que uma professora de Ensino Fundamental I atribui à promoção da alimentação saudável na escola. Na busca de avançarmos na compreensão de tal questão nos firmamos nos pressupostos teóricos da Psicologia Sócio-Histórica.

É comum – e esperado – que o capítulo introdutório de uma dissertação se preste a exposição das justificativas de relevância científica e social da pesquisa que se apresenta. Nessa pesquisa não fugiremos a essa regra. Ainda assim, consideramos que seja importante, antes de passarmos a isso, fazer um breve relato que possibilite a compreensão de como tal objetivo foi sendo, aos poucos, construído nas e pelas minhas experiências de vida, demonstrando assim sua relevância pessoal.

Quando adolescente, no fim do Ensino Médio e sofrendo todas as pressões do vestibular tão comuns aos jovens da atualidade, fiz a opção por me graduar em Nutrição. Tal escolha não tinha seus porquês muito claros, mas atendia a um desejo maior de fazer um curso da área da Saúde.

O gosto pela Nutrição foi sendo construído passo a passo nas aulas, estágios (em hospitais, unidade básica de saúde e escolas), projetos de pesquisa, participação no movimento estudantil. Tornavam-se cada vez mais claros os motivos para dar continuidade ao curso: o meu olhar sobre essa área do conhecimento se tornava mais amplo e menos ingênuo, com isso, crescia a importância que eu atribuía a essa ciência que tem como objeto de estudo a alimentação e a nutrição humana, considerada em sua dimensão biológica e sociocultural.

Durante o curso de Nutrição, enquanto que para a maioria dos colegas, as disciplinas que mais chamavam a atenção eram aquelas relacionadas à Nutrição Clínica, o meu interesse se voltava para outras áreas. Embora eu entendesse a importância da Clínica, sabia também que ela me proporcionaria uma atuação mais ligada à prática curativa, o que

não me agradava. Dessa forma, fui me aproximando de disciplinas que tratavam da saúde pública, principalmente as relacionadas à atenção primária a saúde, com conteúdos sobre educação e promoção da saúde.

A Promoção da Saúde é uma temática que me chama atenção porque a considero fundamental para a superação de um entendimento (e conseqüentemente de uma prática) de saúde como ausência de doença e, por conseguinte, para a construção do sentido amplo da mesma: o bem-estar físico, mental e psico-social. A promoção da saúde nos possibilita pensar a saúde fora de uma oposição à enfermidade. Não se limita a ações de prevenção ou cura da doença, mas é o esforço de propiciar à população as melhores condições possíveis para a manutenção do bom estado de saúde.

Dentro dessa mesma perspectiva é importante citar que a alimentação saudável, entendida com aquela que proporciona ao indivíduo suas necessidades diárias de energia e nutrientes para manter suas atividades diárias, se constitui como fator determinante para a condição de saúde do indivíduo.

Outra experiência relevante durante a graduação foi a minha participação, desde os primeiros períodos do curso, do projeto de pesquisa “Alimentação e crescimento durante o primeiro ano de vida: um estudo longitudinal”, coordenado pela Profa. Angelina do Carmo Lessa. Nesse projeto eu tinha como função visitar mensalmente, acompanhada de mais uma colega de turma, as crianças menores de um ano residentes em um bairro carente da cidade de Diamantina. Apesar de, na pesquisa, abordarmos também outros temas, o foco dos estudos de que eu participava era o aleitamento materno.

Ao buscarmos entender como a prática do aleitamento ali se efetivava, tínhamos clareza de que só poderíamos entendê-la de fato se a considerássemos inserida naquela realidade complexa e contraditória. Realizamos estudos sobre prevalência, duração, áreas de risco ao desmame precoce, dentre outros temas. Diante dos estudos que realizávamos, dos resultados obtidos, das conversas com as mães, das teorias que havíamos lido, crescia o nosso interesse por uma questão: como se dava o processo de constituição da prática do aleitamento materno que podíamos observar? O que estava em sua gênese?

Buscando respostas para tais questões, desenvolvemos, como Trabalho de Conclusão de Curso, a pesquisa intitulada “Sentidos e significados atribuídos ao aleitamento materno por mães de Diamantina/MG” (MACHADO, SANTOS, 2007). Essa

foi nossa primeira aproximação com a Psicologia Sócio-Histórica. Tal teoria mostrou-se adequada para a compreensão da realidade que observávamos, pois, nos ajudava a avançar na compreensão das práticas alimentares para além de sua dimensão biológica, trazendo à luz a sua dimensão subjetiva, social e cultural.

Ao terminar o curso, tive a oportunidade de trabalhar como auxiliar de pesquisa de uma tese de doutorado que tinha como pressuposto epistemológico a Psicologia Sócio-Histórica e a Clínica da Atividade. Tal pesquisa buscava desvelar os sentidos e significados da atividade docente de professores em situação de inclusão (MURTA, 2008). Como atividade realizei transcrições de entrevistas, filmagem das aulas das professoras e edição das filmagens. Além disso, houve uma grande interlocução entre mim e a pesquisadora. A partir dessa experiência, percebi a amplitude das funções da instituição escolar e pude reavaliar o estágio realizado nas escolas no período de graduação.

Percebi que o estágio, apesar de se desenvolver no espaço escolar, não conseguia se constituir como uma parceria efetiva para a promoção da alimentação saudável na escola. A falta de diálogo entre os estagiários e os diferentes atores escolares, dificultava a construção de objetivos comuns. Assim, a avaliação nutricional dos alunos, da qualidade do cardápio oferecido na merenda escolar, treinamento sobre práticas higiênicas das cantineiras, desenvolvidas pelos alunos de nutrição tornavam-se descontextualizadas e pontuais não contribuindo para a construção de uma prática escolar que tivesse como um de seus objetivos a promoção da alimentação saudável na escola. Outra questão a ser considerada é que a falta do diálogo entre estagiários e demais atores da escola se constituía como uma barreira impeditiva de uma ação multidisciplinar e assim, as ações dos estagiários tinham fim em si mesmas.

Diante dessas reflexões, cheguei à conclusão de que a consolidação da promoção da alimentação saudável na escola, proposta pelo estágio/estagiários, depende da interlocução entre esses e os atores da escola, uma vez que, é a partir dessa que há possibilidade da construção de objetivos comuns que servirão de guia para as ações desenvolvidas. É necessário, pois, que nós nutricionistas saibamos ouvir as expectativas e necessidades da escola em relação a nossa atuação e que esta saiba das possibilidades e dos limites de nossas ações.

Diante do exposto acima, surgiu a necessidade de verificar junto ao professor, uma vez que é ele quem passa a maior parte do tempo com os alunos, quais são os sentidos que esse atribui à promoção da alimentação saudável na escola.

Gostaria de finalizar esse texto discorrendo brevemente sobre aquilo que acredito demonstrar a relevância científica dessa pesquisa. Ao buscarmos articular a educação e nutrição, percebemos que, das pesquisas de nutrição desenvolvidas em escolas, poucas a consideram em sua complexidade. Com isso, queremos dizer que grande parte dos trabalhos encontrados demonstram a mera utilização do espaço escolar, sem considerar os costumes, a rotina da escola e as relações inter-subjetivas que ali se estabelecem. Tentando contribuir para a superação dessa lacuna, buscamos entender quais sentidos uma educadora constitui quando se depara com questões relativas à nutrição na sua atividade docente. Para tanto, acreditamos que a Psicologia Sócio-Histórica e suas categorias possam nos auxiliar nessa compreensão.

Acreditamos que a relevância social está no fato de que a produção desse conhecimento pode minimizar a desarticulação entre as práticas dos profissionais de nutrição e educação no espaço escolar, otimizando a parceria entre esses setores.

1.2 - A alimentação saudável: uma importante estratégia de promoção da saúde

Desde os anos 1940 o perfil epidemiológico observado no Brasil é marcado pela redução progressiva da mortalidade por doenças infecciosas e a predominância de óbitos por doenças crônicas não degenerativas, como doenças cardiovasculares e neoplasias, assim como por causas externas, caracterizando o que se denomina transição epidemiológica (PRATA, 1992).

Esse perfil de morbi-mortalidade apresentado pela população brasileira resulta da interação de fatores interdependentes. Dentre esses, Wood e Carvalho (1988 apud PRATA, 1992) destacam os modos de produção humana e de reprodução da organização social vigentes, além dos fatores ambientais e sócio-ambientais. Sendo assim, é impossível

compreender o perfil epidemiológico de uma população sem considerar os fatores históricos, sócio-econômicos, demográficos e ambientais como determinantes do mesmo.

No entanto, diferente do que ocorre nos países desenvolvidos, no Brasil a transição epidemiológica apresenta, como peculiaridade, a característica de que a mudança para um perfil epidemiológico em que as DCNT se configurem como as principais causas de mortalidade, essa ocorre com a simultânea persistência, embora possa se observar uma diminuição da prevalência, de doenças infecciosas e parasitárias. Dentre as DCNT, destacamos o sobrepeso e a obesidade, que, além de estarem associadas a outras comorbidades, apresentam elevação da incidência, inclusive entre as crianças e os adolescentes,

Algumas características a respeito das condições de vida da população podem nos auxiliar no entendimento do processo saúde/doença e da transição epidemiológica que queremos colocar em questão. O Brasil, desde os anos 50, passou a uma condição de país cuja população é prevalentemente urbana, a taxa de natalidade sofreu redução sendo que, da moda de 6 a 8 filhos por mulher, passou a uma média de 2,3 filhos. Além disso, houve redução da taxa de mortalidade infantil e pré-escolar. Submetida a essa nova equação demográfica, a expectativa média de sobrevivência dos brasileiros se elevou sendo que, no ano 2000, era de 67 anos e, em 2008, chegou a 72,6 anos (IBGE, 2009).

Em relação ao estado nutricional da população, observamos a ocorrência de um fenômeno denominado “transição nutricional”. Os resultados obtidos no ENDEF (1974/1975), na POF (1986/1987) e na PSNS (1989) demonstraram a ocorrência do aumento na prevalência de obesidade e redução dos problemas como fome e desnutrição crônica, ainda que em vários países, como o Brasil, a ocorrências destes últimos ainda esteja presente (AQUINO, 2006). Kac e Velasquez-Melendez (2003, p. S4) definem o termo “transição nutricional” como

o fenômeno no qual ocorre uma inversão nos padrões de distribuição dos problemas nutricionais de uma dada população no tempo, ou seja, uma mudança na magnitude e no risco atribuível de agravos associados ao padrão de determinação de doenças atribuídas ao atraso e à modernidade, sendo em geral, uma passagem da desnutrição para a obesidade.

Um importante fator que pode ser relacionado ao aumento da obesidade entre os brasileiros é a mudança de seus hábitos alimentares que têm passado a valorizar alimentos ricos em açúcares e gorduras de origem animal em detrimento dos alimentos que são fonte de carboidratos complexos e fibras.

A obesidade se consolidou como agravo nutricional e está intimamente relacionada à elevada incidência de Doenças Crônicas Não Transmissíveis (DCNT) como as doenças do coração, câncer e diabetes, influenciando, dessa maneira, o perfil de morbi-mortalidade da população (KAC, VELASQUEZ-MELENDÉZ, 2003).

Entretanto, destacamos que o aumento das DCNT não se apresenta como uma consequência inevitável dos processo de envelhecimento da população. Pelo contrário, elas são preveníveis a partir da adoção de um estilo de vida saudável e de modificações da relação dos sujeitos com o ambiente onde vive e do qual faz parte (PRATA, 1992). Sendo assim, as campanhas que objetivam a construção de espaços saudáveis, a adoção de bons hábitos alimentares e a prática de exercícios físicos e as que desencorajam o fumo devem ser incentivadas.

As recomendações encontradas na Estratégia Global para Alimentação Saudável, Atividade Física e Saúde da Organização Mundial da Saúde (OMS) demonstram a necessidade de incentivar mudanças sócio-ambientais para que, agindo no nível coletivo, se favoreça as escolhas saudáveis em nível individual.

No campo da nutrição, a Política Nacional de Alimentação e Nutrição (PNAN) insere-se na perspectiva do Direito Humano à Alimentação Adequada e, entre suas diretrizes, destacam-se a promoção da alimentação saudável, no contexto de modos de vida saudáveis e o monitoramento da situação alimentar e nutricional da população brasileira.

A PNAN define que especial cuidado deve ser dado à inocuidade dos alimentos oferecidos aos grupos mais vulneráveis, ou seja, crianças e jovens; destaca ainda que os hábitos alimentares locais devem ser respeitados e o caráter intersetorial das políticas desenvolvidas deve ser garantido.

Concordando com o exposto é que, nessa pesquisa, buscamos valorizar a intersetorialidade das ações de promoção da saúde, reconhecendo a escola como espaço privilegiado para as atividades de educação em saúde e promoção de hábitos saudáveis,

despendendo esforços para modificar condições sociais e educacionais que possam interferir negativamente sobre a saúde de crianças e jovens.

A qualidade da alimentação é, reconhecidamente, determinante das condições de saúde. No entanto, consideramos que, por algum tempo, o modo como as campanhas de educação nutricional eram realizadas, não abarcavam a complexidade que lhe cabia. Apontamos, por exemplo, as campanhas desenvolvidas nas décadas de 1950 até de 1970, que estavam centradas na idéia de ignorância alimentar e desnutrição, ou seja, no binômio educação-alimentação. Sendo a educação nutricional fundamentada no mito da ignorância, e a população de baixa renda a principal destinatária das ações educativas, o desenvolvimento de instrumentos que ensinassem a população pobre a comer, corrigindo hábitos alimentares prejudiciais a sua saúde, caracterizava uma concepção de educação que focava a mudança do comportamento alimentar sem, no entanto, considerar seus determinantes de maneira satisfatória (AQUINO, 2006).

Salientamos que o interesse na mudança do comportamento alimentar da população trabalhadora tem forte motivação econômica. No Brasil, o interesse pela nutrição surgiu com Josué de Castro, autor que defendia o planejamento econômico e reestruturação agrícola para solucionar o problema da fome. Neste contexto, se o papel da educação não era descartado, também não recebia a atenção que lhe era devida (BOOG, 1999).

A primeira publicação da OMS a respeito da educação nutricional, data de 1951 e foi uma tentativa de buscar métodos mais eficazes para modificar os hábitos alimentares da população. As experiências práticas desenvolvidas a partir dessa publicação foram realizadas principalmente com a população mais pobre dos países de terceiro mundo (BOOG, 1997).

Durante as décadas de 1950 e 1960 estavam ligadas à campanha que buscava a incorporação da soja na alimentação do brasileiro. Esta campanha novamente privilegiava os interesses econômicos vigentes e objetivava aumentar o consumo de produtos obtidos por um convênio entre o Ministério da Educação e da Cultura (MEC) com o United States Agency for International Development (USAID) (PEDRAZA, 2004).

A partir da década de 60 começaram a ser realizados estudos que tinham como objetivo analisar o padrão de consumo alimentar da população. A primeira Pesquisa de Orçamento Familiar (POF), foi realizada em 1962. Esta foi uma pesquisa domiciliar por

amostragem, que investigou características de domicílios, famílias, moradores e, principalmente, seus respectivos orçamentos. A mensuração das estruturas de gastos e os recebimentos da população permitiram estudar aspectos da economia nacional tais como a composição dos gastos familiares, as diferenças regionais e entre áreas urbanas, e a dimensão do mercado para grupos de produtos e serviços. Além disso, a pesquisa permitiu obter informações possibilitaram mensurar quantidades de alimentos e bebidas adquiridas e o investimento financeiro para consumo domiciliar. Além disso, com as informações da pesquisa foi possível traçar o perfil de consumo das famílias brasileiras que serviram de base para estudos posteriores relacionados aos planejamentos econômico e social, e aos aspectos nutricionais da população. Posteriormente o governo realizou mais quatro POF's, sendo a última nos anos 2002-2003 (VASCONCELOS, 2002).

Em 1963, Burgess e Dean (s. p.) publicavam, citando Autret, que

“A Educação Nutricional é responsabilidade de muitas pessoas em diversas disciplinas e não pode ficar restrita a um só Departamento ou classificar-se como Educação Sanitária. Exige a ação conjunta de pessoal médico e de saúde pública e não médicos, ou seja, dietistas, agrônomos, trabalhadores dos serviços de extensão agrícola, especialistas em economia doméstica, **professores de escola**, pessoal dos serviços de desenvolvimento da comunidade, trabalhadores sociais e outros” [grifo nosso].

É importante, com isso, observar que a clareza de que as ações devem se desenvolver a partir de parcerias não é recente. Já em 1963 diversos setores eram citados como responsáveis pela implementação de ações que objetivassem a melhoria da alimentação da população, não havendo prioridade entre eles.

Recomendavam que nutricionistas atuassem junto a **professores**, para-médicos, agricultores, economistas, postos de saúde e outros, divulgando informações de nutrição. Assim, o nutricionista era visto apenas como um “*multiplicador*” de informações.

Esses achados se mostram, no mínimo, curiosos, uma vez que, ao ler o que foi publicado nos trabalhos citados acima, podemos perceber que ainda que o papel do nutricionista na atividade Burgess e Dean (1963) de educação nutricional, que hoje lhe é

privativa, ainda não estivesse bem definido, a importância da parceria com os *professores de escola* para a execução desta atividade já é apontada como relevante.

No ano de 1964, a educação nutricional estava relacionada a um programa de suplementação alimentar e combate a carências específicas. No entanto, inaugurando um modelo basicamente tecnicista, que se propagou durante toda a década de 70, observa-se que maior valorização passou a ser dada a programas que objetivavam racionalizar a produção de alimentos, aumentando a produção de “alimentos novos” pela indústria para serem distribuídos em programas de suplementação. Com isso, a Educação Nutricional se distanciou da função de ensino, ficando resumida a função de instrução e/ou orientação, visando resolver problemas específicos identificados em levantamentos epidemiológicos (BOOG, 1997).

Da década de 1970 até meados dos anos 80, o que se observou foi o deslocamento do binômio educação-alimentação, para o binômio alimentação-renda. Assim, passou-se a considerar como causa de desnutrição não mais a falta de conhecimento da população sobre a forma mais adequada de se alimentar, mas a impossibilidade financeira de adquirir alimentos em quantidade suficiente para atender as suas necessidades diárias de nutrientes.

Observamos que o deslocamento das questões nutricionais para o binômio alimentação-renda encontra subsídios em outro estudo de consumo alimentar realizado em 1974/1975 – o primeiro Estudo Nacional de Despesas Familiares (ENDEF). Este estudo, de caráter amostral, teve propósitos múltiplos e investigou diversas características socioeconômicas, tais como educação, trabalho, renda familiar, condições de moradia e outras como saúde, nutrição, consumo alimentar e orçamento familiar (KRAUSE, 1998).

Este estudo, somado a outros trabalhos de economistas, veio endossar a afirmação de que o principal obstáculo que impedia a população de ter uma alimentação saudável era a renda, e que para enfrentar tal problema se faziam necessárias mudanças estruturais no modelo econômico. Com isso, os programas de educação nutricional partiram para um “exílio” e, até meados dos anos 80, as políticas de alimentação e nutrição passaram a se basear no reconhecimento da renda como principal elemento impeditivo para se obter uma boa alimentação.

Ainda hoje a falta de renda é apontada como um problema para que a população consiga se alimentar de maneira adequada e há necessidade que as políticas de intervenção

na alimentação do brasileiro, seja em relação ao combate à fome ou em relação à educação nutricional, considerem mecanismos da distribuição ou geração de renda para a população. No entanto, apontamos para a ineficiência de tentar entender as questões da alimentação da população através de binômios. A alimentação é um fenômeno complexo e multideterminado e é assim que deve ser entendido.

Mushkin, no ano de 1982, em um texto que tinha como objetivo avaliar a eficiência dos Programas de Nutrição visando interesses econômicos, afirmou que os investimentos em nutrição influenciam o desenvolvimento financeiro e os resultados da educação. Sobre estes últimos, afirma que a nutrição, e mais especificamente a merenda escolar, melhoraria o estado nutricional da criança, deixando-a menos susceptível a infecções, reduzindo o absenteísmo e, com isso, aumentando seu desempenho escolar (BOOG, 1997).

Apontamos para dois grandes problemas evidentes até aqui: primeiro, as intervenções no campo de nutrição eram pensadas como insumo econômico e nenhuma menção é feita a alimentação como direito humano; segundo, a escola, ainda que lembrada como importante parceira para a promoção da hábitos alimentares saudáveis, não tem sua função definida e é utilizada apenas como o local onde as ações de nutrição ocorrerão, subestimando o potencial da escola como promotora de saúde.

De meados dos anos 80 até a década de 1990, observamos um avanço na área da educação nutricional que deixa de ficar centrada em binômios. A partir da década de 1980, a educação nutricional, tornou-se mais crítica e também a classe de nutricionistas passou a participar mais do cenário político nacional. Com isso, passou a ficar claro que a educação nutricional por si só não era suficiente para promover alterações em práticas alimentares, inaugurando uma vertente da educação nutricional que pressupunha a necessidade de um compromisso político dos nutricionistas. Começa então o fortalecimento da discussão sobre a determinação social da fome e da desnutrição e relação desses fenômenos com o sistema capitalista, em detrimento de uma visão apenas biológica e técnica desses temas. A educação nutricional deveria estar comprometida com os direitos de cidadania. Surge, então ao final da década de 1980, o conceito de segurança alimentar e a alimentação passa a ser pensada como um direito humano (AQUINO, 2006).

Em 1989, o Ministério da Saúde realizou a Pesquisa Nacional sobre Saúde e Nutrição (PNSN) que tinha como objetivo central conhecer a situação nutricional dos

brasileiros. As variáveis estudadas foram peso, altura e outras que pudessem interferir no estado geral de saúde como as condições de moradia, renda, ocupação e aleitamento materno. Esta pesquisa foi realizada em 17.000 domicílios (COITINHO et. al., 1991).

Os resultados da PNSN foram divulgados no início da década de 90 e apontavam um expressivo aumento na prevalência da obesidade, principalmente entre as mulheres de baixa renda. Comparando estes resultados com os da POF 1986/1987 foi verificado um incremento importante no consumo de alimentos mais calóricos e menos nutritivos, havia uma tendência ao aumento de consumo de gorduras, açúcar e produtos industrializados, alimentos que estariam contribuindo para aumento do número de obesos. A educação nutricional foi, então, lembrada como medida para reverter esta tendência (AQUINO, 2006).

Sendo assim, observa-se um avanço em relação aos binômios, mas uma imposição da educação nutricional como um apêndice da nutrição em saúde pública, não sendo reconhecida como área específica do conhecimento, limitando seu conceito até meados de 1990. As dificuldades geradas pela falta de literatura e professores especializados e teve que resistir às propostas equivocadas de resolver o problema da fome e desnutrição hora polarizando as ações no campo da educação, hora as transformações estruturais. Após esta época a educação nutricional recuperou-se do descrédito e passou a ser considerada um recurso para a nutrição clínica e dietoterapia, além de ser um incentivo à adoção de práticas alimentares saudáveis pela população (idem).

Em 1991, a OMS publicou um guia para professores do Ensino Fundamental denominado “Alimentos, meio ambiente y salud” (WILLIAMS et al., 1991) a causa da desnutrição é atribuída falta de saneamento e higiene e apontam, como solução, a instalação de vasos sanitários e hábitos corretos de higiene que, por sua vez, deveriam ser ensinados pelos professores do ciclo básico. Porém, não há uma reflexão eficaz sobre as reais causas da desnutrição, a responsabilidade social pela falta de saneamento, as condições de trabalho do professor de primeiro grau e a própria finalidade da escola.

Boog (1997) propõe que

considerando que a nutrição é a base sobre a qual se desenvolvem todos os processos fisiológicos e patológicos, que nenhum fenômeno orgânico normal ou anormal ocorre sem que haja um

componente nutricional envolvido e ainda que o papel primordial da nutrição seja o da promoção, manutenção e recuperação da saúde, propõe-se a necessidade de um adequado preparo dos profissionais da área da saúde em relação ao assunto”.

Assim, consideramos que seja desejável que o profissional de saúde seja também um educador, provendo a aprendizagem dos conhecimentos científicos sobre essa temática. Para tanto, ele deve utilizar uma linguagem simples, de fácil compreensão, adequadas as necessidades do sujeito, exercendo assim uma prática eficaz. Deve ainda, atuar como mobilizador para melhorar as condições de vida das pessoas e evitar o aparecimento da doença.

Enfatizamos que para o sucesso da promoção da alimentação saudável é de fundamental importância considerar que o alimento é algo representado, ou seja, apreendido com significado cognitivo. Assim, ao intervir na alimentação é preciso entendê-la como uma manifestação da organização social, uma chave simbólica de costumes, uma expressão de cultura (BOOG, 1996).

O nutricionista no exercício de seu papel como educador deve contribuir para que o homem conquiste condições de vida mais humana. Consideramos ainda que esse profissional, a despeito de possuir um saber específico de sua área de conhecimento, deve ser capaz de planejar ações interdisciplinares, envolver os diferentes setores, entre os quais destacamos a educação, mais especificamente, na escola, pela mediação do professor.

Passemos, então, ao próximo item, onde faremos considerações sobre o papel da escola e dos professores frente à promoção da alimentação saudável na escola.

1.3 - A promoção da saúde e da alimentação saudável na escola

Entendemos que a função precípua da escola é transmitir o conhecimento historicamente acumulado. Essa afirmação não é questionada e, ao defendermos a formação/existência da parceria saúde-educação, não pretendemos destituí-la desta função.

Assim, a escola não deverá ser despida pelo setor saúde de sua função de ensinar para ser utilizada apenas como espaço físico para a realização de suas ações de saúde.

Partimos do entendimento de que, nas ações intersetoriais, todas as partes devem estar envolvidas intencionalmente, motivadas para a ação em parceria, e, assim, procuramos fazer considerações sobre aspectos que aproximam escola e saúde. Ou seja, procuramos evidenciar elementos que mostram como e porque, a escola, por sua organização e função, deve estar atenta a questões relacionadas de saúde, destacando-se, nesse contexto, o papel do professor.

Pretendemos contribuir com elementos que favoreçam a constituição da escola como “espaço de ensinar”, que respeite as determinações presentes nas Diretrizes Curriculares Nacionais no que se refere a sua estrutura e funcionamento, mas que seja capaz de adaptá-las às características e especificidades da comunidade atendida, procurando melhor significado e aplicação do conhecimento em saúde e nutrição, quando estes se fizerem presentes como tema transversal nas discussões em sala de aula, assim como na organização do espaço escolar, e no momento de definição de suas prioridades e objetivos.

A escola é referida como uma importante instituição social a colaborar com a saúde, pois se espera que ela promova o ser humano em sua totalidade, e é dessa mesma forma que a promoção da saúde vem sendo debatida (MOURA et al, 2007). A promoção da saúde na escola parte de uma visão integral e multidisciplinar de ser humano, considerando as pessoas em seu contexto familiar, comunitário, social e ambiental.

Algumas características da escola justificam a importância dada a tal instituição: 1 – o sistema escolar é abrangente, o que possibilita que um grande número de indivíduos seja atingido pela ação de promoção da saúde estabelecida; 2 – as crianças, jovens e adultos que estão inseridos no ambiente escolar apresentam-se em um momento da vida em que estão formando ou revisando seus hábitos e atitudes; 3 – a escola se configura como espaço privilegiado para as relações entre conhecimento, os grupos de alunos, pais, professores e comunidade; 4 – a escola não pode se desvencilhar de sua função social e política, ou seja, seu papel como agente transformadora da sociedade.

Além disso, a escola é tida como o segundo mais importante grupo social em que o indivíduo está inserido, perdendo apenas para a família, reforçando, assim, sua valorização

como espaço adequado para a promoção de hábitos alimentares saudáveis e incentivo a prática de exercício físico (GAGLIANONE et al., 2006).

Concordamos que a existência de tais características seja fundamental para que as ações intersetoriais entre saúde e educação sejam implementadas com sucesso. Chamamos a atenção, porém, para que a maior parcela dos estudos sobre a saúde desenvolvidos na escola tendem a explorar mais as características que validam esta instituição como cenário e não tanto os aspectos relacionados a possibilidade da construção de uma parceria.

Parece-nos reducionista a percepção da escola como mero local onde as ações de saúde e as pesquisas acontecem, por exemplo, por concentrarem um grande número de crianças de determinada faixa etária. O caráter prático de desenvolver pesquisas sobre crianças ou adolescentes no espaço escolar é real, mas chamamos atenção, porém, para que este critério, por si só, não justifica a necessidade e importância do desenvolvimento de ações intersetoriais.

Destacamos que esse tipo de abordagem não parece eficaz quando nos propomos a modificar espaços e atitudes para a promoção da saúde. Uma escola-cenário estaria amputada de seu poder de ação e, portanto, de seu potencial de modificar a sociedade. Seria uma instituição a espera dos profissionais da saúde que, lá entrariam, e de lá sairiam sem, no entanto, poderem avaliar as conseqüências das suas ações. É importante que professores, coordenação, direção, pais, alunos e comunidade estejam envolvidos nas ações desenvolvidas na escola, pois é dessa forma que o caráter pontual das mesmas poderá ser superado e o processo de construção de boas condições da saúde poderá ser iniciado e mantido.

Dessa forma, defendemos que a escola deve assumir uma postura ativa, participando da elaboração dos projetos e ações de saúde que ali serão desenvolvidos, assim como de sua implementação e avaliação e que dialogue com as unidades de saúde expondo suas necessidades.

É importante destacar que as ações nos campos de educação e saúde devem integradas e intencionais. As ações intersetoriais devem ser norteadas pelo princípio da corresponsabilidade, uma vez que, fundamentalmente, ambos (educação e saúde) objetivam formar cidadãos com consciência crítica e que exerçam protagonismo social.

A escola deve ser compreendida relacionada com a sociedade, comprometida socialmente com as gerações futuras favorecendo o estabelecimento de relações harmônicas entre sujeito e ambiente. A escola deverá ser “*espaço de construção de territorialidades e subjetividades, no qual os sujeitos envolvidos se identificam, interagem, refletem a respeito de suas vivências e constroem projetos de vida mais saudável e cidadã*” (MS/OMS, 2006, p.8). Para tanto, é necessário que a sua função social e política seja considerada, entendendo-se a escola sempre na relação dialética que esta mantém com a sociedade.

Devemos considerar a escola em sua dimensão política uma vez que ela transmite modelos sociais, sendo que os modelos e ideais do grupo a que a criança pertence, assim como o da classe dominante, se fazem presentes na escola que pode reproduzi-los ou questioná-los. A perspectiva idealista que considera a educação como a salvação para os problemas sociais pode se justificar, nesse caso, pela capacidade da educação de propor mudanças sem, no entanto, considerá-la dentro de seu contexto mais amplo, descolando-a, assim, da realidade (CHARLOT, 1986).

Charlot (1986), aponta ainda o papel da educação na constituição do sujeito, pois, nesse processo, as condições sociais objetivas, dentre elas as normas sociais, são interiorizadas e traduzem, de forma mediada, as relações de força que se fazem presentes na sociedade, dando tom político ao mesmo.

A capacidade da educação de difundir idéias políticas é apresentada por esse mesmo autor (idem), demonstrando a capacidade da classe dominante de difundir suas finalidades, interesses e modos de conceber a sociedade, através de ideologias que camuflam a realidade, ofuscando as reais determinações de suas condições políticas, sociais e econômicas.

E, por fim, o autor acentua que a educação é de responsabilidade da escola. Uma instituição social determinada, em sua organização e funcionamento, por relações que são sociais e políticas. A educação propagada, ou seja, o conhecimento considerado legítimo em um dado momento histórico, constitui-se como instrumento de propagação de finalidades, interesses e idéias da classe social dominante (idem).

Consideramos que a compreensão desses sentidos da educação podem ajudar a superar o distanciamento da escola em relação à realidade, apontado por Bock e Aguiar (2003). As autoras apontam como as teorias pedagógicas da escola tradicional e da escola

nova trataram de reforçar essa visão de distanciamento entre realidade social a partir da substituição desta pela realidade escolar. Na escola tradicional, os educandos deveriam ser protegidos de si mesmos e, na escola nova, das corrupções da sociedade. Nessas duas concepções, a escola deveria se manter como um espaço purificado, distante da realidade social, mas, contraditoriamente, deveria ser capaz de servir a essa sociedade da qual se distanciava, provendo-a de cidadãos capazes de agir pra melhorá-la.

Nesta pesquisa, no entanto, buscamos entender a escola como uma instituição inserida na sociedade e, por isso mesmo, torna-se importante definir sua real possibilidade e responsabilidade dessa escola como construtora da realidade.

É importante que a escola esteja comprometida com a realidade social em que seus alunos vivem, ampliando a capacidade de compreensão, crítica e superação dos mesmos. No que diz respeito à saúde, é fundamental que ela assuma uma postura questionadora, tentando entender as condições apresentadas pela população que atende e mais, que busque analisar os elementos determinantes de tal situação e como agir para modificá-los.

Como apontamos anteriormente, é parte da realidade em que vivemos a ocorrência da “transição epidemiológica” e da “transição nutricional”. Os sujeitos que vivenciam a escola estão submetidos a esta realidade e serão afetados por ela, gerando na escola uma diversidade em que se fará presente crianças desnutridas e com excesso de peso, doenças parasitárias e a ocorrência cada vez mais precoce das doenças crônicas, como o diabetes. Frente a essa realidade torna-se indispensável o posicionamento da escola.

Não consideramos, no entanto, que a única possibilidade da escola seja a de se adaptar a realidade, procurando modificar-se par atender a esses novos alunos. É importante considerarmos o seu potencial de agir sobre a realidade que se apresenta e transformá-la.

A partir de um posicionamento crítico e da busca pelos determinantes sociais da saúde, procuramos romper com idéias que tendem a responsabilizar o indivíduo pela sua própria condição de saúde, reforçar a saúde como um direito do cidadão que deve ser garantido pelo Estado, voltar nosso olhar para a saúde e não apenas para a doença, conseguir estabelecer um olhar sobre o indivíduo como ser social e valorizar os saberes populares partindo deles para a construção conjunta de novos saberes.

Bock e Aguiar (1995, p.12) afirmam que “promover saúde significa ampliar a consciência que o indivíduo possui sobre a realidade que o cerca, o instrumentalizando para agir, no sentido de transformar e resolver as dificuldades que essa realidade lhe apresenta”.

Promover saúde na escola não depende apenas do ensino de temas de saúde no currículo, requer, além disso, a organização do ambiente escolar de forma a proteger e melhorar a saúde da comunidade escolar (PELICIONI, 1999).

O Quadro de Ação, elaborado durante o Fórum Mundial de Educação (Dakar, 2000), expandiu a visão sobre a saúde escolar realçando três maneiras em que a saúde se relaciona com a Educação para Todos. Primeira, como condição requerida para a aprendizagem; segunda, como um resultado da qualidade da educação eficaz; e a terceira, defendendo a saúde como um setor que pode e deve colaborar com a educação para alcançar a Educação Para Todos.

Uma importante estratégia que valoriza a relação saúde-educação, não reduzindo a escola a um cenário físico de ações, mas, compreendendo a magnitude de seu papel perante a comunidade na qual se insere é a formação da Rede Nacional de Escolas Promotoras de Saúde, fundada com o objetivo principal de demonstrar o impacto da promoção da saúde no ambiente escolar.

O projeto piloto das “Escolas Promotoras de Saúde” foi lançado, em 1991, na Europa (VALADÃO, 2004). Nele, a escola, é considerada espaço promotor de saúde, deve buscar desenvolver aspectos voltados para a prevenção das doenças e fortalecimento dos fatores de proteção da saúde, assim como capacitar os indivíduos para a tomada de decisões favoráveis a sua saúde e a da comunidade na qual esteja inserido (PARREIRA, 2003).

As atividades da escola promotora de saúde abordam a construção de ambientes favoráveis a saúde, com qualidade adequada de iluminação, ventilação, rede de água e esgoto, áreas para lazer e esporte, estimular a expressão dos indivíduos; elevar a auto-estima para que cada um possa se assumir como protagonista em sua tarefa; estímulo ao bom desempenho escolar para que a visão crítica e reflexiva, que contribui para a promoção da saúde, seja alcançada; capacitação dos profissionais do ensino e de membros da comunidade para a promoção da saúde; estímulo a uma alimentação saudável; desenvolvimento de habilidades para a vida, reduzindo os fatores de risco e violência; desestimulação do uso de álcool, cigarro e outras drogas; educação sexual; entre outras que

se fizerem necessárias considerando-se as demandas específicas de cada comunidade escolar.

Observamos que, em várias situações do cotidiano escolar, a promoção da alimentação saudável pode ser realizada como estratégia para a promoção da saúde. Destacamos, por exemplo, a possibilidade de aulas que tratem da qualidade da alimentação dos alunos, e a adequação das condições objetivas oferecendo, por exemplo, uma alimentação nutricionalmente balanceada na merenda escolar e a construção de ambientes saudáveis.

No processo educativo, aspectos inerentes à realidade de vida do educando devem ser considerados, e o mesmo vale para quando se trata de educar em nutrição. É considerando a realidade objetiva do educando que se pode adequar o saber que se pretende construir às necessidades encontradas no cotidiano. A articulação entre o conhecimento científico e o conhecimento cotidiano é fundamental para que o aluno consiga incluir o conhecimento científico, não apreensível na experiência, em um sistema de abstração mais amplo e, com isso, ser capaz de reavaliar sua prática e modificá-la.

A valorização da alimentação dentro do contexto escolar pode ser percebida pela importância que é dada ao Programa Nacional de Alimentação do Escolar (PNAE), que é o mais antigo programa social do governo.

A origem do que pode ser considerado um esboço do PNAE que hoje está em vigor se deu há vários anos. Nos anos 40, algumas escolas começaram a se preocupar com o fornecimento de alimentação aos estudantes e, para financiar esse projeto, foram criadas “caixas escolares”. O governo federal não estava envolvido nesta iniciativa, mas, observando seus resultados, percebeu que esta era benéfica para a permanência dos estudantes na escola e redução da desnutrição infantil no país (CHAVES, 2006).

Com isso, em 1955 o governo federal criou a Campanha da Merenda Escolar. Assim, as crianças começaram a receber alimentação durante o período que estavam na escola. No entanto, esta Campanha não conseguia atingir a todas as crianças devido a uma desorganização do próprio governo que dependia de doações para o fornecimento das refeições. A qualidade da merenda oferecida também deixava a desejar, pois, os alimentos que eram doados, na maioria das vezes, eram industrializados, sendo os mais comuns o

leite em pó desnatado, a farinha de trigo e a soja. Em 1960, o governo passou a se responsabilizar pela compra dos itens da merenda escolar (CHAVES, 2006).

A Campanha nacional foi, ao longo do tempo, sendo modificada e, só em 1979, passou a ser chamada de PNAE. O objetivo do programa é atender às necessidades nutricionais dos estudantes, enquanto estão na escola, favorecendo o crescimento, desenvolvimento, aprendizagem e rendimento escolar dos mesmos, assim como a formação de hábitos alimentares saudáveis (CHAVES, 2006).

A partir de 1998 o Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE) passou a ser responsável pelo gerenciamento do PNAE. O valor que é repassado a cada escola é baseado no censo escolar referente ao ano anterior, sendo de R\$ 0,22 (vinte e dois centavos) por estudante matriculado em creche, pré-escola e ensino fundamental. Esse valor é corrigido para R\$ 0,44 (quarenta e quatro centavos) para os estudantes matriculados em escolas indígenas e quilombolas, pois estes alunos estão mais vulneráveis ao risco de desnutrição.

O PNAE está de acordo com os princípios de universalidade e equidade, preconizados pelo Sistema Único de Saúde (SUS). Seguindo o princípio da universalidade, o programa atenda a todos os estudantes matriculados no ensino infantil ou fundamental, independentemente de sua condição social, raça, cor, etnia ou religião. Para respeitar o princípio da equidade, as escolas devem garantir que necessidades especiais dos alunos sejam atendidas.

Para exemplificar, suponhamos que haja na escola um aluno que tenha algum problema de saúde, como o diabetes. Este aluno, como todos os outros, deve ter seu direito de receber a merenda escolar garantido (universalidade). No entanto, o alimento oferecido deverá ser adaptado a sua condição de saúde diferenciada (equidade). Assim, em um dia que seja servido um suco adoçado com açúcar, o aluno diabético também deverá receber suco, porém, o seu suco deverá ser adoçado com adoçante (CHAVES, 2006). Também buscando-se garantir a equidade, um maior valor de repasse é definido para o grupo que se apresenta em condição de maior risco nutricional.

O PNAE é um programa descentralizado e, com isso, busca favorecer o respeito aos hábitos alimentares locais, facilitar a incorporação de alimentos frescos a merenda escolar,

e fortalecer a economia local e desenvolvimento da região pela aquisição de alimentos produzidos na própria região.

A escola deve se responsabilizar por promover a saúde de seus alunos produzindo e oferecendo alimentos de qualidade. Mas também deve estimular o conhecimento de seus alunos sobre os cuidados que devem ter a respeito da sua alimentação, fornecendo informações sobre nutrição e saúde.

O tema da alimentação saudável deve se fazer presente nas práticas pedagógicas, tornando possível a realização de práticas coletivas sobre o tema. Um importante elemento para beneficiar as condições de saúde do estudante, reduzindo o número de casos de doenças como a obesidade e as demais DCNT, é a inclusão de discussões sobre a promoção da saúde no currículo escolar (CHAVES, 2006).

Os Parâmetros Curriculares Nacionais definem a necessidade de trabalhar conceitos de saúde, promovendo a adoção de hábitos e estilos de vida saudáveis. Para que se consiga êxito na tarefa de educar no âmbito da nutrição é necessário que os conhecimentos cientificamente produzidos sejam combinados à cultura alimentar do país ou região, buscando, com isso, chegar às atitudes e condutas que sejam viáveis e nutricionalmente adequadas (CHAVES, 2006).

A formação dos hábitos alimentares se inicia desde o nascimento e é constituída pelas experiências do indivíduo com relação à alimentação, a disponibilidade dos alimentos, a renda disponível para alimentação, a mídia e suas necessidades específicas. Mas, é na infância, quando os hábitos estão sendo formados, que se tem maior chance de sucesso na promoção de hábitos alimentares saudáveis.

Chaves (2006) sintetiza a responsabilidade da escola na promoção da educação nutricional dizendo que “na escola há vários tipos de profissionais atuando nas diversas áreas. Mas podemos dizer que [...] todos devem ter um objetivo em comum: **a educação dos estudantes**, na qual está incluída a educação alimentar.”

O professor, pelo fato de estar na relação diária e direta com o aluno, podem se configurar como multiplicadores das informações dadas pelo profissional das diversas áreas envolvidas na promoção da saúde na escola, além de estarem envolvidos no planejamento e realização de projetos interdisciplinares que tem por finalidade a aprendizagem (MS/OMS, 2006). Sendo assim, consideramos que o professor pode se constituir como elementos

mediadores para a promoção da saúde na escola – dentre os quais se incluem os que objetivam promover a educação nutricional – quando, na sua atividade docente esses temas forem tratados de forma planejada, elaborada e articulada aos demais projetos desenvolvidos na escola.

A importância do papel do professor é descrita no documento que trata das experiências brasileiras em relação à estratégia de Escolas Promotoras de Saúde:

A direcionalidade, para a cidadania que a educação popular propõe, se expressa na concepção e utilização dos instrumentos pedagógicos, no sentido de promover mudanças na organização da escola. Inovações curriculares, educação permanente de professores, metodologias construtivistas e participativas, representam estratégias micropolíticas que podem revelar os desejos, as representações, as aspirações, enfim, as motivações daqueles que estão envolvidos. Ao mesmo tempo, a qualidade do trabalho educativo na escola tem como referência o desenvolvimento e a aprendizagem de seus alunos, que se expressam como direito básico, na possibilidade de todos constituírem conceitos, conteúdos e valores junto com outros alunos sob a mediação de um professor (BRASIL, 2007, p. 25).

Deste modo, destacamos que o professor tem papel de relevância no espaço escolar porque, além de ser sua função a organização de ações que proporcionem o ensino-aprendizagem, a troca de experiências entre os alunos e entre os outros docentes (KUKEY, 2006), os professores são figura de participação expressiva nos diferentes ambientes sociais, se constituem como figuras de referência e identificação dos alunos.

A saúde deve ser entendida como um interesse e uma consequência do processo educacional (GAGLIANONE et al., 2006). Assim, podemos dizer que o setor saúde tem a responsabilidade de colaborar com o setor educativo melhorando a saúde da criança em idade escolar, oferecendo oportunidades de educação e ambientes saudáveis que assegurem melhor desempenho na aprendizagem e uma redução do fracasso escolar. Mas, ao mesmo tempo, o bom estado de saúde é fruto de uma educação adequada já que a escola deve possibilitar aos seus alunos um processo de ensino-aprendizagem para o bem-estar, capacitando-os para autocuidar-se.

Buscamos desvelar os sentidos que a professora atribui à promoção da alimentação saudável na escola, considerando sempre que estes sentidos se constituem na atividade, possamos contribuir para a compreensão dessa prática, na tentativa de fornecer subsídios para que profissionais da saúde e educação atuem de forma a otimizar o trabalho desenvolvido nas escolas para que estas se configurem como ambiente promotor de saúde.

2 PSICOLOGIA SÓCIO-HISTÓRICA: algumas considerações teórico-metodológicas

Na busca de apreendermos quais são os sentidos atribuídos pelas professoras das séries iniciais do Ensino Fundamental à educação nutricional na escola, optamos por realizar uma pesquisa qualitativa baseada nos pressupostos epistemológicos da Psicologia Sócio-histórica e no materialismo dialético. Coerentes com essa base teórica consideramos que o método de investigação não pode estar alheio à concepção de realidade, de homem e da relação deste com o mundo.

No materialismo dialético considera-se que a realidade concreta que se apresenta é importante e deve ser a base sobre a qual o conhecimento será construído. No entanto, o empírico não revela a realidade por si. O empírico é apenas um momento do conhecimento, o que nos permite constatar que a realidade existe, mas nele ainda não é possível compreendê-la em suas contradições e movimento. Para tanto, é necessário ir adiante, iniciando um processo de análise no qual, sendo fruto de um embate dialético entre o pesquisador e a realidade, as categorias teóricas são utilizadas para explicar a realidade, reduzindo sua opacidade.

Michael Lowy (1985) quando busca definir o método dialético, busca a fala do diabo de Goethe para afirmar que tal método “é o espírito que sempre nega, e isso com razão, porque tudo que existe merece acabar”. Ele se baseia nessa expressão considerando que ela contém um elemento essencial, qual seja, a categoria do movimento perpétuo, da transformação incessante de todas as coisas.

Esse autor afirma ainda que “a hipótese fundamental da dialética é de que não existe nada eterno, nada fixo, nada absoluto” (MICHAEL LOWY, 1985, p. 14). Os princípios, idéias, categorias estão sujeitas a uma transformação eterna, “tudo está sujeito ao fluxo da história” (idem).

Vigotski diferencia o termo historicidade em um nível geral e outro específico. No nível geral considera que a história da natureza não se resume a uma sucessão cronológica de fatos. Pelo contrário, os fatos guardam em si um ordenamento significativo e um certo nível de consciência e intencionalidade. Numa abordagem dialética, podemos dizer que um fato é, ao mesmo tempo, fruto do que o precedeu e semente do que lhe sucederá. A

dimensão histórica da natureza se expressa ao passo que o homem, agindo e transformando a natureza torna-a constitutiva de sua própria história (PINO, 2002).

No sentido restrito se refere à história do homem que, por sua vez, é inseparável da história da natureza. A espécie *homo*, no materialismo dialético se diferencia das outras espécies animais por ter conseguido se libertar da condição de submissão às condições naturais tomando a guia de sua própria evolução através da criação de instrumentos para transformar a realidade (PINO, 2002).

O entendimento do homem como constituído historicamente busca romper com uma visão ideológica de "natureza humana" que trata o homem como ser imutável, detentor de uma essência que lhe é inata e que acaba por servir de camuflagem às determinações sociais que são constitutivas do sujeito. Para Bock (2001, p. 28), na concepção sócio-histórica,

[...] Não há nada em termos e habilidade, faculdade, valores, aptidões ou tendências que nasçam com o ser humano. As condições biológicas hereditárias do homem são a sustentação de um desenvolvimento sócio-histórico, que lhe permitirá habilidades, aptidões, valores e tendências historicamente conquistadas pela humanidade e que se encontram condensados nas formas culturais desenvolvidas pelos homens em sociedade".

Deste modo, o homem nasce com o aparato biológico que lhe oferece condições de ser humano, mas precisa humanizar-se. Para tanto o sujeito deverá, na relação com o social, na e pela atividade, ir se apropriando do mundo social e da cultura, transformando a realidade em que vive e a si mesmo.

Assim, ao considerarmos o homem, na Psicologia Sócio-histórica, nos referimos a um sujeito que se constitui numa relação dialética com o social e a história, e é, ao mesmo tempo, único, singular e histórico (AGUIAR, 2001).

Para que seja possível esclarecermos a relação entre homem e sociedade e compreendermos como é possível que estes se constituam mutuamente, consideramos necessário apresentarmos algumas considerações sobre a categoria mediação.

Consideramos que tal categoria seja fundamental para a ruptura com visões dicotômicas ou naturalizantes da realidade, possibilitando um olhar sobre as múltiplas

determinações que constituem o sujeito e sua relação com o social num processo dialético, ou seja, que conserve suas contradições e movimento.

Severino define mediação como “uma instância que relaciona objetos, processos ou situações entre si; [...] um elemento que viabiliza a realização de outro que, embora distinto dele, garante a sua efetivação dando-lhe concretude” (2002, p. 44). Homem e sociedade são elementos diferentes, mas que, apesar disso, se constituem mutuamente, numa relação em que um não é sem o outro, uma relação de mediação. Cury (1985, p. 43 e 44) afirma que “o conceito de mediação indica que nada é isolado”, que tal categoria “expressa as relações concretas e vincula mútua e dialeticamente momentos diferentes de um todo”.

É pela categoria mediação que podemos compreender a gênese social do individual a que se refere Vigotski (2001). O homem constitui sua singularidade através das relações que estabelece com o mundo social. Tais relações, no entanto, são mediadas pelas particularidades. Podemos dizer que as particularidades reorganizam o social quando da passagem deste para o plano individual, criando a possibilidade de inovação por parte do indivíduo. Segundo Oliveira (2005), considerando a concepção de homem da Psicologia Sócio-Histórica, é necessário que se compreenda como a singularidade é construída na universalidade, simultaneamente e de maneira idêntica, a universalidade torna-se concreta, expressando-se como singular, tendo a particularidade como mediação. Para essa autora, (idem, p.46)

[...] a importância da particularidade de um determinado fenômeno está no fato de que ela se constitui em mediações que explicam os mecanismos que interferem decisivamente no modo de ser da singularidade, na medida em que é através delas que a universalidade se concretiza na singularidade.

Pelo entendimento da categoria mediação, podemos introduzir ainda outra categoria metodologia, a totalidade. Esse princípio não se refere a um estudo da totalidade da realidade, mas a consideração de que realidade social é um todo orgânico e estruturado, no qual os elementos não podem ser entendidos de forma isolada. Um aspecto, uma dimensão particular não pode ser compreendida senão em relação ao conjunto do qual é parte constituinte (MICHAEL LOWY, 1985).

Sendo assim, Vigotski (2001) considera que a apreensão do sujeito se dá a partir do entendimento da gênese social do individual. Ou seja, pela compreensão de como o sujeito transforma a realidade social em subjetividade e de como a subjetividade do sujeito se torna constitutiva das condições objetivas da realidade, tendo a particularidade como mediação (AGUIAR, OZELLA, 2006).

Outra categoria metodológica considerada central é a contradição. Uma análise dialética é sempre uma análise que tem como objetivo compreender as contradições internas da realidade, a essência contraditória dos elementos que a constituem (CARONE, 1984; MICHAEL LOWY, 1985).

Gostaríamos de citar, ainda, a categoria materialidade, pois, ela marca a relação entre as idéias e a prática social. As considerações tecidas por Marx tratam de situar o materialismo histórico como uma concepção que supere uma visão materialista vulgar, ou seja, que considere o homem como produto direto das circunstâncias em que vive e da educação que recebe, como também a crença ingênua de que pregações morais ou críticas filosóficas idealistas possam transformar a sociedade. Faz-se necessário uma prática revolucionária na qual, pela atividade, as circunstâncias, as condições sociais, a estrutura de organização da sociedade, o Estado, o modo de produção econômica, assim como os próprios sujeitos, autores da ação, transformam-se simultaneamente, pois ocorre uma reestruturação das funções psíquicas. Pressupõem, portanto, mudanças estruturais (MICHAEL LOWY, 1985).

Para Vigotski (1994) era fundamental a construção de um método para as pesquisas sobre o homem e suas funções psicológicas que conseguisse abarcar a complexidade desses objetos de estudo. Era necessária a construção de um método que aliasse o materialismo histórico e os fenômenos psíquicos, numa perspectiva em que a produção científica é inseparável “do lógico, da base material, da dialética e do histórico” (AGUIAR, OZELLA, 2006, p. 224).

Tendo isso em vista, Vigotski (1994) afirma que uma nova abordagem de um problema científico requer a elaboração de novos métodos de investigação e análise e, na busca de esclarecer uma estrutura analítica que permitisse a apreensão das formas superiores de comportamento humano, propõe três princípios metodológicos:

- 1- **Analisar processos e não objetos:** os fenômenos não devem ser analisados em seu produto, mas em seu processo de constituição, reconstruindo cada etapa deste processo, retornando aos seus estágios iniciais.
- 2- **Explicação versus descrição:** deve-se buscar as relações dinâmico-causais e a gênese do fenômeno estudado. É necessário avançar sobre o dado empírico, não se contentar com a aparência do fenômeno, buscar explicá-lo, entender o fenômeno em sua origem, revelando suas múltiplas determinações. A mera descrição dos fatos deve ser superada por uma análise que revele sua essência¹, ou seja, as múltiplas determinações que constituem o fenômeno. Na exposição que faz sobre esse pressuposto, Vigotski (1994) relembra a afirmação de Marx de que “se a essência dos objetos coincidissem com a forma de suas manifestações externas, então, toda ciência seria supérflua”².
- 3- **O problema do “comportamento fossilizado”:** alguns processos, durante seu desenvolvimento histórico, tornam-se naturalizados, mecânicos, automatizados, sendo que sua aparência externa em nada revela sua verdadeira essência, gerando dificuldades para a análise. É preciso que o pesquisador faça o esforço de alterar o caráter fossilizado do comportamento, fazendo-o retornar a sua origem. A partir desse esforço o pesquisador pode tornar possível o estudo da história do comportamento, ou seja, do seu processo de mudança, pois, “a forma fossilizada é o final de uma linha que une o presente ao passado, os estágios superiores do desenvolvimento aos estágios primários” (VIGOTSKI, 1994, p. 85).

Nessa pesquisa, esses pressupostos metodológicos sugeridos por Vigotski guiam o nosso olhar na construção do conhecimento que se dá num processo construtivo-interpretativo. Assim, consideramos que a produção do conhecimento se dá em um processo dialógico em que é desejável que pesquisador e sujeito interajam e que haja algum nível de co-responsabilidade entre eles em relação à pesquisa. Para que os participantes se

¹ Gostaríamos de destacar que entendemos essência como a síntese das múltiplas determinações. Nas palavras do próprio Marx, “a essência humana não é uma abstração inerente ao indivíduo singular. Em sua realidade, é o conjunto das relações sociais” (MARX, ENGELS, 1984)

² No texto que consultamos, Vigotski (1994), a referência bibliográfica da citação de Marx não é feita. No entanto, há um esclarecimento, em nota de rodapé, afirmando que em outras obras do autor, a referência é feita a *O Capital*, v. 1.

tornem sujeitos, o espaço de pesquisa deve favorecer a produção de sentidos que os implique no fenômeno pesquisado, a motivação não deve ser um elemento externo a eles.

A generalização, nesta pesquisa de abordagem sócio-histórica, não se dará no campo dos resultados encontrados, nem pela comparação dos casos aqui analisados a outros que a eles se assemelhem em aparência. A generalização será feita em termos mais gerais, pela capacidade explicativa do fenômeno, pelo desvelamento de suas mediações constitutivas e contradições que, pela formulação de teorizações, serão capazes de explicar uma parcela da realidade concreta.

Para retomarmos as considerações sobre a concepção de homem, seu processo de constituição e a relação homem-mundo, passemos às considerações sobre algumas categorias da Psicologia Sócio-históricas que são fundamentais para essa pesquisa.

2.1 -Consciência e Atividade

Como apontado anteriormente, na perspectiva Sócio-Histórica, o homem só se constitui homem através do processo de apropriação da cultura que se dá na relação com o social, na e pela atividade. Ao tratar sobre essa categoria no texto “A atividade consciente do homem e suas raízes histórico-sociais”, Luria (1991) a define “atividade consciente” e elenca três características fundamentais, quais sejam: 1) não somos guiados por motivos biológicos, a maioria das necessidades humanas tem caráter “intelectual” ou “superior”; 2) não baseamos nossos atos em experiências imediatas; 3) nosso comportamento não está limitado ao programa genético nem à nossa experiência individual, constituímos nossa forma de agir no mundo também pela assimilação da experiência da humanidade que está cristalizada nos objetos da cultura.

A consciência deve ser entendida como a articulação das funções psicológicas superiores e tem como característica fundamental o fato de “poder haver alterações da realidade que ultrapassam os limites do visível e da experiência imediata, exigindo a busca de significados que não são observados diretamente” (Vigostki, 1999, p.17 appud

AGUIAR, 2001). É social e histórica, se constitui na relação do homem com a realidade, ligada a atividade e a linguagem (AGUIAR, 2001).

Destacamos a importância da categoria consciência como a zona de articulação das formas de sentir, pensar e agir do sujeito. Formas estas que, não podemos perder de vista, se constituem a partir da relação dos sujeitos com o mundo social.

A categoria atividade se refere à atividade externa, que é a que tem utilização de instrumentos, e à atividade interna, que é a operação com signos. O homem se transforma porque é afetado pela atividade e para isso precisa internalizar essa atividade, ou seja, transformar a atividade social em atividade para si. Para tanto, enquanto a atividade é realizada, ela vai sendo registrada psicologicamente (internamente), mas nunca em um reflexo especular. Durante o processo de internalização, algo que pertence ao mundo social é transformado em psicológico sob o prisma das significações do sujeito. Essa categoria é fundamental quando se trata da condição humana e, só falamos em “atividade humana” quando esta é significada.

Agir no mundo é mais do que responder aos estímulos externos num simples reflexo. Leontiev (sd. p.315 appud Murta, 2008) se refere à atividade como “os processos que, realizando tal ou tal relação do homem com o mundo, respondem a uma necessidade particular que lhes é própria”, vinculando-a a idéia de necessidades e motivos.

A necessidade pode ser entendida como um estado de carência que mobiliza o ser humano para a sua própria satisfação. A constituição de tais necessidades se dá de forma não intencional e o sujeito não tem, necessariamente, nem consciência nem controle sobre o processo de constituição delas.

Quando o sujeito torna-se capaz de encontrar algo na realidade social que seja capaz de satisfazer a sua necessidade, esse “algo descoberto” se torna motivo que leva o sujeito a agir. Essa possibilidade de realizar uma atividade que satisfaz sua necessidade modifica o sujeito e cria, concomitantemente, novas necessidades e novas formas de atividade (MURTA, 2008).

2.2 - Pensamento e Linguagem

Pensamento e linguagem são duas categorias que, apesar de manterem sua singularidade, não podem ser compreendidas separadamente, uma vez que constituem uma unidade, mantendo entre si uma relação de mediação.

No entanto, o vínculo que une essas categorias não é primário. A relação entre pensamento e palavra surge, modifica-se e amplia-se, vai “do pensamento à palavra, e da palavra ao pensamento”, é um processo em desenvolvimento (VIGOTSKI, 2001).

Para Vigotski (2001, p.409) “O pensamento [que é sempre emocionado] não se expressa na palavra, mas nela se realiza”. Com tal afirmação, o autor explicita que o pensamento não se exprime em palavras em uma relação direta em que a totalidade do pensamento é preservada. Podemos considerar que as palavras revelam o pensamento do sujeito, mas isso acontece em um movimento dialético, tensionado por contradições e, muitas vezes o pensamento não consegue ser expresso em toda sua complexidade, ou seja, ele fracassa.

Nesta pesquisa, a palavra com significado é utilizada como meio para compreensão dos sentidos que a professora produz a respeito da promoção da alimentação saudável na escola. Conscientes de que, no esforço de realizar-se em palavra, muito do pensamento do sujeito fracassa e fica contido no “não-dito”, retomamos aqui o princípio metodológico que opõe a descrição à explicação. A possibilidade de apreensão do sujeito só se tornará real a partir do esforço construtivo interpretativo do pesquisador, na busca de apreender as contradições e lacunas presentes na fala do sujeito.

Consideramos que a adoção da linguagem como categoria central para a apreensão de aspectos relacionados à subjetividade do sujeito se justifica na medida em que, para ser expresso em palavras, o pensamento passa por uma série de modificações que passam, seguramente, pelos sentidos e significados.

2.3 - Sentido e Significado

Iniciamos esclarecendo que embora as categorias sentido e significado sejam discutidas separadamente, pois são diferentes e cada qual tem sua singularidade, uma não pode ser compreendida sem a outra. Vigotski (2001) coloca a questão do significado e do sentido das palavras em lugar central na sua teoria e, foi ao procurar um novo método de análise dos fenômenos psicológicos superiores, que ele chegou a sua elucidação.

O autor defendia que, para analisar o pensamento em sua complexidade, era necessário substituir um tipo de análise que se baseava na decomposição do objeto de estudos em seus elementos, por uma análise que desmembra a unidade complexa do pensamento discursivo em unidades várias, entendidas estas como produtos da análise que, [...] não perdem as propriedades inerentes à totalidade e são suscetíveis de explicação mas contém, em sua forma primária e simples, aquelas propriedades do todo em função das quais se empreende a análise (VIGOTSKI, 2001, p. 397-398)

Podemos afirmar que as transformações que possibilitam a existência do movimento dialético entre pensamento e palavra, os sentidos e significados exercem um importante papel. Segundo Aguiar et al. (2009, p. 60) “Significado e sentido são momentos do processo de construção do real e do sujeito, na medida em que objetividade e subjetividade são também âmbitos de um mesmo processo, o de transformação do mundo e constituição dos humanos”.

Os significados são produções históricas e sociais que permitem a comunicação e socialização das experiências, são mais estáveis e dicionarizados, dizem respeito a conteúdos instituídos e mais fixos, são compartilhados socialmente. Porém, ainda que se apresentem como mais fixos que os sentidos, os significados também se transformam, ou seja, os significados das palavras também se desenvolvem historicamente alterando, conseqüentemente, a relação entre pensamento e palavra.

Os sentidos são fluidos, instáveis, profundos e, segundo Aguiar e Ozella (2006, p. 226) “constitui a articulação dos eventos psicológicos que o sujeito produz frente a uma realidade”. Extremamente complexa, essa categoria é de difícil apreensão e, portanto, consideramos que os esforços realizados nos possibilitam nos aproximarmos de algumas

zonas de sentidos. Procuraremos, na pesquisa, buscar o processo de constituição dos sentidos, aproximando-nos “daquilo que diz respeito ao sujeito, daquilo que representa o novo, que, mesmo quando não colocado explícita ou intencionalmente, é expressão do sujeito, configurado pela [sua] unicidade histórica e social” (AGUIAR, OZELLA, 2006, p. 227). O sentido é constituído a partir da subjetividade do sujeito. Tal subjetividade é constituída sócio-historicamente e, portanto, não perde seu caráter social.

É importante, ainda, destacar o valor heurístico dessas categorias. Significado e sentido são constructos teóricos que cumprem a função de “dar visibilidade a uma determinada e importante zona do real [...] condensando aspectos dessa realidade e, assim, destacando-os e revelando-os” (AGUIAR et al., 2009, p. 60).

3 OBJETIVO

Considerando a saúde como finalidade e meio para a educação, a infância como a fase em que a formação dos hábitos alimentares acontece e o professor como tendo papel privilegiado na elaboração de ações que promovam o ensino-aprendizagem na escola, o presente trabalho tem como objetivo analisar os sentidos que uma professora dos anos iniciais do Ensino Fundamental de uma escola pública de Diamantina constitui acerca da promoção da alimentação saudável na escola.

4 MÉTODO

4.1 - Local e Sujeito

A pesquisa que por hora se apresentada foi realizada tendo uma professora dos anos iniciais do Ensino Fundamental da cidade de Diamantina como sujeito de pesquisa.

Para a escolha do sujeito da pesquisa, iniciamos nossa busca pelas escolas que participariam desta pesquisa. Tínhamos dois critérios em mente: primeiro era necessário que a escola selecionada contasse com a colaboração de estagiários do Curso de Nutrição oferecido pela Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM). O segundo critério era que a direção da escola se disponibilizasse a marcar uma reunião com todos os professores do (ou de um dos) turno(s) destinado(s) às aulas de alunos dos anos iniciais do Ensino Fundamental.

Ressaltamos que não é objetivo dessa pesquisa avaliar a atuação dos estagiários ou a efetividade da parceria firmada entre a escola e a UFVJM em relação à promoção da alimentação saudável na escola. No entanto, consideramos que a presença dos estagiários se configure um elemento que agregue especificidades a esse ambiente e é conveniente que, sendo Diamantina uma cidade em que a parceria entre a Universidade e as escolas se faz presente nas atividades de estágio, essa situação fosse observada no contexto de nossa pesquisa.

A reunião com os professores do Ensino Fundamental I foi marcada para permitir que os participantes da pesquisa fossem eleitos no e pelo grupo de que fazem parte. O critério de eleição do sujeito foi utilizado por acreditarmos que tal estratégia favoreceria a escolha do “melhor sujeito” de pesquisa. Para tanto, na reunião, o objetivo da pesquisa e os procedimentos de coleta de dados foram expostos de maneira breve e, ao final de tal explicação, a pesquisadora questionou se havia alguma professora que se interessasse por participar da pesquisa, ou se havia ali alguém que o grupo considerasse mais adequada para falar sobre a promoção da alimentação na escola.

Consideramos que o “melhor sujeito” seja aquele que apresenta condições para responder ao nosso problema de pesquisa, articulando respostas com uma qualidade específica para expressar os modos de agir da escola e os sentidos e significados que a atividade docente em relação à promoção da alimentação saudável na escola era capaz de produzir.

A escolha do sujeito estava condicionada a dois fatores: o primeiro, como já explicitado, era que o sujeito fosse eleito no e pelo grupo; o segundo critério era que o professor escolhido lecionasse em classes dos primeiros anos do Ensino Fundamental há pelo menos três anos.

O período mínimo de três anos de experiência foi firmado tendo como objetivo selecionarmos professores que, por atuarem a mais tempo nas salas de aula, pudessem falar com mais propriedade sobre seu cotidiano, principalmente, em relação ao tema da educação nutricional nas escolas.

Na reunião realizada para escolha do sujeito desse estudo, a pesquisadora foi apresentada pela vice-diretora aos professores que lecionavam nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Logo de início, algumas das professoras presentes recusaram participar da pesquisa alegando que, por trabalharem em mais de uma escola, levavam uma vida cansativa e corrida e que não teriam tempo disponível para a realização das entrevistas. Para outras, a falta de tempo era condicionada pela dupla jornada de trabalho e, sendo assim, ainda que trabalhassem em apenas um turno, as professoras eram responsáveis pelas tarefas domésticas. Outras, por sua vez, afirmavam que não sabiam se expressar muito bem, não eram boas para falar de si mesmas e da própria atividade docente e que, por isso, teriam dificuldades em participar das entrevistas.

As professoras apresentavam, ainda, falas em que demonstravam valorizar, como sujeito adequado para a participação da pesquisa, uma professora que fosse considerada responsável e competente no exercício da atividade docente.

No entanto, ainda que as professoras tenham demonstrado certa resistência em participar da pesquisa e tenham, cada uma a seu modo, justificado em que incidia a sua dificuldade, observamos que, naquele grupo, a justificativa apresentada para a não participação nessa pesquisa vinha, quase sempre, acompanhada da indicação do nome de

uma outra colega de profissão que, por não compartilhar das mesmas dificuldades relatadas, pareciam ser mais adequadas para a participação na pesquisa.

Algumas professoras consideravam que seria mais adequado que o sujeito da pesquisa fosse alguém com aulas em apenas um turno, outras, afirmavam que professoras solteiras, sem responsabilidades domésticas teriam mais tempo. Também características relacionadas à atividade do professor eram levantadas, assim, o grupo apontava sujeitos que eram considerados bons professores, que eram criativos e conseguiam promover a aprendizagem dos alunos a partir da aplicação de métodos apropriados e inovadores.

Ao final da entrevista o nome de Maria se destacou e, depois de pedir explicações mais detalhadas sobre a realização das entrevistas, essa professora aceitou participar da pesquisa. Para que sua participação pudesse ser confirmada e agindo em conformidade às exigências éticas em pesquisa com seres humanos, pedimos a ela que assinasse um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Uma descrição geral dessa professora será apresentada no item 5.1, na página 42.

4.2 - A coleta de dados

4.2.1 - A realização das entrevistas

A entrevista é apontada por Minayo (1996) como um instrumento de coleta de dados usualmente utilizado nas pesquisas qualitativas. Esse instrumento apresenta-se adequado, ainda, para a obtenção das informações necessárias a esta pesquisa por representar uma alternativa adequada para o estudo dessas categorias que, devido a sua complexidade, não poderiam ser apreendidas pela utilização de instrumentos fechados. Aguiar e Ozella (2006) apontam que a entrevista é um instrumento dos mais adequados para ser utilizado em pesquisas que tenham como finalidade a apreensão de processos psíquicos, dentre os quais, os sentidos que o sujeito produz frente a determinado fenômeno.

Entendemos que a entrevista seja um encontro entre duas pessoas que tem o objetivo de obter respostas para determinadas questões, investigar fatos, opiniões, sentimentos, significados e sentidos do sujeito. Sendo assim, não deve ser encarada como uma conversa despreziosa, mas, como afirma Szymanski (2002) citando Lakatos, “uma conversação de natureza profissional”.

Nessa pesquisa, realizamos duas entrevistas com a professora. Na primeira, buscamos fazer uma entrevista de História de Vida e, nessa oportunidade, já iniciamos os questionamentos também acerca da atividade docente frente à promoção da alimentação saudável na escola, seus sentidos e significados.

A entrevista de História de Vida é realizada com a solicitação, por parte do pesquisador, que o sujeito relate sua história pessoal. Esta técnica se “propõe a nos contar a vida de um ser engajado”, havendo a necessidade de fazer “um esforço em manter a coerência entre a história que ele narra e aquilo que uma investigação objetiva descobrir” (MACEDO, 2000, p.175).

Nesta pesquisa a História de Vida foi utilizada tendo um papel complementar em relação à entrevista sobre a promoção da alimentação saudável na escola, servindo, assim como afirma Haguette (2000), como uma base sobre a qual a análise pode se realizar realisticamente.

Além disso, consideramos que o sujeito, ao narrar a sua própria história, por ser constituído socialmente, revela, num movimento dialético, a história do grupo a que pertence, possibilitando que os processos de constituição de fenômenos sociais sejam elucidados.

Para a realização da entrevista acerca das práticas da professora acerca da promoção da alimentação saudável na escola, optamos pela produção de um roteiro de entrevista (APÊNDICE A) com as principais questões a serem abordadas. O roteiro serviu para direcionar a entrevista, mas não foi tomado como um instrumento fechado a ser rigorosamente obedecido. A natureza do nosso objeto de estudo não nos permitiria tal postura, pois concordamos com Rey (1999) ao afirmar que o sujeito com o qual se trata nas ciências humanas seja motivado, interativo e intencional e que essas características devam ser consideradas durante o processo de investigação que, para tanto, exige a utilização de instrumentos interativos.

Sendo assim, o roteiro de entrevista elaborado esteve sempre sujeito a alterações quando, considerando as condições de interação entre o pesquisador e o pesquisado no momento da entrevista, essas se faziam necessárias.

Para que o entrevistado se sentisse confiante para se expressar, revelando respostas relevantes ao tema estudado buscamos estabelecer uma relação pesquisadora/pesquisado marcada por um laço de confiança e credibilidade (SZYMANSKI, 2002).

Ainda na busca que obtermos informações de qualidade, que realmente nos permitisse nos aproximarmos das zonas de sentido produzidas pela professora, buscamos garantir a possibilidade de recorrer ao sujeito de pesquisa, quantas vezes fosse necessário, para complementar informações sobre questões que não se mostrassem suficientemente esclarecidas.

Leite e Colombo (no prelo) destacam que as Entrevistas Recorrentes configuram um procedimento utilizado para a pesquisa qualitativa por se adequar, segundo suas características, à produção do conhecimento de forma partilhada e planejada. A realização da Entrevista Recorrente, tal qual esses autores a definem, prevê que pesquisador e sujeito interajam durante a pesquisa, incluindo as etapas de coleta e análise dos dados, num movimento dialógico que só tem fim quando ambos concordam que a questão proposta foi satisfatoriamente respondida.

Nessa pesquisa, ainda que tenhamos conseguido estabelecer um processo de análise de forma tão compartilhada como a que propõe Leite e Colombo (no prelo) com o sujeito. Mesmo assim, ponderamos que garantimos o caráter recorrente da entrevista, pois, após a realização da primeira entrevista, essa foi transcrita e devolvida ao entrevistado para que este tivesse a oportunidade de apreciá-la e, ao deparar-se com a sua fala, pudesse articulá-la em um novo processo reflexivo, organizando suas idéias em uma nova narrativa, discordando ou modificando suas proposições na entrevista. Esse primeiro material, quando apresentado ao sujeito, tinha garantia-lhe a possibilidade de fazer as alterações que quisesse ou incluindo novos relatos.

Nesta mesma oportunidade, a pesquisadora, por já ter iniciado um processo de leituras flutuantes dessa entrevista e iniciado um primeiro movimento de organização das respostas, já pôde identificar lacunas e pontos a serem melhor esclarecidos e, dessa forma, pôde apresentar novas questões ao sujeito. Dessa forma, a pesquisadora teve a chance de

retomar conteúdos que julgasse pouco explorados na primeira entrevista ou desfazer pontos que permanecessem nebulosos.

Essa segunda entrevista foi transcrita e organizada de forma a ampliar a análise já iniciada, seguindo o mesmo procedimento descrito acima: voltar ao sujeito, ouvir suas sugestões, incluir novos relatos, criar novas categorias, corrigir o material e novamente transcrever a entrevista e devolvê-la ao sujeito.

Com a realização da segunda entrevista, consideramos que, no material coletado, já havia elementos valiosos para que o motivo que nos implicou para a investigação, qual seja, os sentidos que a professora constitui frente à promoção da alimentação na escola, estivesse alcançado

4.2.2 - Análise documental

Solicitamos à escola o Projeto Político Pedagógico e o Caderno de Plano de Aulas da professora, assim como os livros didáticos adotados. Consideramos que o acesso a esse material contribui para o entendimento da organização escolar e da atividade da professora.

Consideramos a análise documental como uma estratégia relevante, pois nos permitiu, através da apreciação dos planejamentos das atividades desenvolvidas na escola, avançarmos em relação ao entendimento de suas características, motivações e finalidades. Sendo assim, pudemos aprofundar nossa compreensão sobre o posicionamento da escola e do professor em relação à promoção da saúde e educação nutricional de seus alunos.

As informações obtidas através da análise documental se farão presentes na apresentação dos Núcleos de Significação, pois elas foram usadas para nos auxiliar no processo de análise das falas da professora.

4.3 - Procedimento para análise das entrevistas: os Núcleos de Significação

Para análise do material obtido nas entrevistas, utilizamos o procedimento de análise de “Núcleos de Significação”, sugerido por Aguiar e Ozella (2006).

Na presente pesquisa, a palavra com significado é considerada a menor unidade de análise para que possamos compreender os processos de constituição dos sentidos que o sujeito, na sua atividade docente, atribui à promoção da alimentação saudável na escola e é por esse motivo que partimos dela em nossas análises.

No entanto, ainda que se considere que é na palavra que o pensamento se realiza, devemos considerar que muitas vezes “o pensamento fracassa” e não é expresso na linguagem (VIGOTSKI, 2001).

Sendo assim, partimos do empírico, a fala do sujeito, mas buscamos avançar em relação a ele através de um processo interpretativo, indo em busca do não dito, da fala interior, do pensamento do sujeito (VIGOTSKI, 1998, p.185). No entanto, nossa interpretação não é pautada numa postura introspectiva. A interpretação que se buscou realizar nessa pesquisa, buscou elucidar os processos de constituição dos sentidos do sujeito em relação a sua atividade docente e a promoção da alimentação saudável na escola através da apreensão das suas contradições e das articulações que se evidenciaram a partir do processo de análise realizado. Procuramos articular o dito, o contexto histórico e social no qual o sujeito da pesquisa estava inserido. Sendo assim, a análise da fala do sujeito não foi feita tendo por base a aparência. Nos esforçamos sempre em buscar a sua essência, seu processo de constituição, considerando que é o contexto em que é proferida que lhe atribui significado.

Para proceder à análise das entrevistas, após realização das mesmas, essas foram transcritas. Na seqüência, foram feitas diversas leituras flutuantes com o objetivo de nos apropriarmos deste material. Durante esse processo, foram destacados diversos temas que se destacaram por repetição ou reiteração, ênfase, carga emocional ou ambivalências. A essa diversidade de temas, Aguiar e Ozella (2006) denominam pré-indicadores. Os pré-indicadores foram encontrados em grande número e, como critério para sua utilização,

analisamos cada um deles em relação à sua importância para alcançarmos o objetivo desta pesquisa.

Posteriormente, iniciamos um processo de filtragem e movimentos de aglutinação entre os pré-indicadores, considerando sua complementaridade ou contradição, obtendo os indicadores, que se apresentavam em menor diversidade. Os indicadores, por sua vez, foram submetidos a mais um processo de articulação, pretendo-se chegar à constituição do que se denomina Núcleos de Significação.

Para avançarmos na análise dos Núcleos de Significação, nos esforçamos em fazer uma análise intra-núcleos, com o objetivo analisar a fala do sujeito, nas suas articulações, à luz do contexto sócio-histórico em que foi produzido e do referencial teórico adotado. Ao mesmo tempo, buscamos fazer uma análise inter-núcleos, relacionando os diversos conteúdos encontrados em cada um dos núcleos analisados. O processo de aglutinação de conteúdos que nos permitiu chegar aos cinco Núcleos de Significação apresentados nessa pesquisa está apresentado no Apêndice D.

5 ANÁLISE

5.1 - Apresentação da professora

A nossa professora foi denominada Maria, tinha 49 anos no momento da realização da pesquisa, é casada, mãe de 4 filhos, dos quais três são adultos e uma criança. Quando entrevistada, era professora efetiva do Ensino Fundamental na rede pública estadual de Diamantina. Tinha 25 anos de experiência no Magistério, dos quais 23 atuando na mesma escola em que a pesquisa foi desenvolvida.

Seus pais tinham uma pequena propriedade rural em um distrito de Diamantina, onde plantavam para a própria subsistência. Maria nasceu nessa propriedade e lá viveu até os oito anos de idade, tendo a mãe como sua alfabetizadora.

A entrada de Maria no ensino formal se deu tardiamente, pois, só aconteceu aos oito anos de idade, quando ela foi morar com sua tia em uma outra cidade onde concluiu a 4ª série do Ensino Fundamental. Maria relata que o período em que teve que morar com parentes para dar continuidade aos estudos foi difícil. Depois da 4ª série ela se mudou para Diamantina onde concluiu a 8ª série. Em seguida, mudou-se para Vespasiano, atendendo a uma imposição da família de se afastar do noivo, e fez o 1º ano do Magistério, casando-se logo em seguida.

Nos dois últimos anos do Magistério, Maria conciliava os estudos com as funções de mãe, esposa, dona-de-casa. Deste período ela relata ter tido excelentes professoras e, apesar das dificuldades enfrentadas, o curso fortaleceu o desejo de vir a se tornar uma profissional. Entretanto, devido à dificuldade de entrar no mercado de trabalho, Maria ficou cinco anos cuidando exclusivamente da casa e dos filhos.

Após esse período, Maria fez o concurso para professora e ingressou na rede estadual de ensino. Voltou também a estudar, ingressando no curso de Pedagogia e relata que foi um período muito bom, pois, tinha o incentivo do marido, uma boa convivência com os colegas de turma e considerava o curso de Pedagogia de qualidade excelente.

Da sua história de vida, dos aspectos relacionados à constituição dos hábitos alimentares destaca-se que ela considera que a sua alimentação na infância foi saudável, pois, os alimentos ingeridos eram provenientes da própria fazenda do pai, não tendo contaminação por agrotóxicos ou fertilizantes. A horta da mãe era variada, possibilitando que várias verduras fossem incluídas na alimentação da família. Além disso, ela afirma que sua mãe tinha tempo para se dedicar aos cuidados de Maria e dos irmãos, produzindo e preparando os alimentos para o consumo da família. Atualmente narra que procura organizar a alimentação da família de acordo com o que ouve dizer que é saudável, mas, ao mesmo tempo, revela práticas que a contradizem quanto a isso.

Também podemos observar tal contradição em relação à promoção da alimentação saudável na escola e sua própria prática pedagógica. Para esclarecer melhor essas contradições, iniciaremos as análises dos nossos Núcleos de Significação.

5.2 - Apresentação dos Núcleos de Significação

5.2.1 - 1º Núcleo de Significação: A alimentação na visão da professora: entre a experiência vivida e a construção do conhecimento científico

Na busca de apreendermos os sentidos que a professora atribui à promoção da alimentação saudável na escola, consideramos que seja necessário, como primeiro passo, nos aproximarmos dos sentidos que a professora atribui à alimentação.

Sendo assim, neste primeiro Núcleo temos como pretensão analisar os sentidos que Maria atribui à alimentação, buscando, na sua história de vida e nas relações sociais, aspectos que se mostrem reveladores da Maria-filha-esposa-mãe acreditando que, com isso, poderemos também compreender melhor a Maria-professora e assim desvelar os sentidos que ela atribui à promoção da alimentação saudável na escola. Consideramos, nos apoiando em Ciampa (1995, p.61), que esses diferentes papéis compõem “uma totalidade contraditória, múltipla e mutável, no entanto una” que é Maria.

De acordo com a concepção de homem adotada pela Psicologia Sócio-Histórica, o homem se constitui na e pela atividade. Assim, pode-se afirmar que “o indivíduo não é algo, mas sim o que faz” e que “o fazer é sempre atividade no mundo, em relação com outros” (CIAMPA, 1986, p. 101). E ainda que, segundo Vigotski (2001), a atividade é sempre significada.

Sendo assim, entendemos que a relação dos homens com a alimentação não pode ser considerada apenas em sua dimensão biológica. As práticas alimentares carregam em si as marcas do tempo histórico, do local em que ocorrem e são expressões da cultura de um determinado povo.

Comer é uma atividade do homem no mundo e, ao realizá-la, o homem transforma o mundo e a si mesmo. Transforma-se porque incorpora o alimento que consome, pois, nós nos tornamos o que nós comemos. Tal incorporação não se refere somente aos aspectos materiais (biológicos), mas também aos aspectos simbólicos, imaginário, crenças, hábitos e valores que permeiam o ato de alimentar-se. Por exemplo, o aumento do consumo de alimentos *light*, dizem da mudança de valores em relação ao corpo no sentido da valorização da magreza e do esbelto. O consumo de alimentos integrais traduz a busca por um estilo de vida mais ligado a natureza (SANTOS, 2006).

Além disso, ao mesmo tempo em que o homem transforma a natureza para retirar dela o alimento que necessita para atender às suas necessidades diárias de energia e nutrientes, também a transforma para que ela possa produzir de acordo com suas necessidades, quando, por exemplo, usa técnicas agrícolas como irrigação, desvio de rios, desmatamento para o plantio, etc.

Destacamos que mesmo o conceito de alimento é uma construção social, pois, para que sirva como alimento, algo da natureza precisa ser significado como tal. Nesse sentido, comer larvas e insetos em uma dada cultura pode ser um costume, enquanto para outras, não.

Concordamos com Santos (2006) quando, sobre o ato de comer, afirma, apoiando-se em Poulain (2006)

A experiência do comer é fundadora da identidade tanto individual como coletiva. Ela se situa dentro de um jogo de distinção e alteridade no qual os homens registram seu pertencimento a um grupo qualquer, seja pela

afirmação de sua especificidade alimentar ou pela diferença em relação aos outros. Nessa perspectiva as práticas alimentares deixam de ser vistas apenas como formas de expressão ou de afirmação de identidades sociais para se inscrever no seio do processo de construção de identidade (SANTOS, 2006, p. 17).

As falas de Maria sobre sua alimentação são reveladoras dos grupos a que ela pertence, a posição que ocupa na sociedade. Descrevendo a própria alimentação, ela vai se dando conta – e nos permitindo conhecer – os seus valores, hábitos e costumes.

Primeiramente, para fazer referência a própria alimentação, Maria revela como se dava a alimentação no grupo familiar (composto por seus pais e irmãos). Assim, podemos conhecer melhor Maria quando a conhecemos em relação aos outros da família, pois, ao descrevê-los, ela revela suas histórias, tradições, normas que ganham concretude pelo agir do grupo (CIAMPA, 1995).

Consideramos que a principal característica atribuída por Maria a sua alimentação na infância era o fato de ser uma alimentação que ela denomina natural. Para compreendermos o sentido que ela atribui ao termo “natural”, nos baseamos nas descrições que faz, a partir das ações da família, sobre a origem do alimento, o preparo e de como a própria alimentação se dava.

Minha mãe plantou horta a vida inteira. Eu deixei de comer alimentos da horta da minha mãe tem 5 anos porque ela... Porque toda vida eles plantavam. Meu pai preparava e eles plantavam [...].

Então, tudo natural. A gente não sabia o que era suco... Eu fui conhecer suco, aquele Qui-suco, eu já estava com 15 anos de idade. Eu comia... Suco lá em casa... Açúcar também não existia, o café era feito com rapadura. Tudo era feito com rapadura. Então, os meus pais produziam a rapadura, produziam farinha, criava as galinhas, os porcos [...].

Fazia quitanda daquela nata [do leite]. Que não conhecia pão, pão não. A gente comia pão caseiro, biscoito caseiro, era tudo caseiro.

Quando Maria diz considerar que sua alimentação era melhor por ser mais natural ela demonstra o valor que atribui à alimentação que recebeu na infância. Além disso, nos

aproximamos mais do entendimento do que Maria nomeia “natural” quando entendemos como a alimentação se concretiza na sua vida e de sua família.

MARIA: Eu acho que nós fomos muito bem alimentados. Igual eu te falei. Tirando o que eu acho hoje, com o conhecimento que eu tenho, tirando o leite muito gorduroso, o fato de cozinhar com a gordura de porco... Eu acho que pecou nisso, mas de resto a alimentação era melhor.[...] Mas, doenças graves, nenhum, ninguém da minha família nunca teve.

VIRGÍNIA: E você acha que isso tem a ver com...

MARIA: Tem a ver com a alimentação, com a nossa alimentação.

Outro aspecto interessante, diz respeito à possibilidade dialética do sujeito ser social e singular. Como afirma Ciampa (1995), o sujeito ao pertencer a um grupo se apropria dos modos de agir que ali prevalecem, firmando ser social, ao mesmo tempo que afirma-se singular quando se distancia do grupo, apreendendo a seu modo esse social. Dessa forma, podemos ver Maria parte do grupo quando afirma “[...] Então o quê que a gente, de manhã a gente tomava leite que o pai da gente mesmo tirava. Meu pai fervia, fervia aquele leite, ainda punha hortelã para a gente tomar”. E, ao mesmo tempo, vemos Maria singular quando, ao dar continuidade a sua fala, distancia-se do grupo, ao afirmar

[...] o leite, né, eu acho também que o leite eles pecaram muito que eles não sabiam também que leite... Natural, que vai saindo, que eles ordenham lá na hora, é claro que tem a nata.

[...]Eu, pelo menos, nunca tomei a nata [...].

Quando nos diz do leite oferecido pelo pai, Maria traz na sua fala os modos de relação com o alimento, traços que nos permitem entender a alimentação na sua dimensão cultural. Maria nos conta que, pela manhã, as crianças recebiam o café da manhã pelas mãos do pai e que se ele percebesse que algum dos filhos estava com vermes, adicionava ao leite folhas de hortelã. Noutra passagem nos conta que era incomum que alguém sentisse algum mal-estar e que, se isso alguma vez ocorresse por exagero na refeição, tratavam com boldo.

Com isso, tomamos conhecimento das crenças e saberes populares que marcam a relação de Maria e sua família com os alimentos. É possível que a importância do uso de ervas medicinais pela família de Maria esteja relacionado ao fato de que, por morar em zona rural, encontravam-se distantes dos cuidados da medicina tradicional e baseavam-se, portanto, na medicina popular para o tratamento de algumas doenças. Destacamos, no entanto, o caráter empírico desses saberes.

Na fazenda, a família de Maria usava a água de rios para se banhar, beber, aguar a horta e preparar os alimentos. Ela nos diz:

O meio ambiente ainda não estava sendo degradado ainda. [...] Talvez nem tinha filtro. Mas a gente via a água limpa, aquela água cristalina mesmo, pura. E lavava... E aquela água que jogava naquela horta, era aquela água pura, entendeu? Podia até ter alguma coisa, mas pelo menos contaminada não era.

Confiantes numa “pureza” comprovada na experiência (já que os olhos não viam, a água não poderia estar contaminada) a família se expunha a infestação de vermes. Doentes, e sem acesso aos medicamentos alopáticos, também era na experiência que buscavam uma solução para os problemas. Para tanto, recorriam aos conhecimentos medicinais populares passados de geração a geração. A eficácia do uso da hortelã contra as verminoses, ou do boldo para os problemas digestivos, era comprovada pela experiência da vida cotidiana.

MARIA: Meu pai, quando a gente colocava [verme]... ele sabia quando a gente tinha verme que a gente colocava e falava. E era lombriga mesmo, parecendo aquelas que dão no porco. Aí ele falava “Está com verme”. O que ele fazia? Ele fervia o leite que ele ordenhava, que a gente tinha as vacas. Eles ordenhava, fervia o leite muito, muito. E pegava folha de hortelã, punha o leite em cima da folha de hortelã e a gente tomava. Antes de tomar o café da manhã a gente tomava esse leite com hortelã. Segundo ele era o melhor remédio pra matar verme.

VIRGÍNIA: E funcionava?

MARIA: Funcionava!

Avançando na análise das entrevistas, gostaríamos de ressaltar dois movimentos que são realizados por Maria em relação à alimentação: 1) Em grande parte das vezes em que

cita suas experiências, Maria valida o vivido como verdade, 2) Em outras falas, no entanto, o vivido entra em conflito com a realidade atual e o conhecimento científico a que ela tem acesso. O conflito, de um modo geral, inaugura possibilidades para o desenvolvimento da atividade, entretanto, não é isso que se observa nas falas de Maria.

Para observarmos as contradições que esse conflito encerra, tomamos agora as falas da Maria-esposa-mãe sobre a alimentação da sua família (marido e filhos). Desejamos, com isso, nos aproximar dos sentidos que Maria atribui à alimentação. Vale ressaltar que se até aqui observamos uma Maria-filha, portanto, paciente (no sentido de que recebia o alimento preparado pela mãe e pelo pai), passamos agora para Maria agente, ou seja, aquela que adquire, prepara e decide sobre a alimentação da família.

Como é comum na sociedade atual, Maria acumula uma dupla jornada de trabalho sendo a responsável pela maioria das tarefas domésticas e, ao mesmo tempo, trabalhando como professora. O acúmulo de funções faz com que ela se sinta sobrecarregada e, algumas vezes, não consiga exercê-las a contento, vivendo o conflito entre o que considera que deveria ser feito em relação ao preparo da alimentação e a condição concreta de realizá-lo.

[...] muitas vezes não dá tempo de lavar os alimentos como deveria.” O tomate. Os alimentos que a gente ingere cru. Então, eu me sinto culpada. Não é todo dia, mas o dia que a gente está mais atarefada a salada fica a desejar.

Perguntamos para Maria quais eram os critérios utilizados para a organização da alimentação da família. Sobre isso ela nos respondeu que o faz em relação ao que está “ouvindo falar que é saudável”. Ela exemplifica:

É o prato colorido, é o feijão, é menos arroz, menos massa, menos gordura.

É... a couve com carne moída, com carne cozida. A carne moída, mas com quiabo e angu e feijão. Então, eu faço muito assim, combinando.

Quando nos diz que procura seguir o que está sendo difundido como saudável, consideramos que Maria, de alguma forma, tenta se apropriar de conhecimentos científicos veiculados pela mídia. No entanto, a própria Maria nos fala da dificuldade em tornar tais conhecimentos direcionadores de suas ações. Revela-nos o “pecado” de comprar “docinhos gostosos” ainda que seu marido seja diabético e, com isso, vivencia a contradição entre o prazer e a culpa.

Se bem que uma coisa eu peço demais aqui em casa porque eu gosto demais de doce. Você entendeu? Então eu compro doce. O que eu não deveria fazer, né. Então, toda semana, os docinhos gostosos que tem de coco, de amendoim, essas coisas eu sempre compro, não muito, mas eu sempre compro. Eu nunca fico sem um doce na geladeira. E geralmente sou eu que como.

Eu sinto muitas vezes culpada, primeiro porque meu marido é diabético. E, quando eu compro o docinho seco [...] o meu marido vai na vasilha... Eu tenho uma vasilha ali atrás da de biscoito que é só de docinho. Então, ele tem diabetes e ele come.

A culpa também é referida num outro momento. Maria aponta a higienização dos alimentos como um dos assuntos trabalhados com os alunos. Justifica a importância do tema para prevenção de verminoses e intoxicação por fertilizantes. No entanto, afirma que nem sempre tem tempo suficiente para proceder corretamente na higienização dos alimentos que servirá a família.

E a gente fala com eles para falar com a mãe, entendeu, que uma maçã tem que ser bem lavada, né. Não só por causa de verme, mas pelo agrotóxico. Pelos fertilizantes. E a gente está sempre falando. [...] E, às vezes, não dá tempo de eu deixar o alface igual eu te falei, que também é muita correria. Claro que a gente sente que a gente deixou de fazer alguma coisa. Então eu falo assim “Ó, eu passei isso para os alunos, falei mais de uma hora sobre esse conteúdo, disse a importância de não consumir alimentos crus sem lavar... Cuidado com a higiene e tal... e muitas vezes não dá tempo de lavar os alimentos como deveria.”

Nas falas transcritas acima, consideramos que o aspecto comum, possível gerador do sentimento de culpa, seja o conflito entre a possibilidade da aplicação do conhecimento

científico, adquirido por Maria nos livros didáticos, televisão, revistas e palestras, em suas vivências diárias.

Observamos que os possíveis fatores impeditivos estão relacionados, no caso da higiene dos alimentos, a falta de tempo gerada pela jornada dupla de trabalho; no caso da aquisição de doces, pelo próprio gosto que tem por essas guloseimas.

Percebemos também que, para ela, o saudável está relacionado à idéia de “alimento natural” e que este se associa às experiências vividas na fazenda, com seus pais. Observamos ainda que o alimento natural está diretamente relacionado ao modo de produção dos alimentos que se dava na pequena propriedade rural onde viveu, ou seja, seu pai não utilizava fertilizantes e agrotóxicos em excesso.

Ressaltamos ainda que, ao se referir à alimentação, Maria não se atém à descrição dos alimentos, mas, diz das práticas, valores e tradições em que está imersa. Para finalizar esse Núcleo, consideramos que o sentido da alimentação para Maria tem como elemento constitutivo o embate entre os costumes arraigados e o novo que se apresenta, o conhecimento e a prática, o esperado e o realizável, entre ser saudável e ser saboroso.

5.2.2 - 2º Núcleo de Significação: O espaço dos conteúdos de Nutrição no processo de formação de Maria

Nesse Núcleo de Significação buscamos, no processo de formação de Maria, encontrar elementos que sejam reveladores dos sentidos que ela atribui à promoção da alimentação saudável na escola.

Vejam como se deu o processo de escolarização de Maria nos anos iniciais e como esse processo contribuiu para a constituição da professora que, hoje, buscamos entender.

Primeiramente, Maria nos relata que o primeiro contato com o processo de escolarização se deu com a própria mãe, na fazenda onde morava. Ela nos diz:

Eu vivi lá até os oito anos. Aí eu fui estudar depois em Planalto de Minas, porque minha mãe que era meu alfabetizador. Chegou um tempo que não

dava mais e eu fui para Planalto de Minas, onde a gente tinha parentes também, aí eu terminei o quarto ano né.

A mãe parece também ter participado da construção do ideal de Maria em se tornar professora. Além disso, parece-nos que a mãe constitui-se como seu primeiro mestre-modelo. Ela relata: “Porque sempre eu quis ser professora, porque mãe foi professora uma vida, né. Sempre meu sonho foi ser professora. Eu tinha também este ideal, ideal mesmo!”

Ronca V. (2007) ressalta a importância do mestre-modelo na formação profissional dos professores e afirma que

“no processo de constituição da identidade nós desconstruímos nossos modelos selecionados e os reconstruímos internamente em modelos pessoais, e assim se instala um processo ininterrupto de desconstrução e reconstrução de modelos incorporados e dos próprios modelos internalizados (RONCA V., 2007)”.

Ainda pensando no processo de escolarização de Maria, observamos que, nas suas entrevistas, ela faz referência a diversas professoras com as quais teve aula. Muitas delas parecem ser tomadas como mestres-modelo, pois, aparecem citadas como fontes inspiradoras das formas de agir quanto a sua prática docente. No entanto, cada professora constitui-se como modelo por diferentes razões.

Seguindo a narrativa de Maria, vemos que depois de ser alfabetizada pela mãe, ela mudou-se para Planalto de Minas, onde cursou até a 4ª série. Ela relata que as professoras de 1ª e 2ª séries tinham uma formação muito limitada, pois, apenas as de 3ª e 4ª séries tinham a formação em Magistério. Maria nos relata que a falta de formação das professoras também se referia aos conteúdos sobre alimentação e que o trabalho feito era baseado em conhecimentos populares.

Essas palavras não eram comuns pra gente, não. Isso foi ser comum pra gente depois que veio essa Universidade para cá, uai. A gente estudava alimentos que eram bons pra saúde e os que não eram. Coisas que eram boas pra saúde e coisas que não eram. Que toda vida a gente vê. Que todo professor tem que saber, mas essas informações de nutrição, que tem que ser balanceado, que tem que fazer exercício físico, que tem que ter quantidade de proteína, quantidade de cereal, quantidade de verdura, de

legumes, nada disso não falava. A gente sabia que uma... que, por exemplo, comer é... mais era tabu alimentar.

Para analisar essas falas de Maria, devemos considerar o momento histórico a que elas se referem. Quando Maria cursava as séries iniciais do Ensino Fundamental, nos anos de 1969 a 1973, a nutrição no Brasil ainda estava se consolidando como área de conhecimento (VASCONCELOS, 2002). Assim, é pouco provável que as professoras de Maria identificassem os conteúdos que ensinavam sobre os alimentos, como conteúdos específicos da Nutrição. Esperávamos, no entanto, que diante de nossas perguntas sobre o trabalho sobre esses conteúdos na época em que estudava, Maria fosse capaz de articular os conteúdos que havia estudado e o que, atualmente, identifica como conteúdos da Nutrição. Quando nos diz que o ensino se referia mais aos “alimentos que eram bons pra saúde e os que não eram”, Maria denuncia a prática prescritiva das professoras.

No entanto, ao mesmo tempo em que desqualifica a formação das suas professoras dos dois anos iniciais, Maria enfatiza que as mesmas tinham “vocação”. Com essa fala, parece-nos que Maria ao dizer que as professoras têm “vocação”, compensa a falta de formação profissional das mesmas.

Pra você ter uma idéia, só minhas professoras de 3ª e 4ª [séries] que eram formadas em Magistério. Só pra você ter uma idéia. Até na 3ª série eu não tive uma professora [formada]... Tinha uma professora, a minha da 2ª série, tinha 4ª série. Ela escrevia tudo errado no quadro.

[...] apesar de eu falar que as minhas professoras não eram capacitadas, e não eram, a maioria, mas pelo menos tinha vocação, tinha vontade e tudo que era de vida delas, tudo que fazia parte da vida delas, que elas sabiam, elas passavam. Então, nós procuramos seguir essa filosofia.

Ainda que as considere pouco qualificadas, essas professoras inspiram a prática de Maria, pois, quando analisamos a sua fala ao se referir à sua prática atual, percebemos que ela, repetindo a prática de suas professoras, ainda que não tenha formação para lecionar sobre alguns conteúdos, como os de nutrição, busca fazê-lo, compartilhando com seus alunos “tudo que aprendeu na vida”.

A diferença é essa, que ela [a nutricionista] foi preparada para falar aquilo e eu apenas tenho informações de revistas e de livros. Eu não sou professora, não fui especializada naquilo. Eu falo pela minha história de vida, pelas coisas que eu me informo. E eu me informo! Tudo que me interessa, tudo que eu acho importante de levar pra sala de aula eu assisto.

Aí a gente, tudo, tudo, eu, pelo menos, entro com tudo que eu sei, que eu leio nas revistas que eu escuto nas entrevistas de televisão, em... em... num programa que eu adoro assistir que me ajuda: Globo Repórter. Que sempre está colocando estas questões.

Prosseguindo no percurso de escolarização de Maria, deparamo-nos agora com suas professoras de Magistério. Essas professoras parecem exercer uma grande influência não só na sua formação, mas também pelo gosto que ela tem pela atividade docente. Contrapondo ao que se observa em relação às professoras da 1ª a 4ª séries, Maria exalta a competência das professoras do Magistério, como evidenciado na seguinte fala: “E como eu estudei naquela época, era época de Joana, Paula, a didática delas era perfeita! Ensinava a gente tudo que a gente tinha que aprender, entendeu?”.

Também o gosto de ser professora está relacionado à sua formação no Magistério, pois, para Maria, o prazer que sente ao exercer a profissão se deve a convicção de ter sido bem formada. Vejamos isso elucidado nas falas de Maria:

[...] foi esta didática, assim, que me levou a gostar, entendeu? Elas puxavam, puxavam, a gente reclamava delas, tinha raiva, mas depois a gente viu que a gente aprendeu a gostar de ensinar porque elas souberam ensinar.

Gostaríamos ainda de, a partir da fala abaixo, chamar a atenção para a característica da relação que Maria estabelece com suas mestres-modelo.

A ortografia, era o treino ortográfico. Assim, da maneira mais assim, que você não esquece jamais. Eu trabalho até hoje e dá certo. Mandava fechar os olhos, pensar na palavra, escrevia a palavra lá no quadro, lia a palavra, visualizava, separava em sílaba, falava tudo daquela palavra... se ela era dissílaba, trissílaba, polissílaba, oxítone, paroxítone, proparoxítone,

entendeu? Se era plural, se era é... feminino, e... e... depois apagava aquela palavra, aí a gente escrevia no caderno aquela palavra, depois tornava voltar para conferir se estava correto. Então era essa didática que nós trabalhávamos com Conceição Eunice.

Ronca V. (2007) aponta, quando se refere à relação entre o educando e seus mestres-modelo, para o cuidado de não transformar o mestre em “um modelo padrão admirável, inatingível, ou guru a ser cegamente imitado ou copiado” (p. 24). O aluno deve ser capaz de emancipar-se e inovar ao se apropriar da prática do mestre. Na transcrição da fala de Maria, observamos que ela faz uma descrição detalhada da aula que assistiu e nos informa que utiliza a mesma forma aprendida nas aulas que ministra a seus alunos. Isso não seria problemático, pois, sabemos que as técnicas devem mesmo ser copiadas, transpostas. O que nos preocupa é a suposição de que Maria faça a aplicação da técnica aprendida de forma não-crítica e mecânica. O trecho abaixo talvez elucide melhor o que queremos mostrar:

MARIA: É a didática que hoje não existe mais, entendeu? Ela é, a gente trabalhava concretamente. A aula, tinha as aulas teóricas, elas falavam, escrevia, a gente escrevia, escrevia tudo, a teoria, mas depois você ia para a aula prática, aí você fazia o quadro valor e lugar, você mesmo fazia, entendeu? Aí fazia as fichas, aí apresentava as aulas para as colegas em grupo, introduzindo as operações né, no caso Joana era de Matemática, então a gente, era Didática da Matemática. Era perfeita! E exigia, exigia, matemática e português, aliás. Produção de texto, a gente tinha que fazer todas as gravuras, de primeiro tipo, de segundo tipo, terceiro tipo, entendeu?

VIRGINIA: Não. O que é gravura de primeiro tipo... de segundo tipo...

MARIA: A gravura de primeiro tipo ela abrange uma imagem toda, entendeu? Olha para voce ver: Uma criança, com um coelhinho na mão, entendeu? Num gramado brincando. Primeiro tipo. Aí segundo tipo, pode ser é uma coisa mais assim abstrata, né, um menino soltando pipa, mas sem ter uma paisagem, uma coisa. O terceiro tipo pode ser assim, por exemplo, um tênis, entendeu? Um objeto só, um tênis, uma gravura de um tênis, é terceiro tipo. Então era tudo distribuído.

VIRGINIA: E faz estas gravuras para trabalhar o quê?

MARIA: Para trabalhar produção de texto.

Maria, ao descrever a técnica demonstra que o faz mecanicamente, uma vez que no diálogo estabelecido não consegue esclarecer o pressuposto epistemológico que a embasa

ou os porquês de utilizar cada um dos tipos de gravura apresentado, ou seja, como cada um deles ajuda no desenvolvimento do seu aluno.

Consideramos que, se Maria mantém a mesma forma de trabalhar em sala de aula quando leciona os conteúdos sobre alimentação, esse trabalho pode não se dar de maneira efetiva. Consideramos que, por não apresentar uma postura em que a técnica empregada para a promoção da aprendizagem, é pouco provável que Maria consiga avaliá-la quanto à eficácia em relação ao objetivo a que se propõe. Sendo assim, a professora não pode garantir que os alunos consigam inserir essas informações em um sistema de conhecimento mais amplo, articulando seus conhecimentos cotidianos e científicos. Vejamos, como exemplo, o texto abaixo:

A QUÍMICA E A VIDA

Os seres vivos trocam materiais o tempo todo com o ambiente. E são capazes de transformar quase todos os materiais que retiram do ambiente, mantendo seu jeito de ser e de viver.

Você pode comer frango todos os dias e nem por isso se transformar em um frango. O frango come milho e não vira pé de milho. O pé de milho tira da terra, do ar e da água, todos os materiais que ele precisa e continua sendo pé de milho.

Os seres vivos, fazendo e refazendo os materiais, são capazes de construir e manter seu próprio corpo.

AS PLANTAS E OS ANIMAIS RESPIRAM O TEMPO TODO

Os alimentos passam por muitas transformações dentro do corpo dos seres vivos. Através delas os seres vivos retiram dos alimentos os materiais e a energia que precisam para viver.

Algumas dessas transformações acontecem através da respiração. Respirar não é só fazer o ar entrar e sair do corpo. Ao respirar, os seres vivos conseguem energia transformando os materiais como o açúcar, por exemplo.

Para fazer isso, a maioria dos seres vivos, inclusive as plantas, consome o gás carbônico e produzem o oxigênio. Combinar o açúcar e o oxigênio é um jeito de conseguir a energia para viver.

TRANSFORMANDO E INVENTANDO MATERIAIS

Observando, pensando e experimentando, as pessoas aprendem a usar o que existe no meio ambiente para fabricar novos tipos de materiais.

São invenções do ser humano: o aço, o chocolate, o papel, o plástico etc.

O texto foi retirado do Caderno de Plano de Aulas da professora em que as disciplinas de Língua Portuguesa e Ciências seriam trabalhadas de forma interdisciplinar. Observamos que o mesmo traz uma diversidade de conteúdos e conceitos que, no texto, são apresentados de forma confusa e desarticulada, além de apresentar informações incorretas. Observamos que, se fossem feitas as devidas correções, o texto apresentaria a possibilidade de trabalhar conteúdos acerca da alimentação saudável, uma vez que se refere à ingestão de alimentos e suas transformações metabólicas para o fornecimento de energia. No entanto, sendo trabalhadas dessa forma, é pouco provável que os alunos possam fazer a relação dos mesmos, produzindo novos conhecimentos a partir do que foi trabalhado em sala de aula.

Mesmo os exercícios que deveriam ajudar os alunos a refletirem sobre os conteúdos apresentados, na realidade, parecem em pouco contribuir para que isso ocorra.

EXERCÍCIOS

- 1) Como os seres vivos são capazes de construir e manter seu próprio corpo?
- 2) Os alimentos passam por muitas transformações dentro do corpo dos seres vivos. Como isso acontece?
- 3) O que acontece com os seres vivos ao respirar?
- 4) Para fazer isso, o que acontece com os seres vivos, inclusive com as plantas?
- 5) Como as pessoas aprenderam a usar o que existe no meio ambiente para fabricar novos tipos de materiais?
- 6) Escreva quatro produtos que são invenções do ser humano?

Consideramos que as perguntas feitas no exercício se prestam mais a verificação da leitura dos alunos e não fica claro, para nós, que outras habilidades a professora buscou desenvolver em seus alunos. Utilizar o texto apenas para decodificação e fixação das palavras é uma forma empobrecida e limitada de fazê-lo.

Dando continuidade ao percurso de formação de Maria, buscamos, agora, pistas na sua formação universitária. As falas de Maria evidenciam que esse período em pouco contribuiu para o avanço da sua prática, pois, os conhecimentos que ali eram ministrados apenas repetiam o que já havia sido aprendido no Magistério. As falas centram-se em rememorar o quanto aquele tempo era bom e, ao mesmo tempo, difícil.

MARIA: [...] E depois veio a faculdade, a didática, tem também didática, mas, outros professores, algumas pessoas tiveram a sorte de pegar Joana na faculdade, eu não alcancei, não. Que ela chegou há trabalhar um tempo. Mas aí torna a voltar tudo de novo na didática...

VIRGINIA: Ai fala um pouquinho...

MARIA: Na pedagogia...

VIRGINIA: da faculdade como é que foi...

MARIA: A faculdade foi... é o tempo melhor, mesmo você já sendo casado [*risos*]. Mesmo sendo casado, os filhos, três filhos né, [...] Eles pequenos, meu marido cuidava deles, me levava para a faculdade de carro, me buscava de carro, mas tinha aquela liberdade também, de vez em quando, “oh, vou sair com os colegas”. Mas foi um tempo de muito estudo. Trabalho domingo, a gente não tinha tempo, não. Assim, foi puxado, muito trabalho, muita pesquisa, é... é... assim, foi proveitoso demais na época a pedagogia.

Como pudemos observar até o momento, Maria baseia suas aulas naquilo que aprendeu, principalmente durante o Magistério, mas que não houve um trabalho específico sobre nutrição. Ainda que, quando cursou a faculdade de Pedagogia, a ciência da Nutrição já estivesse estabelecida, o curso também não propiciou a aquisição de conhecimentos nessa área. Mas, como vimos, Maria considera que o trabalho desses conteúdos é sua função e, para cumprí-la busca informações na mídia, em livros didáticos, nas palestras oferecidas pela Secretaria da Educação do Estado de Minas Gerais e repete aos alunos os conhecimentos populares que construiu. Buscamos entender, então, como cada uma dessas fontes de informação auxilia Maria no seu trabalho e na construção de uma escola que promova a alimentação saudável dos seus alunos.

O livro didático foi citado por Maria como sua primeira fonte de informação para o planejamento de suas aulas. Ela considera que a qualidade dos livros melhorou em relação ao tempo em que estudava e que, se antes, os livros de Ciências não eram bons, hoje contém informações mais atualizadas.

VIRGINIA: Como você foi preparada durante sua formação profissional para trabalhar este tipo de conteúdo?

MARIA: Agora vou te falar. Era só livro didático mesmo. A gente via tudo, livro didático. Igual eu te falei, na didática da Matemática, de Português e Geografia e História a gente foi mais bem preparada, mas pra Ciências, não. Eu acho que a Ciências não estava tão avançada ainda, né. A tecnologia não existia, então eram poucos livros de Ciências, poucas informações e o que a gente via era o que os professores sabiam, né.

VIRGINIA: Hum...hum...

MARIA: Assim... aquele explicava um mundo de matéria e passava, enchia o quadro e a gente não absorvia direito aquilo, não. Depois estudando os livros, porque hoje não, hoje vem cinco, seis livros para você estar estudando. Então tem muito mais informação, mesmo, sem ser esta formação que você tem na televisão, no computador e tudo. Informação no livro didático, nossa, tem muita coisa boa.

VIRGINIA: Então suas aulas de Ciências e pegando estes temas de higiene, saúde, nutrição são mais baseadas no livro didático...

MARIA: Livro didático.

A adoção de livros didáticos como principal fonte de informação para as aulas com conteúdos sobre alimentação parece ser comum entre as professoras. Pipitone et al. (2003), encontrou resultado semelhante num estudo sobre os conteúdos sobre educação nutricional trabalhados por professoras de 1^a a 4^a série, pois, verificou que há ênfase do uso do livro didático como orientador das atividades desenvolvidas em sala de aula. Esse mesmo autor encontrou que os livros didáticos incluem conteúdos sobre nutrição uma vez que os temas *saúde* e *consumo* foram incluídos como temas transversais nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN). No entanto, a análise do tipo de informação contida nesses livros demonstrou predominância de conteúdos que concebiam a nutrição como processo meramente biológico, isento de outras determinações. Sendo assim, reafirmamos a importância de que as professoras utilizem os materiais oferecidos e as técnicas aprendidas de forma crítica, identificando suas limitações e permitindo-se inovar quanto ao que está proposto e assim, promover a efetiva aprendizagem do aluno.

Outra importante fonte de informação para as aulas de Maria é a mídia.

Aí a gente, tudo, tudo, eu, pelo menos, entro com tudo que eu sei, que eu leio nas revistas que eu escuto nas entrevistas de televisão, em... em... num programa que eu adoro assistir que me ajuda: Globo Repórter. Que sempre está colocando estas questões.

E as fontes, Isto É, revista Isto É que eu assino e leio todas as reportagens e me ajuda muito. E programa de televisão geralmente é Globo Repórter que dá mais suporte para a gente.

Consideramos que essa postura deva ser analisada com cautela, pois, ao mesmo tempo em que a mídia pode ser usada em benefício da docência por garantir, por meio da divulgação, o acesso a informação, devemos ser críticos em relação ao tipo de conteúdo e à maneira como a informação é divulgada. Por exemplo, o uso de revistas de grande circulação para acesso a informações sobre nutrição pode, de certa forma, incentivar a imagem de um corpo magro como estereótipo de beleza, uma vez que a imagem valorizada como saudável nem sempre está em consonância ao que é considerado, cientificamente, saudável.

É inegável que a televisão contribua para a educação, desde que mediada pelo professor que deverá estimular uma leitura crítica dos conteúdos, linguagens e práticas veiculadas. A mediação do professor com o objetivo de estimular uma postura questionadora dos alunos é fundamental, uma vez que a mídia é usada como instrumento de veiculação de propagandas ideológicas que, de maneira muito sutil, vendem idéias, modelos de apresentação pessoal e comportamentos (GUIMARÃES, 2000; ARRUDA, 1986). Para auxiliar o professor a refletir sobre as informações a que têm acesso em programas de televisão, revistas especializadas e informativas é importante que ele busque saber quem são seus autores, quem as financia, seus produtores e as simpatias políticas e filiações ideológicas que as subsidiam.

Ponderando que a mídia seja usada por Maria como fonte de informação sobre o que deve lecionar e considerando o caráter prescritivo que suas falas adquirem quando ela se refere aos conteúdos de nutrição, em expressões como “o que é bom, o que não é”, “sorvete sempre condenado, chiclete, bala”, “tem que ter pelo menos uma verdura todos os dias”, consideramos que ela se apropria do que é veiculado na mídia, do “essencial do conteúdo de uma ideologia, selecionando algumas idéias fundamentais e transformando-as em poucas fórmulas resumidas e simples, isto é, em *palavras de ordem* e *slogan*” (ARRUDA, 1986, p. 91).

Maria diz ainda que, algumas vezes, participa de cursos oferecidos pela Secretaria da Educação, mas revela que maior ênfase é dada aos conteúdos de Português e Matemática e que, os conteúdos de Ciências são vistos mais rapidamente, assim como os de História e Geografia. Observemos as falas de Maria quanto a essa questão:

MARIA: [...] algumas vezes que a gente tem cursos, né.

VIRGINIA: Hum...hum...[expressão de assentimento]

MARIA: E... Muitas vezes entra mais Matemática e Português. Você sabe disto. Quem trabalha com primeira a quarta, a gente não tem específico História, Geografia e Ciências.

VIRGINIA: Hum...hum... [expressão de assentimento]

MARIA: Você tem assim... Passa rapidamente por isso. Os treinamentos são assim. E dá o suporte mais é para Matemática e Português.

Não observamos nas falas de Maria nenhum curso que fizesse considerações sobre a alimentação, pois ela afirma que os cursos dos quais participa ficam mais direcionados a Língua Portuguesa e Matemática. Ela nos informa ainda que

[...] a gente tem palestra, com nutricionista agora, a gente já tem, palestra com este tipo de pessoa, [...], cada data comemorativa a gente tem palestra com um tipo de pessoa, né. Coisas que interessa a gente, né.

Consideramos que, uma vez que ficam restritas às datas comemorativas, as palestras com nutricionistas assumem um caráter pontual e, dessa forma, em pouco contribuem para a modificação da prática da professora.

Lembramos ainda que Maria busca comentar com seus alunos “tudo que aprendeu na vida” e que muitas vezes isso é feito quando ela compartilha com os alunos as suas próprias experiências. Sendo assim, os conhecimentos populares compõem esse quadro geral de fontes de informação sobre nutrição usadas por Maria. É isso o que se observa quando Maria diz aos alunos que tomava leite com hortelã como vermífugo.

MARIA: [...] Então o quê que a gente, de manhã a gente tomava leite que o pai da gente mesmo tirava. Meu pai fervia, fervia aquele leite, ainda punha hortelã para a gente tomar” né. [...] Que diz que era bom para verme e tal, tal.

Consideramos que os saberes populares muitas vezes se adiantam e até estimulam a produção científica, no entanto, não devemos esquecer que a função da escola é a de sistematizar e transmitir o conhecimento historicamente acumulado. Dessa forma, esperamos que o professor seja capaz de transitar entre os conhecimentos científicos e

cotidianos mostrando ao aluno a lógica e importância de cada um deles, superando assim, a simples função de repasse de informações.

Para finalizar, consideramos que a análise do processo de formação de Maria revela que o sentido atribuído a promoção da alimentação saudável na escola é de “algo” que se insere na totalidade de conteúdos que ela julga que seja sua função trabalhar com os alunos, mas que não tem um lugar muito próprio. Sendo assim, a alimentação saudável aparece como um conteúdo importante o suficiente para ser lecionado, mas que é considerado menos importante que os conteúdos de Língua Portuguesa e Matemática. Como um conteúdo sobre o qual não teve formação na faculdade, mas que busca ter acesso nas revistas e programas de televisão. Algo que deve ser trabalhado em sala de aula, mas que, contaditoriamente, não tem um planejamento específico.

5.2.3 - 3º Núcleo de Significação: As práticas docentes sobre saúde e nutrição: a característica prescritiva da atividade denuncia a distância entre ser e parecer promoção da alimentação saudável

Nas entrevistas que realizamos com Maria, pudemos apreender que ela ministra alguns temas relativos à saúde e nutrição. Pretendemos esclarecer quais são os conteúdos tratados pela professora e, pela descrição que ela nos faz da sua atividade de trabalho, suas características e os sentimentos que suscita.

Acreditamos que, para entender como a professora se vê diante da promoção da alimentação saudável na escola não bastaria perguntar a ela como as coisas se dão no seu trabalho. A resposta para essa questão provavelmente seria reveladora da aparência do fenômeno, sem nos permitir, no entanto, penetrar a sua essência. Deste modo, vimos como necessário, investigar seu processo constitutivo, ou seja, aspectos de sua história relativos a essa temática.

Retomemos, então, as vivências de Maria desde a infância. Perguntamos: como a saúde e a nutrição eram trabalhadas quando Maria, hoje professora, era quem estava sentada nos bancos escolares?

Sobre isso Maria nos diz que o trabalho com temas de saúde sempre foi realizado na escola, mesmo quando ela estudava na zona rural. Ao descrever sobre o que era ensinado Maria deixa transparecer o caráter higienista e prescritivo da prática que era realizada. Assim, ela nos diz que tinha aulas sobre “[...] cortar unha, tomar banho todo dia, lavar a cabeça. Aí sempre o piolho teve, né, o piolho sempre foi trabalhado, lavar a cabeça para não juntar piolho”.

No entanto, sobre Nutrição não tem nenhuma lembrança de ter aprendido nada nas séries iniciais do Ensino Fundamental. Ela diz: “Nutrição, a gente nem sabia o que era nutrição. Mas sempre se falou de saúde”. Chamamos atenção de que Maria não faz a relação entre o termo “nutrição” e os conteúdos sobre alimentação. Entretanto, quando reestruturamos a pergunta e utilizamos o termo “alimentação”, ela nos revela que havia discussão sobre alguns conteúdos. Observemos nas falas de Maria:

MARIA: [...] Era... na 4ª série até hoje é o corpo humano. Aí entrava... Mas nunca ouvi a palavra nutrição na vida. Eu ouvi falar essa palavra nutrição foi na televisão.

VIRGINIA: Ah é? Quando?

MARIA: É... Talvez... na facul[dade]. Gente, fisioterapia, nutrição... Essas palavras não eram comuns pra gente, não. Isso foi ser comum pra gente depois que veio essa Universidade para cá, uai. A gente estudava alimentos que eram bons pra saúde e os que não eram. Coisas que eram boas pra saúde e coisas que não eram. Que toda vida a gente vê. Que todo professor tem que saber, mas essas informações de nutrição, que tem que ser balanceado, que tem que fazer exercício físico, que tem que ter quantidade de proteína, quantidade de cereal, quantidade de verdura, de legumes, nada disso não falava. A gente sabia que uma... que, por exemplo, comer é... mais era tabu alimentar.

Como diz Vigotski (2001, p.244-245) “a debilidade do conhecimento científico é o seu verbalismo”, com isso, entendemos que, uma pessoa possa utilizar a palavra sem, contudo, ter apreendido seu significado. Acreditamos que isso seja o que acontece quando Maria não relaciona “nutrição” e os conteúdos que estudou sobre a alimentação.

Entendemos que na época da infância de Maria o termo nutrição não era empregado com tanta frequência como é hoje, mas o que nos chamou a atenção é que, embora hoje ela verbalize o termo, ela não consegue associar os conteúdos trabalhados na infância com a palavra nutrição. Isso nos aponta que Maria não transita entre as estruturas de generalização

dos significados de “nutrição” e “alimentação”. Ela apresenta, para esses termos, “um nível de generalização mais elementar” (Vigotski, 2001, p. 246) e, com isso, não percebe a totalidade que eles englobam.

O mesmo acontece quando questionamos Maria sobre o que entendia por saúde. Ela, novamente verbaliza a palavra da qual não apreendeu adequadamente o conceito. Ela apropria-se do discurso veiculado, definindo que “Saúde é o bem estar do corpo como um todo”. No entanto revela pouca compreensão desse conceito quando, ao ser novamente questionada, demonstra que seu entendimento de saúde se faz em contraposição a doença. Vejamos na continuação do diálogo, transcrita abaixo:

VIRGINIA: Hum... Mas um bem estar, bem estar como? Bem estar do que?

MARIA: [risos] Físico. Bem-estar físico, mental, do corpo. Porque se tem alguma coisa que ta doendo é que não está bem, né. [risos].

VIRGINIA: Isto é.

MARIA: Se está doendo, é um mal estar, ou se está te causando alguma coisa, é um mal estar. Então saúde é o bem estar do corpo como um todo.

Maria também revela não ter apreendido a totalidade do que se denomina “promoção da saúde”, pois, limita-a à transmissão de conhecimentos e participação de campanhas sem, no entanto, considerar as condições objetivas vivenciadas pelos sujeitos como determinantes das suas condições de saúde. Para Maria,

Promover saúde é levar todo tipo de conhecimento... para, não só para os alunos da escola, mas para a população em geral. É... é... campanhas né, igual nós falamos. Estadual, federal, municipal, a mídia toda. Igual está tendo muita... agora né, acho que está clareando muita coisa para a gente. Estas campanhas que estão tendo, como prevenir a dengue, como prevenir a hepatite, fala né. Todo tipo de campanha possível. Toda vez que você fala disso você está promovendo a saúde.

Sobre a Promoção da Saúde, Maria revela ainda uma visão simplista ao responsabilizar a sociedade em geral por essa promoção. Com essa postura, ela, por não perceber a especificidade de cada segmento, dilui responsabilidades sem perceber que, dessa forma, o que é dito como de “todo mundo” torna-se de ninguém.

VIRGINIA: E quem que é responsável por isso?

MARIA: Eu acho que é a sociedade inteira. Não é só médico, nem professor ou o agente de saúde. Tem que ser todo mundo, né.

Ao descrever as aulas assistidas na sua infância, reforça que não havia um trabalho específico sobre a qualidade da alimentação. O tema aparecia de forma assistemática, na difusão de regras como “não pode comer gordura animal” e de tabus alimentares como o perigo de se combinar, numa mesma refeição, manga e leite.

Uma das justificativas para as características dessas aulas, pode estar na formação das professoras de Maria do “curso primário”, pois, segundo ela, não tinham formação específica para o Magistério e baseavam as aulas que ministravam na experiência diária. Dessa forma, o conhecimento que essas professoras tinham, segundo Maria, era o que “elas sabiam da vida delas”, que por “vocação” e “boa vontade” compartilhavam com seus alunos. Essa afirmativa de Maria nos leva a pensar que, por se basearem nas experiências de vida, muito do que as professoras ensinavam podiam não passar de conhecimentos espontâneos. Assim, a oportunidade que Maria teria de desenvolver conhecimentos científicos, avançando nos níveis de abstração, foi impedida pela pouca diferença entre as professoras e os alunos, pois, ambos operavam com conhecimentos espontâneos. Para justificar essa hipótese, por nós formulada, recorreremos mais uma vez a Vigotski (2001) quando trata da Zona de Desenvolvimento Próximo (ZDP), pois, segundo essa idéia, a aprendizagem é otimizada pela interação de sujeitos com níveis de desenvolvimento diferentes.

Podemos levantar também a hipótese de que a construção do saber científico era, ainda, dificultada pela limitação do acesso às produções deste tipo (disponível em revistas e jornais científicos, livros didáticos e para-didáticos). Dessa forma, essas eram desconhecidas ou invalidadas. Desconhecidas, como no caso do mito sobre manga e leite em que, por não terem acesso ao conhecimento produzido sobre esse mito, as professoras de Maria não puderam desconstruí-lo. Invalidado, como no caso da prescrição de se evitar a gordura animal, porque, sem nenhum tipo de embasamento na experiência de vida das professoras, a informação do livro didático não adquiria sentido para elas e, portanto, não se relacionavam com suas práticas.

Isso nos leva a pensar que não havia uma clara distinção entre conhecimentos científicos e populares. Assim, Maria não diferencia entre os conhecimentos que adquiriu, os que possuem validação científica, daqueles que ainda se constituem como credíes, nesse sentido, ambos adquirem caráter de verdade.

Como professora, Maria baseia muito de suas aulas nas experiências que viveu e vive. Considera, assim como as professoras que teve, que deve compartilhar com seus alunos tudo que sabe. O que ensina, no entanto, nem sempre é o mesmo conteúdo aprendido. Ela se permite fazer modificações porque, para ela, naquele tempo “a ciência não estava tão avançada ainda” e que atualmente tem sido mais fácil ter acesso à informação já que

[...] hoje vem cinco, seis livros para você estar estudando. Então tem muito mais informação mesmo, sem ser esta formação que você tem na televisão, no computador e tudo. Informação no livro didático, nossa, tem muita coisa boa.

Maria diz ensinar em Higiene e Saúde “tudo de higiene do corpo, tomar banho todo dia, cortar unha”. Em relação à alimentação, ela diz abordar temas relacionados aos alimentos e que busca relacionar diferentes conteúdos, assim, quando ministra os conteúdos sobre plantas, busca falar daquelas que geram alimentos. Quando trata sobre o aparelho digestivo, traz a alimentação para a discussão. Ela ainda nos informa que trabalha outros assuntos como as plantas tóxicas, plantas medicinais e a disseminação de verminoses por meio de alimentos cuja higienização não tenha sido feita adequadamente.

No entanto, fica claro que, apesar de temas importantes serem abordados nas suas aulas, essas informações são transmitidas por meio de regras: “a maçã, não pode comer sem lavar”, “não comer [os alimentos] sem uma higiene mais eficaz”, “mostrar o que é bom [para a saúde], o que não é”, “não pode comer muita gordura”, “que comer couve é bom”, “cenoura é bom para os olhos”, “não comer carne crua”, “tem que ter pelo menos uma verdura por dia”, dentre outras.

É pouco provável que tais conteúdos, ministrados de forma mecânica, ou seja, como mera repetição das informações a que tem acesso, esvaziados de uma reflexão mais criteriosa, passem a ter um caráter apenas prescritivo. Acreditamos que essa prática

pedagógica não ajuda a esclarecer aos alunos quais são os motivos para se fazer aquilo que ela (os livros, a mídia) diz que tem que ser feito. Sendo assim, esses alunos podem vir a não entenderem a importância dos ensinamentos da professora e, portanto, não apreenderem o conteúdo ministrado. Assim, é pouco provável que sejam capazes de modificar a relação que têm com a alimentação que consomem. Esse fato pode gerar desmotivação nos alunos e frustração da professora, como nos demonstra o trecho abaixo:

[...] é como se eu não tivesse falado com eles que isso não é bom. Anula uma aula que eu dei sobre, ou a nutricionista deu sobre aquilo, da importância da alimentação saudável. [...] Anula e você fica assim, impotente. Ô meu Deus, eu falei tanto, eu falo, eu canso de falar e eles fazem a mesma coisa.

Importante ressaltar que Maria se mostra descontente com o resultado de sua prática pedagógica, uma vez que não há modificação do comportamento do aluno em relação aos hábitos alimentares. Entretanto, ela não critica a sua prática pedagógica e, com isso, não se dá conta das próprias limitações. Ela não consegue perceber que, para que ocorram modificações no comportamento do aluno, é necessário que os conteúdos tratados possam agir em favor de modificar os sentidos que os alunos atribuem à alimentação, criando condições para que eles possam pensar criticamente sobre sua alimentação e, com isso, fazer escolhas mais saudáveis. Vejamos o que nos diz Vigotski acerca disso:

Não menos que a investigação teórica, a experiência pedagógica nos ensina que o ensino direto de conceitos sempre se mostra impossível e pedagogicamente estéril. O professor que envereda por esse caminho costuma não conseguir senão uma assimilação vazia de palavras, um verbalismo puro e simples que estimula e imita a existência dos respectivos conceitos na criança, mas, na prática, esconde o vazio. Em tais casos, a criança não assimila o conceito, mas a palavra, capta mais de memória que de pensamento e sente-se impotente diante de qualquer tentativa de emprego consciente do conhecimento assimilado. No fundo, esse método de ensino de conceitos é a falha principal do rejeitado método escolástico, que substitui a apreensão do conhecimento vivo pela apreensão de esquemas verbais mortos e vazios (VIGOTSKI, 2001, p. 247).

O caráter pontual adotado por Maria para o trabalho de temas sobre Saúde e Nutrição nas suas aulas está presente também na maneira como as tentativas de parceria entre as instituições de saúde e a escola acontecem. É comum, na escola em que Maria leciona, que em épocas de campanhas para prevenção de alguma doença, enfermeiros, nutricionistas, agentes comunitários de saúde procurem a escola para proferirem palestras sobre os diversos temas. Esses momentos, no entanto, acabam sendo pouco aproveitados pela professora que, engessada no planejamento que faz para suas aulas, não vê a possibilidade de relacionar os conteúdos das palestras a elas, a não ser que o tema tratado na palestra coincida com o tema tratado na aula. Percebemos que essa rigidez traz conseqüências negativas tanto para a professora, que não aproveita a ação dos palestrantes em suas aulas, como para os profissionais de saúde que, ao não planejarem conjuntamente com a professora, tem a sua ação terminada em si mesma. Vejamos o exemplo abaixo:

Então a gente teve a campanha da dengue, a gente foi com as crianças lá na... né, juntos com o posto de saúde, né. Saúde e escola juntos, com as crianças, eles viram tudo, tiveram palestras, tiveram os microscópios lá para eles verem o tamanho do mosquito, tal, tal, como que evita, como previne né, a dengue. Então eles... Dei a matéria na prova, todo mundo acertou, não teve um aluno que errou. Eles viram lá. Agora deixa eu te falar a melhor. Teve a campanha da doença de Chagas. Aí a agente de saúde foi na escola, deu o folheto, pediu para a gente trabalhar com os meninos. Não era época de eu estudar a doença de chagas entendeu?

VIRGINIA: Hum...

MARIA: Porque eu estudo no terceiro, [*corrige*] no quarto bimestre, quando eu estudo os protozoários.

VIRGINIA: Hum...

MARIA: Né que é o barbeiro transmite a doença de chagas, então que é um protozoário, que é através das fezes, que não picada. Isto também foi uma coisa... Eles ficam encabulados, né. Eles ficam: “Como, tia, que um bichinho pica e ele solta umas fezes deste tamanhinho e vai entrando...” E eu falo assim: “Entra na corrente sanguínea e vai dar infecção no coração. É isto que é doença de chagas”. Então eu não trabalhei na época. Teve a palestra para eles, tudo que eles puderam falar, eu também falei, junto com eles, o livro. Mas quando chegou a época de eu trabalhar os protozoários, aí eu aprofundei.

No que diz respeito à relação dos estagiários do curso de nutrição da UFVJM e a escola em que Maria atua, e, por conseguinte, ao trabalho sobre alimentação saudável ali desenvolvido, consideramos que esse trabalho poderia ser facilitado pela presença dos

estagiários. No entanto, ao analisarmos o que Maria tem a dizer a respeito dessa parceria, observamos que ela guarda um conflito entre o gosto e o desgosto, aprovação e desaprovção

Maria, num primeiro momento, mostra-se satisfeita com o trabalho feito pelos estagiários com as merendeiras, em relação às mudanças no cardápio e normas de higiene, afirmando ser “interessante as palestras com as cantineiras”.

Que [as merendeiras] [...] não sabem que abóbora, a cenoura, é todo tipo de legume e verdura vai dar né, vai se tornar aquela sopa tão cheia de nutrientes. Então hoje dia você chega lá tem um pouco de carne e... era mais carne e macarrão, hoje não. Você vê pouco macarrão, pouca carne e muito verde, muito amarelo e muito vermelho. Então é importante demais.

Depois que as [estagiárias de Nutrição] foram à escola, elas trabalharam higiene também. [...] Então está lá escrito na porta: “Não entre sem a touca”. Nunca existiu isto.

A professora avalia positivamente os conteúdos apresentados pelos estagiários nas várias atividades propostas, pois, segundo ela, essa é uma oportunidade que os alunos têm para conversar com pessoas capacitadas para tratar sobre alimentação. No entanto, observa-se uma contradição entre a avaliação positiva feita em relação aos conteúdos dados pelos estagiários e a forma que esses o planejam, pois, ao não envolverem a participação das professoras, muitas vezes impossibilitam a execução do planejamento que essas haviam feito para sua aula.

VIRGÍNIA: Nas coisas que, assim, por exemplo, os estagiários resolvem fazer. Qual que é a participação do professor?

MARIA: Nenhuma. Eles só entram na sua sala e falam assim: “Ô professora, eu vou entrar e vou falar isso”. Tudo é resolvido com o diretor. Ele não me pergunta... Eu não me importo, eu acho que todas as informações que vierem, de onde que vierem são importantes pro aluno. Mas eu tenho muitas colegas que reclamam de dentista, nutricionista, o outro que eu te falei...

VIRGÍNIA: Fisioterapia?

MARIA: Fisioterapeuta. Assim, elas reclamam que elas entram e, às vezes, elas preparam uma aula e não dá nada que no mesmo dia que o dentista vem, a nutricionista vem com a gelatina para os meninos

provarem e não dá tempo da gente dar os conteúdos, porque a gente não é avisado. E, realmente, não é.

VIRGÍNIA: E você acha que isso interfere na sua atividade...

MARIA: Interfere completamente.

VIRGÍNIA: Negativamente?

MARIA: Não. Negativamente... Assim, pros professores... Pra mim também, nós vamos deixar de estar trabalhando uma coisa que a gente preparou. Aí eu jogo pra outro lado, eu jogo que os meninos estão tendo informações diferentes de pessoas capacitadas. Então, eu não me importo. Eu me importo assim, de a gente não ter participação ativa nessas reuniões, nessas decisões.

Observamos, no final desse diálogo, que Maria busca compensar a interferência dos estagiários sobre suas aulas “jogando pra outro lado”, ou seja, ela valoriza a especificidade das informações transmitidas por eles e enfatiza a importância da interlocução desses com os alunos.

A falta da participação das professoras no planejamento das atividades dos estagiários gera insatisfação também porque, ao serem apenas comunicadas das decisões tomadas, as docentes sentem-se ultrajadas ao se verem impedidas de continuarem a agir de acordo com os costumes estabelecidos pela comunidade escolar.

Sobre o aspecto ressaltado acima, devemos ter em mente que a alimentação não se dá apenas para prover o organismo com os nutrientes necessários a sobrevivência, não é apenas “combustível” para o trabalho. A alimentação é também expressão de cultura, de hábitos, costumes e é justamente quando isso parece ser desconsiderado pelos estagiários que o desgosto de Maria se torna evidente. Vejamos o trecho abaixo:

MARIA: Assim, eu até queria te falar isso que eu fiquei muito chateada, sabe?

VIRGÍNIA: Com o que?

MARIA: Porque tem 23 anos que eu trabalho nessa escola. E os 23 anos que eu completei agora, dos 25 anos [de experiência], é dessa escola. Aí [as estagiárias] nos proibiram de entrar na cozinha.

[...] Eu me senti assim, como se... Que a gente entrava, assim... passava um... que sempre um aluno faz uma raiva na gente, aí pra você não fazer uma coisa que vai prejudicar um aluno ou você, aí você vai e toma um ar, toma uma água, vai lá no cafezinho. Então, a gente fazia isso. A gente vivia na cozinha tomando café, quando estava fazendo muito frio, ou mesmo não fazendo. E tomava água, e conversava com as meninas [as merendeiras]. E, de repente, puseram uma porta fechada por dentro e um

comunicado “Proibido a entrada”, aí nós nos sentimos assim, como se nós tivéssemos sido banidos... [...] eu não gostei de jeito nenhum.

[...] as minhas colegas, as outras, ficaram sabendo quando leram lá “Proibida a entrada”. Então, nós nos sentimos assim, sem casa.

[...] o que doeu foi isso, que a gente não teve participação.

Nessas falas a insatisfação de Maria com a orientação dos estagiários de Nutrição quanto à entrada de indivíduos estranhos ao trabalho na cozinha da escola fica evidente. Observamos também que essa ação proibitiva amputa uma dimensão afetiva contida no ato de ir à cozinha tomar um “cafezinho”, pois, ao ser proibida de entrar na cozinha, Maria perde sua válvula de escape para não reagir de forma imprópria quando passa alguma raiva com os alunos, perde a conversa informal com as cantineiras e, inclusive, a liberdade de transitar por um espaço que, de tão íntimo se assemelha a sua própria casa.

Reconhecemos que a medida imposta tem por finalidade seguir uma orientação sobre higiene e segurança na área de produção de alimentos, no entanto, mais uma vez a forma de atuação compromete a aceitação do que é feito pelos estagiários. É importante que, ao agir de acordo com suas funções na escola, o nutricionista/estagiário considere a dimensão subjetiva que o espaço adquire para os usuários do mesmo. Como vimos, a cantina não era apenas o lugar para preparo dos alimentos, mas, adquiria, para nossa professora, o lugar do alívio das pressões da relação professor-aluno, das trocas afetivas entre ela e as cantineiras e lhe inspirava tanta intimidade quanto sua própria casa.

Neste Núcleo, consideramos que as práticas docentes de Maria relativas à saúde e nutrição revelam uma verborragia em relação aos conteúdos ministrados, assim, ainda que a professora não se negue a nos falar sobre o que pensa, sente, ou faz em relação a esse tema em sua prática docente, consideramos que esse discurso revela-se pobre de idéias. Desvelamos nesse Núcleo que os sentidos da promoção da alimentação saudável na escola para Maria constituem-se mais por memória que por pensamento e, por repetir a própria experiência, ela confere a sua prática um caráter prescritivo.

5.3.4 - 4º Núcleo de Significação: A merenda é dez, mas o barzinho é a treva!

Nesse Núcleo buscamos, a partir do que Maria relata sobre o recreio e a merenda escolar e os costumes e práticas que se dão nesse tempo, analisar e entender o sentido que a promoção da alimentação saudável na escola tem para ela.

Em relação à oferta de merenda, Maria considera que essa seja uma obrigação da escola pública e apresenta, como primeira justificativa, o fato de “toda escola pública ter menino pobre”.

VIRGINIA: E você acha que é importante a escola ter uma merenda, oferecer merenda?

MARIA: Oh! Você tá louca. Tem criança que vai para a escola devido a merenda, menina. Oh, você não pensa que é Julia, que é... ou Mata Machado, que é centro de cidade, que estuda elite, ou que... né não. Porque toda escola pública tem menino pobre.

Segundo aponta Charlot (1986), os modelos sociais disponíveis na sociedade, se fazem presentes na escola, que pode reproduzi-los ou questioná-los. Josué de Castro, numa afirmação que ainda se mostra atual, demonstrou que a fome é um problema social em seu livro *Geografia da fome*, editado pela primeira vez em 1946. Para ele, diferente do discurso corrente a fome era uma condição determinada não pela falta de alimentos, mas, sim, pela injusta distribuição de riquezas (ANDRADE et al., 2003). A fome, assim, acaba sendo causada pela concentração dos meios de produção e da conseqüente desigualdade da distribuição de renda. Corroborando com essa idéia, Andrioli (2004) nos diz que a fome não se explica pela falta de produção de alimentos, e sim pela falta de acesso a esses por parte da população mais pobre.

Observamos, nas falas de Maria, que essa diferença de acesso a alimentação, gerada pela diferença de condição econômica, é uma realidade vivenciada na sua escola. Sendo assim, ela afirma que a escola tem alunos carentes que vão com fome para a aula. Para esses, a merenda escolar, segundo a professora, torna-se estímulo para a ida a escola e supre a falta de alimentos vivenciada em casa.

VIRGINIA: E na realidade da sua escola, como é que é?

MARIA: Da minha escola, é... Eu tenho menino, quer dizer a maioria, né... não. Eu não vou falar maioria, não. Eu tenho muito menino que tem condições, menino filho de comerciante, que os pais tem mercearia, filho de professor, filho de policial, que tem... né, filho de comerciante do bairro. Eu tenho muita criança... Nós temos muita clientela. Mas tem crianças na nossa escola que vem lá... do coisa da Bela Vista... lá... do Cazuza, sabe, onde que não tem nem água potável, nem encanação, água e esgoto, não tem. Não tem asfalto. Então, eles provavelmente, a maioria não tem, é filho de mãe solteira, a mãe vai trabalhar na casa dos outros e eles vão para a escola e merendam.

Outro aspecto que nos parece importante ressaltar é que, para Maria, o governo tem a obrigação de oferecer a merenda escolar principalmente para crianças que moram na zona rural. Nesse caso, ela não faz relação apenas com a pobreza da criança, mas, também, com a distância que essa tem que percorrer até chegar à escola.

É função do governo fornecer merenda, principalmente para criança da zona rural, né? Agora nós estamos na zona urbana, mas tem muita criança que mora longe da escola.

E esses alunos que vem de Datas, de Serro, de Guinda. De Sopa, de Pinheiro... tem uns que caminham... Levantam cinco horas da manhã, quatro horas da manhã, chegam na escola já com fome, aí eles comem tudo. Eles não vão em barzinho.

Maria apresenta uma variedade de justificativas para a necessidade da escola oferecer a merenda. Assim, somam-se à pobreza e a distância, circunstâncias que Maria denomina “problemas familiares”: mãe alcoolista, mãe que trabalha fora de casa, falta de quem cozinhe, preguiça da criança em esquentar o alimento que a mãe deixa preparado, filho de mãe solteira.

Como estou te falando, criança que não tem dentro de casa. Por que às vezes tem mãe que bebe o dia inteiro, você sabe disso. Tem mãe que trabalha o dia inteiro. Então se não tem uma pessoa para fazer, eles vão sem almoçar, ou esquentam, a mãe deixa para esquentar, eles tem preguiça de esquentar, né.

Então, eles provavelmente, a maioria não tem, é filho de mãe solteira, a mãe vai trabalhar na casa dos outros e eles vão para a escola e merendam.

Criança de São Paulo que veio com fome também.

Essa variedade de fatores nos leva a supor que Maria não considera que a oferta da merenda escolar seja uma questão de garantia do direito. Assim, a questão do direito perde-se nesse rol de fatores circunstanciais e a merenda adquire um caráter assistencialista e curativo. Percebemos com isso que, mais uma vez, como foi apontado no Núcleo que trata sobre as práticas docentes sobre saúde e nutrição, ela faz uma análise superficial, pouco crítica também em relação à oferta da merenda na escola. Mais uma vez ela utiliza para fazer suas análises os fatos concretos que se apresentam, ficando na aparência. Por não considerar os aspectos ligados aos seus determinantes político-econômicos, ela não consegue dar um salto qualitativo das análises que faz das experiências que vivencia. Com isso, acreditamos que ela perde a oportunidade de contribuir para a transformação da realidade em que vive e contribui para que a escola sirva como reprodutora da estrutura perversa e excludente da sociedade.

A despeito de tudo o que foi descrito acima, quando perguntamos para Maria sua opinião a cerca da merenda ela considera que a alimentação oferecida na escola é de qualidade. Assim, diz que a escola oferece uma merenda “nutritiva”, um lanche “super bem preparado, com todas as verduras, todos os nutrientes”.

Maria apresenta diferentes atitudes quando o que está em foco é a merenda escolar ou o barzinho. Para entender o que gera tais diferenças buscamos desvelar os motivos que as constituem.

Como pudemos observar nas falas de Maria, ela considera que a merenda é uma obrigação da escola pública que, por ter alunos carentes e em situação de insegurança alimentar³, da qual não pode se desvencilhar. Além disso, para ela, o oferecimento da merenda está relacionado à aprendizagem, uma vez que, “com fome o menino não aprende”. Ressaltamos que, atendendo a uma função que não diz do papel de ser professora

³ O conceito de insegurança alimentar se contrapõe ao de segurança alimentar, definido por Hoffman (1995, p. 159) como a “condição em que todas as pessoas dessa população têm, permanentemente, acesso a alimentos suficientes para uma vida ativa e saudável”. Destacamos a necessidade de adequação da alimentação em termos de quantidade, qualidade, adequação às necessidades específicas do sujeito e segurança microbiológica.

(aquele que define o lugar que Maria ocupa na escola), ela transforma o momento de acompanhar a merenda dos alunos (geralmente atribuído a um outro funcionário) em mais um momento de aula. Dessa forma, ao exercer uma função que a princípio não era sua, mas que lhe foi imposta pela escola, Maria a transforma em aula de modo a adequá-la ao seu papel de professora.

VIRGINIA: E como que você se sente [...] enquanto você está lá merendando, o quê que você sente?

MARIA: Uê. Isto que eu te falei. Eu sinto que eu estou... é uma aula que eu estou dando para eles. Aquilo ali também é aula. A hora do lanche é uma aula. Então, é uma aula de, quando eu falo assim: “Você não pode furar fila, por que no banco você não pode, nem na fila do INSS, nem na fila lá do Posto de Saúde, não pode furar”. É uma aula. Quando você fala assim: “Não joga comida em cima da mesa. Ou, se você não for comer tudo, pede para a servente colocar pouco porque o outro coleguinha vai querer”. E muitas vezes a merenda não dá porque tem gente que repete muito, entendeu? Minha turma é a última, a minha e da minha colega. Muitas vezes a merenda teve que ser modificada porque não sobrou.

VIRGINIA: Hum... hum...*[expressão de assentimento]*

MARIA: Entendeu? Por que, por causa da repetição. Então eu estou lá: “Não come, não põe o prato cheio se você não for comer, não põe”. Então eles ficam brincando, um põe, “eu não como cenoura então vou pôr no prato do coleguinha”. Então eu estou lá com eles toda, e estou ensinando para eles o comportamento a mesa. A hora que terminar de comer tem que por todos os pratos, cada um colocar seu prato na bacia. Aí o quê que está ensinando, que a gente tem que cooperar com as tarefas.

VIRGINIA: Hum... hum... *[expressão de assentimento]*

MARIA: Entendeu? Então todos eles terminam de merendar pegam o pratinho e põem lá dentro da vasilha, que fica uma bacia deste tamanho, assim, perto da porta da cantina, eles põem lá.

Acreditamos que o movimento que ela faz ao transformar o horário da merenda em aula, pode estar relacionado à tentativa de evitar o ressentimento ou a frustração de se ver num papel menos valorizado socialmente e/ou sentir-se sobrecarregada.

Ao realizar essa transformação, a professora implica-se e age de forma a incentivar o consumo da merenda por seus alunos. Assim, ela passa a estabelecer formas de comportamento que considera adequadas durante a refeição e merenda com os alunos, servindo de modelo para os mesmos, pois considera que essa atitude é positiva para o incentivo ao consumo da merenda.

MARIA: ... Eu como. [...] Eu merendo junto com meus alunos.

VIRGINIA: Por que esta escolha de comer junto com eles? O quê que isto representa para você?

MARIA: Eu estou mostrando para eles que aquilo é bom. Para... Eu sou formadora de opinião, uai. Se a tia está comendo é porque é bom, que faz bem.

A correlação que se pode fazer entre a escola oferecer a merenda escolar e a alimentação do barzinho não se dá pelo fato do alimento ser mais ou menos nutritivo, mas sim em relação à interferência que, para Maria, têm sobre a aprendizagem. Ela considera que a merenda supre uma necessidade dos alunos que, com fome, não conseguiriam aprender. Já o barzinho, vende alimentos de baixa qualidade nutricional e, além disso, interferem negativamente para a aprendizagem, pois gera “bagunça” e falta de atenção entre os alunos. Queremos dizer com isso que, o foco não está na qualidade da alimentação dos alunos, mas na contribuição/dificuldade que geram para a aprendizagem.

Eu estou passando e tomando os pirulitos. Porque eu não agüento mais. Ainda lê... Além de fazer mal, né, suja as folhas dos cadernos, o outro fica pedindo se não tem mais um pra me dar, entendeu? E atrapalha... O barzinho é a treva! Eu acho que tinha que sumir o barzinho da escola.

Quando incentiva os alunos a consumirem a merenda escolar, Maria não parece ter, como motivo para essa ação, o objetivo de promover a alimentação saudável na escola. O motivo, como já dissemos, é a necessidade de exercer o papel de professora. O mesmo se observa em relação à crítica que faz ao barzinho da escola, pois, essa crítica também não é motivada pela preocupação com a alimentação saudável, mas, sim, pela indisciplina dos alunos em sala de aula. Nos dois casos, a qualidade da alimentação e o valor nutricional dos alimentos oferecidos se constituem, como nos diz Leontiev (s. d.), em “motivos apenas compreendidos” que, apesar de serem referidos por ela, não são os que de fato agem mobilizando sua ação.

Durante as 4 horas e meia de duração das aulas deve ser realizado um intervalo destinado à alimentação e recreação. Nas entrevistas de Maria, podemos observar que, na escola em que ela trabalha, o tempo destinado a esse intervalo é curto (duração de 10

minutos). Sendo assim, os alunos vêm-se obrigados a destinar uma grande parcela do mesmo à alimentação, tendo seu tempo de divertimento e lazer comprometido. Retomamos aqui o momento em que Maria nos diz da indisciplina dos seus alunos, atribuindo o motivo da mesma aos alimentos vendidos no barzinho, para oferecer uma outra possibilidade de interpretação para tal comportamento.

A atribuição que Maria faz da indisciplina dos alunos à qualidade dos alimentos que o barzinho oferece, parece-nos uma interpretação imediatista que não leva em conta a própria organização da escola em relação ao tempo merenda/recreio. Por não buscar o processo de constituição da indisciplina, Maria reduz a causa da mesma ao nível individual, culpabilizando o aluno, e deixa de lado seus determinantes sociais e as condições objetivas, que para nós são exatamente a organização do tempo merenda/recreio e não o tipo dos alimentos. Sendo assim, podemos inferir que ela toma o aluno indisciplinado como um sujeito abstrato, pois, considera-o “isolado das relações sociais em que ele se forma e que lhe conferem a natureza”, sempre social (LOUREIRO, 1997).

Além disso, diferente do que Maria nos diz, consideramos que não só os alunos que compram a merenda no barzinho sejam prejudicados com o pouco tempo de intervalo.

Para Maria,

Quando a turma que merenda na escola tem o tempo certo, dez minutos, dá tempo deles merendar eles vem. Agora a turma do barzinho não dá conta de comer o pipocão, o pirulito, a bala, e levam, aí eu tenho que ficar até dez minutos, eu tinha que ficar: “Guarda a merenda, guarda o biscoito recheado”, eu vou, e muitas vezes eu pego e guardo. Quando não tem jeito eu pego e só devolvo, guardo no armário e só devolvo no final. Interfere, entendeu? E só bobeira, só coisa... Sabe? Que não faz bem. Então podia assim, eu achava que podia cortar barzinho de escola.

Ela não considera que, tendo “o tempo certo de merendar”, os alunos que merendam na escola ficam limitados na sua necessidade de divertimento e descanso, de se movimentar e de interagir com seus colegas e outros atores da escola. Maria também não faz a crítica de que, sabendo do pouco tempo que tem para alimentarem-se, muitos alunos comem apressadamente. Consideramos que seja importante que, ao contribuir para o incentivo da boa qualidade da alimentação dos alunos, a escola faça a opção de oferecer alimentos

saudáveis e garanta o tempo necessário para que sejam consumidos de forma saudável. Com o pouco tempo disponível, a mastigação, a percepção dos gostos, texturas e cheiros do alimento ficam prejudicadas. Tanto os processos metabólicos, como a digestão, como o prazer que a alimentação deveria proporcionar se perdem.

Observemos agora o seguinte trecho da fala de Maria:

É. Então eu estou merendando com eles, se bem que, que tinha que ser um momento de paz, né. Mas foi uma escolha nossa de estar merendando com eles. É...é... Se você tinha os dez minutos, se você quisesse ficar dentro da sala do professor merendando sossegada, tal, tal, aí você teria que ficar mais dez minutos. E como cortou pessoal e também não tem muita gente para ficar ajudando na merenda, aí a gente optou por isso, e aí ganha estes dez minutos.

MARIA: E, às vezes, a gente nem come como deveria, porque às vezes a gente tem que parar, levantar, ir lá, falar uma coisa, ensinar alguma coisa ou chamar atenção porque é... é... Largou o prato lá e foi correr. Entendeu?

VIRGINIA: Hum... hum...*[expressão de assentimento]*

MARIA: Então é um...

VIRGINIA: Então é como se não tivesse intervalo?

MARIA: É. Como, para eles é uma festa, mas para nós, talvez seja mais cansativo. Saiu da sala, tomou um ar, mas né, é cansativo, às vezes não dá tempo nem de ir ao banheiro.

A partir da fala de Maria podemos considerar que a organização do tempo merenda/recreio não é somente prejudicial aos alunos, mas também para ela que, por ter que acompanhar a merenda dos alunos se encontra privada do seu direito de descanso garantido pelo Decreto-Lei nº 5.452 (BRASIL, 1943). Podemos relacionar essas falas inclusive ao que foi apontando no Núcleo anterior: a desaprovação e o incômodo causado pela orientação dos estagiários de que os professores não poderiam mais entrar na cozinha uma vez que entendemos que, por duas vezes, Maria tem seu tempo-espço de descanso e “alívio” de tensões amputado.

Diante do exposto, gostaríamos de sintetizar os sentidos que foram desvelados nas análises desse Núcleo: ao tempo merenda/recreio e a alimentação oferecida é o de aula, ao direito a alimentação o assistencialismo, à alimentação na escola a contradição disciplina / indisciplina. Sendo assim, a promoção da alimentação saudável na escola adquire de o

sentido próximo a uma perspectiva curativa: para Maria a merenda escolar deve curar a fome para que haja aprendizagem.

5.2.5 - 5º Núcleo de Significação: A atividade realizada incorpora funções da família – a promoção da alimentação saudável na escola como maternagem

Durante a análise das entrevistas ficou evidente que, apesar de Maria entender não ser a principal responsável pela promoção da alimentação saudável, ela aceita assumir essa função quando aqueles que deveriam se responsabilizar, ou seja, os familiares, não cumprem a função que lhes cabe. Para Maria, escola e governo têm sua parcela de responsabilidade em relação à alimentação dos alunos, no entanto, em seu discurso é recorrente que ela afirme que a família é a principal responsável por essa ação.

Sendo assim, buscamos, nesse Núcleo, compreender como o fato de assumir uma função que, a princípio não considera sua, é vivenciado por Maria. Consideramos que esse Núcleo nos ajuda a compreender quais são os sentidos que Maria atribui à alimentação saudável, pois, na medida em que nos diz sobre quem são os responsáveis pela alimentação da criança, ela nos esclarece sobre o seu próprio papel e sobre como se sente ao exercê-lo.

Iniciamos por destacar a concepção de família que Maria parece cultivar. Tal concepção nos parece não abarcar a multiplicidade das formas de família produzidas pela cultura e pelos padrões de relações humanas atuais. Fica evidente que a idéia de Maria está fixada no modelo nuclear burguês. As estruturas de família existentes hoje englobam, por exemplo:

[...] a família de pais separados que realizam novas uniões, das quais resulta uma convivência entre os filhos dos casamentos anteriores de ambos e os novos filhos do casal; a família chefiada por mulher (em todas as classes sociais), a nuclear, a extensa, a homossexual (BOCK, 2002, p. 247).

A partir das falas de Maria acerca desse tema, consideramos que a concepção que a subjaz é idealista, conservadora e estereotipada. Sendo assim, os modelos de família que discrepam do que ela vivenciou e ao considerado ideal pelo modo dominante de pensar na sociedade são considerados “problemas”. Vejamos isso exemplificado nas falas de Maria:

MARIA: [...] trazem mil problemas de casa.

VIRGINIA: Que mil problemas, por exemplo?

MARIA: Todo tipo que você pensar.

VIRGINIA: Me dá um exemplo.

MARIA: É um pai separado da mãe, a mãe é... tem um irmãozinho dele com outro pai, entendeu? E o pai está com outra família. Então eles... Muitas vezes eles não sabem distinguir onde que ele está, sabe? E... e... chegam assim: “Ô tia, mãe está grávida, mas não é filho do meu pai, não. Que meu pai separou dela...” E arruma aquela confusão. Outro tipo, é... que não existia a dez anos atrás, agora tem. Os pais [*se referindo exclusivamente à figura paterna*] cuidando dos filhos. As mães abandonam e a família paterna cuida. Entendeu? Eu deparei com este problema este ano e achei pior do que quando o pai abandona.

[...] que a mãe não dá assistência nenhuma para ele. Então ele é, começava a agredir... o coleguinha... e brigava com todos os coleguinhas, ia nas carteiras de um por um, e... aquele negócio de apelido, sabe? Punha apelido em um, punha apelido no outro... Então quando eu conheci a história dele, que ele era criado pela família paterna... na primeira reunião de... de... pedagógica que a gente teve, que eu fui ver que ele na verdade era criado pelo pai e a avó, você acredita?

Szymanski (2001) destaca que é recorrente o discurso de professores sobre a “desestrutura” familiar e que tais falas servem como justificativa para o insucesso escolar de alguns alunos. Dessa forma, a não aprendizagem do aluno se explica pelo desinteresse, carência ou violência vivenciada pelos alunos e a culpa é atribuída a uma situação externa a escola que, assim, se exime de se responsabilizar.

MARIA: As mães abandonam e a família paterna cuida. Entendeu? Eu deparei com este problema este ano e achei pior do que quando o pai abandona.

VIRGINIA: Mas como que isto interferiu na sua atividade como professora?

MARIA: Eu tive que ter muito jogo de cintura, porque o menino era assim, eu não conseguia nem escutar, ele falava sem parar. Falava sem parar e... enaltecia a mãe, como se ela fosse uma... uma mãe, uma

princesa de mãe. [*Reproduzindo o discurso do aluno:*] “Que minha mãe ganha seis mil reais em Belo Horizonte, que minha mãe mandou isto para mim, que mandou aquilo, que me dá isto, que vai me buscar nas férias” E tudo na verdade é uma mentira, que a mãe não dá assistência nenhuma para ele. Então ele é, começava a agredir... o coleguinha... e brigava com todos os coleguinhas, ia nas carteiras de um por um, e... aquele negócio de apelido, sabe? Punha apelido em um, punha apelido no outro... [...] Aí ele tinha um comportamento completamente, sabe? É... assim... destrutivo para ele mesmo. Então, era todo dia Secretaria, aliás, Diretoria.

Maria, assim como as professoras sobre as quais Szymanski (2001) se refere, busca justificativas na família dos alunos para explicar porque eles não aprendem ou não tem um comportamento disciplinado. Também Ribeiro e Andrade (2006) apontam que é comum que as famílias sejam culpabilizadas pelo fracasso escolar. Pais pobres, com baixo grau de escolaridade e a “desestruturação” da família são características usadas para justificar a possível ineficiência dessas famílias para a transmissão de uma concepção de mundo, a que a escola considera adequada, à criança.

Diante do que considera uma falha da família, a professora afirma que a escola passa a ser obrigada, pelos pais dos alunos, a assumir uma série de funções que deveriam ser exercidas por esses.

MARIA: A família delega a gente um poder de ser mãe, de ser enfermeira, além de alfabetizadora. Além de professora, a gente tem que ser tudo isso. Então leva remédio para a sala de aula, leva até aquele micro de.. de...como é que é....

VIRGINIA: Micronebulizador...

MARIA: É. Para aparelho respiratório, a gente leva, [se corrige] eles levam para a gente aplicar. Entendeu? É.. é... trazem mil problemas de casa.

Segundo Maria, a escola tem que assumir funções que, a princípio, não lhe dizem respeito, porque as crianças têm chegado sem a “estrutura” que a família deveria ter lhes garantido através da transmissão de comportamentos adequados, valores e religiosidade.

MARIA: A função, igual estou te falando, a família e o sistema delega a gente função, mas a nossa função além de alfabetizar, de ensinar todo o conteúdo de Português, Matemática, Ciências, Geografia, História, nós

ainda temos a função de, né, de formar cidadãos, acho que a função primordial é formar cidadãos. A gente pára a aula até cinco vezes se possível, se for necessário, para falar, para conversar.

VIRGINIA: Falar sobre...

MARIA: Sobre comportamento, sobre virtudes, sobre valores, sobre família, sobre é... é... a importância de ter uma religião, entendeu? Por que a criança ultimamente ela está vindo assim... Eu acho que muito, muito mais sem estrutura. Por que é... é... antes era muita pobreza, às vezes, né, no tipo de escola de bairro que a gente trabalha. Carência, é... é... até de alimentação mesmo, é... depois problema de, foram surgindo os problemas familiares... Os mais antigos né como alcoolismo, drogas, estas coisas, e agora separação que tá mais assim, atrapalhando. Aí agente fala muito sobre isto, entendeu?

De fato, é inegável que a família tem a função social de transmitir às crianças a cultura, os valores, as idéias predominantes de um determinado tempo histórico, assumindo a conservação e manutenção dos padrões dominantes⁴ às novas gerações (BOCK, 2001). A Declaração dos Direitos da Criança (BRASIL, 1959) e o Estatuto da Criança e do Adolescente (BRASIL, Lei 8.069) dispõem que a família é responsável pelos cuidados necessários ao seu desenvolvimento completo e harmonioso, além de proporcionar um ambiente de proteção, cuidado, afeto, amor, compreensão e segurança moral e material à criança, assegurando abrigo, vestuário, alimentação, etc. Vale ressaltar que, embora sejam funções da família, essas são compartilhadas com outras instituições socializadoras, dentre elas, a escola.

Partindo do exposto acima, concordamos com a idéia de Maria que a família tem que cumprir várias funções. No entanto, consideramos que, nas falas de Maria, a relação família e escola aparece de forma dicotomizada, ou seja, é como se a família e a escola fossem dois universos distintos sem que fizessem parte da mesma realidade.

Além disso, Maria repete uma postura já apontada pela literatura que é a de, apesar dos pais serem chamados a participar da escola, a relação que se estabelece é sempre de ajuda dos pais às escolas, e, dificilmente, o contrário (RIBEIRO, ANDRADE, 2006).

⁴ Sabemos que há uma vasta discussão sobre os aparelhos ideológicos do Estado e a função desses na veiculação e manutenção da ideologia da classe hegemônica. Não desconsideramos que a família e a escola também possam servir a essa função. Entretanto, dada a complexidade do assunto e os objetivos dessa pesquisa, optamos por não incluir tal discussão nessa dissertação.

Da fala de Maria podemos apreender que, dentre as funções que ela considera que sejam da escola e dos professores, estão a alfabetização, o ensino dos conteúdos programáticos, a comunicação/repasso do conhecimento, ou seja, para ela, a função da escola e dos professores é informar. A família, por sua vez, segundo Maria, deve transmitir valores, virtudes, ensinar bons comportamentos, cuidar, estimular a boa alimentação e higiene.

Escola e família são, de fato, instituições que têm funções específicas. No entanto, as fronteiras que se estabelecem entre elas são porosas, ou seja, são fronteiras que, apesar de conferirem os limites e atribuições específicas para família e escola, permitem uma intercomunicação entre as mesmas. Sendo assim, consideramos que família e escola devam se posicionar como co-responsáveis pela promoção da alimentação saudável.

Para enfatizar como a escola pode contribuir na relação com a família, consideramos que, em situações em que a família esteja impossibilitada de cumprir suas funções, “as escolas podem criar um ambiente que venha a constituir-se num ‘espelho’ e num ‘mundo’ para as crianças, ajudando-as a caminhar para fora de uma ambiente familiar adverso e criando uma rede de relações, fora das famílias de origem, que lhes possibilite uma vida digna, com relações humanas amorosas e estáveis” (SZYMANSKI, 2003, p. 63). Longe de quereremos valorizar uma postura assistencialista da escola, citamos uma situação de fragilidade da família para demonstrar como a escola pode, no exercício de sua função como transformadora da sociedade, oferecer, a partir das atividades pedagógicas e do estímulo a capacidade crítica dos alunos, a possibilidade de construir relações mais benéficas para si no espaço escolar, assim como fora dele.

No entanto, observamos que quando, no cotidiano de Maria, a escola é chamada a cumprir funções relacionadas ao cuidado, por exemplo, a professora não relaciona tais ações à sua função pedagógica. Para ela, o cuidado (exemplificado no trecho abaixo que diz respeito ao relato da professora sobre a responsabilidade de dar antibiótico a um aluno), é realizado devido a sua característica “maternal”.

VIRGINIA: E você acha que é função sua como professora fazer isto?

MARIA: Não é função. Mas se o menino está tomando remédio de oito em oito horas, deu quatro horas é hora do remédio dele, ele tem condições de ir à aula, ele está fisicamente bom, tem condições de ir na aula. Eu

prefiro mil vezes que ele vá a aula e eu dê este é... é... remédio, mais é, como é que fala, é... que dá para infecção.

VIRGINIA: Antibióticos?

MARIA: Antibióticos. De hora marcada, mais são estes. Então se ele está bem, melhor ele estar na aula, aprendendo, né. E o quê que custa, “Ô tia, quatro horas eu tenho que tomar remédio”. Aí se for, eu mando eles lá cantina, ou então eu mando buscar um copo d’água e eles tomam lá mesmo, quando é líquido eu mesmo ponho na colher e dou, isto não vai me atrapalhar em nada, uê.

VIRGINIA: Hum... hum... [*expressão de assentimento*] Você acha que não interfere...

MARIA: Não... Não interfere, não. Eu acho que não é papel da escola.

VIRGINIA: Hum... hum... [*expressão de assentimento*]

MARIA: Não é. Mas no meu caso, como eu sou muito maternal e detesto falta, porque eu acho que perde demais conteúdo. Eu prefiro que eles vão.

MARIA: Porque a escola, é igual eu te falei, nós somos educadores em vários sentidos, mas nós não temos a obrigação de ficar dando remédio menino, não. Mãe mandando menino pedir remédio diretor... Você já viu isso? [...] Eu me sinto frustrada, completamente. Porque eu acho que talvez os problemas, vários problemas igual eu já te falei, que as crianças estão... as famílias estão se distanciando demais. As famílias estão quebrando os laços todos... Você entendeu? O filho que tem um irmão que é filho de outro e assim vai...

Consideramos que o diálogo transcrito acima confirma o nosso entendimento de que Maria, quando fala da escola e dos alunos, o faz baseada em concepções idealizadas, pois, desconsidera que as condições reais em que os alunos vivem se fazem presentes como elementos constitutivos de sua própria atividade docente. Além disso, quando declara que, ao ser solicitada a dar o remédio ao aluno, o faz por ser maternal, Maria deixa claro que o faz por concessão ou como favor à criança.

Maria considera que, também em relação à construção de hábitos alimentares saudáveis, a família apresenta-se como principal responsável e que, se por vezes a escola assume essa função, é como resposta a uma atribuição feita pela família.

MARIA: Então este papel de estar, além de ensinar Português, Matemática, História, Ciências, Geografia, você tem que ser professora [*risos*] de Religião, você tem que ser professora de Nutrição [*risos*], de higiene, tudo, tudo que você pensar.

VIRGINIA: Você acha que este ser professora de Nutrição, ser professora de higiene, é função sua ou é uma função que está fora e que você teve que teve que agregar.

MARIA: É da família. É da família.

Mais uma vez, uma função compartilhada entre família e escola é encarada pela professora como uma função extra que lhe é atribuída. Consideramos que, de fato, a família tem um papel determinante na formação de hábitos alimentares saudáveis. No entanto, a escola, as redes sociais, as condições socioeconômicas e culturais em que os sujeitos vivem também são determinantes no processo de construção de hábitos alimentares nas crianças.

Maria justifica parte das ações que relata em relação ao cuidado com seus alunos com a maternagem. Mas algumas questões continuam sem resposta: se não faz parte de suas funções, porque, no seu papel de professora, deverá fazê-lo? Se não custa a ela, porque se frustra? Entendemos que seja justamente a visão idealizada de Maria que a deixe tão confusa quando é levada a pensar sobre uma situação real, com um aluno real.

Tal dificuldade acaba por explicitar a falta de clareza que Maria apresenta sobre o que é função do professor e o que, na verdade, se apresenta como extensão do trabalho da mulher e da mãe. Além disso, não consegue elaborar uma crítica que considere como, tal extensão, compromete o trabalho docente.

Para Carvalho (2000) quando a escola adota uma política que se baseia num modelo ideal de família ou atribui a ela a responsabilidade pelo sucesso escolar da criança, o próprio trabalho docente passa a ser permeado por contradições. Além disso, quando as fronteiras entre o trabalho da escola e da família não são definidas, pode surgir uma desvalorização do *status* profissional da professora.

Na presente pesquisa, pudemos observar que essa desvalorização do *status* profissional é feita pela própria professora. Sem considerar que, quando cuida dos alunos tal qual uma mãe o faria, isso desvaloriza seu saber e formação especializada para o trabalho com a promoção da aprendizagem dos alunos.

Quando busca promover a alimentação saudável entre os alunos como maternagem, Maria não se coloca no lugar de professora e, com isso, o trabalho exercido fica prejudicado. Por não incluir essa questão no rol do que considera suas funções como docente, a promoção da alimentação saudável não é motivo de reflexão sistemática, organização, planejamento por parte de Maria.

Concordamos com Fusari (1988, p.44) quando esse afirma que “não há ensino sem planejamento. Se é a escola é o lugar onde, por excelência, se lida com o conhecimento, não podemos agir com base no improviso, ensinar requer intencionalidade e sistematização”.

Maria parece ter uma visão idealizada da família, do aluno e do seu próprio papel como professora. Para essa professora, existe um modelo abstrato de aluno, dotado de uma certa “estrutura”, que compõe o que é considerado como modelo correto de aluno. Os limites que definem sua função como professora não consideram que as condições objetivas em que os alunos vivem são constitutivas da atividade docente. Além disso, para ela, a família nuclear parece ser a única capaz de assegurar boas condições ao desenvolvimento da criança. Apontamos que Maria, a partir da idealização que faz dessas instituições, idealiza também a própria relação entre elas.

Os sentidos que Maria atribui à promoção da alimentação saudável na escola estão calcados nessa visão idealizada. Por não perceber escola e família como instituições com fronteiras comuns e responsabilidades compartilhadas, Maria, não circunscreve a promoção da alimentação saudável em sua função como docente. O sentido dessa ação é de “algo a mais”, tencionado pela contradição da aceitação de exercê-la por ser maternal e, ao mesmo tempo, lhe causar sobrecarga de funções e frustração.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A promoção da alimentação saudável na escola se mostra como uma importante estratégia para a promoção da saúde dos indivíduos. O nosso interesse pelo estudo dos sentidos que uma professora de séries iniciais do Ensino Fundamental atribui à promoção da alimentação saudável, no contexto escolar, se relaciona a necessidade de produzir conhecimentos a esse respeito considerando o papel exercido pelo professor, suas possibilidades e limitações.

O primeiro achado que gostaríamos de retomar é o fato de que, apesar da professora se dizer implicada com a promoção da saúde e da alimentação saudável na escola, por diversas vezes ela se mostrou com dificuldades em articular um diálogo em que esses assuntos fossem tratados de forma crítica. Pareceu que, para ela, era difícil considerar a relação entre esses conceitos, assim como articular os determinantes das condições de saúde, o espaço escolas, e o papel como docente.

Nas falas de Maria foi incomum encontrarmos elementos que demonstrassem que, ao ser levada a refletir sobre a alimentação na escola, considerasse a possibilidade da configuração da escola como espaço promotor da construção de hábitos alimentares saudáveis. Para Maria, a noção de Promoção da Saúde não está construída e a visão de saúde adotada por ela é, ainda, uma concepção baseada na perspectiva curativa. Apontamos isso quando dissemos sobre a limitação da professora em relacionar os temas que considerava sobre alimentação e os de Nutrição, considerando-os como dois conceitos diferentes, sem, no entanto, conseguir explicitar os significados dos mesmos. Em outros momentos, quando Maria descrevia ações que considerava de promoção da saúde, apontamos o caráter prescritivo assumido pelas mesmas.

A esse respeito, gostaríamos de enfatizar que a promoção da alimentação saudável na escola não pode ser considerada como algo dado, ou seja, que esteja pronto na realidade, podendo ser aplicado na escola de forma mecânica. Diferente disso, o que fica claro é a necessidade de considerar a promoção da alimentação saudável como uma construção social, marcada pelo processo histórico e o contexto em que se dá.

Consideramos que, para que o professor possa ter uma prática promotora da alimentação saudável na escola é necessário que ele se aproprie de conhecimentos científicos a respeito dessa temática. A partir da construção do conhecimento acerca da alimentação saudável por parte do professor, haverá uma mudança da própria relação estabelecida entre tais conteúdos e a prática docente.

Sendo assim, se o conhecimento científico sobre a alimentação saudável for incorporado no sistema de significações do sujeito ele passará a servir como motor para a atividade do sujeito frente a essa temática. Ou seja, a nova estrutura do pensamento do indivíduo se materializará por meio da sua atividade.

No entanto, o caminho entre o pensamento e a atividade não é um caminho de mão única. Sendo assim, a materialização desse conhecimento na prática gera também transformações no próprio pensamento, pois, a partir a reflexão sobre a prática, o conhecimento científico poderá ser avaliado, validado e transformado. O novo conhecimento produzirá, então, novas práticas, dando continuidade ao curso histórico do desenvolvimento da atividade do professor.

Portanto, as possibilidades de criar uma forma mais adequada de trabalhar a alimentação saudável não estão dadas, dependem de uma construção do sujeito na atividade. Sendo assim, a promoção da alimentação saudável, antes considerada por Maria uma função da família, exercida por ela como maternagem, é passível de ser re-significada e transformada, de modo a ser inserida no sistema de significações de Maria sobre suas funções como professora.

Aproveitamos para destacar ainda a importância do trabalho em parceria dos profissionais ou estudantes da Nutrição e os professores. Como bem afirma Vigotski (2001), o conhecimento científico não é construído pela experiência direta dos indivíduos. Pelo contrário, devido ao grau de abstração que exige, ele deve ser mediado. Sendo assim, e tendo o estagiário/nutricionista como alguém que detém o conhecimento científico a respeito da alimentação saudável, consideramos que esse possa servir como elemento mediador entre os conhecimentos científicos que embasam o conceito de alimentação saudável na escola e o professor. Não consideramos que a mediação se refira apenas à transmissão dos conhecimentos científicos a respeito de tais conteúdos, mas a mudança da relação entre tais conteúdos e o professor (e sua atividade docente).

Ainda sobre o trabalho envolvendo estagiários/nutricionistas e professores, realçamos a qualidade da relação estabelecida entre os mesmos para reafirmar a necessidade da formação de um trabalho em parceria, ou seja, guiado por objetivos comuns, numa relação de co-responsabilização.

Consideramos importante ressaltar ainda a necessidade de que, nos trabalhos desenvolvidos em escolas, os estagiários/nutricionistas levem em consideração as relações sociais que ali se estabelecem, pois, como pôde ser evidenciado nessa pesquisa, uma prática que desconsidere tais relações pode, ao contrário do que se deseja, agir como uma barreira à construção da parceria que consideramos profícua quando se trata da promoção de hábitos alimentares saudáveis.

Nessa pesquisa, tomamos o professor, o que ele diz sobre a atividade frente a promoção da alimentação saudável na escola como foco de análise para, assim, alcançarmos as zonas de sentido. Pertinentes com o referencial teórico que adotamos, consideramos que o professor não é um sujeito abstrato. Portanto, as condições gerais de organização do espaço escolar, ou seja, as condições em que o trabalho docente se dá devem ser consideradas, na medida em que são determinantes da atividade realizada pelo professor.

Sendo assim, destacamos a importância da construção do objetivo de construir uma escola promotora da saúde e, portanto, preocupada com o incentivo de bons hábitos alimentares por parte dos seus alunos.

Diante disso, consideramos que a forma como as condições objetivas, ou seja, a organização da escola e seu posicionamento frente à promoção da alimentação saudável são fundamentais para que os professores possam, no exercício da sua atividade docente, promover a construção de hábitos saudáveis.

Na escola em que a pesquisa foi realizada o horário da merenda/recreio é de 10 minutos. Com isso, os alunos vêm-se obrigados se alimentarem rapidamente, buscando garantir algum tempo para sua recreação. Os professores, por sua vez, tendo que cuidar da disciplina dos alunos, enquanto eles se alimentam ou brincam, ficam sem a garantia do direito ao descanso, transformando o recreio em mais um momento de aula.

Sobre isso, três pontos se destacam: primeiramente, ressaltamos a importância do horário de recreio seja suficiente tanto para que as crianças possam brincar e exercer os

movimentos do corpo que ficam contidos durante as aulas, interagir com os colegas e demais atores da comunidade escolar, como que a alimentação se dê de forma saudável. Ou seja, ao alimentarem-se, os alunos devem poder mastigar, perceber cores, texturas e cheiros dos alimentos que ingerem.

Em segundo lugar, gostaríamos de esclarecer que o horário da merenda/recreio deva se constituir como uma oportunidade de aprendizagem por parte dos alunos, inclusive sobre as questões sobre alimentação e Nutrição, mas discordamos da postura de se transformar tal momento em um horário de aula, principalmente considerando o caráter prescritivo adotado pela professora. Deste modo, destacamos a importância de que a escola se constitua como um ambiente saudável, ou seja, que construa condições objetivas promotoras da saúde e da alimentação saudável. Com isso, cremos que a aprendizagem dos alunos se dará na medida em que, vivenciando na escola hábitos alimentares saudáveis, ou seja, recebendo uma alimentação segura e nutricionalmente balanceada, o aluno passe a adotar tais hábitos também na sua vida fora da escola.

O terceiro ponto que gostaríamos de ressaltar é a importância, considerando a promoção da saúde em um sentido amplo, de se garantir ao professor um tempo de descanso durante sua jornada de trabalho. Além de ser o direito do trabalhador, consideramos que tal descanso seja necessário como garantia de um tempo para alívio das tensões vivenciadas pelo professor no seu dia-a-dia na escola.

Recuperando aspectos que dizem respeito à relação entre a família e a escola, destacamos a importância de romper com visões dicotômicas ou idealizadas dessas instituições e da relação entre elas. Ressaltamos, mais uma vez, a necessidade da construção de objetivos comuns como fundamental para formação de parcerias bem sucedidas. Consideramos que seja necessário que escola e família mantenham um posicionamento crítico da relação que mantém entre si, do que as une e as afasta, sobre qual o projeto de sociedade pretendem construir e de, como e se a saúde dos indivíduos tem sido considerada nesse projeto.

As discussões sobre promoção da saúde e da alimentação saudável só fazem sentido se consideradas dentro de um projeto de sociedade. Uma sociedade consciente, crítica, capaz de avaliar-se, reavaliar-se e tomar decisões apropriadas para a construção do “completo bem-estar físico, mental e psicossocial” que define uma boa condição de saúde.

Destacamos ainda a importância de considerar a qualidade da alimentação como fator determinante das condições de saúde da população, uma vez que grande parcela das doenças crônicas não transmissíveis poderiam ser evitadas com a adoção de hábitos alimentares mais saudáveis, como uma dieta balanceada e exercícios físicos.

Consideramos que os conflitos, incoerências, dificuldades e limites, assim como as possibilidades de superação e avanço aqui apresentadas, ajudam a compreender como a promoção da alimentação é vivenciada na escola. Esse primeiro passo, ainda que sirva para criar um novo conhecimento sobre uma pequena zona da realidade, constitui-se relevante para a busca da construção de uma escola promotora da saúde, pois, concordamos com Clot (2006) quando afirma a necessidade de “conhecer para transformar, e transformar para conhecer”.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Wanda Maria Junqueira. A pesquisa em Psicologia Sócio-Histórica: contribuições para o debate metodológico. In: BOCK, Ana Mercês Bahia; GONÇALVES, Maria da Graça Marchetti; FURTADO, Odair (Orgs.). **Psicologia Sócio-histórica: uma perspectiva crítica em psicologia**. São Paulo: Cortez, 2001. p. 129 - 140.

AGUIAR, Wanda Maria Junqueira et al. Reflexões sobre sentido e significado. In: **A dimensão subjetiva da realidade**. São Paulo: Cortez, 2009.

AGUIAR, Wanda Maria Junqueira; OZELLA, Sérgio. Núcleos de significação como instrumento para a apreensão da constituição dos sentidos. **Psicologia Ciência e Profissão**, Brasília, v. 26, n. 2, p. 222-245, jun. 2006.

ANDRADE, Manuel Correia de. **Josué de Castro e o Brasil**. São Paulo: Editora Fundacao Perseu Abramo, 2003. (Coleção Pensamento Radical)

Andrioli, Antonio Inácio. Fome Zero: Transgenicos Zero! . **Revista Espaço Acadêmico**, s. v., n 34, março/2004. [online] Disponível: <emhttp://www.espacoacademico.com.br/034/34andrioli.htm> Acesso em 10/11/2009.

AQUINO, Wanessa Françoise da Silva. **Implementação da Educação Nutricional no serviço público de saúde na visão de profissionais de saúde e usuários deste serviço**. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Políticas e Pesquisa em Saúde Coletiva) – Universidade Federal de Juíz de Fora, 91 p. 2006.

BOCK, Ana Mercês Bahia e Aguiar, Wanda Maria Junqueira. **Por uma prática promotora de saúde e orientação vocacional. A escolha profissional em questão**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1995.

BOCK, Ana Mercês Bahia. **Aventuras do Barão de Münchhausen na psicologia**. São Paulo: Cortez, 2001.

BOOG, Maria Cristina Faber . **Educação Nutricional em serviços públicos de saúde: busca de espaços para ação efetiva**. Tese de Doutorado : Faculdade de Saúde Pública, Universidade de São Paulo, 298p. 1996.

BOOG, Maria Cristina Faber. Educação nutricional em serviços públicos de saúde. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 15, s. n., p. 139-147, 1999.

BOOG, Maria Cristina Faber. Educação nutricional: passado, presente e futuro. **Revista de Nutrição da PUCAMP**. Campinas, v.10, n. 1, p. 5 - 19, jan/jun. 1997

BRASIL, Ministério da Saúde. **Escolas Promotoras de Saúde: experiências do Brasil**.

Carone, Iray. A dialética marxista. : LANE, Sílvia T. M.; CODO, Wanderley (Orgs.) **Psicologia Social**

homem em movimento. São Paulo: Brasiliense, 1995.

BURGESS, A.; DEAN, R. F. A. **La malnutrición y los hábitos alimentarios.** Washington: OPAS/OMS, 1963.

CARVALHO, Maria Eulina Pessoa de. Relações entre família e escola e suas implicações de gênero. **Cadernos de Pesquisa**, s. l., n. 110, p. 143-155, julho/2000.

CHARLOT, Bernard. **A Mistificação Pedagógica: realidades sociais e processos ideológicos na teoria da educação.** 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

CIAMPA, Antônio da Costa. Identidade. In: LANE, Sílvia T. M.; CODO, Wanderley (Orgs.) **Psicologia Social: o homem em movimento.** São Paulo: Brasiliense, 1995.

CIAMPA, Antônio da Costa. **Identidade: um estudo de psicologia social sobre a estória do Severino e a história da Severina.** Tese de Doutorado, São Paulo: PUC, 1986

COITINHO, D. C.; LEÃO, M. M.; RECINE, E. & SICHIERI, R. **Condições nutricionais da População Brasileira: Adulto s e Idosos – Pesquisa Nacional Sobre Saúde e Nutrição.** Brasília: INAN (Instituto Nacional de Alimentação e Nutrição). 1991.

FUSARI, José Cerchi. **Séries Idéias.** n° 08, São Paulo: FDE, 1988.

GAGLIANONE, Cristina Pereira et al. Educação nutricional no ensino público fundamental em São Paulo, Brasil: projeto Redução dos Riscos de Adoecer e Morrer na Maturidade. **Revista de Nutrição**, v. 19, n. 3, p. 309 - 320, jun. 2006

HAGUETTE, Teresa Maria Frota. **Metodologias qualitativas na sociologia.** 7. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2000.

HOFFMANN, Rodolfo. Pobreza, insegurança alimentar e desnutrição no Brasil. **Estudos avançados.** v. 9, n. 24, p. 159-172. 1995.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Em 2008, esperança de vida dos brasileiros chega a 72,86 anos.** Disponível em:
<http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=1507&id_pagina=1>
Acesso em: 01 dezembro de 2009.

KAC, Gilberto; VELASQUEZ-MELENDZ, Gustavo. A transição nutricional e a epidemiologia da obesidade na América Latina. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 19, suppl. 1, p. S4-S5, 2009. [online] <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2003000700001&lng=en&nrm=iso>.

KRAUSE, M. V. **Alimentos, nutrição e dietoterapia: o cuidado nutricional.** São Paulo: Rocca, 1998.

LEITE, Sérgio A. S.; COLOMBO, Fabiana A. **A voz do sujeito como fonte primária na pesquisa**

qualitativa: a autoscopia e as entrevistas recorrentes. (no prelo)

LOUREIRO, Marcos C. S. Psicologia escolar: mera aplicação de diferentes psicologias à educação? In: PATTO, Maria Helena Souza (Org.). **Introdução à Psicologia Escolar**. 3ª ed., São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.

LOWY, Michael. **Ideologias e Ciência Social: elementos para uma análise marxista**. 11ª ed. São Paulo: Cortez, 1996.

LURIA, A. R. A Atividade Consciente do Homem e suas Raízes Histórico-Sociais. In: LURIA, A. R. **Curso de Psicologia Geral**. Volume I. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.

MACEDO, Roberto Sidinei. **A etnopesquisa crítica e multirreferencial nas ciências humanas e na educação**. Salvador: EDUFBA, 2000.

MACHADO, Virgínia Campos; SANTOS, Lidiane Cristina Arantes dos. **Sentidos e significados atribuídos ao aleitamento por mães de Diamantina/MG**. XX p. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Nutrição) – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, Diamantina, 2007.

MARX, Karl; ENGELS, Frederich. **A ideologia alemã**. São Paulo: Hucitec. 1984.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo: Hucitec-Abrasco. 1996

MOURA, João Batista Vianey Silveira et al. Perspectiva da epistemologia histórica e a escola promotora de saúde. **História, ciências, saúde-Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 2, p. 489 - 501, jun. 2006

MURTA, Agnes Maria. **Da Atividade Prescrita ao Real da Atividade: análise da atividade docente em uma escola regular, sob a perspectiva da Psicologia Sócio-Histórica e da Clínica da Atividade**. 222 p. Tese (Doutorado em Educação: Psicologia da Educação) – PUCSP, São Paulo, 2008.

OLIVEIRA, Betty. A dialética do singular-particular-universal. In: ABRANTES, Angelo Antonio; SILVA, Nilma Renildes da; TERESINHA, Sueli. **O método materialista histórico na Psicologia Social**. Petrópolis: Vozes. 2005.

PEDRAZA, Dixis Figueroa. Padrões Alimentares : da teoria à prática, o caso do Brasil. **Revista Virtual de Humanidades**, v. 3, n. 9, s.p., jan/mar, 2004.

PELICIONI, Maria Cecília Focesi; TORRES, André Luís. **A escola Promotora de Saúde**. São Paulo: Faculdade de Saúde Pública da USP. 1999. (Series Monográficas, 12).

PINO, Angel. A Psicologia Concreta de Vigotski: Implicações para a Educação. In: PLACCO, V. Maria Nigro de Souza (Org.). **Psicologia e Educação: Revendo Contribuições**. São Paulo: Educ, 2002. 33-61.

- PRATA, Pedro Reginaldo. A transição epidemiológica no Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 2, p. 168 – 175, jun. 1992 .
- REY, Fernando Gonzáles. **La investigación cualitativa em psicologia: rubos e desafios**. São Paulo: Educ, 1999.
- RIBEIRO, Daniela de Figueiredo. A assimetria na relação entre família e escola pública. **Paidéia**, v. 16, n. 35, p. 385-394. 2006.
- RIBEIRO, Maria Luisa Santos. **História da Educação brasileira: a organização escolar**. 19. ed. Campinas: Autores Associados, 2003.
- RONCA, Vera de Faria Caruso. **Docência e Ad-miração (da imitação à autonomia)**. São Paulo: Edesplan, 2007.
- SANTOS, Lígia Amparo da Silva. **O corpo, o comer e a comida: um estudo sobre as práticas corporais e alimentares cotidianas a partir da cidade de Salvador – Bahia**. Tese (Doutorado em Ciências Sociais com ênfase em Antropologia) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 338 p., 2006.
- SEVERINO, Antonio Joaquim. **Educação, Sujeito e História**. São Paulo: Olho d'Água, 2002.
- SZYMANSKI, Heloisa (Org.); ALMEIDA, Laurinda Ramalho de; PRANDINI, Regina Célia Almeida Rego. **A entrevista na pesquisa em educação: a prática reflexiva**. São Paulo: Plano Editora, 2002.
- VIGOTSKI, Lev S. **A construção do pensamento e da linguagem** 2001.
- VYGOTSKY, Lev S. **A Formação Social da Mente: o desenvolvimento dos processos superiores**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

APÊNDICE A – Roteiro de Entrevista

- 1- Nome, idade, profissão
- 2- Onde nasceu
- 3- Como foi a infância
- 4- Relacionamento com pais e irmãos
- 5- Como foi a vida escolar?
- 6- Em que escolas estudou? Como foi essa experiência?
- 7- Lembra-se de alguma situação em que a nutrição era trabalhada nas atividades escolares?
- 8- E outras situações de promoção da saúde na escola que estudou?
- 9- Como escolheu ser professora?
- 10- Há quanto tempo trabalha como professora?
- 11- Há quanto tempo nessa escola?
- 12- O que é função do professor?
- 13- Qual a sua concepção de educação?
- 14- Papel da escola.
- 15- Formação profissional: participa de cursos de atualização profissional? Algum deles aborda(ou) o tema “educação nutricional” ou “promoção da saúde”?
- 16- O que é saúde?
- 17- O que é Promoção da Saúde?
- 18- A Educação Nutricional pode ser uma estratégia para a Promoção da Saúde? Como? Como isso se dá na escola?
- 19- Qual é o papel da escola?
- 20- Como a escola se relaciona com a saúde e a educação nutricional?
- 21- Qual é o papel do professor?
- 22- Como o papel do professor se relaciona como a saúde e a educação nutricional?
- 23- Como isso se dá no dia-a-dia da sala de aula? Exemplos do cotidiano escolar.
- 24- Como o grupo (professores, coordenação) se organiza?
- 25- O que a escola tem que ajuda/atrapalha na atividade deste professor?
- 26- Merenda escolar

2ª entrevista: realizada no dia 01/07/2009

Quando entrei em contato com a professora para marcar a 2ª entrevista ela afirmou que a maioria das atividades que realiza e que estejam relacionadas com a nutrição já haviam sido mencionadas na primeira entrevista mas que havia um item que gostaria de adicionar: o trabalho referente a verminoses, citando a importância de lavar bem os alimentos e o risco de contaminação por consumo de carne de porco.

Outras perguntas foram feitas, baseadas nas lacunas e pontos que careciam esclarecimento depois da 1ª entrevista:

- Morou na fazenda até os oito anos de idade: como era a alimentação na fazenda? Que alimentos estavam disponíveis?
- Como avalia o estado nutricional de seus alunos? Percebe desnutridos? Obesos?
- “O objetivo da escola é formar cidadãos”: O que é um cidadão? Que tipo de cidadão?
- “Carência de alimentação”: como isso é tratado na sala de aula? Interfere na atividade docente? Como? Interfere na aprendizagem? Qual o papel da escola frente a isso? Qual o papel do professor? Tem apoio da escola/coordenador/diretor?
- Parceria com a faculdade: como fica o papel do professor? O que muda na atividade docente? Como se sente no trabalho em parceria?
- Merenda oferecida pela escola x barzinho. Qual seria o papel da professora diante dos problemas gerados pelo barzinho na escola? Que problemas são esses? Porque cortar o barzinho da escola é a solução?
- O que é uma merenda nutritiva?
- Qual era a base da sua alimentação na infância? O que era mais comum? Quais alimentos só eram consumidos raramente? Qual o critério para escolha dos alimentos?
- Meios de informação para a docência: TV, Globo Repórter, Livro didático – como usa cada um deles?
- Quais são os principais temas trabalhados em livro didático? O que acha da seleção dos temas?
- Fala que não é obrigada a trabalhar muitos assuntos em sala de aula, e mesmo assim, trabalha: que tipo de coisa que ela aprende e acha interessante trabalhar em sala de aula? Porque? Como esses assuntos se relacionam aos conteúdos curriculares?
- Alunos que provavelmente passam fome: qual o papel da escola nesse tipo de situação? Como isso aparece/interfere na atividade da professora?
- “Problemas causados por uma alimentação ruim”: o que são? Relacionar com a atividade.
- Falar mais sobre a parceria da escola com o PACS: quais são os objetivos? Qual o benefício para a escola?
- “Todos devem ser professores de saúde”: qual a especificidade do professor?
- Como a escola se organiza frente a promoção da alimentação saudável?
- Voltando na História de vida: como se constitui o hábito alimentar de Maria e sua família? Como era a alimentação na infância?
- Como decide sobre a alimentação da família?
- Que alimentos consome? Como faz as opções? Como organiza os horários?
- O que ela fala para os alunos se torna verdade no seu dia-a-dia?
- Acompanha a organização da merenda na escola?
- Como se utiliza dos conhecimentos em nutrição em suas aulas?

APÊNDICE B – 1ª ENTREVISTA MARIA

VIRGINIA: Esta é a nossa primeira entrevista e vamos começar com você contando sobre sua vida, tudo, desde o comecinho, mesmo.

MARIA: Eu nasci em um município, aliás no distrito de Carbonita, porque meus pais eram fazendeiros né. E como era novembro, tempo de chuva não deu tempo de chegar aqui, porque a estrada ainda era de terra , aí eu nasci em Abadia município de Carbonita.

VIRGINIA: E ai você viveu lá?

MARIA: Eu vivi lá até os 8 anos. Aí eu fui estudar depois em Planalto de Minas, porque minha mãe que era meu alfabetizador. Chegou um tempo que não dava mais e eu fui para Planalto de Minas aonde a gente tinha parentes também ai eu terminei o quarto ano né. Agente falava quarto ano na época. E terminando o quarto ano acabava também os estudos lá.

VIRGINIA: Era internato?

MARIA: Não. Planalto de Minas era até distrito aqui de Diamantina também. Só que ia até quarta série.

VIRGINIA: E ai você morava onde?

MARIA: Morava na casa de uma parente nossa. Tia de meu pai. Aí terminando a quarta não tinha onde correr. Ai tinha que vir para cá, ou Belo Horizonte. Ai eu tinha duas tias no Rio de Janeiro.e uma minha madrinha e pedi meu pai para estudar lá. Fiquei lá um ano e não consegui me adaptar nisso... pegar ônibus, tudo era muito longe. Irajá, hoje um bairro muito conceituado. Na época não tinha boas escolas tinha que ir para outro bairro, aí tinha uma escola que era de umas irmãs, sabe estas irmãs de caridade, tipo, era internato. No caso minhas tias não quiseram que eu ficasse lá porque no caso eu tinha pai e mãe, mas ia ficar como órfã por que eu não pagava, então voltei e estudei aqui.

VIRGINIA: Ai você estudou em qual escola aqui?

MARIA: Estudei no Leopoldo Miranda da 5ª a 8ª, aliás, da 5ª até o 3º ano de Magistério.

VIRGINIA: Ai depois...

MARIA: Ai é neste meio tempo né quando eu estava no primeiro ano era científico, agente fazia científico e era normal naquela época ao mesmo tempo, eu fui para Vespasiano, onde

meu irmão morava porque tava ruim aqui, fiquei noiva, conheci meu marido né ele era ... ai fui para lá porque não podia ficar aqui também porque não podia ficar os dois juntos, coisa de família né tradicional.

VIRGINIA: Os dois irmãos ou você e seu namorado?

MARIA: Eu e meu namorado, mas no caso noivo. Ai eu precisava. Aqui não arrumava emprego e eu tinha que trabalhar. Ai eu fiquei lá um ano trabalhando e fiz o primeiro ano científico.

VIRGINIA: Em Vespasiano?

MARIA: Vespasiano. Terminei o primeiro científico, ai casei com 19 anos.

VIRGINIA: E ai?

MARIA: Ai vim, fiz o terceiro, o segundo e o terceiro ano de magistério aqui no Leopoldo.

VIRGINIA: Ai você começou a trabalhar ou como foi?

MARIA: Não. Ai fiquei, tive filhos né. Nesse intervalo ai tive a primeira filha, estudando. Tive a segunda filha, ai fiquei parada ai tive assim...

VIRGINIA: Teve a primeira parou...

MARIA: É tive a primeira depois a segunda, é formei quando tive a primeira filha, no ano que tive a primeira filha eu formei. Ai fiz estágio naquela correria. Aliás, quando ela tava no outro ano. Ela nasceu no fevereiro de um ano eu tava no segundo ano, quando eu tava no terceiro ano, quando eu formei no terceiro ano ela já ia fazer dois anos e eu já grávida da outra. Ai parei, fiquei sem trabalhar e estudar, só cuidando das duas. Ai é fiz o concurso.

VIRGINIA: Você ficou quanto tempo sem trabalhar?

MARIA: Uns 5 anos... porque ai surgiu... não tinha concurso igual agora não. Era difícil. Algumas pessoas tinham padrinhos políticos, entravam né. Começavam ou então iam para a zona rural. Eu hum... não queria voltar né. Já estava estabelecida aqui, meu marido me dava condições ai eu não preocupei não, ai um dia eu quis trabalhar. Surgiu o concurso eu fiz e passei. Ai comecei a trabalhar, aliás assim, antes de sair o resultado do concurso eu trabalhei três meses naquela escola lá no Isabel Motta, e foi nessa época que eu perdi a primeira filha. Ela estava com cinco, ia fazer cinco anos em fevereiro, era dezembro... e ela surgiu assim uma doença rapidíssima e ela morreu. ai no outro ano eu comecei a trabalhar, o resultado do concurso saiu e eu comecei a trabalhar.

VIRGINIA: E quando você foi procurar a escola para dar aula antes do concurso, como foi esta volta para trabalhar? O que te motivou a voltar?

MARIA: Motivou, a vontade, lógico. Sempre eu quis ser professora, que mãe foi professora uma vida né. Sempre meu sonho foi ser professora. Eu tinha também este ideal, ideal mesmo! E como eu estudei naquela época, era época de Alzira, Conceição Eunice, a didática delas era perfeita! Ensinava agente tudo que agente tinha que aprender entendeu? Então o material didático todo era feito por agente. E eu tinha tudo pronto as gravuras, histórias mudas, quadro valor de lugar, tudo...todo o material didático eu tinha feito, criando menino né

VIRGINIA: Hum hum...

MARIA: Que eu estava estudando né, às vezes até com dificuldade, tudo guardado, eu tinha aquela vontade, aquela vontade mesmo de trabalhar, ai eu fui, teve uma vaga no Júlia de três meses, ai quando eu cheguei lá eu tava esperando minha segunda filha, eu cheguei lá e e me apresentei né, ela, a diretora disse: você faz unha? Você pode arrumar cabelo e fazer unha toda semana? Eu falei: Não. Eu não faço unha e arrumo cabelo toda semana não. Ah, não, aqui tem, o regime aqui é este, o professor tem que estar muito apresentável, o professor tem que fazer unha toda semana e fazer escova toda semana. Ai eu falei: muito obrigada, então vou procurar uma escola em minhas condições (risos) porque eu sou de bairro e o Julia naquela época era só elite né. Ai eu, surgiu uma vaga no Izabel Motta e eu consegui esta vaga e foi ai que começou minha carreira.

VIRGINIA: Fala um pouquinho destas pessoas que você falou ai, Alzira, é, Alzira mesmo?

MARIA: É Alzira.

VIRGINIA: E a outra, e esta didática que você falou didática perfeita?

MARIA: É a didática que hoje não existe mais, entendeu? Elas é, agente trabalhava concretamente. A aula, tinha as aulas teóricas, elas falavam, escrevia, agente escrevia, escrevia tudo, a teoria, mas depois você ia para a aula prática, ai você fazia o quadro valor de lugar, você mesmo fazia, entendeu? Ai fazia as fichas, ai apresentava as aulas para as colegas em grupo, introduzindo as operações né, no caso Conceição Eunice era de matemática, então agente, era Didática da matemática. Era perfeita, exigia, exigia, matemática e português aliás. Produção de texto, agente tinha que fazer todas as gravuras, de primeiro tipo, de segundo tipo, terceiro tipo, entendeu?

VIRGINIA: Não. O que é gravura de primeiro tipo... de segundo tipo....

MARIA: A gravura de primeiro tipo ela abrange uma imagem toda, entendeu? Uma criança, com um coelhinho na mão, entendeu? Num gramado brincando. Primeiro tipo. Ai segundo tipo, pode ser é uma coisa mais assim abstrata né, um menino soltando pipa, mas sem ter uma paisagem, uma coisa. O terceiro tipo pode ser assim, por exemplo um tênis, entendeu? Um objeto só, uma gravura de um tênis, é terceiro tipo. Então era tudo distribuído.

VIRGINIA: E faz estas gravuras para trabalhar o que?

MARIA: Para trabalhar produção de texto.

VIRGINIA: Ham...

MARIA: Entendeu? O...O... A ortografia, era o treino ortográfico. Assim, da maneira mais assim, você não esquece jamais. Eu trabalho até hoje e dá certo. Mandar fechar os olhos, pensar na palavra, escrevia a palavra lá no quadro, lia a palavra, visualizava, separava em sílaba, falava tudo daquela palavra, se ela era dissílaba, trissílaba, polissílaba, oxítônica, paroxítônica, proparoxítônica, entendeu? Se era plural, se era é feminino, e... e... depois apagava aquela palavra, ai agente escrevia no caderno aquela palavra, depois tornava voltar para conferir se estava correto. Era essa didática que nos trabalhamos com Conceição Eunice. Hoje ela é dona de Diamantimagem ai. E Alzira Silva era de Geografia e História, então agente trabalhava com mapa, aprendendo a trabalhar com mostrando as crianças né, que o mapa tem que ser estudado no chão, com eles olhando, é... é... mostrando o lugar que agente tá, começando de onde que agente tá. Do espaço que agente ocupa, hum é ...até chegar no mais abstrato e... foi esta didática assim que me levou a gostar, entendeu? Elas puxavam, puxavam, agente reclamava delas, tinha raiva, mas depois agente viu que agente aprendeu a gostar de ensinar porque elas souberam ensinar. Elas souberam. Até hoje assim... eu pelo menos, que quem tá formando agora, eu acho que não tem esta didática que nós temos, quem formou a 20 anos atrás, 25 anos atrás. E depois veio a faculdade, a didática tem também didática, mas, outros professores, algumas pessoas tiveram a sorte de pegar Conceição Eunice na faculdade, eu não alcancei não. Ela chegou a trabalhar um tempo. Mas ai torna a voltar tudo de novo na didática...

VIRGINIA: Ai fala um pouquinho....

MARIA: Na pedagogia...

VIRGINIA: da faculdade como é que foi...

MARIA: a faculdade foi... é o tempo melhor, mesmo você já sendo casado (risos). Mesmo sendo casado, os filhos, três filhos né, que depois que a outra morreu eu tive mais uma menina, depois um menino que hoje tem 20 anos , 21 anos, e ... eles pequenos, meu marido cuidava deles, me levava para a faculdade de carro, me buscava de carro, mas tinha aquela liberdade também, de vez enquanto , oh,vou sair com os colegas. Mas foi um tempo de muito estudo. Trabalho domingo, agente não tinha tempo não. Assim, foi puxado, muito trabalho, muita pesquisa, é... é... foi proveitoso demais na época a pedagogia, você vê que hoje, a faculdade ta quase terminando né, ta praticamente acabando né. Acabou pedagogia. Era um curso muito bom, muito bom , com professores bons, e lá eu aprendi também muita coisa boa.

VIRGINIA: E trazendo para sua pratica assim em sala de aula hoje, onde você vê que ta mais as coisas que você aprendeu no período da faculdade?

MARIA: Psicologia... assim... nossa... Infantil... Assim, porque hoje a escola ta sendo um lugar onde as pessoas, os pais acham que escola é lugar onde se é para tomar remédio... então nós professoras, agente tá, é... a família delega agente um poder de ser mãe, de ser enfermeira, além de alfabetizadora, além de professora, agente tem que ser tudo isso. Então leva remédio para a sala de aula, leva até aquele micro de.. de...como é que é...

VIRGINIA: micronebolizador.

MARIA: é. Para aparelho respiratório, agente leva, eles levam para agente aplicar. Entendeu? É.. é... trazem mil problemas de casa.

VIRGINIA: Ques mil problemas, por exemplo?

MARIA: Todo tipo que você pensar.

VIRGINIA: me dá um exemplo.

MARIA: é um pai separado da mãe, a mãe tem um irmãozinho dele com outro pai, entendeu? E o pai ta com outra família. Então eles... muitas vezes eles não sabem distinguir onde que ele está, sabe? E... e... chegam assim, oh tia, mãe tá grávida, mas não é filho do meu pai não. Que meu pai separou dela e arruma aquela confusão. Outro tipo, é que não existia a dez anos atrás, agora tem. Os pais cuidando dos filhos. As mães abandonam e a família paterna cuida. Entendeu? Eu deparei com este problema este ano e achei pior do que quando o pai abandona.

VIRGINIA: Mas como que isto interferiu na sua atividade como professora?

MARIA: Eu tive que ter muito jogo de cintura, porque o menino era assim, eu não conseguia nem escutar, ela falava sem parar. Falava sem parar e... enaltecia a mãe, como se ela fosse uma princesa de mãe. Que minha mãe ganha seis mil reais em Belo Horizonte, que minha mãe mandou isto para mim, que mandou aquilo, que me dá isto, que vai me buscar nas férias, e tudo na verdade é uma mentira. A mãe não dá assistência nenhuma para ele. Então ele é, começava a agredir... o coleguinha... e brigava com todos os coleguinhos, ia nas carteiras de um por um, e... aquele negocio de apelido sabe? Punha apelido ne um punha apelido ne outro, então quando eu conheci a história dele, que ele era criado pela família paterna... na primeira reunião de... de...pedagógica que agente teve, que eu fui ver que ele na verdade era criado pelo pai e a avó, ce acredita

VIRGINIA: oh...(risos) Chega o gato e MARIA explica....

MARIA: causa do negócio ligado aqui... Ai ele tinha um comportamento completamente, sabe? É assim... destrutivo para ele mesmo. Então, era todo dia secretaria, aliás, diretoria.

VIRGINIA: Hum...

MARIA: Luiz, diretoria.... porque? Porque batia no recreio, entrava na fila na frente do outro, é rasgava a folha do caderno do colega... então é... é... você tem que ter uma psicologia muitooo assim quase igual uma psicóloga mesmo.

VIRGINIA: E ai como que você fazia? Como que você agia com relação a isto?

MARIA: eu na... na... no principio quando agente não conhece, agente não tem paciência, agente chama diretor para ajudar, chama o supervisor, chama... ai depois quando você conhece a história, você começa a ter assim uma camaradagem com eles, assim você vai ganhando. Eu fui ganhando todos os meus alunos que tiveram grandes problemas, quando eu conheci o problema, que nem num foi fácil também né. Em casa do outro e tudo, imagina você que não tem um pai, uma família tradicional, uma família né. Hoje o que interfere demais ne, eu num falo ne aprendizagem não. Eu acho que aprendizagem não é problema familiar, não é problema de de assim genética. Eu acho que aprendizagem é uma coisa que a criança nasce com ela. Entendeu? (Sai pra lá. Mandando o gato sair)Eu não acho que estas coisas não interferem ne aprendizagem não, pelo menos de 1ª, nos primeiros anos eu nunca achei que aprendizagem, que tem essa criança que estou te falando, ela tirava as melhores notas.

VIRGINIA: Mas nasce com ela, nasce com ela como?

MARIA: Assim, eu acho, aliás, genética sim, porque tem famílias que tem mais dificuldade de aprender, por que às vezes... genética entra sim. Eu falo assim, problemas familiares não interfere na aprendizagem, eu, na minha opinião, até hoje eu não notei, eu tenho prestado atenção nisto, estes anos todos e tenho notado, a criança que tem uma família estruturada é lógico que ela faz as tarefas, todas. Ela faz as pesquisas, elas interagem melhor com o colega, mas para dizer assim, uma criança que não aprende a ler não é porque o pai dela separou da mãe dela não.

VIRGINIA: É por que?

MARIA: Eu acho que ela já tem este problema, ela já vem com isto, pode ser uma doença que ela teve ou ... ou... ou de família, porque tem família que eu já trabalhei com o filho mais velho até o filho mais novo e todos tiveram dificuldade, entendeu?

VIRGINIA: Hum...

MARIA: Com irmão, assim, cada ano com um. E às vezes trabalhei com outros que brilharam. Os irmãos todos brilharam. Entendeu?

VIRGINIA: Entendi. E entrando nisto, então, o que você entende que é o papel do professor... na aprendizagem de diversos conteúdos. O que que é a função do professor dentro da escola?

MARIA: A função, igual estou te falando, a família e o sistema delega agente função, mas a nossa função além de alfabetizar, de ensinar todo o conteúdo de português, matemática, ciências, geografia, história, nós ainda temos a função de né de formar cidadãos, acho que a função primordial é formar cidadãos. Agente para a aula até cinco vezes se possível, se for necessário, para falar, para conversar.

VIRGINIA: Falar sobre...

MARIA: Sobre comportamento, sobre virtudes, sobre valores, sobre família, sobre é... é... a importância de ter uma religião, entendeu? Por que a criança ultimamente ela tá vindo assim... Eu acho que muito muito mais sem estrutura. Por que é... é... antes era muita pobreza às vezes né, no tipo de escola de bairro que agente trabalha. Carência, é... é... até de alimentação mesmo, é depois problema de, foram surgindo os problemas familiares... os mais antigos né como alcoolismo, drogas, estas coisas, e agora separação que tá mais assim trapalhando. Ai agente fala muito sobre isto, entendeu?

VIRGINIA: Entendi.

MARIA: Então, não é só ensinar matemática e português, trabalhar, é lógico que isto ai agente trabalha, trabalha né, o tempo inteiro. Mas agente interrompe a aula, tem dia que agente tem que interromper várias vezes para estar conversando. Por que só através da conversa que você consegue, até a disciplina também.

VIRGINIA: E dos papeis que você falou que são atribuídos pela família e pelo sistema, quês papeis são estes?

MARIA: Igual eu tô te falando. O menino está doente, a mãe vai para a casa dos outros fica o dia inteiro na casa dos outros trabalhando, ou uma mãe que sai de casa, trabalha ne outro lugar. Até mãe de faculdade, entendeu? Mãe professora de faculdade, porque pelo que nos conversamos no final de ano com uma professora da rede particular, ela disse assim: “Só muda de endereço”. A criança. Só muda de endereço. As escolas só mudam de endereço, os problemas são os mesmos. Que mesmo escola particular tem crianças que não fazem tarefa, tem mãe que deixa a escola o dia inteiro dentro da..., deixa o filho dentro da escola o dia inteiro, não tem tempo de ir buscar o filho então nestas escolas que aceitam criança pequena. Então nossa escola não. É um turno só, mas aquele turno ali, seja de manhã ou seja a tarde, agente tem que estar as quatro horas e meia prestando atenção naqueles meninos, entendeu? Porque lá dentro da sala você tem o controle deles, né, tem a disciplina, porque você está na frente está dando o conteúdo, né. Você tem o controle. Mas vai para uma aula lá fora, né, com mapas, ou vai é... para uma excursão, que agente faz, ou uma aula de informática, ai você sai da sala com eles o comportamento deles, entendeu? É outro, eles se juntam e começam a correr, a brincar, de um ambiente, saindo de uma sala para outra sala, pode ocorrer acidente. Por que eles, um começa a brigar com o outro. Você entendeu o que eu estou falando...

VIRGINIA: Hum... Hum...

MARIA: Então este papel de estar, além de ensinar português, matemática, história, ciências, geografia, você tem que ser professora (risos) de religião, você tem que ser professora de nutrição(risos),de higiene, tudo , tudo que você pensar.

VIRGINIA: Você acha que este ser professora de nutrição, ser professora de higiene, é função sua ou é uma função que esta fora e que você teve que teve que agregar.

MARIA: É da família. É da família. Oh, religião, por exemplo, o estado paga uma professora de religião, entendeu? É predomina o catolicismo, porque toda escola, do Brasil tem uma história de católico, você sabe né. Os europeus todos que vieram trouxeram esta cultura para cá. Então agente predomina isto. Hoje os evangélicos estão se chegando cada vez mais. Agente dez anos atrás agente quase não tinha evangélico. Hoje todo ano você tem. Este ano eu tive cinco alunos evangélicos. Foi a primeira vez que eu tive cinco alunos evangélicos. Ai começa, desde lá da frente, começa a aula, vamos rezar o Pai Nosso. Ai eles já começam a brincar, por que o Pai Nosso e a Ave Maria não interessam a eles. O sistema da onde, da escola, ai você já tem que, o diretor começa a chamar a atenção na fila, chama por nome, você está pintando na hora da oração, nós vamos ficar depois por que você não está rezando, se você não é desta , não reza o Pai Nosso e a Ave Maria, pensa na oração de sua igreja e reza. Então começa ai.

VIRGINIA: Ai agora você deu um exemplo da religião. E da nutrição? Dá um exemplo ai.

MARIA: Uê. O barzinho vende é o que? Pirulito, bala, sorvete, paçoquinha, tudo que é de doce e salgado borrachudo (risos), você sabe o que são, coxinha, estas coisas. Ai o que que acontece. O aluno que lancha na escola ele vai ficar bem porque o lanche da escola agora é super bem preparado, com todas as verduras, com todos os nutrientes... né... até a turma de nutrição que vai fazer, agora ta tendo, depois desta universidade, todo ano tem gente lá dando instrução de como preparar os alimentos, então, aliás esta escola, só quando o governo não mandava. Mas toda vida esta escola teve uma merenda bem nutritiva. Três vezes por semana alimento de sal e duas vezes doce. Entendeu? Mas é arroz doce, é mingau, então tudo é nutritivo também né.

VIRGINIA: Hum...hum

MARIA: E ai quando você vê na hora do intervalo, os meninos que tem mais condições, eles não vão na merenda da escola, eles vão para o barzinho. Ai o que que agente vai ter que falar. Vai com pirulito para a sala, interfere na aula, vai com chiclete, vai com bala, um pede outro pede, outro pede, aquele saco de, como que chama o biscoito, esqueci...

VIRGINIA: Pipocão.

MARIA: É. É tipo pipocão. Um pede, outro pede, outro pede, e começa a bagunça e eles. Esta turma aliás que eu peguei este ano passado foi a turma que mais me deu problema

por causa de merenda de barzinho. Eles comiam o tempo inteiro, eles não tinham horário para lanche.

VIRGINIA: Então é o problema é que depois do horário do intervalo eles ainda continuavam merendando.

MARIA: Merendando. Quando a turma que merenda na escola tem o tempo certo, dez minutos, dá tempo deles merendar eles vem, agora a turma do barzinho não dá conta de comer o pipocão, o pirulito, a bala, e levam, ai eu tenho que ficar até dez minutos, eu tinha que ficar: Guarda a merenda, guarda o biscoito recheado, eu vou, e muitas vezes eu pego e guardo. Quando não tem jeito eu pego e só devolvo, guardo no armário e só devolvo no final. Interfere, entendeu? E só bobeira, só coisa, sabe? Que não faz bem. Então podia assim, eu achava que podia cortar barzinho de escola.

VIRGINIA: Então me ajuda a entender. Então o que que seria a função da família então?

MARIA: A função da família seria, eu não sei, porque eu mesmo dou dinheiro meu menino (risos), eles pedem me dá um real, agente dá não dá? Aliás, no caminho da escola já começava a comprar chp chup, ou um picolé. Entendeu? Agente dá. A família deveria incentivar, mais do que a escola incentiva bastante. A família também deveria incentivar, merenda na escola. Sua escola tem uma merenda boa, então merenda lá. Então não vou te dar dinheiro, a hora que você chegar eu te dou um dinheiro. Mas agora eu não vou te dar não por que você vai comprar é pirulito e chiclete. E tem menino que fica a aula inteira chupando chiclete.

VIRGINIA: E qual que você acha que é a dificuldade, enquanto mãe agora. A dificuldade da família de controlar isto então. Já que você mesmo falou da dificuldade, que você acha que deveria, mas mesmo assim dá o dinheiro, o que você acha que é a dificuldade?

MARIA: Da família controlar? Eu acho todas as dificuldades, por que tem mãe que, igual eu te falei, nem vê o filho saindo. As vezes nem ta lá na hora que ela, que a criança sai para a aula. Ai ela pega o que tem, quando não tem ele já pediu dinheiro e compra no caminho da escola. Entendeu?

VIRGINIA: E diante da dificuldade da família de fazer este controle, o que você acha que a escola deveria fazer? Ou que a escola faz?

MARIA: A escola oferece o barzinho que não devia oferecer e... e...os bar os bares nos arredores da escola contribuem também. Quando a escola não vende os bares vendem.

Então na chegada eles, sempre tem bar, né. Uma coisa que não falta perto de escola é bar, pra que? Para vender estas coisas para as crianças. Uma coisa que agente não pode impedir também né. Então acho que está fora de nosso controle. Então o que que agente tem que falar? Fazer? Conversar. Então agora nesses estágios de nutricionistas está sendo bom por isso, por que elas tem conversado bastante com eles, tem trabalhos com eles, mostrando o que que é bom. Eles vão para a quadra, fazem aquela é pirâmide dos alimentos, provam da gelatina, eu acho que pelo menos conteúdo né eles estão tendo. Aliás toda vida teve porque agente sempre ensinou.

VIRGINIA: É isto ai que eu quero saber

MARIA: agente ensina, mas às vezes não tem controle sobre isto. Às vezes lá na escola você consegue, mas você não sabe lá na sua casa, na casa deles, né?

VIRGINIA: Tudo bem. Você estava me falando que você já trabalhava vários conteúdos da nutrição, mesmo antes de ter os estagiários. Eu queria que você falasse um pouquinho disso.

MARIA: Por que desde da pré-escola agente começa a trabalhar. Eu trabalhei dez anos com a pré-escola. Ai agente, um dos conteúdos é higiene e saúde, né, então entra os alimentos, a higiene com os alimentos, aquela coisa toda de lavar as mãos antes das refeições, tudo de higiene do corpo, tomar banho todo dia, cortar unha, estas coisas. Depois entra os alimentos, que é lavar os alimentos, a maçã né, não pode comer sem lavar, as folhas sempre tem que lavar bem lavado porque não é cozido. Isto ai tudo agente passa, desde, e todo ano vai acrescentando alguma coisa e começa lá na pré-escola e vai até quarta série agente estuda isto.

VIRGINIA: E vai acrescentando o que.

MARIA: Vai acrescentando...vai é ficando mais elaborado. Cada ano agente deu o conteúdo na segunda série agente fala de higiene e saúde. Lá na terceira agente estuda os alimentos todos os cereais, qual os nutrientes que cada cereal tem, verduras, frutas, tudo separado. Entendeu? Agente estuda a planta, cada parte da planta. Ai você entra mais elaborado. Você estuda tudo, tudo, é... é...as verduras é... como é que fala, os legumes porque eles acham que verdura e legumes é a mesma coisa. Com raízes, o que que agente come as raízes. Então para eles foi novidade assim falar que o tomate é uma fruta, assim, entendeu?

VIRGINIA: Hum... hum...

MARIA: Por que o tomate é uma fruta, e tem que ser muito bem lavada antes, por que não descasca o tomate, entendeu? Então agente entra nisto tudo. Ai depois quando chega na quarta série ai vem corpo humano, na hora de estudar intestino delgado, intestino grosso, estudar aquilo tudo ali. Estudar o sistema respiratório, o sistema ... então agente entra com alimentação de novo.

VIRGINIA:Hum... hum...

MARIA: o que que é bom o que que não é. Então as primeiras séries, em todas elas agente fala de higiene e saúde e ai então entra alimentos.

VIRGINIA: Viu. Este ano você trabalhou com que turma?

MARIA: Terceira.

VIRGINIA: E o que que você trabalhou de conteúdo?

MARIA: De ciências né. Hoje agente começa com os seres é... os recursos naturais. Ai você entra com água, a importância da água, o que a água dos rios nos oferece né, como peixes. Ai você entra com a importância do peixe na alimentação, entendeu? E ai você vai para a luz solar, o solo né. Agente faz, depois vem plantas separado. Agente faz. Depois vem plantas separado. Agente faz. Eu faço direto, todo ano, que eu estou com terceira série a muito tempo, agente faz a experiência da plantinha a partir da semente, a planta através de muda né. E...agente trabalha cada um separado. A terceira série é muito , agente estuda muito a natureza, entendeu?

VIRGINIA: Hum... hum...

MARIA: Os recursos naturais, então entra solo no primeiro semestre, entra solo depois no segundo semestre, já com, inclusive minha filha que estudou é, é, que fez engenharia agrônoma né, agronomia, ela foi dar uma palestra para mim e falou sobre solo. Os nutrientes que tem no solo, como que o óleo de cozinha, todo tipo de óleo, mas o óleo que a mamãe cozinha, né, o que que, qual que é a parcela de destruição dele no solo, quando agente junta aquele óleo com o lixo que agente leva, e assim vai, entendeu?

VIRGINIA: Hum... hum...

MARIA: Eu sempre levo a pessoa para falar, então este ano foi ela, porque ela é, trabalha com microbiologia de solo, então ela trabalhou, ela deu uma aula muito bem dada para

mim, sobre qual o tipo de solo, porque que Diamantina está dando tanto morango, que agente nunca ficou sabendo.

VIRGINIA: Hum... hum...

MARIA: Antes desta Universidade chegar para cá agente num sabia que o solo desta região dava morango, agente conhecia morango quase que (risos) lá uma vez na vida que agente comprava um pacotinho de morango.

VIRGINIA: Hum... hum...

MARIA: Nera? Ne supermercado, super caro, que vinha nem sei da onde. Hoje em dia, este ano foram dados caminhões de morango para a escola. Da região. E os meninos ganharam polpa, e alimentaram tudo que eles tiveram direito de morango. Morango com leite, morango com... sabe?

VIRGINIA: Hum... hum...

MARIA: morango, todo tipo de coisa que eles puderam, assim, puderam aproveitar o morango na escola eles aproveitaram. E os meninos, a família ainda ganhou caixa de morango.

VIRGINIA: E como que você se sente quando, é tendo que trabalhar estes conteúdos?

MARIA: NÓ.É minha vida, adoro trabalhar, quando chega lá no final de ano. É. Tava olhando o resultado do meu filho, que eu trabalhei com ele, (risos) fui professora dele, ai eu olhando o resultado das avaliações, minha irmã de São Paulo tava olhando o tipo de prova que eu tava dando, Minas Gerais estava ultrapassando São Paulo negócio de conteúdo. Então é muito, ciências agente trabalha, minha prova de ciências foram cinco páginas, porque trabalha muito, muito e a escola exige e a superintendência exige, ai agente trabalha. E eu adoro trabalhar, porque quando você está contando uma coisa, por exemplo, que eu falo com eles assim: Quando eu era pequena, agente não comia enlatado né. Agente produto industrializado nem pensar. Então o que que agente, de manhã agente tomava leite que o pai da gente mesmo tirava. Meu pai fervia, fervia aquele leite, ainda punha hortelã para agente tomar né.

VIRGINIA: Hum... hum...

MARIA: Que diz que era bom para verme e tal tal. Então na hora do almoço era folha, era verdura, era abóbora, era tudo natural, o frango, o frango que você comia levava seis meses

para preparando para você comer aquele frango. Hoje em dia você..., eu digo para eles mesmo, o frango que vocês comem, lá, que vocês compram naquelas gôndolas de supermercado lá, eles estão engordando com dois meses. O que que tem ali, hormônio né. Ai agente, tudo, tudo, eu pelo menos entro com tudo que eu sei, que eu leio nas revistas que eu escuto nas entrevistas de televisão, ne ne, num programa que eu adoro assistir que me ajuda – Globo Repórter. Que sempre está colocando estas questões.

VIRGINIA: Hum...hum... E você acha que isto é, faz parte de suas funções como professora?

MARIA: Faz parte sim. Claro que faz. Se eu estou estudando a planta eu não vou, a planta não gera alimento? Tem que falar que alimento que é. Se é bom, se não é, agente vai estudar plantas tóxicas, plantas medicinais, agente estuda isto tudo.

VIRGINIA: Hum...hum...

MARIA: Com eles. Tóxicas, medicinais, é, planta que é alimento, então você tem, é seu conteúdo.

VIRGINIA: Viu. E como você preparada durante sua formação profissional para trabalhar este tipo de conteúdo?

MARIA: Agora vou te falar. Era só livro didático mesmo. Agente via tudo, livro didático. Igual eu te falei, na didática da matemática, de português e geografia e história agente foi mais bem preparada, mas pra ciências não. Eu acho que a ciências não estava tão avançada ainda né. A tecnologia não existia, então eram poucos livros de ciências, poucas informações e o que agente via era o que os professores sabiam, né.

VIRGINIA: Hum...hum...

MARIA: Assim aquele explicava um mundo de matéria e passava, enchia o quadro e agente não absorvia direito aquilo. Depois estudando livros, porque hoje não, hoje vem cinco, seis livros para você estar estudando. Então tem muito mais informação, mesmo, sem ser esta formação que você tem na televisão, no computador e tudo. Formação no livro didático tem muita coisa boa.

VIRGINIA: Então suas aulas de ciências e pegando estes temas de higiene, saúde, nutrição são mais baseadas no livro didático...

MARIA: livro didático.

VIRGINIA: que vem agora e globo repórter que você falou...

MARIA: E as fontes, Isto É, revista Isto É que eu assino e leio todas as reportagens e me ajuda muito. E programa de televisão geralmente é globo repórter que dá mais suporte para agente. E globo repórter, e... algumas vezes que agente tem cursos né.

VIRGINIA: Hum...hum...

MARIA: E... muitas vezes entra mais matemática e português. Você sabe disto. Quem trabalha com primeira a quarta, agente não tem específico, história , geografia, ciências.

VIRGINIA: Hum...hum...

MARIA: Você tem assim, passa rapidamente por isso. Os treinamentos são assim. E dá, o suporte mais é para matemática e português.

VIRGINIA: E no suporte para ciências assim, o que tem sido trabalhado nos cursos, o que que você tem aproveitado.

MARIA: Uê, tudo que passa para agente, as vezes vai, vai, agente tem palestra, com nutricionista agora, agente já tem, palestra com este tipo de pessoa, tem palestra com... com..., cada data comemorativa agente tem palestra com um tipo de pessoa, né. Coisas que interessa agente né. A escola em geral. Eu estou, de vez enquanto eles falam com agente, agente pega tudo o que for importante, agente trabalha. Igual eu estou te falando, o que me orienta, às vezes tem colega que na hora da prova, depois que termina a prova, que é eu que preparo as provas e tal, ai vai lá é me ajuda aqui a resolver as questões. (risos)

VIRGINIA: Colega sua?

MARIA: To te falando que nossa didática foi muito mais. Num é para falar não, mas agora as que estão entrando num ta com muita bagagem não.

VIRGINIA: Mais ai você ta falando para mim...

MARIA: colega minha, colega minha me pergunta, entendeu?

VIRGINIA: Nas provas de português e matemática ou nas de ciências?

MARIA: Todas. Às vezes matemática só que elas não pegam. Porque eu sempre tenho a primeira turma. Ai matemática lógico que a minha, matemática e português muito mais avançado. Mas ciências, geografia e historia é a mesma matéria. Quer dizer assim, é tudo igualzinho, igualzinho. Então agente dá a mesma prova que eu dou elas pegam, porque elas dão a mesma matéria, só que é minha turma flui e todo mundo é A. Ai as vezes chegam e como que você resolveu, como que é esta questão aqui. Você entendeu?

VIRGINIA: Me explica uma coisa. Você faz a prova da escola toda?

MARIA: Não.

VIRGINIA: Da mesma série?

MARIA: Da mesma série.

VIRGINIA: E...

MARIA: É lógico que isto aqui é muito sério né? (risos) Desliga (risos).

VIRGINIA: Não depois agente tira. Não tem coisa não.

MARIA: Isto é muito sério, mas é verdade. Eu faço. Você tem experiência. Por exemplo experiência de 13 anos de terceira série, então eu assim, tudo que eu tenho, cada ano eu acrescento mais, vou aprendendo mais, vou trabalhando mais. Minha prova que o ano passado foi de um jeito, este ano foi muito melhor, entendeu?

VIRGINIA: Hum...hum...

MARIA: Porque eu fico até meia noite preparando prova, entendeu?

VIRGINIA: Hum...hum...

MARIA: Então quando, ai eu preparo, então elas olham. Isto ai é permitido na escola, entendeu? Só que se você trabalha com uma turma muito assim que está muito com a aprendizagem bem abaixo, ai tem, português e matemática é elaborado separado.

VIRGINIA: sei.

MARIA: Mas os outros conteúdos pode dar igual porque agente trabalha os mesmos que é o conteúdo do terceiro, não importa se o menino é fraco ou forte. Ele tem que ver o conteúdo.

VIRGINIA: Hum...hum...

MARIA: Se ele vai aprender né, mas pelo menos tem que dar o mesmo conteúdo. E eu, a série que tem mais conteúdo é a terceira.

VIRGINIA: Hum...hum...

MARIA: De ciências é terceira e quarta. De geografia eu posso te falar, que geografia e história é a terceira série, porque a quarta chega quase a ser uma continuação da terceira. Então é muito, muito conteúdo. Agente trabalha semanas e semanas trabalha cada né estágio, aliás cada bimestre separa né, separa. Então primeiro bimestre você estuda ciências, por exemplo, tudo da natureza, luz solar, água, entra tudo isso, depois você vai para o segundo bimestre você vai estudar transformações de materiais, vai pegar todos os materiais, minerais, vegetais e animais e os que vão para a indústria, os produtos

industrializados, tal, tal. Depois no terceiro bimestre você pega planta, vê tudo de planta, e no quarto bimestre você vê os microorganismos, né. As doenças causadas por protozoários, fungos e bactérias, e tal, tal. Ai você começa dos animais desde o mais simples animal, até os vertebrados, invertebrados, tudo. Os animais de maneira geral todos. Qual o maior mamífero terrestre, o maior mamífero aquático, né. O que faz com as bactérias. Inclusive uma história interessante quando eu estudei as bactérias, eles ficam extasiados, quando eu falo, às vezes mostro gravuras e passo às vezes slides e tal, eles ficam, tia como pode fazer remédios com bactérias se elas provocam uma doença, como tia que pode fazer, que eu falei que fazem penicilina, faz vários antibióticos. Ai eu falei que estas bactérias não são as que estão no solo ou na água ou no ar, que estas bactérias são as produzidas em laboratório. Entendeu? Ai é... sobre a bactéria que vai pro transformar leite ou fazer yogurte, então nós estamos comendo, tomando o yogurte, tomando a bactéria tia, ai tem que explicar, é muito longe deles. Ai ocorreu que eu mostrei, no... no....agente quase não tem aparelho. Ai procurei um filme onde que eu podia... estudei decomposição das bactérias lá na... na... junto com as folhas que vão formar humos, tal, tal. Ai eu só falei com eles que assim que tem bactérias em todos os lugares, no banheiro da casa da gente, na cozinha, lá na carteira onde que eles estavam, tudo tem bactéria e que as que vão produzir remédio, vão produzir alimentos elas são produzidas em laboratório, ai contei a história de uma moça que tinha morrido por causa de uma bactéria. Foi na faculdade. Você soube deste caso. Passou meu menino começou a ter um problema aqui, parece que algum um bichinho...

VIRGINIA:Eu sei do caso, mas me conta o caso como é que você contou para os meninos.

MARIA: Eu contei que uma moça tava com uma espinha e ela com a mão suja, talvez tinha pegado em alguma coisa, trabalhado em laboratório, não sei como ela coçou a espinha e a bactéria foi para a corrente sanguínea dela e ela morrer. Que foi a história que nós ficamos sabendo. E contei para eles este caso, como que uma bactéria ia matar uma pessoa. Uma bactéria que é invisível, que agente não vê a olho nu que só tem que ser através da maquina né, do... ai como que um ser deste tamaninho ia matar uma pessoa.E, já, ainda na escola o João Victor, meu filho, começou apresentar, parecendo uma mordida de muriçoca, ele coçou, ai nós achamos que ele tinha pegado o barbeador e tentando fazer a barba e foi fazendo, aparecendo umas coisas no rosto dele. Ai, umas pessoas é cobreiro, outras pessoas ah, não isto é alergia. Ai só sei que quando chegou na orelha, ele fez primeira comunhão.

Eu usei as pomadas, eu mesmo comprando, era dia da primeira comunhão dele, tava quase seco. Na mesma semana começou a proliferar de novo. Ai eu fui ao médico com ele, o médico deu uma benzatacil, ai minha filha levou no médico de pele, como é que chama?

VIRGINIA: Dermatologista.

MARIA: Dermatologista, e era a tal bactéria? Ele estava com esta bactéria, correndo risco, se ele não fosse atendido eu tinha perdido ele.

VIRGINIA: Nossa...

MARIA: O resultado do exame ta aqui que vê.(pausa para mostrar os exames).Fez a raspagem, fez os exames de sangue, e.. ele tava com.. a menina que faz biologia que sabe tudo direitinho.(pausa) o nome é este aqui oh.

VIRGINIA: Hum.... Então já que foi uma situação, por exemplo de um aluno

MARIA: Meu filho, meu aluno, disse: Mãe! A bactéria que nós estudamos deu ne mim.

VIRGINIA: E ai como que foi? É...

MARIA: Eu fiquei lembrando o tempo todo da aula, entendeu? Ele lembrando da aula e eu lembrando da aula. Ai que que eu falei com ele. Oh! Você lembra que eu falei que a bactéria pode estar no poço d'água sujo, na areia, no cachorro, e, ai o que que aconteceu. Você brincou com terra, coçou com a unha suja e a bactéria né ... te pegou. As bactérias que nós estudamos. E ele ficou encabulado, interessou pelo assunto, ele foi na internet e olhou.

VIRGINIA: Hum... hum... Você acha que ter este tipo de caso e ter estudado como é a relação? Você acha então que é importante você ter estudado isto, ou isto caberia a outro profissional...

MARIA: Não. De jeito nenhum, é a minha função. É igual eu falo, eu não sou obrigada a dar muita coisa, a trabalhar muita coisa eu não sou obrigada não, mas mesmo que eu não anote lá no quadro, ou não anote no texto que eu vou passar para eles eu falo. Tudo que eu aprendo né, de leitura eu falo com os meninos. Minha supervisora fala sempre isto comigo. É que ela acha interessante que tudo que eu aprendo eu passo para eles. Né. Tinha um aluno este ano que era assim, bom, bom ao extremo. Ele já era para estar lá na quinta série. Que tem condições de estar lá na quinta série. Então ele assiste muita televisão. Ele é um menino que não tem pai, a mãe trabalha o dia inteiro e ele fica sozinho, entendeu. Ele faz as tarefas sozinho. Nunca deixou de fazer as tarefas, faz sozinho, e só tira total em tudo. Ai,

por isso que eu te falo, aprendizagem não está ligada a estas coisas. E às vezes passa até fome. Ele come dois, três pratos de merenda .

VIRGINIA: Na escola...

MARIA: Na escola. Ele come três pratos , duas, três vezes. A servente já guarda para ele. Ele come mesmo. E, mais inteligente em todos os assuntos. Planeta, sabe? Eu fui falar do Plutão, ele Tia o Plutão já foi rebaixado. Mas então, ele foi rebaixado, mas ainda não está nos livros. Então ele é um Plutão rebaixado, ele é um planeta rebaixado (risos), mas ainda vamos trabalhar com ele. Então ele numa operação que a prova não está dando certo, ele vai acha o erro. Ele é terrível, então estas coisas todas ele tem conhecimento. Talvez leitura, ele me pediu como é que chama? O dicionário.

VIRGINIA: Hum....

MARIA: Que eles tem, cada um tem o dele. Ele levou para casa e leu todas as palavras do dicionário de A a Z.

VIRGINIA: Nossa... (risos)

MARIA: Então quando eu vou estudar... ai Jesus Cristo. Ele sabe tudo, tudo que você pensar.

VIRGINIA: E que outros tema de saúde você lembra de ter trabalho, que você acha que tem a ver com saúde que você trabalhou neste ano?

MARIA: Este ano...

VIRGINIA: Neste ano não. Que você trabalha na escola.

MARIA: Que eu sempre trabalho né, porque eu já peguei todas as turmas. Uê quando você pega quarta série, você trabalha corpo humano, é o ano inteiro estudando corpo humano, né. Então ultimamente já tem o laboratório então você trabalha sistema respiratório né, o coração, o pulmão. Ai é lógico que você vai trabalhar as doenças causadas pela alimentação ruim né, não adequadas, cigarro, bebida, tudo, tido, ai você fala o tempo todo.

VIRGINIA: Hum... hum...

MARIA: Na terceira série, igual eu te falei, é o tempo todo planta e meio ambiente. Então não tem jeito de você fugir. Na segunda série você trabalha a vida, o começo da vida, desde o ovo, agente leva pelo ovo você entendeu, como que os animaizinhos ovíparos e nós os mamíferos, os animais de nós... né. Os insetos. Então a segunda série toda é o começo da vida.

VIRGINIA: Hum... hum... E o introdutório?

MARIA: O introdutório já começa a falar também da vida né. Como que às vezes agente joga o Gênesis da Bíblia lá . (risos), explicando como que surgiu a vida, ai surgi, não, foi Deus que criou e cria a polemica e tal, agente fica assim...

VIRGINIA: Mas ne que série isto?

MARIA: Isto desde a segunda série. Na primeira série você começa a estudar a vida.

VIRGINIA: Mas ai você....

MARIA: Porque na primeira, desde o introdutório você começa a ver sua identidade.

VIRGINIA: Hum...

MARIA: Qual família que você veio, onde você nasceu, né. Quantos quilos que você pesou. Então isto ai é a vida inteira.

VIRGINIA: Ai para começar a estudar a vida você usa o Gênesis?

MARIA: Não, eu não usei o Gênesis, eu falo assim, que eu como católica, eu falo que Deus criou as coisas, mas ai eu falo, da do científico, por que que houve um Big Ban, que segundo os cientista houve uma explosão e que daí que foi criada a vida.

VIRGINIA: Hum... hum..

MARIA: E que os seres humanos antigamente eram insignificantes, minúsculos e começaram dentro d'água. O máximo que eu falo é isto. Agora, eu digo para eles minha opinião,entendeu? Eu sou formadora de opinião, eu não falo para eles acreditar no que estou falando, eu falo assim, que tem os dois lados, que tem o lado da Bíblia e tem o lado científico.

VIRGINIA: Hum... hum...

MARIA: Então eles tem que entender os dois lados.e eles vão por onde eles acham que devem ir. Eu não falo com eles que foi assim. Eu falo assim, eu acredito que foi criado por Deus, igual está na Bíblia, porque eu sou cristã e acredito nisso.

VIRGINIA: Hum... hum...

MARIA: Mas, nas revistas, quando vocês entrarem na quinta, oitava série, terceiro ano, vocês vão ver. Vocês vão estudar os dinossauros, os... será porque que eles desapareceram. Será que porque faltou algum tipo de alimentação para eles? Será que foi alguma extinção que teve na alimentação deles? Porque que eles se extinguiram? Ou foi outro,ou foi uma explosão que teve.

VIRGINIA: Hum...

MARIA: Né. E que dividiu a terra e tal e tal. Então agente dá as duas versões.

VIRGINIA: Hum... hum...

MARIA: Mas a vida é estudada desde os primeiros anos de escola.

VIRGINIA: Hum... hum...

MARIA: Então quando você estuda a vida, você estuda o que? Saúde. Ai você entra com vacinas. Na primeira série você estuda todas as vacinas, né. Na segunda série você estuda como que é esta vida, como que esta vida é desenvolvida, que agente nasce, tem as etapas todas, para sentar, para engatinhar, para caminhar, para comer sozinho, nas primeiras. Antes eu não estudei isto. Que o leite materno é o alimento melhor, que é uma vacina, até melhor que uma vacina. Que previne vários tipos de doença. Hoje nós estamos trabalhando com isso.

VIRGINIA: Hum... hum...

MARIA: Então, mesmo lá na terceira série que eu não uso né. Eu não trabalho com este tipo de conteúdo, eu falo das vacinas né, que não tem os tempos fortes? Agora é a vacina da gripe, agora é a vacina da é estas vacinas que faz a televisão a mídia toda e os postos de saúde faz a ...campanha.

VIRGINIA: Campanha.

MARIA: Campanha. Estes tempos assim agente tem que falar. Para que que serve. O que que foi a poliomelite, na minha época, quantas pessoas que não caminhavam, quantas crianças que tiveram esta doença, porque que hoje não existe mais, por causa da vacina. Agente trabalha.

VIRGINIA: Você acha que é importante que a escola, por exemplo, trabalhe o conteúdo ao mesmo tempo que está tendo uma campanha de vacina?

MARIA: Com certeza. Com certeza.

VIRGINIA: Por que?

MARIA: Por exemplo, quando tem uma campanha. Teve uma da doença de chagas, né. Sem falar na poliomelite, sarampo, estas coisas. São mais infantis. Teve a doença de chagas, teve a dengue né.

VIRGINIA: Hum...

MARIA: Então, quando.... Então agente teve a campanha da dengue, agente foi com as crianças lá na né no junto com o posto de saúde né. Saúde e escola juntos, com as crianças, eles viram tudo, tiveram palestras, tiveram os microscópios lá para eles verem o tamanho do mosquito, tal, tal, como que evita, como previne né, a dengue. Então eles... dei a matéria na prova todo mundo acertou, não teve um aluno que errou. Eles viram lá. Agora deixa eu te falar a melhor. Teve a campanha da doença de chagas. Ai a agente de saúde foi na escola, deu o folheto, pediu para agente trabalhar com os meninos. Não era época de eu estudar a doença de chagas entendeu?

VIRGINIA: Hum...

MARIA: Porque eu estudo no terceiro, no quarto bimestre, quando eu estudo os protozoários.

VIRGINIA: Hum...

MARIA: Né que é o barbeiro transmite a doença de chagas, então que é um protozoário, que é através das fezes quando é picado. Isto também foi uma coisa... eles ficam encabulados né. Como tia que um bichinho pica e ele solta umas fezes deste tamaninho e vai entrando. E entra na corrente sanguínea. Vai dar infecção no coração. É isto que é doença de chagas. Então eu não trabalhei na época. Teve a palestra para eles, tudo que eles puder falar, eu também falei, junto com eles o livro. Mas quando chegou a época de eu trabalhar os protozoários eu aprofundi.

VIRGINIA: Hum... hum...

MARIA: Entendeu. Então é muito importante estas campanhas. Outra coisa que esta ajudando muito. O estado está é a saúde andando com a educação.

VIRGINIA: E como que você vê isto?

MARIA: Isto é ótimo. Principalmente nós que temos um PACS, assim a metros da escola. Talvez 100 metros da escola. Então agente leva eles lá, eles conhecem, vê balança, vê de medi. Eles lêem todos os folhetos explicativos que tem sobre as doenças, sobre cigarro, sobre bebida, sobre diabetes. Então eles lêem tudo, então sabe, eles tem acesso.

VIRGINIA: Hum... hum...

MARIA: Que toda vez que agente faz excursão, o primeiro lugar que agente passa é no PACS, porque o que que agente faz aqui. Desde pequenininho você vem aqui, sua mãe te traz para tomar vacina.

VIRGINIA: Hum... hum... A escola que, decide passar no PACS com qual objetivo?

MARIA: É assim, tem uma parceria.

VIRGINIA: Hum... hum...

MARIA: Entendeu? Por que junto com a enfermagem, as pessoas vão fazer estágio, igual eu te falo. Tudo é esta universidade. Porque não havia isto não.

VIRGINIA: Hum... hum...

MARIA: Porque não havia isto não. A parceria hoje é maior devido à universidade, porque quem tá lá, fazendo estágio né, se interessa a levar para a escola. Então o diretor muito aberto as, a todas as coisas que aparecem, então ele leva tudo para a escola.

VIRGINIA: Hum... hum...

MARIA: Então todas as áreas assim da faculdade, tem palestra na escola.

VIRGINIA: E quando surge, por exemplo, tinha a campanha da...

MARIA: Doença de chagas.

VIRGINIA: Doença de Chagas, mas não era o momento de você trabalhar isto em aula.

MARIA: É.

VIRGINIA: Como que fica esta situação. Como que você desorganiza a aula, não desorganiza, como que você...

MARIA: Não. É que o momento da palestra todo mundo desce.

VIRGINIA: Hum...

MARIA: É um momento extra-classe.

VIRGINIA: Hum.

MARIA: Desde o menino do introdutório, de seis anos, a sete, até o de quarta. Se tem uma palestra sobre trânsito, todos os alunos descem, assistem. Todo tipo de palestra.

VIRGINIA: Hum... hum...

MARIA: Entendeu? Todos os alunos da escola descem, daquele turno, toda professora tem que levar seus alunos. Então, escutam, então chegam na sala de aula, claro que tem perguntas, né. Então, agente responde. O que eles não perguntam, eles podem fazer a pergunta ali para a pessoa que está dando a palestra, eles tem, claro, podem fazer, devem fazer e fazem, mas muitas coisas eles não entendem, porque é muita gente né, um turno todo junto. As vezes dispersa, porque é no pátio, agente não tem uma sala própria para uma

palestra. As palestras são no pátio. Quando é na sala de aula, uma sala apertada para três turmas, no máximo. As vezes divide, quando divide fica apertado demais. É difícil. E ai eles perguntam e agente entra e trabalha. Mas só que sem compromisso de estar cobrando no final do bimestre.

VIRGINIA: Ah! Ta. Então você trabalha o conteúdo antes...

MARIA: Trabalho. Falo antes o que que é. Falo depois o que que foi falado. Vocês vão assistir uma palestra sobre chagas. Chagas é uma doença que mata. Ainda dou assim exemplo de pai de alunos que todo ano quase morre um pai de aluno com chagas. Sabe. Cai e morre, assim. O ano passado, o ano atrasado, teve um caso de trinta e sete anos. Pai de um aluno nosso. Foi meu e já estava na quarta série. Entendeu?

VIRGINIA: Hum... hum...

MARIA: Então a escola foi visitar porque tinha um monte de coleguinha que que era parente. Tinha professores, dois professores da família. Então era perto, então agente foi, nem que seja na porta. É lógico que agente não levou lá dentro. Mas de que que ele morreu? De chagas né. Porque que é chagas? O que que tem que fazer para evitar o barbeiro? Então agente se eles perguntam agente responde. Agora, quando entra no conteúdo, e se trabalha, ai você cobra no fim do ano.

VIRGINIA: Hum... hum...

MARIA: Entendeu?

VIRGINIA: Hum... hum...

MARIA: Tem até a prova ai se você quiser ver.

VIRGINIA: Depois eu vou querer o material seu, lembra que eu pedi né.

MARIA: Hum... hum...

VIRGINIA: Oh. Já tem umas perguntas mais diretas aqui. eu queria saber o que você entende, por exemplo, como saúde. O que que é saúde?

MARIA: Saúde é o bem estar do corpo como um todo.

VIRGINIA: Hum... Mas um bem estar, bem estar como. Bem estar do que?

MARIA: (risos) físico. Bem estar físico, mental, do corpo. Porque se tem alguma coisa que ta doendo é que não está bem né. (risos).

VIRGINIA: Isto é.

MARIA: Se está doendo, é um mal estar, ou se ta te causando alguma coisa, é um mal estar.então saúde é o bem estar do corpo como um todo.

VIRGINIA: Viu. E o que você entende que é promover saúde. Promoção de saúde?

MARIA: Promover saúde é levar todo tipo de conhecimento... para, não só para os alunos da escola, mas para a população em geral. É... é... campanhas né, igual nos falamos . Estadual, federal, municipal, a mídia toda. Igual ta tendo muita, agora né, acho que ta clareando muita coisa para agente. Estas campanhas que estão tendo, como prevenir a dengue, como prevenir a hepatite, fala né. Todo tipo de campanha possível. Toda vez que você fala disso você está promovendo a saúde.

VIRGINIA: Hum.. hum... E quem que é responsável por isso?

MARIA: Eu acho que é a sociedade inteira. Não é só médico nem professor ou agente de saúde. Tem que ser todo mundo né. Assim, não ser medico né? (risos). Receitar e ficar, ah manda benzer, ou dá chá de tal.(risos). Mas hoje em dia agente ta mais assim, tem mais base para falar, não, procure um médico.

VIRGINIA: Hum.. hum...

MARIA: Se ta. Igual este tipo de problema que o meu filho teve, se eu não tivesse procurado imediatamente o médico, se ele não tivesse dado o remédio eficaz, o meu filho tinha morrido ou ficaria com seqüelas. Então é, acho que nós todos somos, principalmente mídia.

VIRGINIA: Hum.. hum... E... e... como que fica ...

MARIA: O tempo inteiro....

VIRGINIA: ... como que fica o professor nesta função?

MARIA: O professor é, independente do conteúdo que ele tiver dando, ele tem que falar o tempo todo de saúde. O que que... alimentação, droga, todo tipo de droga. Tudo que faz mal a saúde. Sobre exercício físico. Às vezes o professor. Eu vejo o professor de educação física, jogando com os meninos baralho, coisa que talvez não tem uma estrutura boa. Que agente não tem uma quadra coberta e tal. Em dia de chuva, então o que que ele tinha que trabalhar, o físico, dando exercícios, né. Mesmo para a mente, para os meninos ficarem mais é.. é.. atentos, para eles equilibrarem mais, porque eles agitam muito, então para eles se acalmarem. Então tinha que ser exercícios , depois ter exercícios para acalmar, para dar uma relaxada. Então agente não vê muito, eu acho devido às estruturas das escolas.

VIRGINIA: Hum.. hum...

MARIA: No meu caso, por exemplo, no nosso caso, tem uma quadra boa, mas não é coberta ainda. Então em tempo de chuva os meninos não fazem exercício. Se fazem no pátio atrapalha a aula de todo mundo, então ... difícil.

VIRGINIA: Viu. Mas ai você acha que fica mais então para o professor de educação física, ou como que é.

MARIA: Ele tem grande parte nisso. Que exercício físico você sabe né. Para mim, pelo que agente estuda e tal é primordial. Mas, todos nós devemos ser. Professor de saúde também, mesmo (risos) não sendo da saúde, agente tem que estudar e tem que falar com os alunos a importância disso.

VIRGINIA: Viu.

MARIA: Por que a qualidade de vida hoje é o que fala. Tudo que você vê falar é qualidade de vida.

VIRGINIA: Viu. E como você enxerga, por exemplo, educação nutricional dentro dessa saúde?

MARIA: Uê, nutrição também é igual eu recebi um convite agora de uma menina amiga de minha filha. Ai ela me explicando né. João Victor agora tomou antibiótico agora você dá yakut para ele (risos). Entendeu?

VIRGINIA: Hum... hum...

MARIA: Então agente, eu acho que a nutrição. Depois que as nutricionistas foram à escola, elas trabalharam higiene também.

VIRGINIA: Hum... hum...

MARIA: Então está lá escrito na porta. Não entre sem a touca. Nunca existiu isto.

VIRGINIA: Hum... hum...

MARIA: Então a estrutura da escola a partir de agora vai mudar, por causa das nutricionistas.

VIRGINIA: Viu. E assim, chegou os estagiários, estão lá. Como que isto modifica o que você trabalha em sala de aula?

MARIA: Acrescenta, né? Quando termina a aula da nutricionista, às vezes agente fica, às vezes agente sai. Elas não importam que agente fique. Mas é , as vezes para elas ficarem mais a vontade, porque elas não tiveram didática (risos) né? Elas ficam tímidas e tal. As

vezes agente sai, às vezes, eu gosto de assistir também. Mas por exemplo, quando é uma aula de comer gelatina né, saber sabores estas coisas, então assim não me interessa, então eu saio. Não mas quando chega é tanta novidade sabe? Então acrescenta muito. Com certeza ta acrescentando, e o diretor fala, que quanto mais parceria, tem parceria com a turma de enfermagem, com a turma de educação física, e com nutrição. E ta sendo assim parcerias excelentes. E agora vai, meu genro também vai desenvolver um trabalho também lá para visitar industrias.

VIRGINIA: Oh, que legal.

MARIA: Entendeu? Então vai ver as condições das industrias, a poluição né, da água, e vai incluir as quartas. Agora, era quarta série, agora é o quinto ano, você sabe que agora é o quinto ano. Que começou o introdutório que seria separado.

VIRGINIA: separado...

MARIA: Separado, como se fosse um pré, agora é primeiro ano. Então o menino que está na quarta série, na verdade está no quinto ano.

VIRGINIA: Hum... hum...

MARIA: Esta turma que eu trabalhei com ela era quarto ano, passou para o quinto ano.

VIRGINIA: Hum... hum...

MARIA: Ai quando estiver na oitava série, nono ano. Entendeu?

VIRGINIA: Hum... hum...

MARIA: Então vai, o quinto ano vai trabalhar. Estas parcerias estão, nó... assim ta ajudando muito a escola eu acho, os meninos. E até nós professores que... é ... é ... acrescenta também.

VIRGINIA: Hum... hum...

MARIA: Que agente não sabe tudo, e eles trabalham e agente ta ali junto, e é tão bonitinho, as fotos, sabe. Eles tiram as fotos, fazem os murais, eles ali trabalhando com elas, então, interessante as palestras com as cantineiras, né.

VIRGINIA: Hum... hum...

MARIA: Que elas é, né, não tinham assim, muitas são até analfabetas. Elas não sabem que abóbora, a cenoura, é todo tipo de legume e verdura vai dar né, vai se tornar aquela sopa tão cheia e nutrientes. Então hoje dia você chega lá tem um pouco de carne e... era mais carne

e macarrão, hoje não. Você vê pouco macarrão, pouca carne e muito verde, muito amarelo e muito vermelho. Então é importante demais.

VIRGINIA: Hum... hum...

MARIA: E eles comem, os meninos comem mesmo, tomam a sopa. Até na hora, eu estava na avaliação de desempenho, e quando fomos avaliá-las, então elas falaram que os meninos não tomam a sopa igual eles comem o arroz temperado, assim eu falei, eu acho que eles gostam da sopa sim, principalmente quando está fazendo frio. Eles gostam, quando o tempo tá muito calor ninguém gosta de sopa, mas eles tomam bem a sopa.

VIRGINIA: Só para entender. Na avaliação de desempenho foram avaliados quem?

MARIA: Todos os funcionários da escola são avaliados. Secretaria, o pessoal da secretaria, os professores, todo mundo desde a cantineira até o diretor é avaliado. Então é, eu faço parte da equipe que avalia. E quando nós fomos avaliar as cantineiras, ai é, ele falou da importância deste trabalho, foi dito lá. Na preliminar ali, porque a primeira vez que elas foram avaliadas. Então sobre o uso do avental, tudo que elas aprenderam lá com as nutricionistas. O uso da toca, a água que vai preparar o suco, né. A importância de conservação de alimentos. E ele falando com elas que elas tem que estar bem atentas as palestras, que tudo tem que ser da maneira que, né, para promover a saúde, então quer dizer, elas são, elas promovem a saúde né?

VIRGINIA: Hum... hum...

MARIA: Então no caso, ai uma delas, quando nós falamos, a sopa é muito bem... O diretor perguntou, o que vocês acham que os meninos aproveitam mais, que eles gostam mais. É lógico que eles preferem o suco de morango com biscoito. É lógico que eles preferem. Semana das crianças, o pão com salame e refrigerante, para eles é uma benção. Que não é tão bom né. Mais, o dia a dia, tem o cardápio, da segunda, da terça, da quarta, da quinta e da sexta. Então ele, o diretor perguntou, o que que elas achavam que os meninos menos gostavam. Ai elas falaram, eu acho que eles deixam a sopa. Deixam a sopa no prato. Ai eu falei assim, eu não acho, por que meus alunos quando eu estou merendando com eles, porque agente merenda junto com eles, né. Aqueles dez minutos, agente tem que estar com eles. Porque antigamente agente tinha, agente merendava numa sala à parte, na sala dos professores. E os meninos ficavam com outras pessoas, como diminuiu, houve cortes de funcionários, tal, tal. Hoje agente merenda junto com os meninos.

VIRGINIA: Hum... hum...

MARIA: E eu acho, sabe, eu falei com elas, eu não acho que a sopa seja a mais descartável não. Eu acho que o mingau talvez, quando não tem queijo (risos).

VIRGINIA: Ai os meninos não gostam não. (risos).

MARIA: Mais a sopa, ela é bem aceita. Como estou te falando, criança que não tem dentro de casa. Por que às vezes tem mãe que bebe o dia inteiro, você sabe disso. Tem mãe que trabalha o dia inteiro. Então se não tem uma pessoa para fazer, eles vão sem almoçar, ou esquentar, a mãe deixa para esquentar, eles tem preguiça de esquentar, né. Então eles merendam. O almoço deles é o arroz temperado, eles fazem a batata sabe, com o peito de frango e pão, assim, fica uma delícia. Então é muito bem aceita estas comidas, igual estou te falando, estas comidas. E cheia de nutrientes né?

VIRGINIA: Hum... hum...

MARIA: E... começa de lá. Ai nesta avaliação eu disse para elas que a merenda é dez. Elas inclusive, todas tiraram muito boas notas, por que eles fazem, sabe, com muito capricho e tudo. E igual estou te falando do morango, ele foi aproveitado com leite, né. Como suco, e... foi assim, fez morango de todo tipo, pôs (risos) morango, sabe, morango inteiro dentro, como se fosse um mingau assim. Mas todo jeito que fez o morango eles gostaram.

VIRGINIA: Hum... hum...

MARIA: Então elas estão tendo, a partir das palestras, que elas tem toda terça-feira elas tem uma palestra, enquanto está tendo estágio, ai elas estão melhorando cada vez mais, não que a escola já não desse uma merenda boa. A partir da hora que o governo começou a mandar as verbas, corretas, e que estas verbas não foram desviadas, a escola está tendo merenda boa, sabe. Por que quando eu comecei no magistério, o que tinha para merendar era canjiquinha. E todo dia era canjiquinha. É uma sopa... Você conhece?

VIRGINIA:

MARIA: É uma canjiquinha. Única coisa que punham eram umas folhas de couve, que pegavam no quintal delas mesmo, punha lá, pegava... Hoje em dia não, tem uma frutaria, uma verduraria lá pertinho que busca tudo né? Então para você ver, quando no começo, coitadinho dos meninos, era uma alimentação terrível.

VIRGINIA: E você acha que é importante a escola ter uma merenda, oferecer merenda?

MARIA: Oh! Você tá loca. Tem criança que vai para a escola devido a merenda menina. Oh, você não pensa que é Julia, que é Mata Machado, que é centro de cidade, que estuda elite, ou que... né não. Porque toda escola publica tem menino pobre.

VIRGINIA: Hum... hum...

MARIA: O Júlia tem muitos filhos de elite ai. Que eles chamam de elite. Que entra pai engravatado né, tal, tal, mãe ... Mas dentro das salas, toda sala, toda escola tem uma turma pobre, que não tem nem o que comer. No Júlia tem menino da Palha, no Mata Machado tem menino do Rio Grande. Como no Izabel Motta tem menino do Cazuza, entendeu?

VIRGINIA: E na realidade da sua escola, como é que é?

MARIA: Da minha escola, é... eu tenho menino, quer dizer a maioria, né não. Eu não vou falar maioria não. Eu tenho muito menino que tem condições, menino filho de comerciante, que os pais tem mercearia, filho de professor, filho de policial, que tem né, filho de comerciante do bairro. Nós temos muita clientela. Mas tem crianças na nossa escola que vem lá... do coisa da Bela Vista... lá... do Cazuza , sabe, onde que não tem nem água potável, nem encanção, água e esgoto não tem. Não tem asfalto. Então, eles provavelmente, a maioria não tem, é filho de mãe solteira, a mãe vai trabalhar na casa dos outros e eles vão para a escola e merenda.

VIRGINIA: Hum... hum...

MARIA: Sabe, e eles, muitos meninos vão para merendar, hoje em dia menos, sabe? Mas muitas crianças era, antes era assim, que hora que é merenda tia? Que hora que é a merenda? Na minha sala eu não noto muito, que eu sempre, a maioria, a maioria destes vinte e cinco anos eu trabalhei com a primeira turma. Então a primeira turma é a que tem mais material, não é porque eu vou, a escola fala assim, vai ali e pega só os meninos que podem e põe nesta sala, não é isto não, é pela aprendizagem. Agora hoje não tem mais, hoje é tudo misturado.

VIRGINIA: Antes dividia que as primeiras turmas eram os melhores alunos.

MARIA: Eram só os melhores. Só os que tinham as melhores notas. Hoje convivem juntos, quem não sabe dois mais dois, e o que lê qualquer livro e sabe os fatos fundamentais, você entendeu?

VIRGINIA: E você acha isto melhor do que antes ou acha pior do que antes?

MARIA: Eu acho, nunca teve uma turma homogênea completamente. Este ano foi a que mais chegou perto, sabe? Mas a não ser quando chega criança, igual eu recebi criança de São Paulo, que veio sabe, mas com fome também viu. Ia, chegava ia na merenda primeiro(risos).

VIRGINIA: Mas ai você acha que a merenda está relacionada com garantia e direito de alimentação ou ta relacionada com as funções da escola ou os dois, ou como é que isto?

MARIA: Uê, é função da escola.

VIRGINIA: Por quê?

MARIA: Não. Aliás. A escola particular não dá merenda, né. É função do governo fornecer merenda, principalmente para criança da zona rural né? Agora nós estamos na zona urbana, mas tem muita criança que mora longe da escola.

VIRGINIA: Hum... hum...

MARIA: E... e... Eu acho que depois que eles agilizaram isto, que está vindo uma verba melhor para a merenda, que está vindo assim, que está tendo possibilidade de estar mudando cardápio, que melhorou, melhorou.

VIRGINIA: Melhorou a merenda?

MARIA: Claro, melhorou a merenda, os meninos comem mais, com a barriga cheia eles aprendem. Menino com fome vai aprender? Toda hora perguntando que hora que é a merenda? Tem aluno na escola, não é o meu caso, este ano não é meu caso, mas tem, só que eu te falei, o André. Mais tem uma turma lá que a tia diz que, a professora deles diz que toda hora, oh tia já está na hora da merenda? Eles ficam loucos. E não é só para sair lá fora não. É para merendar mesmo.

VIRGINIA: Hum... hum...

MARIA: Entendeu? E alguns, eles pedem para ir tomar água ou ir no banheiro para olhar que merenda que é. E chegam lá e vai no ouvido de cada um e falam. (risos).

VIRGINIA: E como que você acha que isto interfere na sua atividade como professora?

MARIA: Eu acho que tudo que é bom para o aluno é bom para o professor. Se ele está satisfeito com o espaço que ele tem, com a merenda que ele tem, com o diretor que ele tem, né. Que ali na hora da merenda é a hora que acaba de merendar e vai conversa com o diretor e conversa com os supervisores e tal. É o momento assim que eles também tem

contato mais, com os outros funcionários. Então é, dez minutinhos mas faz uma diferença enorme.

VIRGINIA: Hum... hum...

MARIA: As vezes eles estão agitados, sabe? Ai merendam, tomam uma água, tomam um suco, ai melhoram completamente.

VIRGINIA: Hum... hum...

MARIA: Teve um descansozinho, correram um pouquinho, chegam agitados é lógico, às vezes alguns chegam atrasados, mas ajuda sim.

VIRGINIA: Hum... hum...

MARIA: Eu acho que é comida né gente. (risos)

VIRGINIA: Hum... hum...

MARIA: Até eu sou (risos) merendo junto com eles, tudo que eles comem...

VIRGINIA: Hum... hum...

MARIA: ... eu como. Tem colega lá que levam separado assim, vai comer escondido e tal. Eu merendo junto com meus alunos.

VIRGINIA: Por que esta escolha de comer junto com eles? O que que isto representa para você?

MARIA: Eu to mostrando para eles que aquilo é bom. Para... eu sou formadora de opinião, uai. Se a tia está comendo é porque é bom, que faz bem.

VIRGINIA: Hum... hum...

MARIA: Então que a tia. Claro que aqui em casa eu posso comer quantos hambúrgueres que eu quiser, né. Às vezes faço fritura, (risos). Lá eu nunca vou falar isto com eles.

VIRGINIA: Hum... hum...

MARIA: Que batata frita é bom todo dia, é lá uma vez na vida que pode comer. Hambúrguer é lá um domingo, né. Que comida que tem que ter mesmo é verdura, o feijão né, que tem ferro e tal, para não deixar os ossos ficar fraco. É isso. Então mesmo que aqui... mas lá. E eu merendo mesmo porque eu gosto e acho nutritivo também a merenda. Me dá força para continuar minha filha. Que não é fácil (risos). E merendo um prato cheio, as meninas da cantina, nossa, você não engorda nem sei porque. Por que tem umas também que não come por causa que é só comida que engorda., sopa,(risos), arroz temperado com tudo, então elas não (risos), tem dia que é feijão tropeiro...

VIRGINIA: Hum... hum...

MARIA: Não aquele feijão tropeiro cheio de torresmo e coisa, mais leite,né.

VIRGINIA: Hum... hum...

MARIA: Então, eu merendo tudo junto com eles.

VIRGINIA: Você acha que isto faz com que os alunos....

MARIA: Incentiva eles merendar.

VIRGINIA: Hum... hum...

MARIA: E às vezes na casa deles eles não tiveram a verdura. Né cenoura, nem a couve, nem o repolho, nem o alface, eles não tiveram e lá eles tem.

VIRGINIA: Hum... hum...

MARIA: Às vezes comem arroz e feijão, ou às vezes nem isso.

VIRGINIA: Em casa.

MARIA: É. Muitos, muitas acham que merendam duas turmas, né. Este ano eu merendava com uma super carente. Você não imagina o que que é passar na frente do outro para merendar primeiro. Entendeu?

VIRGINIA: Hum... hum...

MARIA: Agente vê a carência deles é na hora da merenda. Que eles correm, eles descem, quem estuda lá em cima eles descem igual loucos, agente tem que estar oh, um apartando o outro com medo deles caírem, ai chegam lá ainda querem pegar frente,entendeu? Ai agente vai trabalhar, se você deu a frente você vai para o ultimo. Ainda trabalha cidadania. (risos)

VIRGINIA: Hum... hum... E como que você se sente nesta situação, por exemplo, enquanto você está lá merenda com todos os alunos, ou enquanto você, é enquanto você está lá merendendo, o que que você sente?

MARIA: Uê. Isto que eu te falei. Eu sinto que eu to, é uma aula que eu estou dando para eles. Aquilo ali também é aula. A hora do lanche é uma aula. Então, é uma aula de, quando eu falo assim, você não pode furar fila, por que no banco você não pode, nem na fila do INSS, nem na fila lá do Posto de Saúde, não pode furar. É uma aula. Quando você fala assim, não joga comida em cima da mesa. Ou, se você não for comer tudo, pede para a servente colocar pouco porque o outro coleguinha vai querer, e muitas vezes a merenda não dá porque tem gente que repete muito, entendeu? Minha turma é a ultima, a minha e da minha colega. Muitas vezes a merenda teve que ser modificada porque não sobrou.

VIRGINIA: Hum... hum...

MARIA: Entendeu? Por que, por causa da repetição. Então eu estou lá, não come, não põe o prato cheio se você não for comer, não pões. Então eles ficam brincando, um põe, eu não como cenoura então vou por no prato do coleguinha. Então eu to lá com eles toda, e to ensinando para eles o comportamento a mesa. A hora que terminar de comer tem que por todos os pratos, cada um colocar seu prato na bacia. Ai o que que está ensinando, que agente tem que cooperar com as tarefas.

VIRGINIA: Hum... hum...

MARIA: Entendeu? Então todos eles terminam de merendar pegam o pratinho e põe lá dentro da vasilha, que fica uma bacia deste tamanho, na porta, assim, perto da porta da cantina, eles põem lá.

VIRGINIA: Você estava falando do... do.... durante o recreio.

MARIA: É. Então eu to merendendo com eles, se bem que, que tinha que ser um momento de paz né. Mas foi uma escolha nossa de estar merendendo com eles. É...é... se você tinha os dez minutos, se você quisesse ficar dentro da sala do professor merendendo sossegada, tal, tal, ai você teria que ficar mais dez minutos. E como cortou pessoal e também não tem muita gente para ficar ajudando na merenda, ai agente optou por isso, e ai ganha estes dez minutos.

VIRGINIA: Hum... hum...

MARIA: Né. E às vezes agente nem come como deveria, porque às vezes agente tem que parar, levantar, ir lá, falar uma coisa, ensinar alguma coisa ou chamar atenção porque é... é... largou o prato lá e foi correr. Entendeu?

VIRGINIA: Hum... hum...

MARIA: Então é um...

VIRGINIA: Então é como se não tivesse intervalo?

MARIA: É. Como, para eles é uma festa, mas para nós, talvez seja mais cansativo. Saiu da sala, tomou um ar, mas né, é cansativo, às vezes não dá tempo nem de ir ao banheiro.

VIRGINIA: Hum... hum...

MARIA: Porque agente tem que estar lá com eles.

VIRGINIA: Hum... hum... Eu ia te perguntar, que você falou dos momentos de trabalhar o conteúdo e tal. No início da entrevista você falou assim de, que os pais atribuíam alguns papéis aos professores e que leva por exemplo o micronebolizador para fazer a nebulização.

MARIA: É.

VIRGINIA: Nestes momentos, quando é por exemplo, para dar um remédio, para, um menino tem que fazer micro na escola, como você se vê neste papel, como você se sente neste papel?

MARIA: Eu sinto mãe. Sabe? Eu sinto mãe. Eu fico assim, meu Deus, será que esta mãe, não..., porque que a mãe mandou o nebolizador? Por que ela ia trabalhar, a criança não podia faltar porque não tinha ninguém em casa com ela.

VIRGINIA: Hum... hum...

MARIA: E tava neste tratamento, então tem que dar às três horas da tarde. Então a escola foi a válvula de escape, isto aconteceu... Não é todo ano que isto acontece...

VIRGINIA: Então...

MARIA: ... mas com uma certa frequência. Aconteceram várias vezes. E... e... você para, é lógico que você não vai lá e ligar o... sabe? Então você tem... Você chega lá na direção e fala, é, trouxe, vai ter que dar tantas horas, tem um bilhete, deixa tudo arquivado. Ai uma outra pessoa né, seja a supervisora ou até o diretor mesmo. Ou uma pessoa que ta na, a pessoa que nos substitui, que chama eventual né. Ela faz estes trabalhos né, que agente não pode sair da sala de aula.

VIRGINIA: Hum... hum...

MARIA: Né. Eu peguei, a responsabilidade foi dada a mim, né. Remédio não, chegou a hora, duas horas, é hora de tomar remédio, toma lá na sala mesmo.

VIRGINIA: E você acha que é função sua como professora fazer isto?

MARIA: Não é função. Mas se o menino está tomando remédio de oito em oito horas, deu quatro horas é hora do remédio dele, ele tem condições de ir na aula, ele está fisicamente bom, tem condições de ir na aula. Eu prefiro mil vezes que ele vá a aula e eu dê este é... é... remédio, mais é, como é que fala, é... que dá para infecção.

VIRGINIA: Antibióticos?

MARIA: Antibióticos. De hora marcada, mais são estes. Então se ele está bem, melhor ele estar na aula, aprendendo, né. E o que que custa, oh tia quatro horas eu tenho que tomar

remédio. Ai se for, eu mando eles lá cantina, ou então eu mando buscar um copo d'água e eles tomam lá mesmo, quando é líquido eu mesmo ponho na colher e dou, isto não vai me atrapalhar em nada, uê.

VIRGINIA: Hum... hum... Você acha que não interfere...

MARIA: Não... não interfere não. Eu acho que não é papel da escola.

VIRGINIA: Hum... hum...

MARIA: Não é. Mas no meu caso, como eu sou muito maternal e detesto falta, porque eu acho que perde demais conteúdo. Eu prefiro que eles vão. Todos os alunos meus eu exijo atestado quando falta dois, três, começou, três dias eu já começo atazanar o diretor que está faltando, e é assim que deve ser. Porque muitas evasões acontecem por causa disso. Menino que faltou é... uma semana, professor não vai atrás, ninguém ligou, ele evadiu. Né. Então, agente tem que prestar muita atenção, inclusive uma mãe de São Paulo falou isto. O menino veio em agosto, aí, na hora de buscar o resultado eu falei com ela que o menino veio muito ruim em matemática. Que ele iria ser aprovado mas que ele precisava muito de estudar. Ela falou assim: “Ah, lá eles não... as professoras, elas falam assim: ‘Tia, eu não sou sai tia, não. Eu não sou irmã do seu pai, nem da sua mãe. Eu não sou sua tia. Eu sou fulana. Não tenho parentesco nenhum com você.’” Aí ela falou que elas, se fez tarefa, fez. Se não fez... Que elas não tem aquele cuidado de perguntar porque é que está faltando. Eu vou atrás. Se eu sei onde que o aluno vai, uma hora eu vou atrás dele. Encontro parente na rua, que eu sei que é parente, falo. No outro dia o menino está lá na escola. Mando falar que o Conselho Tutelar vai lá. Então é assim, se não estiver internado, está na escola. É só se não estiver agüentando mesmo. E é por isso que a minha turma rende, porque eu exijo e é assim, pode tirar A em tudo, assiduidade não foi... Eu não falto nem um dia, eu posso estar com cabeça doendo, posso estar com. Eu fui com... Esse ano eu fui doente não sei quantas vezes, tive aquela virose, eu fui trabalhar assim mesmo. Eu não falto. Nem dia do meu aniversário. Todo mundo tem aniversário, só eu que não tiro. Não falto. Porque que eles vão faltar? A não ser que esteja internado. Agora faltar porque não fez dever? Faz na hora do intervalo, na hora das aulas de Educação Física vai fazer. Entendeu? Faltar porque a mãe, foi fazer compra com mãe não existe isso lá na minha turma, não. Não aceito mesmo. E se fizer eu falo com a mãe, mesmo, em reunião. “Olha, dia de aula não é dia de levar menino pra fazer compra.” Nem em dentista! Se trabalha de man..., se a criança estuda de manhã, ela tem

que ir ao dentista a tarde, né? Não pode marcar dentista... Porque tem faculdade aqui, eles atendem de manhã e de tarde, então quem estuda a tarde, vai no dentista de manhã. E tem uma que marca dentista pra três horas, o espertinho vai e três horas sai no meio do conteúdo.

VIRGINIA: E como você acha que isso... Como que isso fica em relação com a sua aula?

MARIA: O menino fica para trás! Aí eu tenho que estar preocupada em passar a matéria para ela, sabe? Esse ano, no início da prova de matemática, a mãe chamou o menino porque o dentista ligou que eles iam entrar de férias, o dentista da faculdade ligou, o estudante lá, pra levar o menino. Era uma e meia (1:30h), estava começando a avaliação de matemática. Aí eu fui questionar. Eu fui lá e falei assim: “Como que uma mãe tira o menino do meio de uma avaliação final para levar para o dentista?”. Aí a vice-diretora falou comigo: “Ela não pode pagar, a faculdade está entrando de férias, o menino está com o dente doendo. A única condição que ela achou foi essa.” O que é que eu vou fazer?

VIRGINIA: O que é que você fez?

MARIA: Eu ti... Deixei o menino ir. A direção deixou... É a hierarquia, a vice-diretora deixou, eu tive que deixar. Porque? Porque a situação... A mãe não podia pagar um dentista, tinha que aproveitar a faculdade.

VIRGINIA: E como você se sentiu com isso?

MARIA: Aí eu me senti mal, reclamei, achei que aquilo ali foi um absurdo tanto pela parte da mãe como , né... O diretor não estava no momento, conversei com ele depois. Ele também não achou bom. Depois que ele explicou isso, que a mãe estava até chorando que o menino estava com o dente doendo e que ela não tinha dinheiro para pagar e que a faculdade tinha só naquele horário... Então no outro dia que eu fui dar, na hora de outra prova, quando terminou outra prova, que os meninos foram embora, que eu teria um momento para corrigir, pra estar descansando, eu fui dar prova pra ele.

VIRGINIA: E o que você sugeriria como alternativa nessa situação, então?

MARIA: Uê, se não tem dinheiro, o que você pode fazer? Se a família não tem dinheiro...

[Interrompe a gravação]

VIRGINIA: Tem mais alguma coisa que você quer falar?...

MARIA: Não, acho que você que tem... que sabe se o material já está suficiente para você começar...

VIRGINIA: Das suas situações de você trabalhando saúde na escola, tem mais alguma coisa que você acha importante saber?

MARIA: É o que eu te falei... Acho que não tem muita coisa a acrescentar, não. É o que eu te falei. Tudo que eu leio de novo nas revistas e vejo na internet, leio na internet ou vejo em programa de televisão... Porque... Você sabe que Ana Maria Braga também ensina muita coisa, né?

VIRGINIA: Ah é?

MARIA: Nutritiva.... (risos) Muita receita nutritiva. Tudo que eu aprendo eu falo com eles.

VIRGINIA: Aham...

MARIA: Então, não tem essa coisa de ser só. Não é só saúde, não. É tudo! Tudo que você pensar!

VIRGINIA: É o quê mais?

MARIA: É sobre violência, é sobre... é, é... dia-a-dia, né... Eles chegam lá e falam, né, o ano passado o meu aluno chegou chorando, chorando... Aí ele não me falou. Ele, orgulhoso, não me falou... Aí depois o coleguinha: “Ô tia, sabe porque que Luiz está assim? É porque o irmão dele foi preso com droga.” Nossa, tem situações que você nem imagina que acontece... É o pai assassinado. Eu tive aluno esse ano que o pai foi assassinado. A mãe foi buscar o menino dentro da sala de aula, entendeu? É, assim... barraco de irmã com irmã dentro de casa. É irmã que ficou grávida e a irmãzinha menor, você entendeu? Tem que conviver com aquilo... Chegou com dever, a folha do dever rasgado porque a irmãzinha rasgou. Uma adolescente, né, que tem uma irmã que está no quarto ano.... Quer dizer, ela não tinha que estar convivendo com isso ainda, só se fosse irmãozinho dela mesmo, não sobrinho... né?

VIRGINIA: E você acha que essas coisas são para serem trabalhadas em sala de aula?

MARIA: Tudo! Tem que aproveitar tudo.

VIRGINIA: Como que pode trabalhar isso?

MARIA: Com as oportunidades que surgem. Se chegou e contou...

VIRGINIA: Ta... Então vamos supor... Chegou lá a mãe para buscar o menino que o pai foi assassinado. Qual que foi sua postura diante disso?

MARIA: Aí é lógico que a gente não fala nada... Na hora ninguém fica sabendo. Aluno nenhum fica sabendo. Nenhum menino, entendeu? É... Vai... Eles vão... Acompanha a

família. A gente só que sabe. A gente fica arrasado mas... Aí depois que o coleguinha volta e que conta... Aí que a gente vai tocar no assunto.

VIRGINIA: Aí como que você tocou no assunto?

MARIA: Que... É claro que você não vai chegar: “Ah, porque que seu pai foi assassinado?” É claro que não! A gente aborda... “Você viu na televisão?” né... Aí vai abordando as coisas... E eles mesmos contam a gente, entendeu?

[Toca o telefone, a gravação é interrompida novamente]

VIRGINIA: Aí você estava falando de como você agiu com...

MARIA: Aí a gente aborda, entendeu? Quando teve aquele problema da Eloá, o Luiz que eu te falei, o que a mãe não... que mora com a família paterna, falou assim: “Olha aqui, tia. Tudo errado porque essa menina com 12 anos não tinha que estar namorando. Minha avó mesmo falou!”

[Toca o telefone, a gravação é interrompida novamente]

VIRGINIA: Então vamos continuar... Aí a avó... Eloá!

MARIA: Eloá! Então o menino foi... Ele teve o mesmo pensamento meu. Você acredita? Um rapaz de 22 anos namorando uma menina de 12. Aí, é lógico que eu não falei com eles: “Isso está errado!” Porque a gente também não pode ser radical, né. Mas, eu tenho que acatar a opinião dele. Ele escutou em casa falando e ele concordou. Ele foi de total... Sabe? Ele concordou com a avó. Ele falou assim: “Minha avó falou, tia, e eu acho também.” Olha só, um menino de 10 anos, “Eu acho que ela estava muito nova para namorar”, sabe, “Ela não podia”. Ela nem tinha sido assassinada ainda. Enquanto estava desenrolando, que foi uma semana disso. E todos os dias, essas coisas que acontecem na televisão são as primeiras coisas que chega na sala: “Ô tia, a senhora viu o que aconteceu?” Então, dá final de semana... Segunda-feira a gente chega: “O que você fez no final de semana?” Aí... aquela linguagem oral básica que a gente tem que fazer. Aí quando acontece acidente perto deles, ou se tem uma briga que tem de bar perto da casa deles que os pais deles estavam envolvidos, ou mãe... Né, ou teve... eles viram duas mulheres se engalfinhando, brigando... eles contam tudo. Aí o que você vai fazer? Você tem que dar assunto. Você vai deixar passar? Aí eu aproveito. São aqueles momentos que eu falei pra você que a gente pára e conversa.

VIRGINIA: Aham...

MARIA: Isso aí é a cidadania, né?

VIRGINIA: Aham...

MARIA: E só falando: “Aí, está vendo? Você não pode fazer isso. Nunca... Ficar em bar... Criança... Bar não é lugar de criança.” Né? E... A questão... Oferece, carnaval... A nossa realidade aqui é terrível! Então a gente tem que estar trabalhando. Carnaval, a gente trab... quando as aulas começam antes do carnaval a gente fica a semana inteira falando de carnaval. Aí fala que não pode sair sozinho, é muito movimento de carro, é muita droga, muito acidente, né. Então, não vão para a cachoeira porque elas vão estar cheias de gente. não se perde... se sair, fiquem sempre perto dos pais. Então é a aula que a gente dá todo... então, eles abordam as coisas que eles vêem na televisão, então, eu dou assunto. Eu puxo corda.

VIRGINIA: Aham.

MARIA: Aí você está... O que é que você está fazendo? Desenvolvendo linguagem oral e você está trabalhando, é uma aula.

VIRGINIA: Aham.

MARIA: É igual eu falo com eles. Sete de setembro a gente vai lá é só pra mostrar o uniforme novo? O brilhantismo? É uma aula de cidadania. Você está alegre porque sai pátria é independente, Portugal agora não manda na gente mais. Então é cidadania! O menino que não vai desfilando ele perdeu uma aula de cidadania. Ele viu ali autoridades. Quem foi viu autoridades, viu várias escolas, vários costumes, que em desfile de criança aparece muita coisa de folclore, essas... As diversas formas culturais que existem no município, no estado, no país. Então aquilo ali é uma aula de cidadania extra-classe. Então, tudo isso é trabalhado. A professora, eu acho que tem que estar atenta e aproveitar tudo. Porque tem umas que eu acho que estão mortas, elas dão o conteúdo, mas elas não abordam nada. E o menino de hoje você tem que... Ele está muito além. Mesmo os carentes, mas todos tem televisão em casa, e vários frequentam as *lan houses*, né.

VIRGINIA: É mais uma fonte, né.

MARIA: É, mais uma fonte. Então eles estão por dentro das coisas que acontecem. Se você não estiver preparada para... pra.. pra hora que eles te perguntarem porque que acontece aquilo... Você tem que estar preparada para responder.

VIRGINIA: E como que a escola te ajuda nessa necessidade de estar preparada para resolver as dúvidas dos alunos?

MARIA: Olha, a escola não... Ela não tem condições... A não ser quando a Superintendência chama a gente pra um curso de... né, assim mesmo é didática, tudo... Mas a escola tem computador e tudo, mas ela não tem condições de estar passando pra gente essas coisas, não. A gente é que tem que buscar.

VIRGINIA: E não tem nenhum tipo de movimentação assim, da direção...

MARIA: Não, a gente tem reuniões, tem o Módulo II que a gente faz, sabe?

VIRGINIA: O que é o Módulo II?

MARIA: O Módulo II são umas horas semanais que você tem que fazer para completar sua carga horária. Que o Estado são tantas aulas, então você tem que completar aquilo ou então esse Módulo II você pode fazer com reuniões pedagógicas, sabe? Então a gente aborda vários assuntos...

VIRGINIA: Por exemplo?

MARIA: As vezes lê um texto. Aborda situações de sala de aula, né, porque que aquele aluno está em defasagem. Porque o aluno da... a mesma primeira série deste ano que não houve escolha de menino melhor, porque que aquela turma aprendeu mais que aquela outra. Onde que estava o erro. Todos os tipos de... É só aluno. A gente não toca em outro assunto a não ser problema de aluno, sabe? É porque que o aluno... O quê que a gente deve fazer para o aluno aprender os fatos, porque que tem aluno que não está tendo aula de Literatura, porque que um aluno da 1ª série vai lá no auditório e lê perfeitamente e o outro que está tendo a mesma bagagem dele não lê nem as sílabas simples? São essas questões assim que a gente trabalha.

VIRGINIA: E aí é um debate em grupo? Como é que é?

MARIA: É um debate, é, todos os professores. Cada um dá a sua opinião. Aí fala o supervisor, a vice-diretora, o diretor. E o diretor cobra o quê que... e a Superintendência cobra dele. Nós estamos sendo tão cobrados ultimamente, tão cobrados. Você vai ver que nós estamos passando por uma avaliação de desempenho. Se você tirar mais de cinq... menos de cinqüenta pontos, você é mandado embora do Estado. Porque? Eu acho que o governador Aécio Neves eu acho que está preparando alguma cama, né, eu acho que ele almeja a presidência. Então, para ele, ele está investindo na educação, sim. Não conosco,

sabe? Que professor, pagamento continua... não aumentou. Deu um prêmio, né, dessa avaliação. Porque tem uma Prova Brasil, entendeu, na 2ª série, Provinha Brasil, se a escola não alcançar determinado patamar a escola desce, entendeu? Então ela, se ela não alcançar o que está dentro do esperado... Ela tem que estar dentro do esperado, ou melhor. Porque se ela estiver abaixo do esperado ela é rebaixada, é igualzinho escola de samba. Igualzinho time de futebol!

VIRGINIA: E como que a escola aqui ficou?

MARIA: Nós estamos em 3º lugar no município.

VIRGINIA: É dentro do esperado?

MARIA: Dentro do esperado. Mais um pouco!

VIRGINIA: Ah que ótimo!

MARIA: Não melhor assim... mas dentro do esperado. Então a escola alcançou metas incríveis. Porque? Porque o diretor cobra porque ele é cobrado lá. Teve escola que teve que dar outra avaliação, aqui dentro da cidade, entendeu? Então, a nossa escola já esteve assim... Depende muito da direção também. Porque é claro, é igual estar dentro de uma família. Se sua mãe não te cobrar nada, você vai fazer?

VIRGINIA: Tem que ter alguém pra...

MARIA: Então, quando os ratos saem... os gatos saem os ratos fazem a festa. Se não tiver uma direção... né, não linha dura, porque ele é muito assim, amigo da gente. Mas na hora de puxar orelha ele puxa mesmo, e exige. Então hoje, esse ano nós tivemos, na minha sala não foi, mas na sala que estava com o aproveitamento mais baixo teve gente da Secretaria da educação de Belo Horizonte, teve gente da Secretaria da Educação da Superintendência, inspetora dentro de sala, entendeu? Dando ditado, tomando leitura, olhando se a gente tem caderno de plano, se a gente prepara aula, se a gente está usando o livro di...[didático]. Nossa! Nós estamos sendo super cobrados. Então, se está sendo cobrado você tem que ser bom. Tudo que você escolhe fazer, você tem que fazer com dignidade, né. Igual minha irmã falou, que a escola que ela trabalha é estadual, é municipal, o prefeito pagou a faculdade. Ela fez faculdade de graça enquanto eu paguei aqui, um salário. Era quase o meu salário que ganhava. Meu marido que pagou porque meu salário de professora não dava para pagar e... e ela não, ganhou a faculdade. E diz ela que trabalha em dois turnos. Enquanto ela está lá na Escola Municipal, está sentada, passando atividade, corrigindo coisa ou preparando

aula da outra escola. Então isso é lesar... você está lesando... quantas crianças você está lesando?

VIRGINIA: Com essa atitude de...

MARIA: Você está louco! Você está lesando 30 crianças, ou 25... Se fossem 2! Você está lesando pessoas. Você não está fazendo o seu trabalho, uai. É por isso que, eu não sou... As vezes eu chego atrasada porque eu faço tudo sozinha, tenho, né, filho estudando, tenho filho pequeno.. Mas eu chego... Se eu chegar na hora que está rezando já é chegar atrasado porque tem que chegar 10 minutos [antes]. Então, às vezes, eu chego já está rezando, tal. Pra mim não é atraso porque o menino não está na sala ainda, pra mim não é atraso. Mas é. Pelo sistema, é. Mas, porque que eu não falto uma vez no ano. Não falto! Porque que eu só tenho a licença de gestação? Eu não tenho... Eu tenho uma licença porque eu fiquei sem caminhar, eu tive uma licença de 45 dias, na minha vida de 25 anos.

VIRGINIA: Tem 25 anos que você trabalha em escola?

MARIA: É. Vou fazer. Então eu estou esperando idade para aposentar no ano que vem. Então... porque eu... se eu não trabalho. Às vezes eu acordo e penso, “eu vou trabalhar tal matéria”, então está tudo na minha cabeça, o que eu vou trabalhar. Então eu passo aquilo, e pego os livros. Se for pra digitar, eu mando digitar. Se for pra trabalhar eu faço as anotações e preparo e trabalho tudo que eu tenho que trabalhar e mais alguma coisa. Entendeu? E não é porque eu estou fazendo diferente, que eu não ganho nada com isso, que eu sou a tal, não é por isso, não.

VIRGINIA: É porque, então?

MARIA: É porque eu acho que eu quero isso para os meus filhos e eu sou obrigada, por eu to ganhando. Porque se eu ganho pouco é porque eu quis, né. Eu escolhi. Professor nunca vai ficar rico na vida. Nunca! Mas porque eu ganho pouco eu vou chegar lá e vou sentar e deixar os meninos fazerem o que quer, e não cobrar tarefa ou não dar o conteúdo? Nunca. Eles não são culpados se meu salário é baixo, se meu plano de saúde não é bom, se o Estado não me valoriza como deveria. E acho que todo professor tinha que ser assim. Agora... A maioria é, viu.

VIRGINIA: É assim?

MARIA: A maioria que trab... agora... assim... que ainda está na escola... Tanto é que o governo oferece 20% a mais pra gente continuar nas escolas. Porque pra ele o professor que

tem mais experiência e que está com saúde é muito mais vantagem do que o professor que está chegando agora que, às vezes, estuda educação à distância.

VIRGINIA: Você acha que isso prejudica a ...

MARIA: Com certeza! Prejudica a profissão, prejudica... Quantos milhares de alunos eu já tive, quantos que são doutores hoje?

VIRGINIA: Você acha que a sua formação para trabalhar temas relacionados a saúde e a nutrição foi melhor do que a que está tendo hoje ou você acha que...

MARIA: Eu acho que hoje tem mais informações, né, igual eu te falei. Tem muito mais informações. Você pega... qualquer revista que você pegar, qualquer programa. Assim... Programa que eu estou falando assim, de qualidade né, tipo Globo Repórter, tipo muitas coisas assim do Fantástico, da Cultura, da TV Cultura... Então tem muitas, hoje tem informação demais. Na internet você acha tudo. Agora, a formação que nós tivemos realmente foi melhor. Porque nós, professores, éramos assim igual eu estou falando que deveria ser, davam aula e davam de verdade, entendeu?

VIRGINIA: Então voltando na sua experiência como aluna, você lembra de situações em que eram trabalhados conteúdos de saúde, de nutrição?

MARIA: Nutrição, a gente nem sabia o que era nutrição. Mas sempre se falou de saúde. Não como agora.

VIRGINIA: O que?

MARIA: Alimentos. Já falava sobre não comer gordura animal, sabe. Já tinha em livros sobre...

VIRGINIA: Isso quando você era aluna de que série?

MARIA: De 5^a a 8^a, né. Primeira a 4^a a gente nem via isso. A gente via cortar a unha, é... tomar banho...

VIRGINIA: De 1^a a 4^a?

MARIA: É.

VIRGINIA: Quê mais você viu de 1^a a 4^a?

MARIA: As professoras. Pra você ter uma idéia, só professora de 3^a e 4^a minha que eram formadas em Magistério. Só pra você ter uma idéia. Até na 3^a série eu não tive uma professora... Tinha uma professora, a minha da 2^a série tinha 4^a série. Ela escrevia tudo errado no quadro. Entendeu?

VIRGINIA: E mesmo assim ela ...

MARIA: A gente aprendia a ler e escrever, era alfabetizado. Eu fui ter uma professora formada no Magistério... Igual eu te falei, era Zona Rural, de Planalto de Minas. Então, eu fui ter uma professora formada na 3ª série. Foi a que me ensinou, ela e a da 4ª foram as duas que passaram o que eu sei hoje, de diferente. Porque operações e leitura a gente teve na alfabetização. Mas na de informação, nada, nenhuma.

VIRGINIA: Os temas de higiene e tal... surgiram quando?

MARIA: Surgiram na 3ª e 4ª.

VIRGINIA: E aí foi o que? Cortar unha e o que mais?

MARIA: É, cortar unha, tomar banho todo dia, lavar a cabeça. Aí sempre o piolho teve, né, lavar a cabeça para não juntar piolho.

VIRGINIA: O quê que trabalhava de piolho?

MARIA: Toda vida, desde que eu me entendo por gente, teve que trabalhar o piolho. Que é pra falar pra mamãe pra passar remédio, quem não podia comprar o remédio, ensinava fazer um remédio de Santa Maria, sabe, uma erva, e passava no cabelo e penteava. Aí matava os piolhos. E sempre eu tive também.

VIRGINIA: E de 1ª a 4ª teve trabalho de algum conteúdo de nutrição, alimentação?

MARIA: Nunca, nunca. Igual eu estou te falando, na 4ª teve porque a gente estudou corpo humano desde aquela época. Aí essa professora que era habilitada...

[3ª fita] Era... na 4ª série até hoje é o corpo humano. Mas nunca ouvi a palavra nutrição na vida. Eu ouvi falar essa palavra nutrição foi na televisão.

VIRGINIA: Ah é? Quando?

MARIA: É... Talvez... Gente, fisioterapia, nutrição... essas palavras não eram comuns pra gente, não. Isso foi ser comum pra gente depois que veio essa Universidade para cá, uai. A gente estudava alimentos que eram bons pra saúde e os que não eram. Coisas que eram boas pra saúde e coisas que não eram. Que toda vida a gente vê. Que todo professor tem que saber, mas essas informações de nutrição, que tem que ser balanceado, que tem que fazer exercício físico, que tem que ter quantidade de proteína, quantidade de cereal, quantidade de verdura, de legumes, nada disso não falava. A gente sabia que uma... que, por exemplo, comer é... mais era tabu alimentar.

VIRGINIA: O que, por exemplo?

MARIA: Pó exemplo, ó, não coma manga, se você tomou leite não pode comer manga.

VIRGINIA: Você aprendeu isso na escola?

MARIA: Aprendi.

VIRGINIA: E você ensinou isso na escola?

MARIA: Nunca. Claro que não!

VIRGINIA: Mas você descobriu que era tabu quando?

MARIA: Porque eu descobri que aquilo era folclore quando eu comecei a estudar na 5ª série as culturas, os folclores, tinha... veio tabu alimentar...

VIRGINIA: Então isso você aprendeu na 4ª e depois...

MARIA: Não, na 4ª assim... as pessoas falavam... Mas a professora não falou que foi tabu. Entendeu? Não é que ela tenha falado... ela, as professoras que eu to te falando as dos últimos anos, porque as primeiras não sabia nem que o que era a palavra tabu. Pra elas, fazia mal, sim, comer ovo com manga e leite, essas coisas. Por que não... Elas tiveram 2ª série, entendeu? Elas não tinham condições nenhuma de estar... Elas sabiam o essencial, eram alfabetizadas. Aí depois que... Com as outras a gente também não entrou em detalhes, o que é que é tabu alimentar. Depois que eu já estava lá na 5ª série, estudando História, que entrou o folclore, que a gente foi descobrir que manga com leite era um tabu! [risos]

VIRGINIA: E de 5ª a 8ª series o que mais que você aprendeu de nutrição?

MARIA: Aí entra tudo, tudo. Assim, não.. igual eu estou te falando, a palavra nutrição... A gente ouvia falar a palavra nutrientes, né...

VIRGINIA: Viu... Mas assim, assuntos que hoje você identifica que são da nutrição.

MARIA: Uê, é isso que eu estou te falando. Não pode comer muita gordura que faz mal a saúde, alimentos a gente tem que balancear, não pode... Tem que ter pelo menos uma verdura todos os dias. Que... Aí a gente fazia horta na escola. Na escola tinha couve, tinha alface, tinha cebolinha, tinha salsinha, tinha abóbora. Que, igual eu estou te falando, o governo não mandava, mas o pouquinho que ele mandava era adicionado essas coisas que era da horta da escola. Isso aí desde a 4ª série. Essas coisas... Aí quando... Na 4ª série era isso. Que comer couve era bom, que cenoura era bom para os olhos, que... é... maracujá acalmava, entendeu? Era isso que a gente escutava falar, de coisas boas para a saúde. E o quê que não era bom, por exemplo, não comer muita carne de porco, que ela é indigesta... Que ela é... Eles falavam que ela é, como se fosse... tóxica, mas nem falava tóxica...

VIRGINIA: Remosa?

MARIA: É, remosa! Essas coisas... E que era por isso que aparecia pereba, que não sei o que lá, que era carne de porco que é quente. Essas coisas! Entendeu? Mas era mais... Informal. Agora depois, na 4ª série a gente viu o corpo humano, os aparelhos né, todos, aí depois na 5ª a gente debandou a estudar, tinha mais livros e tal, a gente aprendeu.

VIRGINIA: Aprendia mais coisas.

MARIA: É, aprendia. Claro que não é igual hoje, é igual eu estou te falando, né. Mas aprendia que... O quê que a gente devia comer. Essa Pirâmide a gente já sabia desde a 5ª série. Que lá no topo tem, né, tem as proteínas aí depois vem, né. Aí tem os sorvete sempre condenado, o chiclete e a bala... Não é? Aquela Pirâmide desde a 5ª série, 7ª série a gente via ela de novo. Via no Magistério, via na Faculdade! [risos]

VIRGINIA: Decorou a tabela! A Pirâmide!

MARIA: É... mas nem decorei até hoje, você acredita?

VIRGINIA: Eu estou brincando! Nem precisa. Última pergunta: você conhece o Plano Político Pedagógico da escola?

MARIA: Assim, a gente estuda o PDE. Não é?

VIRGINIA: Não. O PPP. Ou não tem na escola?

MARIA: Tem. Mas nós não estudamos ele a fundo, não. Eu conheço, assim. Como que eu te diria assim, mais ou menos.

VIRGINIA: Ele aborda os assuntos de saúde que devem ser trabalhados?

MARIA: Aborda. Tudo aborda.

VIRGINIA: Você segue por ele, ou você segue por outro caminho?

MARIA: A gente tem uma... a escola tem e dentro desse plano cada série tem seu planejamento separado.

VIRGINIA: Dentro de qual plano?

MARIA: Do Plano Global da escola. Aí dentro de cada série tem o planejamento. Então, você recebe todo ano um... um... planejamento dessa grossura assim.

VIRGINIA: E você segue suas aulas por ele?

MARIA: Segue ali e, igual eu estou te falando, eu sempre vou além. Terminou, se o menino dominou aquilo ali eu passo pra outra coisa, mesmo que não seja... que não esteja ali dentro.

VIRGINIA: Chama “Plano Global da Escola”?

MARIA: É PDE. Plano de... Ai meu Deus...

VIRGINIA: PDE é Plano de Desenvolvimento da Educação, não é não?

MARIA: É. É isso.

VIRGINIA: É nele que você se baseia.

MARIA: É. Aí dentro dele a gente tem o planejamento. Cada série tem o seu. Cada professor recebe o seu, então você tem que trabalhar tudo que está ali. Português, da linguagem oral, ortografia, textos, todos os portadores de texto. Todos, todos, todos. Inclusive todos esses folhetos informativos que engloba Ciências a gente recebe e trabalha.

VIRGINIA: Como assim?

MARIA: Por exemplo, doença de Chagas. Eu posso não estar trabalhando, mas eu posso trabalhar ele todo dentro de Português, eles se chamam portadores de texto.

VIRGINIA: Ah ta.

MARIA: Qualquer texto que você achar...

VIRGINIA: Você faz isso em aula?

MARIA: Faço isso. Tem dentro dos cadernos dos meninos. Sabe... Foi desenvolvido um tema lá, uma palestra lá, eles entregaram o folhetinho informativo. Aquele folhetinho, igual eu te falei, a gente espera pra dar a aula, as vezes, a gente não está nem trabalhando aquilo, não é do seu conteúdo, mas você pode trabalhar ele em Português, entendeu? Ali você vai tirar data... as vezes tem coisa de medida de massa, capacidade, que você pode usar em Matemática. Todo portador de textos, esses folhetinhos informativos de saúde, até de loja, coisas de propaganda de loja, tudo você trabalha.

VIRGINIA: Hum... hum... ta.

MARIA: Entendeu? Então esses... em Português é aquilo tudo ali, produção de texto, sabe? Depois vem as regras, a gramática, tal, tal. Depois vem matemática e tudo que você tem que trabalhar, ai tem assim: introduzir, consolidar. Introduzir, consolidar. O que que é consolidar? O que você já trabalhou o ano todo, mesmo que você deu lá no primeiro dia de aula, que a outra professora deu lá no ano anterior, você volta, então é consolidar. E ai vem ciências, tudo desde, meio ambiente está sendo uma matéria a parte para todos nós. E todos os conteúdos de ciências, depois todo o de história, todos os de geografia. Ai agente só não trabalha religião e educação física, porque tem professor específico.

VIRGINIA: Hum... hum...

MARIA: Ai vem os palestrantes e nos ajuda.

VIRGINIA: Ai você vai e usa na sua aula. Mais alguma coisa que você gostaria de falar?

MARIA: Não.(risos). Eu acho que falei tudo que eu lembrei, né.

VIRGINIA: Final da primeira entrevista de MARIA.

APÊNDICE C – 2ª ENTREVISTA DE MARIA

Virgínia: E ae? Como é que foi ler a entrevista?

Maria: Eu li tudo. Tudinho, né. Que você pôs fielmente. É... a gente sempre descobre que a gente fala algumas bobagens, né. Assim, às vezes, deixa uma frase inacabada. Mas foi fiel. Era aquilo mesmo que eu queria te falar. O que eu tinha que falar era aquilo mesmo.

Virgínia: E dos conteúdos que você trabalha... É isso mesmo? Tem alguma coisa que você queria completar...

Maria: É... Eu só me esqueci que a gente estuda as verminoses, os parasitas. E sempre a gente está falando com eles sobre lavar as mãos, né. Não comer comida crua, que a carne de porco principalmente, é... a carne em geral, né, deve ser bem cozida. A gente sempre lembra eles disso. De não comer... Igual churrasco, tem gente que come quase cru e geralmente é nessas coisas... que os parasitas estão ali. E Diamantina geralmente a gente não encontra vermes por causa de água, eu acho. Encontra mais verme por causa de alimento cru. E a gente está sempre falando com eles isso.

Virgínia: Aham... E tem uma aula específica para isso ou como é que é feito?

Maria: Tem uma aula que é quando a gente vai estudar os alimentos de origem vegetal e animal, aí a gente entra nisso.

Virgínia: Ah ta.

Maria: Entendeu?

Virgínia: Aham.

Maria: É o que eu tinha esquecido.

Virgínia: E como que você vê esse conteúdo nas questões de nutrição, pros alunos, pra sua aula, na sua atividade.

Maria: Na minha atividade eu estou informando. Estou informando para eles. Porque muitas vezes os pais não sabem. Porque... Muitas vezes levam os filhos para fazerem exame. É porque toma a água sem filtrar, ou é porque a água da cidade está contaminada... sempre é por causa da água. Mas não são todas as mães que tem tempo... é... ou mãe ou quem está cuidando deles, né, que tem tempo de lavar direitinho. Igual o alface mesmo, é... Muitas vezes não dá pra gente ficar esperando quinze minutos o alface dentro da água com

pouquinho de vinagre, ou então um pouquinho de água sanitária como a gente, né. Então, eu ensino isso e muitas vezes eu nem faço. A gente ensina pros filhos, deu verme né, a gente faz o exame dos próprios filhos e muitas vezes a gente não... é... como que fala? Não tem assim, essa preocupação. E quando a gente vai estudar, igual eu te falei, os alimentos de origem vegetal e animal a gente fala isso tudo dentro da aula. E anota, e faz anotações e tudo. E a gente fala com eles para falar com a mãe, entendeu, que uma maçã tem que ser bem lavada, né. Não só por causa de verme, mas pelo agrotóxico. Pelos fertilizantes. E a gente está sempre falando. Eu terminei de estudar esse conteúdo. Que a gente entrou em alimentos industrializados e mesmo os vegetais, os morangos, a laranja, o limão, vai tudo transformar em que? Gelatina, é... recheio de biscoito. Nossa! Esse ano eu lembrei o tempo inteiro da nutrição e falei com eles. Até pelo fato de... dessa turma desse ano consumir tanta coisa de barzinho.

Virgínia: Mas, e na pratica, como é que você fica com essa coisa de dar o conteúdo, mas também, às vezes, não fazer... O que você acha disso? Como você se sente com isso? Essa contradição...

Maria: É, às vezes, não dá tempo de eu deixar o alface igual eu te falei, que também é muita correria. Claro que a gente sente que a gente deixou de fazer alguma coisa. Então eu falo assim “Ó, eu passei isso para os alunos, falei mais de uma hora sobre esse conteúdo, disse a importância de não consumir alimentos crus nem sem lavar... Cuidado com a higiene e tal... e muitas vezes não dá tempo de lavar os alimentos como deveria.” O tomate. Os alimentos que a gente ingere cru. Então, eu me sinto culpada. Não é todo dia, mas o dia que a gente está mais atarefada a salada fica a desejar. Entendeu?

Virgínia: Então me conta, no dia a dia como é que você faz com o alface, as coisas?

Maria: No dia-a-dia eu lavo bem, né, igual ensina sempre. Sempre está ensinando. Tudo que a gente lê, tudo que a gente vê. Porque não precisa ser aqui na verduraria, aquela alface, né, cheio de agrotóxico. Mesmo aquele pessoal que passa vendendo, a gente compra couve, compra alface, varias coisas... Verduras principalmente, eles vendem aquelas folhas de... aquele monte de... agrião, essas coisas... Eu gosto mais de comprar em mercado ou então em pessoas que vendem que eu sei que não é das grandes agriculturas, dos grandes agricultores que usam até avião, né, agrotóxicos, fertilizantes, essas coisas para matar praga. Então esses a gente sabe que a gente tem que ter um cuidado redobrado com eles.

Mas se você pensar bem, se eu vou ali e tem alguém vendendo, todo sábado ali, de manhã, eu sei que é pequeno agricultor que planta, o que sobrou ele vem e traz. Tanto verdura como legumes e tal. Aí eu sempre compro na mão deles. Aí eu falo “ah, nesse daqui não precisa ter muito cuidado, não”, mas tem que ter sim, porque mesmo que está lá na horta, na casa dos meninos, vários tem hortas, eles tem que ser lavados porque passam, né... Dá o piolhinho na couve, que a gente está cansada de ver. E tem que ser bem lavado. E o que eu falo com eles é isso, para não comer alimentos assim, que a gente come cru, igual nas saladas, não comer sem uma higiene mais eficaz. E eu me preocupo muito com isso aqui em casa. E quando eu não faço eu fico culpada, porque assim, talvez tem alguma coisa, né. [O telefone toca e a gravação é interrompida para que Maria possa atender a ligação.]

Virgínia: Aí você estava falando que sente culpada quando não dá para fazer tudo certinho.

Maria: É.

Virgínia: Continua...

Maria: Pra evitar, fazer uma higiene mais eficaz para evitar a verminose. Porque dá trabalho depois né, ir em médico, fazer exame, depois curar, depois tem que tornar a fazer outro exame pra ver se... E sempre quando... a primeira coisa que o clínico pede, o pediatra, é o exame de urina, sangue e fezes. Entendeu?

Virgínia: E como que você vê a questão da verminose, a saúde e a nutrição da pessoa?

Maria: Uê... Uê de novo!

Virgínia: Não se preocupa com os uês não que isso a gente tira.

Maria: A verminose a gente sabe que não é um grande problema de saúde, é fácil de combater, mas também prejudica a criança. Muita criança, você que, hoje até muito, não. Mas muita criança a gente vê que está com mancha na pele, que pode ser isso, né. Mesmo assim, desanimada. Às vezes a gente nota a criança desanimada e pode ser, né. Eu não sei se eu estou certa, mas eu acho que prejudica em alguma coisa. Porque senão não teria, o médico não faria... não pediria um exame específico pra isso.

Virgínia: Mas aí. Vendo que existe a verminose, que tem uma interferência na saúde. Como é que fica a sua atividade de professora com isso?

Maria: A minha atividade é repassar tudo o que eu sei e tentar evitar. Porque tudo na saúde hoje, a gente ouve falar, o importante é se prevenir. E de uns tempos pra cá, como eu já te disse, não existia nutricionista, a gente nem ouvia falar nesse profissional. A gente comia o

que vinha, não preocupava se a gordura era de origem vegetal, quantas e quantas vezes que eu vi gente cozinhando com banha... Hoje a gente sabe que é um produto altamente perigoso para a saúde. Então, quando eu estudei esse mês de junho os alimentos industrializados, os animais... os alimentos de origem animal, eles vão para a indústria, vão se transformar em banha, vão se transformar em lingüiça, vão se transformar em... é... como que chama para fazer o hambúrguer? O próprio hambúrguer, né, então a gente vive comendo isso tudo. Principalmente as crianças, porque eles saem, o quê que eles pedem? É isso. Mesmo dentro de casa eles preferem a lingüiça do que um carne de boi cozidinha. Entendeu? Eles preferem isso. E eu falei muito sobre isso. Eu pensei muito sobre o que a gente conversou, o trabalho das nutricionistas, as estagiarias, e eu falei muito com eles. A nutrição está ajudando, esse trabalho de nutrição está ajudando nisso, os professores estão valorizando. Porque nós não ensinávamos a questão desses produtos que eles acham lá nas gôndolas do supermercado. Eles fazem assim, é... Eu falei, perguntei pras eles: “O quê que seria mais saudável? Você pegar o limão que você pega no pé lá na sua casa, faz uma limonada, você toma essa limonada, ou você comprar o suco de limão lá no supermercado?”. Aí eles falaram: “Tia, mas a minha mãe não compra mais o suco de saquinho. Porque quando vai colocando na água, solta aquele... vem no nariz da gente aquele cheiro forte”. Aí eu falei, “E o que é que é isso? É a química.” Aí nesse conteúdo tem “A química está em toda a parte”, né, então é cheio de química, eu expliquei para eles, esses biscoitos que vocês estão comendo, tudo cheio de química. Porque eles são artificiais. Aí entra artificial, natural... Entendeu? Então eu acho que esse ano eu trabalhei melhor o conteúdo.

Virgínia: E você acha que você trabalhou melhor por quê?

Maria: Porque a gente está conhecendo mais, a gente está ouvindo falar mais. Quando eu te falei da importância dessa faculdade aqui. A nutrição, não só a nutrição mas todos os profissionais de saúde, que a gente está vendo o trabalho deles, vivendo, porque eles vão, tem parceria com a escola e eles vão e trabalham, mostram... Os fisioterapeutas pesaram as crianças. Tem quatro alunos meus, duas meninas, [se corrige] três meninas que estão acima do peso.

Virgínia: E o quê que isso interfere para você?

Maria: Interfere que eu tenho a impressão que eu fiz um trabalho bom. Pelo menos eu informei. Eu informei, e eu falo com eles. Olha, quando vocês forem fazer compra no supermercado evitem os sucos de saquinho, tem outros sucos mais naturais que vocês podem substituir, entendeu? Aí eles falam com os pais... Se eles, eles acompanham os pais nas compras e eles falam, e eles dão depoimento para a gente. Entendeu? Depois que eles... Porque eu trabalho muito com gravura, tem tudo na escola. E vídeo, e mostrei pra eles como funciona uma indústria, e aquele tanto de produto industrializado... Levando... não só né, tudo que a gente consome, não só para comer, mas para vestir, para calçar, tudo... E aí entra a questão do meio ambiente. Totalmente meio ambiente também, né. E a gente fala com eles a importância de não ficar comendo tudo que a gente vê nas gôndolas, ali, tudo é industrializado. Você entendeu? Então, eles já tem essa... os meninos de 9, 10 anos, eles já tem essa... esse discernimento, isso aqui a tia falou que não é bom. E o que a professora fala é importante, viu. E as mães falam mesmo com a gente, que a gente é exemplo.

Virgínia: E como que você vê essa importância?

Maria: Porque nos, elas... Os próprios pais quando chegam na reunião eles falam. “Ó, a tia falou que não é bom fazer isso.” Entendeu? Que tem que lavar os alimentos... os próprios pais comentam em reunião. Eu tenho duas mães enfermeiras e elas comentam. Eles gostam da aula, eles comentam. As aulas que eles gostam, que eles se interessaram, que eles ficaram caladinhos, que eles prestaram atenção, eles comentam com os pais sobre aquela aula.

Virgínia: E... Comentam e...

Maria: Comentam e falam “Ó, a tia falou que isso não é bom, que isso está errado. Que tem que lavar muito bem os alimentos, que esses alimentos podem estar com veneno, ou esses alimentos podem estar contaminados...” As verduras que a gente come sem cozinhar podem causar verme. Então, eles comentam com os pais. E eles falam. Falam lá e falam com a gente “Eu falei com a minha mãe”, entendeu? Então, que é melhor pegar a laranja e fazer um suco do que comprar um suco de laranja.

Virgínia: Agora, voltando para a questão da parceria. Eu queria que você falasse um pouco assim... você falou que os estagiários da fisioterapia pesaram as crianças...

Maria: E as mochilas. As crianças e as mochilas que elas carregam.

Virgínia: E encontraram três crianças acima do peso. E depois disso?

Maria: Depois disso...

Virgínia: Como que faz? O que acontece?

Maria: O que acontece? Uma mãe levou a filha, a secretária da escola, quando foi... Eu não tenho aqui para te dar, eu não sei onde é que João Victor pôs o dele, mas veio para... Eles mandaram para os pais quantos quilos que as crianças estão pesando e quantos quilos que a mochila está pesando. Ah, e os que estão acima do peso eles colocaram. No outro dia uma mãe levou a minha aluna, ela é secretária da escola. Levou, e o médico realmente falou com ela, “Você está acima do peso”.

Virgínia: A mãe levou no médico.

Maria: Aí ela veio falar comigo. Você sabe por quê? Porque ela come pirulito o tempo inteiro, ela chupa pirulito na sala. Agora eu estou passando... Eu estou sendo radical. Eu estou passando e tomando os pirulitos. Porque eu não agüento mais. Ainda lê... Além de fazer mal, né, suja as folhas dos cadernos, o outro fica pedindo se não tem mais um pra me dar, entendeu? E atrapalha... O barzinho é a treva! Eu acho que tinha que sumir o barzinho da escola.

Virgínia: Mas por que questões? Qual é o problema do barzinho?

Maria: Porque eles deixam de comer a merenda nutritiva pra comer isso aqui que vende no barzinho [pega um pacote de salgadinhos que estava sobre a mesa], que eu comprei lá. Olha, só vende pipocão, aquelas coisas que a gente está vendo que está cheia a gordura. Aquelas coisas parecendo borracha e eles saem oferecendo a gente. É um absurdo e o barzinho oferece isso para eles. Oferece só doces e balas, pirulitos, essas coisas assim. E esses salgadinhos que não são... nunca que são benéficos. Servem só pra engordar, né. E chega na sala, atrapalha tudo. Porque além deles comerem, os colegas pedem; eles não dão conta de comerem no intervalo, que são dez minutos, só, eles vão e atrapalham a aula. Continuam a mesma coisa.

Virgínia: E, por exemplo, saber que tem um aluno acima do peso ou abaixo do que deveria estar... Isso interfere na sua atividade?

Maria: Interfere... Na minha atividade? Não! No meu trabalho, não. Mas no sentido de dever cumprido interfere. Porque na reunião eu falo que eles estão comendo muita coisa fora de hora, os pais perguntam “O quê que meu filho está fazendo?”, “Olha, ele compra

muito pirulito, muita bala. Ele distribui. Os coleguinhas não prestam atenção na aula porque ele está oferecendo ou pedindo para aquele que tem dinheiro para comprar ”, entendeu?

Virgínia: Você falou que interfere no sentido de dever cumprido. Explica pra mim que eu não entendi muito bem, não.

Maria: Não... Dever cumprido que eu estou falando assim... Eu falei, entendeu? Eu comuniquei, eu falei. Então, a minha consciência está tranqüila, porque eu informei. O meu papel não é esse, também? De educadora? Informar? Informei os alunos, informei aos pais. Está na mão, é claro, deles. Se eles devem continuar dando dinheiro para eles comprarem a comida do barzinho, ou incentivando a comer a comida que é servida na escola cujos cardápios são todos preparados com a ajuda dos estagiários de nutrição. Só pra você ter uma idéia, a escola ganhou um caminhão de mandioca, é... suco de maracujá, os pacotes de um quilo. Muitos, muitos quilos... mais de cem quilos. É... ganhou feijão. O diretor de Datas tinha a mais, não deu pra consumir tudo e está perto desse recesso de julho, então, ele ofereceu ao diretor da escola um caminhão de alimentos. Então, o quê que a gente tem comido? Só coisas nutritivas. O cardápio está sendo feito de acordo com o que as nutricionistas ensinaram, entendeu? E está aproveitando tudo. Deu suco. Batido com leite. Esse suco que veio, que não vai... que não pode ficar muito tempo armazenado. Inclusive, nós professores, foram tantos quilos de suco...de... como que a gente fala?

Virgínia: Polpa?

Maria: Polpa de maracujá e morango que o diretor deu um pra cada professor, entendeu? Porque não vai dar pra ser consumido tudo antes. Depois do recesso, né, vai ficar pra depois do recesso e não vai ficar legal. Então, a gente tem tudo. O cardápio está ótimo. Eles largam a merenda e vão comer um pirulito.

Virgínia: Tem umas coisas da entrevista que eu queria retomar. Assim, tem umas coisas que a gente acabou que não entrou muito. No início da entrevista, você fala que morou até 8 anos de idade na fazenda, da sua infância e tal. Eu queria que você falasse um pouquinho da sua alimentação na infância, sabe? Como que era essa alimentação na época que você estava na fazenda.

Maria: Pois é, igual eu te falei, era um lugar pequenininho mas nós não comprávamos nada. Tudo era natural. Naquele tempo, o quê que existia? Tropeiros. Eles saiam da zona rural, lá da minha região, Capelinha, Itamarandiba, Carbonita, essa região de Carbonita, então eles

saíam com carne, toucinho e vinham para onde? Pro mercado. Por isso que aqui tem o Mercado dos Tropeiros. Eu comia só coisa natural.

Virgínia: Que coisas?

Maria: Por exemplo, o arroz era natural. Era socado. Alguém socava o arroz, entendeu? E a gente comia aquele arroz que era plantado lá. O feijão, as verduras... Agora o que eu acho que atrapalhou foi muita carne de porco. Mas o resto tudo era natural. Só a gordura do porco que... era toucinho mesmo. Matava um porco de tantos em tantos meses por exemplo. Lembro demais, como se fosse agora, de quando matava o porco. Então, o quê que a gente comia? Muita lingüiça, aquele negócio que põe o sangue dentro, que eu não gosto nem de pensar naquilo. É... tem muita gente que chama de chouriço, outros falam mucela, lá falava mucela. Entao, olha pra você ver, põe o sangue... o sangue de porco dentro de uma tripa mesmo, uma parte do intestino grosso e cozinha aquilo e a gente ia comer aquilo. Imagina pra você ver se aquilo era alimento... Entao, eu comi muito... eu acho que o que os meus pais pecaram foi nisso, a gente comeu muita carne de porco, muita carne de boi. Agora frango também. Sabe?

Virgínia: Mas aí você acha que era ruim por quê?

Maria: Porque hoje se você for olhar... Mesmo se a gente tivesse um... Meu pai era o único comerciante, ele vendia. Ele tinha uma vendinha, que falava venda, mesmo. Ele era um comerciante do lugar. Não existia óleo de soja, óleo de canola, óleo de girassol. Não existia! Então, não tinha outra opção. O que eu falo com os meninos, com os meus alunos, é justamente isso. Quando eu era criança não tinha outra opção, mas por outro lado a horta tinha de tudo. O quê que meu pai nos dava pela manhã? De manhã? Meu pai preparava nosso café da manhã. Minha mãe nunca levantou e ele sempre que preparou o nosso café da manhã. E quando ele notava... Que você sabe que... até essa semana aconteceu lá na escola, uma menina chegou e falou assim “Tia”, comigo não, com a vice-diretora, “O banheiro está cheinho de lombriga”. Quer dizer, alguém colocou um tanto de lombriga e a outra criança foi e achou. E na hora do meu lanche! Eu nem lanchei. Era caldo de mandioca, da mandioca que eu te falei com... Aquele caldo mais delicioso, mandioca com carne. Eu não comi porque eu fiquei com... apavorada com aquilo, né. Dentro do banheiro tinha. Então, o quê que acontecia? Meu pai, quando a gente colocava... ele sabia quando a gente tinha verme que a gente colocava e falava. E era lombriga mesmo, parecendo aquelas que dão no

porco. Aí ele falava “Está com verme”. O que ele fazia? Ele fervia o leite que ele ordenhava, que a gente tinha as vacas. Eles ordenhava, fervia o leite muito, muito. E pegava folha de hortelã, punha o leite encima da folha de hortelã e a gente tomava. Antes de tomar o café da manhã a gente tomava esse leite com hortelã. Segundo ele era o melhor remédio pra matar verme.

Virgínia: E funcionava?

Maria: Funcionava!

Virgínia: É... e você fala que na horta tinha de tudo...

Maria: Tudo!

Virgínia: Fala uns exemplos de coisas que tinham na horta, por favor.

Maria: Tinha couve, alface. Minha mãe toda a vida plantou horta. Minha mãe plantou horta a vida inteira. Eu deixei de comer alimentos da horta da minha mãe tem 5 anos porque ela... meu pai morreu e ela mudou. Porque toda vida eles plantavam. Meu pai preparava e eles plantavam e a minha mãe todo ano, essa época, por exemplo, de maio, julho, mandava sacolas de verdura para mim. Cenoura, beterraba, tudo natural. Então, desde pequenininha, o que tinha de semente a minha mãe plantava. Entendeu? Eu lembro do... da sementinha de... Como é que chama? Que dá árvore grande... que tem até na Bíblia?

Virgínia: Eu não sei.

Maria: Ai... falou semana passada nesse Evangelho, gente. Mostarda! Ela tem a menor semente...

[Fita 1 – Lado B]

O meio ambiente ainda não estava sendo degradado ainda. Então, tudo que a gente... Talvez nem tinha filtro. Mas a gente via a água limpa, aquela água cristalina mesmo, pura. E lavava... E aquela água que jogava naquela horta, era aquela água pura, entendeu? Podia até ter alguma coisa, mas pelo menos contaminada não era. Então, tudo natural. A gente não sabia o que era suco... Eu fui conhecer suco, aquele Qui-suco, eu já estava com 15 anos de idade. Eu comia... Suco lá em casa... Açúcar também não existia, o café era feito com rapadura. Tudo era feito com rapadura. Então, os meus pais produziam a rapadura, produziam farinha, criava as galinhas, os porcos, o leite, né, eu acho também que o leite eles pecaram muito que eles não sabiam também que leite... Natural, que vai saindo, que eles ordenham lá na hora, é claro que tem a nata. Então, tinha uns que não gostavam. Eu,

pelo menos, nunca tomei a nata, eu sempre colocava... Porque com vinte minutos que o leite [descansava] já tinha aquela nata. E o quê que minha mãe fazia? Fazia quitanda daquela nata. Que não conhecia pão, pão não. A gente comia pão caseiro, biscoito caseiro, era tudo caseiro.

Virgínia: E aí você acha que era melhor, né.

Maria: Era melhor por que... Claro! Claro! Porque nunca... Bem que a gente não sabe... Eu perdi um irmão com quinze anos. Que pode ter sido meningite. Falaram da suspeita de meningite. Mas não precisava ir em médico, não. Ninguém sentia nada. O máximo que a gente sentia era algum probleminha de estomago, às vezes, quando a gente comia muito. [risos] Aí o quê que tomava? Boldo. Não existia essa coisa de remédio de farmácia, não. A gente tomava boldo e na mesma hora a gente já estava bem.

Virgínia: Entendi. Na sua família, como que você vê o estado de nutrição das pessoas? Era...

Maria: Eu acho que nós fomos muito bem alimentados. Igual eu te falei. Tirando o que eu acho hoje, com o conhecimento que eu tenho, tirando o leite muito gorduroso, o fato de cozinhas com a gordura de porco... Eu acho que pecou nisso, mas de resto a alimentação era melhor. Minha avó morreu com 101 anos, ela sempre morou lá. Ela morreu com 101 anos, há 5 anos atrás. Um mês depois do meu pai. Você entendeu? Então, minha família nunca teve problema até hoje, não foi detectado nenhum problema de câncer, nem pelo lado da minha mãe nem d meu pai. É... coração, só minha materna. Derrame cerebral um tio meu, tio da minha mãe... quer dizer, meu tio bisavô. Entendeu? Morreu de derrame. Mas, doenças graves, nenhum, ninguém da minha família nunca teve.

Virgínia: E você acha que isso tem a ver com...

Maria: Tem a ver com a alimentação, com a nossa alimentação.

Virgínia: Por causa da questão de ser mais...

Maria: Natural. Eu acho.

Virgínia: E como que você vê assim que, agora, por exemplo, com os estagiários, vocês discutem de alimentação balanceada e essa questão?

Maria: Ah é. Tem isso. A gente não tinha a mania de comer nada fora de hora. Era o café da manhã, né, o leite, o biscoito, a quitanda que a mãe preparava. Aí depois o almoço. Só no dia que ia para o forno mesmo e fazia vários tipos de quitanda, assim, o biscoito de

goma, era uma delícia! Rosquinha, broa de fubá... Quando vinham parentes de fora era um mundo... Aí a gente comia mais. Eu acho que hora de comer. E balanceada por quê? Porque hoje tinha abóbora e alface, o prato era mais colorido, entendeu? Eu conversei isso com Tiago hoje. Meu marido trouxe uma, nós temos uma roça, eles trouxe uma abóbora deliciosa, só eu e meu marido comemos. Você entendeu? Aí hoje eu fiz batata frita e bife, eu falei assim “É isso que você gosta, né, Tiago”, esse que passou aqui agora, ele: “É, eu gosto é disso. É mais gostoso”. Eu falei assim, pois é, a abobora que eu fiz que seu pai trouxe lá da roça você não comeu. Então, eu falei isso pensando na nutrição, o que eu não fazia há tempos atrás. Mas os meus filhos, eles também sempre foram, assim, eles sempre comeram, sempre preocupei desde pequenininhos, eles todos comem verdura. O João Victor, ele come brócolis, alface, tomate... Ele come tudo, ele só não gosta de jiló. Só jiló que o João Victor não come. Agora Tiago, não.

Virgínia: Esse Tiago é seu filho?

Maria: Tiago é meu filho, esse que entrou aqui, de 22 anos. Eu criei do jeito que eu criei os outros, comendo verdura. Todos os dias, eu nunca esqueço, eu ponho uma beterraba, eu ponho uma coisa verde, uma coisa colorida, é... amarelo, entendeu? Uma abóbora com salada de alface? Entendeu? Sempre eu preocupei com isso. A pessoa que trabalha, a dona do açougue aqui ela sabe, que eu compro na Mao dela há 20 anos, ela sabe o tipo de carne que eu gosto. Eu nunca trouxe uma carne que tivesse gordura. Abomino churrasco. Mas a gente não pode... A gente educa. Porque é educação alimentar, gente. Educação alimentar é a mesma de uma outra educação qualquer que a gente dá. Educação religiosa, educação é... com o outro, respeito com o outro. Educação alimentar também. E eles adoram. A Mariana também, que faz Biologia, ela come. Gosta das coisas mais... Hoje, com a batata frita, ela estava enxugando lá com o guardanapo. Ela tem essa preocupação, mas faz o que? Ciências Biológicas, né. Agora, Tiago, ele não come. É, no máximo, uma salada de alface.

Virgínia: Saiu diferente dos outros?

Maria: Talvez porque ele convive com pessoas assim... Ele trabalha ali na frente da sorveteria. Fica todo o comercio, então vai lá comer hambúrguer, vai lá comer, é... Não tem educação alimentar nenhuma.

Virgínia: E você fala que convive com pessoas assim, pessoas assim como?

Maria: Que só come esse tipo de coisa. A geração... Não é a geração dele, que não tem educação alimentar mesmo. Eu ensinei, mas ele não aprendeu. Ele sabe, quer dizer, ele aprendeu, mas ele não põe em prática. Quando ele vê falando de churrasco ele fica louco!

Virgínia: Viu. Mas essa frase é uma frase boa pra gente pensar: “Ele aprendeu mas ele não põe em prática”. Qual é a dificuldade entre saber e pôr em prática, na sua opinião? Entendeu?

Maria: Eu acho que a dificuldade maior é que está sendo oferecido na rua. Você entendeu? Você faz o arroz, a comida básica, o arroz, o feijão, a carne magrinha, pica uma cebolinha faz uma salada... Mas lá fora oferece as coxinhas, os pasteis, o hambúrguer, você entendeu? E o quê que enche mais os olhos? Interfere. Não tem jeito. É o mesmo caso do barzinho que eu estou te falando, na escola. Se não tivesse o barzinho na escola os meninos iriam comer a merenda. Ficou claro?

Virgínia: Ficou muito claro.

Aí depois a gente continuou conversando, teve uma hora que você falou assim que o objetivo... Eu perguntei qual que era o objetivo da educação, não sei o que... Você foi e falou assim: “O objetivo da escola é formar cidadãos”.

Maria: É.

Virgínia: Eu queria entender o quê que você está falando quando você fala cidadão. Que cidadão que é esse? O que é ser cidadão?

Maria: Esse cidadão, é lógico que o objetivo geral da escola é ensinar, né. Mas a gente também forma cidadão. A gente tem que ensinar Português, Geografia, História, Ciências. Mas a gente tem que formar cidadãos. Hoje eu tive um caso, eu estava com dor de cabeça até agora... Agora que está passando. Por quê? Um aluno pegou o outro e deu uma rasteira e o outro bateu a cabeça no chão. Então, eu fiquei 15 minutos a mais conversando com eles. Isso não é formar o cidadão, não? Um cidadão que tem respeito com o outro. Um menino enorme, que tem condições melhor do que o outro, ele é filho de dois detetives. Tanto a mãe como o pai são detetives. Ele tem todo um material bom, ele tem, é... Tudo que... Ele tem mais condições. O outro é filho de uma mãe solteira, que bebe, que não cuida dele, que... que... que não tem condições, que trabalha o dia inteiro. Ainda usa óculos, ainda tem problema de aprendizagem, o outro ainda vai lá, dá uma rasteira nele e ele bate a cabeça. Eu fiquei apavorada! Eu fiquei apavorada de um jeito que a minha cabeça doeu desde essa

hora. Porque eu vi um acidente grave acontecendo. E quando eu te falei isso de formar cidadão é isso. É respeitar o outro, é respeitar a fila, é não sujar a escola, senão vai sujar a rua, é não depredar... Igual eles estão fazendo... As praças de Diamantina, que estão acabando de fazer eles já estão acabando com elas. As coisas de... Segunda eu fiquei sabendo, as coisas de madeira mesmo, não está sobrando nada. A praça que está sendo feita aqui na nossa porta, eles estão vendo o cimento molhado e pisando. Então, é uma pessoa que não tem nenhuma noção de cidadania. Porque quando uma pessoa destrói o que é dele. Destroí o livro que o Estado manda para ele, entendeu? Rasga aquele livro, suja aquele livro, ele está destruindo o que é dele. Não tem noção que é o imposto do pai dele e da mãe que está pagando. A escola, ele não paga a escola, aí acha que aquilo é de graça. Muitos pais e muitas mães dão graças a Deus porque tem aquela escola, muitos não tem noção que é o dinheiro deles que está sendo empregado ali, não. Que é a devolução do que eles pagaram.

Virgínia: Aí, uma coisa que eu queria que você falasse é assim... Se eu te pedir pra dar um panorama geral do estado de nutrição dos seus alunos. Assim, os estado nutricional deles... Como que você definiria esses alunos?

Maria: Que eles comem mal. Eu acho que uns porque não tem condições, alguns não tem condições... E outros porque, opção. Deixam de comer o que de nutritivo, o que tem de nutritivo dentro de casa e vai comprar sorvete. Igual eu já te falei, as coisas que não tem... Você entendeu né? Agora, outros não. Aproveitam tudo. Como eles não tem em casa, muitas vezes não tem, aí eles aproveitam tudo que a escola oferece. E alimentam bem. Olha o quê que o diretor falou, de manhã ele está dando almoço. Aí eu perguntei: “Mas, porque que você está dando almoço na escola?”. Ele conversou comigo isso essa semana, segunda-feira. Aí ele falou assim, porque tem meninos que estão saindo da zona rural do Pinheiro, caminham uma hora pra chegar dentro do arraial do Pinheiro, a vila... Não sei se você sabe onde é o Pinheiro, pra lá de Biribiri... Pega o ônibus depois, pega o ônibus, chega na escola... Eles já viajaram, saíram de casa às 4 horas da manhã. Então, eles... talvez nem tinham o que comer. Eles chegam na escola, aí nove horas é o lanche. Aí o quê que o diretor está fazendo? Ele está oferecendo arroz, feijão, carne e verdura. Aí eu perguntei pra ele, mas isso é nosso papel de educador? Ele falou assim “Não, é, eu sei que não é.” Eu não

te falei naquela outra entrevista que os pais estão delegando para nós coisas que não é da nossa responsabilidade... Mas o quê que eles vão fazer?

Virgínia: Eles quem?

Maria: Os pais. O quê que eles podem fazer? Os meninos... é obrigação deles colocar os filhos na escola. Então, nossa escola, a partir de janeiro desse ano já é... nós ganhamos o Ensino Fundamental completo, [se corrige] o Ensino Médio, entendeu? Esse ano começou o Ensino Médio, então, esse meninos que tiverem então, até a oitava serie, que estão vindo, então, quais as escolas que eles procuram? As escolas de bairro. Não sei porque, mas as escolas mais procuradas são as escolas... ou o Isabel Motta ou o Leopoldo Miranda. Leopoldo Miranda é a que estuda mais a massa. Isabel Motta também. Se bem que o Leopoldo Miranda é o termômetro de Diamantina, é a escola que tem mais alunos, é a escola maior de Diamantina. Então, lá estudam muitos alunos que tem condições, mas a maioria é também de alunos carentes. E esses alunos que vem de Datas, de Serro, de Guinda. De Sopa, de Pinheiro... tem uns que caminham... Levantam cinco horas da manhã, quatro horas da manhã, chegam na escola já com fome, aí eles comem tudo. Eles não vão em barzinho. Agora, os nossos não. Os nossos já são meninos do primeiro ano ao quinto ano, meninos de seis a dez anos. Então, eles não tem noção de como... A gente fala, igual eu estou te falando, a gente fala nas aulas. Mas os pequenininhos, muitos trazem lanche. Quem tem condições traz de casa. Mas o quê que eles trazem? Todinho... Eu não vejo nenhuma fruta lá na merenda deles.

Virgínia: E, voltando... a sua atividade diante disso, a sua função diante disso, como é que fica?

Maria: A minha função, é igual eu estou te falando, a minha função é informar pra eles. Informar, aquela merenda ali é mais nutritiva do que esta que você está comendo. Isso aí só serve pra engordar, isso aí só serve pra sujar caderno, pra fazer baderna dentro da sala. Atrapalhar a disciplina. É não é por causa... é igual eu estou te falando, não sou só eu quem fala, todo mundo está falando, a estagiária que vai lá e fala a mesma coisa que eu estou falando. Mas não tem jeito. É igual eu estou te falando, não tem educação alimentar.

Virgínia: Viu. Não tem. Mas quem que tinha que fazer isso? Essa é que é...

Maria: É que é a questão.

Virgínia: Agora né. Que tem muitas questões. Mas assim, não tem... as crianças não tem e tal. Quem que você acha que é responsável por isso? Que tem que interferir nisso?

Maria: Eu acho que é a família. Em primeiro lugar é a família. É igual eu falo com o meu filho. Você tem que comer isso porque isso é bom.

Virgínia: Você fala aqui?

Maria: Eu falo com meus... Toda a vida eu falei com meus meninos, uai. A gente não fala desde quando eles começam a entender que, apesar da couve não ser tão gostosa como a batata frita, mas a couve é nutritiva? Que a abóbora e até a mostarda que arde até, que eles não comem né... Quantas vezes que a gente tem que bater a beterraba, eu cozinhava a beterraba... Cozinho até hoje a beterraba. A Daniele [aponta para a foto da filha que está sobre a mesa] está com, grave... com anemia. Ela não tem educação alimentar. Ela é uma agrônoma, está indo defender mestrado e não tem educação alimentar.

Virgínia: Então é função da família...

Maria: Eu acho que a primeira coisa é função da família. Tudo é dentro da família primeiro, você não acha? Ô Virgínia, tudo tem que começar dentro da família. Se você... a educação religiosa, os primeiros passos dos pais, levar o filho para qualquer religião é função da família. Ensinar a respeitar os outros é função da família. Ensinar como se alimentar é função da família. Entendeu? O menino... olha só pra você ver a questão de remédio... qualquer coisinha que eles tem, eles vão lá pedir remédio. Você acha que a escola pode dar um remédio pra uma criança? Nunca! Aí o quê que o diretor faz? Faz de bobo e... faz uma misturinha de soro, eles tomam e chegam na sala bons. Você acha que isso é função da escola?

Virgínia: Você acha que não?

Maria: Eu acho que não.

Virgínia: Porque que não? Como que não? E como que é ter essa função que não é, e ter que fazer?

Maria: Eu te expliquei, é delegar a função pra outros. Porque a escola, é igual eu te falei, nós somos educadores em vários sentidos, mas nós não temos a obrigação de ficar dando remédio menino, não. Mãe mandando menino pedir remédio diretor... Você já viu isso?

Virgínia: Não, mas o que eu estou te perguntando é assim... Você já tinha falado né, que a família está delegando uma função...

Maria: Que é dela.

Virgínia: Mas como que é receber essa função? O quê que você sente recebendo essa função e como que receber essa função tem a ver com seu papel de professora?

Maria: Eu me sinto frustrada, completamente. Porque eu acho que talvez os problemas, vários problemas igual eu já te falei que as crianças estão... as famílias estão se distanciando demais. As famílias estão quebrando os laços todos... Você entendeu? O filho que tem um irmão que é filho de outro e assim vai...

Virgínia: E no caso que eu estou mais focando que é a questão da alimentação?

Maria: Então, aí o que acontece? A mãe está irritada, a mãe está cansada, a mãe está com vários problemas... As vezes ela nem tem tempo, ela está trabalhando, porque ela é pai e mãe... Muitos dos meus alunos, por exemplo, hoje, dessa turma de agora, uns quatro moram com avós que já estão velhas, que não tem mais condições de cuidar deles, entendeu? E o que eles fazem? Muitas vezes a avó não dá conta e aí a escola cuida.

Virgínia: Cuidar que você fala é o que?

Maria: Em todos os sentidos. Até de levar em médico, de conseguir consulta, de conversar no Posto de Saúde próximo e dar jeitinho, dar o jeitinho que nós brasileiros estamos acostumados a fazer.

Virgínia: E na questão da alimentação o quê que você percebe assim... O quê que essa correria da mãe, ser criado pela avó, o quê que isso muda?

Maria: Muda porque a mãe... A minha mãe e meu pai eles tinham tempo de cuidar de mim e dos meus irmãos. Então, a gente tinha condições de comer na hora certa, o que eles mesmos produziam. E, hoje em dia, além de morar na cidade, além de... dos conflitos familiares vem a questão de horários, você entendeu? A mãe não está lá pra aquecer a comida para o menino. Você acha que um menino de dez anos vai aquecer a sua comida? Ele vai com fome às vezes. Interfere na aprendizagem, interfere no meu trabalho. Enquanto ele está perguntando “Tia, posso ir no banheiro?” “Pode.” Quando ele vem e fala assim para os colegas “Hoje vai ter é isso de merenda”, vários, aí vários começam a perguntar. O dia que é canjica pelo menos, o dia que é canjica ninguém mais dá aula quando o primeiro vai lá no... quando vai dando assim, vinte para duas ele começam a pedir pra ir no banheiro e eles vem e falam assim “Hoje vai ter canjica”, e um vai passando pro outro, vai passando para o outro e a gente vê o burburinho, entendeu? As comidas que eles gostam... É igual eu

te falei, o mingau é bem aceito, a canjica é bem aceita, o arroz doce. Tudo que é de doce. Agora, vai a sopa cheia de nutrientes, aí eles não comem, não.

Virgínia: Não?

Maria: O que eu estou falando dos pequenos. Da minha clientela. Da turma da tarde... O vespertino que nossa clientela é de seis, sete, oito, nove e dez. Agora, os meninos que passam fome, esses comem, não sobra nada.

Virgínia: Você tem mais... Você acha que tem mais meninos que tem uma alimentação ruim porque não tem condições financeiras ou por uma questão de hábito, mesmo?

Maria: Eu acho que a questão de hábito. É claro, tem muitos meninos pobres. Miserável não tem, não. Eu, pelo menos, não trabalho com nenhum menino pobre demais. Então, eu acho que é mais questão de hábito e preguiça também.

Virgínia: Preguiça? Como assim?

Maria: Preguiça da mãe de fazer. Muitas vezes tem mãe que não trabalha e tem certos hábitos de beber, né. Você sabe. A gente nem gosta muito de entrar nessa coisa, não. Muitos meninos, assim como é a alimentação... Eu tenho um menino que chama Deividson, ele ficou... no primeiro bimestre ele ficou... não sei mais... meu diário não está aqui, mas ele teve muita falta. A avó que cria. A mãe bebe o tempo inteiro. E ele falava que ia para a escola. Quando foi um dia um tio chegou lá e perguntou por quê que não estava deixando o menino entrar. Nós perguntamos se ele estava vendo que a mãe dele estava velha. Ele falou assim: “Olha, minha mãe está velha e é ela que cuida dele. A mãe dele”... a avó dele que cuida, no caso, que é a mãe do moço, entendeu? Então, a mãe não cuida. Então, o menino vai segunda-feira todo sujo, não lavou o uniforme... você vê por aí.

Virgínia: Mas mesmo assim você acha que eles ainda são...

Maria: Ainda a maioria eu acho que tem condições. E muitas mães não cuidam talvez pelo fato dessa família estar desestruturada.

Virgínia: Ok. Vamos pra frente. Tem uma outra parte que você fala assim que você teve uma formação muito boa de Português, Matemática, mas que Ciências você não teve muita...

Maria: Informação.

Virgínia: ... Não teve muita informação porque você acha que a Ciência não estava tão avançada. Como que essa informação agora está chegando pra você, como que isso vai pra sala de aula?

Maria: É como eu te disse, meus primeiros professores, eles não tinham nem condições, a tecnologia nem existia. O que eles aprenderam e tudo era quadro de giz e cópia. Era só isso. A gente não via uma gravura, a gente não via um vídeo, a gente não tinha informação de televisão... A pouca informação que a gente tinha vinha de rádio. E ninguém preocupava com isso, não. De trabalhar... A gente trabalhava, via o corpo humano. Que é feito de cabeça, tronco e membros, coração, pulmão e tal... Mas nem questão de fumar... nenhum professor falou que fumar era prejudicial a saúde. Que a questão do fumo... As primeiras... Quando começou a ter televisão o quê que eu vi? Um galã de Hollywood lindo fumando. E eu aprendi a fumar. Você entendeu? Então, a gente não tinha informação nenhuma.

Virgínia: E agora, como que as questões de nutrição chegam para você?

Maria: Chegam com toda nitidez. Tudo que você vai... Olha, começa qualquer programa de televisão, qualquer coisa de revista que você olha sobre o tema, tem tudo informando. Você vai em um consultório médico, o médico de dá um folheto. Principalmente o cardiologista. Falando o que? Alimentação balanceada e exercício físico. A gente tem plena consciência disso. Plena. Hoje está tudo... a informação está toda chegando nas suas mãos.

Virgínia: E isso na sua atividade de professora? E mais focando na questão da nutrição, então, dessa alimentação balanceada que você falou... De que lugar você tira informação e que tipo de informação que você acha que tem que ir para a sala de aula e que você leva?

[Fita 2 – Lado A]

Maria: É comentado, o aluno tem anotações, na folha mimeografada ou no quadro de giz e você fala.

Virgínia: Isso é outra coisa que eu queria conversar com você. O quê que é o conteúdo que você prepara material, e tem até uma parte na entrevista que você fala assim de cobrar na prova ou não cobrar na prova... E o quê que é eleito como conteúdo que vai ser comentado? Tem uma diferença de peso, de estar no currículo ou não estar no currículo? Como que é escolhido isso?

Maria: Não. Tudo que a gente trabalha está no currículo.

Virgínia: Até o que é só comentado?

Maria: Está no PGDI. Chama PGDI. Tudo que a gente trabalha está lá no PGDI. Mas, quando... eu já te falei, pra estudar alimentos de origem vegetal, origem animal... Você tem que escrever quais são os de origem animal, quais são os de origem vegetal e o quê que é bom, e o quê que não é bom. Você entendeu? Aí a gente trabalha isso. Várias coisas são anotadas. O que a gente... Você tem um livro didático, tem... vem tudo ali. Sobre as plantas, vem tudo... as plantas na alimentação, fala tudo. Você faz um resumo e é passado pro caderno da criança. Você trabalha tudo, está dentro do Plano de Gestão.

Virgínia: O que você acha dos conteúdos que estão no livro didático em relação a nutrição? Você acha que eles são...

Maria: Estão desenvolvidos.

Virgínia: Estão desenvolvidos... Como assim?

Maria: Olha, o livro que veio pra gente há cinco anos atrás, há quatro anos atrás já começou com uma boa informação. Essa semana a gente escolheu os livros didáticos de todos os conteúdos. Quer dizer, é igual eu te falo, o livro didático é suporte, mas quando ele é bom, você pode seguir tudo por ele. E nós escolhemos os livros... Todos os livros de Ciências que vieram, desde o primeiro ano, nós vamos ganhar... as editoras, foram várias editoras, o estado todo vai ganhar livros o ano que vem. Porque de cinco em cinco anos ou de quatro em quatro anos ele fazem isso, eles trazem... mandam dez tipos de livros pra você, aí nós sentamos, analisamos um a um. Os que nós analisamos. Aliás, essa semana, não. Tem várias semanas que nós estamos analisando.

Virgínia: Vocês estão nesse processo agora?

Maria: Nós estamos nesse processo de analisar livro didático. Então, no livro de matemática, a interdisciplinaridade está imensa, no de matemática tem é... tem coisas de nutrição.

Virgínia: Que coisas de nutrição?

Maria: Por exemplo, o livro de matemática tem um gráfico... Aí fala sucos, refrigerantes... Você entendeu? O quê que foi vendido, quem consumiu qual quantidade... quem consumiu mais, o quê que foi consumido mais, o quê que foi consumido menos. E sempre a pergunta

é relacionada. É... está incrível! É só meio ambiente. Só meio ambiente e educação alimentar e corpo, exercício. Incrível. E tudo com desenho mostrando.

Virgínia: E já que vocês estão nesse processo de .. de escolher...

Maria: ... Analisar.

Virgínia: ... quais que são os critérios que vocês estão valorizando e quais não estão... Assim, que seja de nutrição e que não seja... Só pra eu ter uma noção, assim.

Maria: Primeiro, no de Português nós olhamos os que estão oferecendo os portadores de texto diferenciados. Desde a fabula, o texto narrativo, o texto informativo que é esse aí de Ciências, de História, capa de livro, capas de revistas, tirinhas de revista em quadrinhos, anúncios... todos os portadores de texto que você imaginar, o livro que nós escolhemos, que chama Prosa...

Virgínia: E no de Ciências?

Maria: O de Ciências vem desde o Introdutório... Porque agora não existe mais Introdutório, você sabe.

Virgínia: É o primeiro ano.

Maria: Agora é o primeiro ano. Então, do primeiro ao quinto ano. Então, nós vimos o de Ciências, ele está vindo meio ambiente, Geografia também junto com meio ambiente. E História, o homem na interferência com o meio ambiente. A questão da água, da alimentação, da agricultura, da pecuária, tudo, tudo... Tanto eles jogam em Ciências como eles jogam em Geografia, você entendeu? Tudo está interligado. Mas o meio ambiente está em foco.

Virgínia: E a questão da nutrição como é que está?

Maria: Também. Alimentação. O que a gente vê agora é isso, nutrição e saúde, nutrição e saúde. E muitos... os meninos levam o livro didático e muitos pais lêem, você sabia? E, às vezes, nós todos mandamos esses trabalhos quando estamos estudando, os livros pra casa pra eles também, alguns que dão assistência eles aprendem também.

Virgínia: É... tem uma parte [da primeira entrevista] que você fala assim que durante a aula você fala de vários problemas causados por causa de uma alimentação ruim.

Maria: Aham.

Virgínia: O quê que você chama de uma alimentação ruim e que problemas que são esses?

Maria: É, alimentação ruim, eu já te falei o quê que é, é o pirulito, a bala e o pipocão.

Virgínia: Ah, você está falando mais relacionado com o alimento do barzinho...

Maria: Do barzinho e do supermercado também, porque muitos pais compram essa “bobajada” toda. Então, eu falo muito com eles a respeito disso. E tratamos da saúde. Porque as duas meninas, as gordinhas que eu tenho na sala elas comem demais. A gente só vê elas com coisas na boca, comendo. Escondido, tirando da mochila e comendo.

Virgínia: E interfere na sua atividade em que ponto? No ponto de bagunçar a aula?

Maria: Bagunçar a aula. E... e é como se eu não tivesse falado com eles que isso não é bom. Anula uma aula que eu dei sobre... ou a nutricionista deu sobre aquilo, da importância da alimentação saudável.

Virgínia: E aí? Anula e aí?

Maria: Anule a você fica assim, impotente. Ô meu Deus, eu falei tanto, eu falo, eu canso de falar e eles fazem a mesma coisa. É daí que eu falo com você que a educação... até a educação alimentar vem é de berço.

Virgínia: Tem mais uma coisa que eu quero que você me explique aqui. Tem uma parte que você fala assim, é... Ele tem grande parte... o professor de educação física tem grande parte no tanto que os meninos fazem exercício na escola, que pra você, do que você estudou, que exercício é primordial. Aí você fala “Mas todos nós devemos ser... professor de saúde também, mesmo não sendo da saúde. A gente tem que estudar e falar para os alunos a importância disso.” Como que é, como é que você se sente tendo que ser professora da saúde não sendo da saúde?

Maria: É... se você não buscar informação nos meios de comunicação que você está tendo... como que você vai dar se você não teve esse embasamento no seu currículo, tanto de Ensino Fundamental, Médio, faculdade... Você não teve. Então, você não teve essa preocupação que você tem hoje, que eles tem hoje, tudo que eles tem hoje nós não tivemos. Então, nós não estamos preparadas. Então, eu acho que o Estado deveria preparar mais os professores entendeu, para que eles.. é... muitos buscam, mas muitos professores, eles não lêem nada, não. Eu fico preocupada...

Virgínia: Mas você se coloca em qual parte?

Maria: Eu me coloco nos professores que lê todo dia. Que eu não sou a melhor, não. Mas eu vou te falar, Virgínia, na minha opinião, as professoras que vão nos substituir... Eu estou pra me aposentar, e esse ano liberou as férias premio e várias colegas estão saindo para

essas férias premio e a gente está vendo as pessoas que estão chegando. Elas não se preocupam. Elas não vão ser essas educadoras, às vezes, até ultrapassadas, mas podemos até ser chamadas, mas nós nos preocupamos em estudar e fazer tudo que eles impõem. Tudo que o sistema manda a gente faz. Porque tem... E agora eu tive uma experiência que eu fiquei apavorada. A professora subindo sozinha as escadas, que nós temos três, quatro salas lá encima, então, nós temos uma escada para subir, então, quantas vezes, quatro vezes. Na hora do lanche desce. Na hora da entrada sobe, depois desce para o lanche, depois sobe do lanche, depois desce pra ir embora. E ela estava sozinha e eu perguntei “Onde que estão os seus alunos?”, ela falou assim “Eu não sei, devem estar tomando água.” Então, eu acho que a falta de compromisso... Talvez nós, vou ser... apesar de eu falar que as minhas professoras não eram capacitadas, e não eram, a maioria, mas pelo menos tinha vocação, tinha vontade e tudo que era de vida delas, tudo que fazia parte da vida delas, que elas sabiam, elas passavam. Então, nós procuramos seguir essa filosofia. E nós seguimos, e está todo mundo... A nossa geração está aposentando e as escolas é... Não sei por que, a escola à distancia, por exemplo, eu fiz uma faculdade de quatro anos, defendia uma tese... [*se corrige*] não é uma tese, mas uma monografia, né, e estudava, estudava muito. Agora como que... aqui não tem mais faculdade. Agora abriu a Pedagogia lá na Federal. Mas quantos que vão passar? Eles estão preferindo fazer o que? A UNOPAR, que estudam uma vez por semana à distancia. Agora, você acha que eles estão preparados? Elas não vão vir... Olha a carga de conteúdo. Nós tivemos a grade curricular... Nossa! A gente custava a dar conta. Tinha que ir até no sábado. A pessoa indo no lugar, assistindo aula por... Como que chama? Virgínia: Da UNOPAR que você está falando?

Maria: É.

Virgínia: Videoconferência?

Maria: Videoconferência. Você acha que cinquenta alunos em cada turma, elas vão ter conteúdo?

Virgínia: Agora, continuando na mesma frase, você fala “todos nós devemos ser professores de saúde também.” Qual que é a especificidade do professor dando conteúdo de saúde? O que você acha que é próprio seu? Que é diferente de quando a estagiária de nutrição está lá dando um tema? Entendeu? O que te diferencia e o que é sua responsabilidade?

Maria: A diferença é essa, que ela foi preparada para falar aquilo e eu apenas tenho informações de revistas e de livros. Eu não sou professora, não fui especializada naquilo. Eu falo pela minha história de vida, pelas coisas que eu me informo. E eu me informo! Tudo que me interessa, tudo que eu acho importante de levar pra sala de aula eu assisto. Minha supervisora fala sempre que minha aula não é uma simples aula de Ciências, ou de Geografia, ou de História... Minha aula é completa porque tudo que eu sei eu falo. E minha geração, a geração das minhas colegas todas são assim, também. Dificilmente uma pessoa, mesmo não estando... sai fora até do... Como eu estou te falando, o livro dando suporte, agora, melhor. Então vai ser, talvez... Pra quem gosta... Mas você não vai chegar com o livro lá e trabalhar o conteúdo sem estudar de jeito nenhum. Porque tem palavras que você não sabe nem o que significa. E não é importante estudar? Você tem que trazer o livro e estudar.

Virgínia: Aham.

Maria: É isso que me diferencia da professora de nutrição. Que elas vão lá e elas sabem, elas estão preparadas para isso. Porém, eu tenho pelo menos boa vontade. Entendeu? Você acha que clareou?

Virgínia: Eu acho, e eu só quero falar de mais uma coisa. Como que é que você organiza a alimentação agora na sua família.

Maria: Eu organizo, organizo assim, de acordo com o que eu estou ouvindo falar.

Virgínia: Que é...

Maria: Que é saudável.

Virgínia: E o quê que é?

Maria: É o prato colorido, é o feijão, é menos arroz, menos massa, menos gordura. Se bem que uma coisa eu peço demais aqui em casa porque eu gosto demais de doce. Você entendeu? Então eu compro doce. O que eu não deveria fazer, né. Então, toda semana, os docinhos gostosos que tem de coco, de amendoim, essas coisas eu sempre compro, não muito, mas eu sempre compro. Eu nunca fico sem um doce na geladeira. E geralmente sou eu que como.

Virgínia: Ah, geralmente você que come. E com esse desvio¹ do doce como que você se sente com isso?

Maria: Eu sinto muitas vezes culpada, primeiro porque meu marido é diabético. E, quando eu compro o docinho seco... Eles não compram o doce que eu compro ali, é... que vem um doce de leite delicioso com doce de figo em calda, qualquer uma fruta em calda. Esses daí eles não gostam, esse eu como. Às vezes até joga fora porque eu não como muito. Mas, o docinho seco, o docinho apetitoso mesmo, de festa, tipo de festa, o meu marido vai na vasilha... Eu tenho uma vasilha ali atrás da de biscoito que é só de docinho. Então, ele tem diabetes e ele come. Às vezes, dá o domingo, a gente fica ocioso, né, assistindo televisão, ele [pergunta:] “Você comprou aquele docinho?”. Tem lá. As vezes nem pergunta, já vem direto na vasilha do docinho “Uai, você não comprou o docinho essa semana, não?”. Já pergunta, né. Então, ele tem problema de diabetes.

Virgínia: Como que você faz as opções do que você vai comprar pra família, assim... É pelo que a família gosta...

Maria: É. Não, se eu fosse olhar a família todo domingo eu fazia lasanha, ou canelone... que vem, todos dois com requeijão, mussarela e presunto, né, e massa, e macarrão. Aí, os pratos preferidos deles são esses. O mais saudável que eles gostam, inclusive o Tiago que come muita coisa por fora, gosta muito de salpicão. Então, salpicão já tem cenoura, eu não ponho a maionese, deixo pra quem gosta... E, assim, procuro fazer o máximo, né, o peito de frango sequinho e tal. Então é o prato mais saudável que eu faço. Que todo domingo eu faço uma coisa diferente.

Virgínia: Então você se baseia no que?

Maria: Baseio no... o que eu te falei... tudo não é um pouco de cada coisa? É... a couve com carne moída, com carne cozida. A carne moída, mas com quiabo e angu e feijão. Então, eu faço muito assim, combinando. E, às vezes, nem dá tempo, só frito a carne e faço uma salada. A Mariana detesta comida dormida. Assim, comida que ficou do outro dia. Mas eu não vou jogar fora. Já joga até demais.

Virgínia: Na merenda da escola você acompanha o quê que vai ter, o quê que não vai ter...

Maria: Acompanho, porque tem o cardápio lá fora.

¹ A palavra desvio foi utilizada porque Maria afirmou anteriormente que não deveria comprar doces mas não tem a intenção de condenar o consumo de doces.

Virgínia: Mas você interfere em alguma coisa, ou não?

Maria: Não. Assim, eu até queria te falar isso que eu fiquei muito chateada, sabe?

Virgínia: Como o que?

Maria: Porque tem 23 anos que eu trabalho nessa escola. Então, eu tenho 2 anos de uma escola, de uma outra escola que é no distrito aqui do Guinda. Dentro de Diamantina, agora dentro de Diamantina. E os 23 anos que eu completei agora 25 anos é dessa escola. Aí os nutricionistas nos proibiram de entrar na cozinha.

Virgínia: É? E aí?

Maria: Eu me senti assim, como se... Que a gente entrava, assim... passava um... que sempre um aluno faz uma raiva na gente, aí pra você não fazer uma coisa que vai prejudicar um aluno ou você, aí você vai e toma um ar, toma uma água, vai lá no cafezinho. Então, a gente fazia isso. A gente vivia na cozinha tomando café, quando estava fazendo muito frio, ou mesmo não fazendo. E tomava água, e conversava com a meninas. E, de repente, puseram uma porta fechada por dentro e um comunicado “Proibido a entrada”, aí nós nos sentimos assim, como se nós tivéssemos sido banidos... Inclusive o diretor mesmo, dia de jantar brincava com a gente, nesse último agora: “Vamos para a cozinha que a cozinha é o melhor lugar da casa”. Então, agora ele é obrigado a nos falar, a nos proibir. Quando teve a Avaliação do Desempenho dos professores eu falei das cantineiras, eu fiz, eu sou parte dessa comissão e ajudei a avaliá-las, aí eu pus isso, eu coloquei isso que eu não gostei de jeito nenhum.

Virgínia: Mas aí você colocou isso na avaliação das cantineiras?

Maria: Não. Na minha fala. Que elas não tem culpa, uai. Mas eu falei com o diretor que eu acho errado a gente não poder... Aí o que ele falou? É... uma... como que fala? Elas que pediram, elas que deram a ordem que sem touca a gente não poderia entrar e...

Virgínia: Mas os professores participaram dessa decisão ou não?

Maria: Não. Nós... o que doeu foi isso, que a gente não teve participação. Fez a reunião com o diretor e as cantineiras. Elas fazem reunião pra montar os cardápios, pra falar da higiene, do que tem que ser feito, olhar armários... Fez uma transformação total nos armários, mandou comprar geladeira, freezer, e agora tudo fica armazenado conforme tem que ser, até aí tudo bem. Mas, eu acho que nós deveríamos ser, pelo menos, devíamos ter sido avisadas. Eu sabia por que eu estava na Avaliação de Desempenho... Quando eu fui

participar da Avaliação de Desempenho, quando eu fui participar da avaliação das minhas colegas da cantina. Mas as minhas colegas, as outras, ficaram sabendo quando leram lá “Proibida a entrada”. Então, nós nos sentimos assim, sem casa.

Virgínia: Nas coisas que, assim, por exemplo, os estagiários resolvem fazer. Qual que é a participação do professor?

Maria: Nenhuma. Eles só entram na sua sala e falam assim: “Ô professora, eu vou entrar e vou falar isso”. Tudo é resolvido com o diretor. Ele não me pergunta... Eu não me importo, eu acho que todas as informações que vierem, de onde que vierem é importante pro aluno. Mas eu tenho muitas colegas que reclama de dentista, nutricionista, o outro que eu te falei...

Virgínia: Fisioterapia?

Maria: Fisioterapeuta. Assim, elas reclamam que elas entram e, às vezes, elas preparam uma aula e não dá nada que no mesmo dia que o dentista vem, a nutricionista vem com a gelatina para os meninos provarem e não dá tempo da gente dar os conteúdos, porque a gente não é avisado. E, realmente, não é.

Virgínia: E você acha que isso interfere na sua atividade...

Maria: Interfere completamente.

Virgínia: Negativamente?

Maria: Não. Negativamente... Assim, pros professores... Pra mim também, nós vamos deixar de estar trabalhando uma coisa que a gente preparou. Aí eu joga pra outro lado, eu joga que os meninos estão tendo informações diferentes de pessoas capacitadas. Então, eu não me importo. Eu me importo assim, de a gente não ter participação ativa nessas reuniões, nessas decisões. É... o diretor gosta de todas as parcerias, todas as parcerias são bem vindas para ele. Da faculdade, assim, todos os cursos basicamente freqüentam a nossa escola, e são bem recebidos na nossa escola. Demais. Ele... assim, ele dá uma importância imensa e nós concordamos com ele no sentido de que é importante esse profissionais estarem lá. Mas, eles assim, não nos comunicarem antes. Fazer igual... Inclusive o trabalho desse ano, das nutricionistas, elas foram um dia, uma semana e nos avisou que... é... perguntou qual o horário de lanche que a gente tinha, qual o de Educação Física e foi dividindo os primeiros anos, os segundos... cada dia da semana. Essa foi a primeira vez que nós fomos consultadas. A gente estava no Módulo II, que é uma atividade que a gente faz extra, no caso, uma hora na segunda, né, igual eu te falei, a gente estava nesse Módulo II e

nos foi comunicado. E cada estagiária perguntou “Professora, que hora que é sua aula de Educação Física? Você pode estar conversando comigo nesse horário? Eu posso estar na sua sala em tal horário?” Eu falei assim: “O horário de Educação Física não pode tirar dos meninos. Nem de Educação Religiosa. Então vai vão no... pode ir no meu horário.” Então, elas fizeram o calendário com cada hora que a gente tinha, específica. E foi... a primeira vez na vida! As outras que fizeram o trabalho de pesar e de falar, mandou pra casa, as que eu te falei, com as informações todas, elas não avisaram. Elas chegaram e eu falei assim: “Eu estou trabalhando agora com ditado. Eu estou ditando” Você já pensou você parar um ditado? O menino perde todo o... E a gente tem que dar ditado. E foi na sexta-feira, elas não avisaram que elas iam pesar. Aí eu falei assim: “Vai no outro quarto ano até eu terminar o ditado.” Chegou lá a professora não concordou. Ela voltou lá e falou assim: “Ô professora, a senhora deixa a gente entrar? Porque a professora não concordou, que o horário é da senhora.” Aí, eu falei assim “Se não tem outro jeito”, aí eu parei o ditado e deixei ela dar a aula dela. Delas! Eram quatro estagiarias, e achei um trabalho excelente. Porém, eu achava que deveriam ter avisado.

Virgínia: Eu queria agora de perguntar um negócio assim. No primeiro encontro eu fui lá, no primeiro dia que eu fui lá na escola, que eu conversei com o diretor e tal, eu fui e falei que eu ia estudar sobre as questões de educação nutricional na escola, que eu queria um professor e tal. Porque você acha que os professores concordaram e você participar, porque você acha que você foi eleita a professora para participar?

Maria: Olha, eu não sei se é porque eu tenho muita facilidade de falar. Comunicar mesmo... Que, às vezes, é lógico que você fala...

Virgínia: Fala “uê”

Maria: Fala “uê”, fala “ocê”. Meu genro só fica “uê”, ele não é de Minas, né. Mas ri de mim... [Risos] Mas eu me comunico. Eu tenho mais facilidade de comunicar. E tem outra coisa. É... a disponibilidade de professor, minha filha, muito rara. Porque você sai dali, como eu te disse, eu saí hoje com a cabeça rachando de dor, eu tive que tomar... uma coisa que eu não gosto é de me auto-medicar, eu tomei um remédio. Que eu tinha um compromisso com você e tenho compromisso com isso aqui, olha [Bate a mão sobre uma pilha de provas que está sobre a mesa]. Então, eu tomei um remédio. Mas ainda está

dolorida. Por quê? Porque eu passei por uma situação difícil. O menino jogou o outro no chão e se acontecesse o pior eu ia jogar 25 anos de carreira no lixo.

Virgínia: Mas ele machucou?

Maria: Não machucou. Mas se tivesse machucado, teria acontecido isso. Porque foi um tombo. Literalmente uma rasteira, que o outro caiu e bateu... Deus ajudou que ele não bateu a cabeça. Se ele tivesse machucado, eu estava dentro da sala. Era fim de horário, eu estava dentro da sala. Estava trancando meu armário, guardando meu material quando aconteceu isso. Então, eu estava virada de costas pra eles. Eu tive culpa? Não! Mas que seria responsabilizada? Eu e o diretor, não é?

Virgínia: E como você se sente com as professoras concordando...

Maria: É igual eu estou te falando. Elas sempre não gostam. A Fia, talvez, faria esse trabalho com você. Que ela também é disponível para ajudar as pessoas. Tem varias questões... Tem gente que não gosta de ajudar o outro...

[Fita 2 – Lado B]

Maria: Sem ser caridade. Caridade é o ponto máximo. Mas eu não estou fazendo nenhuma caridade. Estou fazendo um favor pra você. Eu invisto tudo no estudo dos meus filhos. Você vê que eu poderia ter um carro. Minha casa é boa, mas poderia ser melhor ainda. Mas eu invisto tudo... Desde os quatro anos de idade que eu invisto tudo nos estudo dos meus filhos. E todo mundo que procura minha ajuda lá na escola, qualquer profissional, eu ajudo. E eu vi que estava todo mundo... Era fim de ano, você chegou lá e todo mundo conversando e uma olhava pra outra... Eu vi que ninguém ia te ajudar. Eu falei assim, não, eu ajudo. Ninguém ia estar disponível pra te atender. Em janeiro? Igual você veio aqui em janeiro... Chovendo... Aí você acha que alguém ia... Estava dormindo. Talvez a Fia teria. Se ela não tivesse filho pequeno. Ela é a única que eu acho que faria o trabalho. Agora, elas me elegem desde sempre. Elas me elegem pra representar em sindicato quando tem congresso... Sempre eu vou. Elegem quando tem, por exemplo, uma pessoa só pra ir a um curso, elas me elegem... Pra... esse desempenho... A Avaliação de Desempenho, talvez você tem que ficar até duas horas a mais... Muitas vezes eu cheguei aqui... meu horário termina cinco, tem professor que tem problema de escola, a avaliação dirá até duas horas. Aí eu já

cheguei aqui muitas vezes, fim de ano, cansada, cheguei aqui oito horas, oito e meia. Elas me elegem. Toda vida foi assim, elas me elegeram. Elas falam que é porque, dizem... Elas falam que é porque eu tenho coração bom, porque eu que, por exemplo, na Avaliação de Desempenho elas me elegeram por quê? Porque eu nunca deixei prejudica-las num ponto fraco. Tudo é avaliado. Se você não foi bem, se seus alunos não aprenderam... Eu não acho que seja culpa da professora, eu acho que a culpa é da aprendizagem que o menino não tem. Eu já te falei outro dia, eu acho que a aprendizagem não é do meio, é de genética. Então, a professora, minha colega. Dessa época... Nós fomos juntas pra escola há 23 anos, ela é negra, ela tem dificuldade de comunicar, ela nunca merendou na escola, ela é tímida ao extremo... Então, o que fizeram? Deram pra ela uma... Ela sempre pegou o primeiro ano, foi alfabetização. Aí puseram ela numa terceira... num quarto ano, e... Numa turma super difícil. Aí, hoje ela chorou comigo [*reproduz a fala da professora:*] “mARIA , eu estou com medo da minha Avaliação de Desempenho”. Porque conforme a sua avaliação você é mandando pra fora do Estado. Conforme for seu resultado você é mandado pra fora do Estado. Então, quando a turma não tem o resultado esperado ou próximo ao esperado... Porque tem, olha, acima do esperado, dentro do esperado, próximo ao esperado e abaixo do esperado. E tem duas turmas na escola que estão abaixo do esperado. Então, vai... O diretor, quem está lá que comanda é o diretor, depois vem, né, nós ajudamos. Aí eu falo: “Uai gente, mas a turma dela não é boa. Ela só tem menino de dificuldade de aprendizagem. Ela trabalha o mesmo que eu trabalho”. Eu... nós fazemos os planos de aula juntas, agora tudo é anotado, sabe. É feito igual antigamente mesmo. Está pegando pesado. As analistas estão indo dentro das salas olha o quê que você está trabalhando, o quê que tem de cartazes sobre seu conteúdo. Entendeu? Se todos os conteúdos que trabalha, se você está colocando lá, se você deu meio ambiente, tem lá o cartaz. Você entendeu? Datas comemorativas, tem que ter o painel lá na frente. Se você está dando planta você tem que ter alguma coisa de planta lá na sala. Aí, o mesmo trabalho. A gente prepara aula juntas no princípio do ano, todos os primeiros anos se juntam, todos os segundos anos, todos os terceiros anos... Então, a gente faz o planejamento encima do PGDI, a gente faz juntas... Porque que ela?... Ela pode até ter alguma dificuldade, mas ela trabalha. Só que os meninos, pela disciplina horrível que eles tem, pela história de vida de fazer você chorar que eles tem, pela dificuldade que eles tem

de aprender a professora vai ser culpada? E aí, se tirar menos de 50 pontos você já é condenada.

Virgínia: Entendi. Tem mais alguma coisa que você gostaria de falar?

Maria: Assim, pra te dizer que esse trabalho seu, que ele possa ser lido por mais pessoas, que eu espero que eu tenha dado alguma contribuição. Porque assim, às vezes, a gente não expressa igual a gente gostaria de expressar mas eu espero que o trabalho seja lido por outras pessoas e que vá ajudar outras pessoas a... Claro que você vai fazer todo um trabalho encima disso, né, e defender... e que alguém, se três professoras lerem seu trabalho... Alguns alunos vão sair ganhando...

Virgínia: Se Deus quiser!

APÊNDICE D-
QUADRO DE PRÉ-INDICADORES/ INDICADORES/
NÚCLEOS DE SIGNIFICAÇÃO

1º Núcleo de Significação: A alimentação na visão da professora – entre a experiência vivida e a construção do conhecimento científico

Pré-indicadores	Indicador
<ul style="list-style-type: none"> • quando eu era pequena a gente não comia enlatado • produto industrializado, nem pensar • tomava leite que o pai da gente tirava • na hora do almoço era folha, era verdura, era abóbora • era tudo natural • nós não comprávamos nada • eu comia só coisa natural • o arroz era natural. Era socado. • a gente comia aquele arroz que era plantado lá. O feijão, as verduras... • o frango que a gente comia levava seis meses [para crescer] / não tinha hormônio • comia o que vinha [não tinha conhecimento sobre os alimentos] • não se preocupava se a gordura era de origem vegetal • quantas e quantas vezes eu vi gente cozinhando com banha • hoje a gente sabe que [banha] é um produto altamente perigoso para a saúde • era um lugar pequenininho [a fazenda onde morava], mas • O que eu acho que atrapalhou foi muita carne de porco • Só gordura de porco que [atrapalhou]... era toucinho mesmo • muita lingüiça [atrapalhou] • a gente ia comer chouriço. Imagina se aquilo era alimento • eu acho que meus pais pecaram foi nisso, a gente comeu muita carne de porco, muita carne de boi. 	<p>Vida na fazenda - garantia uma alimentação mais natural na infância</p>
Pré-indicadores	Indicador
<ul style="list-style-type: none"> • aqui em casa eu posso comer quantos hambúrgueres eu quiser • faço fritura • nunca vou falar isso com eles • a gente vive comendo isso tudo [banha/lingüiça/hambúrguer] • acho que a dificuldade maior [em colocar na prática os conhecimentos sobre alimentação saudável] é o que está 	<p>Prática X Conhecimento</p>

<p>sendo oferecido na rua</p> <ul style="list-style-type: none"> • você faz a comida básica / Mas lá fora oferece as coxinhas, os pastéis, o hambúrguer • [coxinhas, etc] enche mais os olhos • é o mesmo caso do barzinho na escola • se não tivesse barzinho na escola os meninos iriam comer a merenda • eu ensino isso [deixar o alface de molho em água com água sanitária] e muitas vezes eu nem faço • eu canso de falar e eles fazem a mesma coisa [continuam comendo mal] • a família deveria incentivar merenda na escola / não dar dinheiro para comprar no barzinho • eu mesma dou dinheiro para o meu menino [comprar merenda na escola] • a gente ensina mas não tem controle sobre isso / Não sabe lá na casa deles [como é a alimentação] • eu compro doce. Coisa que eu não deveria fazer • A decisão está na mão, é claro, deles • se eles [os pais] devem continuar dando dinheiro para eles [os alunos] comprarem a comida do barzinho ou incentivando a comer a comida que é servida na escola 	
---	--

Pré-indicadores	Indicador
<ul style="list-style-type: none"> • [Uma maçã tem que ser bem lavada] por causa dos agrotóxicos • fertilizantes • a gente está sempre falando • alface cheio de agrotóxicos • eu gosto mais de comprar [...] onde eu sei que não é de grandes agricultores • grandes agricultores que usam até avião [na utilização de] agrotóxicos, fertilizantes • [eu sempre compro na mão do] pequeno agricultor. O que planta, o que sobrou [da produção] ele vem e traz [para vender] • lavar muito bem os alimentos que eles podem estar com veneno • contaminados 	Preocupação com o uso de Agrotóxicos e fertilizantes

Pré-indicadores	Indicador
<ul style="list-style-type: none"> • organizo de acordo com o que eu estou ouvindo falar que é saudável • prato colorido, com menos arroz, menos massa, menos gordura 	A alimentação da família

<ul style="list-style-type: none"> • eu peço demais aqui em casa que eu gosto demais de doce • eu nunca fico sem doce na geladeira • me sinto culpada porque meu marido é diabético • ele tem diabetes e ele come [doce] • se eu fosse olhar a família todo dia eu fazia lasanha, canelone • o mais saudável que eles gostam é salpicão 	
---	--

2º Núcleo de Significação: O espaço dos conteúdos de nutrição no processo de formação de Maria

Pré-indicadores	Indicador
<ul style="list-style-type: none"> • eu sempre quis ser professora, porque mãe foi professora uma vida • sempre meu sonho foi ser professora • Eu tinha também este ideal. Ideal mesmo! • Que eu estava estudando até com dificuldade, tudo guardado, eu tinha aquela vontade, vontade mesmo de trabalhar • eu tinha tudo pronto, todo o material que eu tinha feito, criando menino 	A motivação para o trabalho docente

Pré-indicadores	Indicador
<ul style="list-style-type: none"> • Eu estudei naquela época, era [nome das professoras com quem teve aula], a didática delas era perfeita! • o material didático era feito pela gente • didática perfeita é a didática que hoje não existe mais • trabalhava concretamente / tinha as aulas teóricas mas depois você tinha as aulas práticas • as professoras era exigentes • o treino ortográfico [que elas ensinavam], você não esquece jamais • trabalho [o treino ortográfico e] até hoje e dá certo • [as professoras que teve na faculdade] souberam ensinar • [na faculdade] eu aprendi muita coisa boa • foi proveitoso demais na época da Pedagogia • a faculdade foi um tempo de muito estudo / puxado, muito trabalho, pesquisa • porque [a professora] tem experiência e está com saúde é muito mais vantagem [do que as professoras novatas] • a formação que nós [professoras mais antigas] tivemos 	Convicção em ter recebido uma boa formação

<p>realmente foi melhor</p> <ul style="list-style-type: none"> • quem está formando agora não tem a didática que nós temos • [professoras mais antigas] podemos ser chamadas de ultrapassadas, mas nós nos preocupamos em estudar e fazer tudo que eles [o Estado] impõem 	
---	--

Pré-indicadores	Indicador
<ul style="list-style-type: none"> • foi essa didática [a didática que aprendeu na faculdade] assim que me levou a gostar • a gente aprendeu a gostar porque elas [as professoras que teve na faculdade] souberam ensinar [a didática] 	O gosto pela atividade docente

Pré-indicadores	Indicador
<ul style="list-style-type: none"> • aprendizagem não é problema familiar • [aprendizagem] é uma coisa que a criança nasce com ela • tem famílias que tem mais dificuldade de aprender • pode ser uma doença que a criança teve [que causa a dificuldade de aprendizagem] • Não importa se o menino é fraco ou forte, ele tem que ver o conteúdo • Se ele vai aprender... né, mas pelo menos tem que dar o mesmo conteúdo • ele já tem esse problema, ele já vem com isso [dificuldade de aprendizagem] • genética entra, sim. Interfere na aprendizagem • criança que não aprende ler não é porque o pai dela separou da mãe dela, não. • se seus alunos não aprenderam, eu não acho que a culpa seja da professora, eu acho que a culpa é da aprendizagem que o menino não tem • aprendizagem não é do meio, é de genética • pela dificuldade que os alunos tem de aprender, a professora vai ser culpada? 	A aprendizagem como algo natural

Pré-indicadores	Indicador
<ul style="list-style-type: none"> • como que você vai dar [aula de temas de saúde] se você não teve esse embasamento no seu currículo • você não teve essa preocupação [com saúde] que você tem hoje • tudo que eles [os alunos] tem hoje, nós não tivemos • nós não estamos preparadas • o Estado deveria preocupar mais com os professores • muitos buscam, mas muitos professores não lêem nada, não 	Falta de preparo para o trabalho com temas relativos à saúde

Pré-indicadores	Indicador
<ul style="list-style-type: none"> • aluno bom ao extremo, ele assiste muita televisão / só tira total em tudo / inteligente em todos os assuntos / ele sabe tudo • eles abordam as coisas que eles vêem na televisão • mesmo os mais carentes, mas todos tem televisão em casa • freqüentam <i>lan houses</i> • essas coisas que acontecem na televisão são as primeiras coisas que chegam na sala 	A mídia: a formação dos alunos e geração de demanda

Pré-indicadores	Indicador
<ul style="list-style-type: none"> • [nas aulas] entro com tudo que eu sei, que eu leio nas revistas • escuto nas entrevistas de televisão • um programa que me ajuda: Globo Repórter • tudo que eu aprendo de leitura eu falo para os meninos • Isto É / me ajuda muito • Globo Repórter dá suporte pra gente • tudo que eu leio de novo nas revistas e vejo na internet ou vejo em programa de televisão [trabalho na escola] • Ana Maria Braga também ensina muita coisa / receita nutritiva • hoje tem mais informação • Fantástico • TV Cultura • qualquer programa de televisão, qualquer coisa de revista que você olha sobre o tema, tem tudo informando • buscar informações nos meios de comunicação • o que eu acho importante de levar para a sala de aula, eu assisto • buscar informação nos meios de comunicação 	A busca por informações de Saúde e Nutrição na mídia

Pré-indicadores	Indicador
<ul style="list-style-type: none"> • hoje tem cinco, seis livros pra você estar estudando • tem muito mais informação • livro didático muita coisa boa • você tem um livro didático, vem tudo ali • as plantas na alimentação, fala tudo • [os conteúdos] estão desenvolvidos • o livro que veio pra gente há 5 anos atrás já veio com boa informação • o livro didático é suporte, mas quando ele é bom, você pode seguir tudo por ele • a interdisciplinaridade está imensa, no [livro] de matemática 	Livro didático como instrumento de formação e orientação para o trabalho com conteúdos e saúde e nutrição

<p>tem coisas de nutrição</p> <ul style="list-style-type: none"> o livro de matemática tem um gráfico ... aí fala sucos, refrigerantes... o quê que foi vendido, quem consumiu qual quantidade [aborda] só meio ambiente e educação alimentar e corpo, exercício [está vindo] a questão da água, da alimentação, da agricultura, da pecuária, tudo... tudo está interligado [no livro didático] o meio ambiente está em foco 	
---	--

Pré-indicadores	Indicador
<ul style="list-style-type: none"> algumas vezes a gente tem cursos entra mais Matemática e Português passa rapidamente por isso* (*temas de saúde e nutrição) a gente via o que os professores sabiam a gente tem palestra com nutricionista cada data comemorativa a gente tem palestra com um tipo de pessoa o médico dá folhetos 	<p>Cursos, palestras e datas comemorativas: formações pontuais</p>

Pré-indicadores	Indicador
<ul style="list-style-type: none"> Quando começou a ter televisão o que eu vi? Um galã de Hollywood fumando. eu aprendi a fumar 	<p>Influência da TV no próprio comportamento</p>

Pré-indicadores	Indicador
<ul style="list-style-type: none"> a gente não sabia o que era nutrição a gente ouvia falar em nutrientes nunca ouvi falar em nutrição na vida 1ª a 4ª nem via isso de 5ª a 8ª série já tinha em livros essas palavras não eram comuns não existia nutricionista, a gente nem ouvia falar nesse profissional 	<p>Falar sobre nutrição não era comum</p>

Pré-indicadores	Indicador
<ul style="list-style-type: none"> mais era tabu alimentar [que se estudava] se você tomou leite, não pode comer manga a professora não falou que era tabu comer ovo com manga e leite 	<p>“Tabus alimentares” era o principal tema de nutrição que se aprendia na escola</p>

3º Núcleo de Significação: As práticas docentes sobre saúde e nutrição – a característica prescritiva da atividade denuncia a distância entre ser e parecer promoção da alimentação saudável

Pré-indicadores	Indicador
<ul style="list-style-type: none"> • saúde é o bem-estar do corpo como um todo • bem-estar físico, mental, do corpo • se tem alguma coisa doendo é que não está bem • se está doendo é um mal estar • tudo na saúde hoje, a gente ouve falar, o importante é se prevenir • qualidade de vida hoje é o que fala 	Conceito de “Saúde”

Pré-indicadores	Indicador
<ul style="list-style-type: none"> • é levar todo tipo de conhecimento • falar o tempo inteiro de saúde • independente do conteúdo • participar das campanhas • falar não só para os alunos, mas para a população em geral • prevenir dengue • prevenir hepatite 	Conceito de “Promoção da Saúde”

Pré-indicadores	Indicador
<ul style="list-style-type: none"> • todo mundo, não só médico, não só professor • todos nós devemos ser professores de saúde, mesmo não sendo da saúde • não só Agente Comunitário de Saúde 	Todos são responsáveis pela Promoção da Saúde

Pré-indicadores	Indicador
<ul style="list-style-type: none"> • mostrando o quê que é bom • a gente ensina mas, às vezes, não tem controle sobre isso • o quê que é bom, o quê que não é • não comer gordura animal • alimentos que eram bons para a saúde e que não eram • não pode comer muita gordura • que comer couve era bom • cenoura era bom para os olhos • o quê que a gente devia comer • sorvete sempre condenado, chiclete, bala • alimentos a gente tem que balancear • tem que ter pelo menos uma verdura todos os dias 	O trabalho com conteúdos de Nutrição: caráter prescritivo

<ul style="list-style-type: none"> • não comer comida crua • a carne em geral deve ser bem cozida 	
---	--

Pré-indicadores	Indicador
<ul style="list-style-type: none"> • Higiene e Saúde • estuda os alimentos • na 3ª série a gente estuda os alimentos, todos os cereais • os nutrientes que cada cereal tem • raízes, o quê que a gente come as raízes • estuda verduras, frutas, tudo separado • foi novidade falar para eles que tomate é uma fruta • na hora de estudar intestino delgado, intestino grosso. Então a gente entra com alimentação • De Ciências / Recursos Naturais / o que as águas dos rios nos oferecem / peixes • importância do peixe na alimentação • planta que gera alimento, tem que falar que alimento que é • plantas tóxicas, plantas medicinais, a gente estuda tudo isso • a gente estuda as verminoses, os parasitas • quando a gente vai estudar os alimentos de origem vegetal e animal, aí a gente entra nisso [verminoses] 	Dos conteúdos que são trabalhados em sala de aula

Pré-indicadores	Indicador
<ul style="list-style-type: none"> • vacinas • leite materno era o alimento melhor / melhor que uma vacina • previne vários tipos de doença • tempos fortes / campanhas • campanha da Dengue • campanha da Doença de Chagas • tem palestra na escola / momento extra classe • quando entra no conteúdo e se trabalha, aí cobra no fim do ano • eu falei [quando teve a palestra], mas quando chegou a época de trabalhar os protozoários, aí eu aprofundei • escutam [a palestra] • eles perguntam e a gente entra e trabalha • sem compromisso de cobrar no final do bimestre • aula da nutricionista • às vezes a gente sai para elas ficarem mais à vontade • se não me interessa, eu saio 	A saúde na escola: palestras e campanhas que nem sempre se articulam com as aulas

Pré-indicadores	Indicador
<ul style="list-style-type: none"> • é interessante as palestras com as cantineiras • as cantineiras não tinham treinamento • trabalham a higiene • “Não entre sem touca” • uso do avental, tudo que elas [as cantineiras] aprenderam com as nutricionistas • muitas são analfabetas, não sabem que [...] todo tipo de legume [...] vai dar aquela sopa tão cheia de nutrientes • pouco macarrão, pouca carne e muito verde • importante demais [as palestras] • água que vai preparar o suco • conservação de alimentos 	<p>Os estagiários de nutrição no trabalho com as cantineiras</p>

Pré-indicadores	Indicador
<ul style="list-style-type: none"> • instrução de como preparar alimentos • os estágios de nutricionistas estão sendo bons por isso, porque elas tem conversado bastante com eles • conteúdo eles [os alunos] estão tendo • os meninos estão tendo informações diferentes, de pessoas capacitadas • é tão bonitinho [o mural que os estagiários montam com fotos das atividades desenvolvidas] • a estrutura da escola vai mudar por causa das nutricionistas • fiquei muito chateada/ tem 23 anos que eu trabalho naquela escola / aí as nutricionistas nos impediram de entrar na cozinha • a gente vivia na cozinha tomando café, conversava com as meninas [as cantineiras] • de repente puseram a porta fechada [na cozinha] • “Proibido a entrada”, como se nós tivéssemos sido banidos • eu não gostei de jeito nenhum [de não poder entrar na cozinha] • elas [as nutricionistas] que deram a ordem que sem touca a gente não pode entrar • o que doeu foi que os professores não tiveram participação na decisão • nós [professoras] nos sentimos sem casa / devíamos ter sido avisadas • os professores não tem participação nenhuma nas atividades dos estagiários, tudo é resolvido com o diretor • tenho muitas colegas que reclamam [dos estagiários] • eu me importo de a gente não ter participação ativa nas decisões • os professores concordam com o diretor da importância dos estagiários estarem na escola • eu achei um trabalho excelente. Porém eu achava que deveriam ter avisado 	<p>A presença dos estagiários de nutrição na escola “está sendo bom”, mas gera conflito</p>

4º Núcleo de Significação: A merenda é dez, mas o barzinho é a treva!

Pré-indicadores	Indicador
<ul style="list-style-type: none"> • tudo que é bom para o aluno é bom para o professor • satisfação com o espaço • conversa, tem contato com outros funcionários • [o recreio] faz uma diferença enorme • [os] alunos melhoram completamente • a hora do lanche é uma aula de cidadania • não pode furar fila • é uma aula de cidadania • não jogar comida em cima da mesa • colocar pouco porque o outro coleguinha vai querer • não põe prato cheio se você não for comer • colocar seu prato na bacia, cooperar com as tarefas 	<p>O horário do recreio: mais do que um horário para a merenda</p>

Pré-indicadores	Indicador
<ul style="list-style-type: none"> • vende é pirulito, bala, sorvete, paçoquinha, tudo que é doce e salgado borrachudo • os meninos que tem condições [...] vão no barzinho • vai com pirulito pra sala, interfere na aula • vai com merenda para a sala e começa a bagunça • é só bobeira [que vende no barzinho] • [alimentos que] não fazem bem • a escola oferece barzinho, que não devia oferecer • [o barzinho] só vende pipocão • [vende] aquelas coisas parecendo borracha • [o barzinho] oferece só doces, balas e pirulitos • nunca que [os alimentos oferecidos no barzinho] são benéficos • não dão conta de comer no intervalo [...] vão e atrapalham a aula • porque eles deixam de comer a merenda nutritiva para comer o que vendem no barzinho • tinha que sumir com barzinho da escola • o barzinho é a treva! • Estou sendo radical. Estou passando e tomando [recolhendo] os pirulitos. Eu não agüento mais. • Além de fazer mal, suja as folhas do caderno • o outro fica pedindo se tem mais um [pirulito] para dar • os coleguinhos não prestam atenção na aula / ficam oferecendo e pedindo [merenda] aquele que tem dinheiro para comprar • precisava ficar até 10 minutos depois do recreio pedindo 	<p>O “barzinho” da escola: questões disciplinares e nutricionais</p>

para guardar merenda	
----------------------	--

Pré-indicadores	Indicador
<ul style="list-style-type: none"> • o menino que lancha na escola vai ficar bem • é super bem preparado, com todas as verduras, com todos os nutrientes • bem nutritiva • os meninos comem mesmo • tomam a sopa • mingau é menos aceito • arroz temperado / uma delícia • muito bem aceitas essas comidas • a merenda é dez • cheias de nutrientes • quando eu comecei no magistério [...] era canjiquinha [a merenda era ruim] • com a barriga cheia eles aprendem • o que a gente tem comido [na merenda]? Só coisas nutritivas. • merendo porque eu gosto • acho nutritivo • me dá força para continuar • merendo um prato cheio • só quando o governo não mandava [a alimentação era ruim] • toda vida a escola teve uma merenda bem nutritiva • tem arroz doce, mingau, então tudo é bem nutritivo • depois da Universidade, todo ano tem gente dando instruções de como preparar • a família deveria incentivar merenda na escola “sua escola tem merenda boa, então merenda lá” 	A boa avaliação da merenda escolar

Pré-indicadores	Indicador
<ul style="list-style-type: none"> • Os pequenininhos, muitos trazem lanche • quem tem condições traz de casa • [trazem] Todinho • eu não vejo nenhuma fruta lá na merenda deles 	Os alunos que tem condições trazem lanche de casa

Pré-indicadores	Indicador
<ul style="list-style-type: none"> • eu sou formadora de opinião • merendo junto com meus alunos • incentiva eles a merendarem • estou mostrando para eles aquilo que é bom • se tia está comendo é porque é bom, faz bem • eles já tem esse discernimento, [aluno:] “isso daqui a tia 	A professora é um modelo para os alunos

<p>falou que não é bom”</p> <ul style="list-style-type: none"> • o que a professora fala é importante • as mães falam mesmo com a gente, que a gente é exemplo • eu sou formadora de opinião • [ao merendar junto] estou mostrando para eles aquilo que é bom 	
---	--

Pré-indicadores	Indicador
<ul style="list-style-type: none"> • [o aluno] às vezes passa até fome / come dois, três pratos de merenda • a servente já guarda para ele • eles vão sem almoçar • toda escola pública tem menino pobre • não tem o que comer • não tem água potável / nem encanação • ia na merenda primeiro • criança de zona rural • na casa deles não tiveram verdura • [não tiveram] cenoura, nem couve, nem repolho, nem alface • às vezes, comem arroz e feijão • você não sabe o que é passar na frente do outro para merendar primeiro • a gente vê a carência deles é na hora da merenda • criança que não tem dentro de casa • muitas vezes não tem [comida em casa], aí aproveitam tudo que a escola oferece • de manhã o diretor está dando almoço / Está oferecendo arroz, feijão, carne e verdura • porque tem meninos que estão saindo da zona rural do Pinheiro, caminham uma hora pra chegar dentro do arraial • [Quando os meninos da zona rural] chegam na escola... eles já viajaram, saíram de casa às 4 da manhã • a maioria também de alunos carentes • levantam 5 horas da manhã, chegam na escola já com fome • eles comem tudo • não vão em barzinho • ele vai com fome • interfere na aprendizagem\ interfere no meu trabalho • os meninos que passam fome, esses comem [todas as merendas da escola], não sobra nada • tem criança que vai para a escola devido a merenda • [os meninos dos bairros de periferia] vão para a escola e merendam 	Escola e Segurança Alimentar

<ul style="list-style-type: none"> • e função do governo oferecer merenda principalmente para a criança de zona rural 	
--	--

Pré-indicadores	Indicador
<ul style="list-style-type: none"> • encontrou três alunas acima do peso • o médico realmente falou com ela: “Você está acima do peso” • ela come pirulito o tempo inteiro • eles estão comendo muita coisa fora de hora • Não interfere / Na minha atividade? Não! / No meu trabalho, não. • no sentido de dever cumprido, interfere. / anula uma aula que eu dei, ou que a nutricionista deu, sobre alimentação saudável • anula, você fica assim... impotente 	Alunos com SP/OB – nada muda na atividade

Pré-indicadores	Indicador
<ul style="list-style-type: none"> • eles comem mal • uns porque não tem condições. Outros por opção • eles não tem educação alimentar • deixam de comer o que tem de nutritivo dentro de casa e vão comprar sorvete • as duas meninas gordinhas que eu tenho na sala, comem demais / só vê elas com coisas na boca 	Como a professora avalia a alimentação de seus alunos: “eles comem mal”

5º Núcleo de Significação: A atividade realizada incorpora funções da família – a promoção da alimentação saudável na escola como maternagem

Pré-indicadores	Indicador
<ul style="list-style-type: none"> • Em primeiro lugar é a família. Igual eu falo para o meu filho, você tem que comer isso porque isso é bom • toda vida eu falei com os meus meninos • apesar da couve não ser tão gostosa como a batata frita, mas a couve é nutritiva • Diana [filha da professora] está com anemia. Ela não tem educação alimentar • Ela é uma agrônoma, está indo defender mestrado e não tem educação alimentar • eu acho que a primeira coisa é função da família • tudo tem que começar dentro da família • ensinar como se alimentar é função da família 	Tudo tem que começar dentro da família

<ul style="list-style-type: none"> • ensinar a respeitar os outros é função da família • educação alimentar vem é de berço • a família deveria incentivar merenda na escola / não vou te dar dinheiro porque você vai comprar é pirulito e bala • a família tem dificuldades de controlar porque tem mãe que não vê o filho saindo • não são todas as mães que tem tempo de lavar direitinho 	
---	--

Pré-indicadores	Indicador
<ul style="list-style-type: none"> • a família dá a gente o poder de ser mãe, ser enfermeira, além de ser alfabetizadora • comportamentos • virtudes • valores • importância de ter uma religião • tem que ser professora de Religião • tem que ser professora de Nutrição • [tem que ser professora de] higiene • [tem que ser professora de] tudo que você pensar • [a função] é da família • a escola foi a válvula de escape • a responsabilidade foi dada a mim • eu acho que não é papel da escola • é delagar função para outros • é igual eu te falei, nós somos educadores em vários sentidos, mas não somos obrigados a ficar dando remédio menino, não. • muitas vezes a avó não dá conta, aí a escola cuida • a mãe está irritada, a mãe está cansada, está com vários problemas... As vezes ela não tem tempo [de cuidar do filho], ela está trabalhando porque ela é pai e mãe 	A família delega funções para a escola

Pré-indicadores	Indicador
<ul style="list-style-type: none"> • alfabetizar • ensinar todo o conteúdo • formar cidadãos • minha atividade é repassar tudo que eu sei e tentar evitar [as doenças] • na minha atividade eu estou informando • informando para eles • eu tenho a impressão que eu fiz um trabalho bom. Pelo menos eu informei • eu comuniquei, eu falei 	A função do professor é informar/comunicar

<ul style="list-style-type: none"> • a minha consciência está tranqüila porque eu informei • informei aos alunos, informei aos pais • a minha função é informar para eles • Informar, aquela merenda é mais nutritiva do que esta que você está comendo 	
---	--

Pré-indicadores	Indicador
<ul style="list-style-type: none"> • Mas se o menino está tomando remédio [...], tem condições de ir à aula. Eu prefiro mil vezes que ele vá à aula e eu dê esse remédio • se ele está bem, melhor ele estar na aula aprendendo • o quê que custa? • eu mesma ponho [o remédio] na colher e dou • [dar o remédio] não vai me atrapalhar em nada • eu sou muito maternal • detesto falta / perde demais conteúdo • prefiro que eles vão [para a aula] • Os pais estão delegando para nós coisas que não são de nossa responsabilidade... Mas o quê que eles vão fazer? É obrigação deles mandar o filho para a escola. • Eu me sinto frustrada, completamente [tendo que assumir funções que considera que sejam da família] • as famílias estão se distanciando demais • quebrando os laços todos 	Aceita assumir as funções que seriam da família, mas se frustra

Pré-indicadores	Indicador
<ul style="list-style-type: none"> • A função primordial é formar cidadãos. A gente pára a aula até 5 vezes se possível, se for necessário, para falar, para conversar. • a gente pára a aula e conversa • tem dia que a gente tem que interromper a aula várias vezes para conversar 	Parar a aula para conversar

Pré-indicadores	Indicador
<ul style="list-style-type: none"> • os alunos trazem mil problemas de casa • pai separado de mãe • irmãozinho de outro pai • criado pela mãe e avó • o aluno era criado pela avó e aí tinha um comportamento destrutivo para ele mesmo • pai está com outra família • mãe que bebe o dia inteiro • pais* cuidados dos filhos (* se referindo apenas à figura paterna) 	Os problemas familiares dos alunos

<ul style="list-style-type: none">• mães abandonam e a família paterna cuida• mãe não dá assistência nenhuma• antes era pobreza / carência de alimentação• os problemas familiares mais antigos como alcoolismo, drogas• agora separação que está mais atrapalhando• a criança está vindo muito mais sem estrutura	
---	--

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)